



Joaquim Francisco Batista Resende

**Maria na teologia de Joseph Ratzinger: da devoção familiar
à reflexão teológica**

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Teologia

Rio de Janeiro
Julho de 2024



Joaquim Francisco Batista Resende

**Maria na teologia de Joseph Ratzinger: da devoção familiar
à reflexão teológica**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Teologia pelo
Programa de Pós-Graduação em Teologia, do
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: D. Antônio Luiz Catelan Ferreira

Rio de Janeiro
julho de 2024



Joaquim Francisco Batista Resende

**Maria na teologia de Joseph Ratzinger: da devoção familiar
à reflexão teológica**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Antônio Luiz Catelan Ferreira
Orientador
PUC-Rio

Abimar Oliveira de Moraes
PUC-Rio

Lúcia Pedrosa de Pádua
PUC-Rio

Jonas Nogueira da Costa
Pesquisador autônomo

Clélia Peretti
PUC-PR

Rio de Janeiro, 22 de julho de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Joaquim Francisco Batista Resende

Graduou-se em Direito na UNICEUB (Universidade do Centro de Ensino Unificado de Brasília-DF) em 1989. Pós-Graduação em Direito Público na UCB-DF (Universidade Católica de Brasília DF) em 2006. Cursou Teologia no Instituto São Boaventura, Brasília-DF em 2013, curso convalidado na FATEO (Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília-DF) em 2017. Especialista em Liturgia pela FATEO-DF (Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília-DF) em 2016. Mestre em Teologia, na área de concentração em Teologia Sistemático Pastoral pela PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) em 2017. Participou de congressos na área de teologia. É professor convidado do Instituto São Boaventura, Brasília-DF afiliado a *Pontifícia Facultas Theologica S. Bonaventurae* em Roma.

Resende, Joaquim Francisco Batista

Maria na teologia de Joseph Ratzinger: da devoção familiar à reflexão teológica / Joaquim Francisco Batista Resende; orientador: Antônio Luiz Catelan Ferreira. – 2024.

229 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Maria. 3. Igreja. 4. Fé mariana. 5. Piedade popular. 6. Alegria. I. Ferreira, Antônio Luiz Catelan. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

Agradecimentos

Como Bento XVI, “Agradeço em primeiro lugar a Deus, fonte de toda boa dádiva, que me deu a vida e me guiou por momentos de confusão, que sempre me levantou quando eu começava a vacilar e me devolveu tantas vezes a luz de sua face”.

Ao meu orientador Professor Dr. D. Antônio Luiz Catelan Ferreira, pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

A PUC-Rio, especialmente aos professores e funcionários do Departamento de Teologia pelos ensinamentos e pela ajuda.

A CAPES pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

Resumo

Resende, Joaquim Francisco Batista; Ferreira, Antônio Luiz Catelan. **Maria na teologia de Joseph Ratzinger: da devoção familiar à reflexão teológica.** Rio de Janeiro, 2024, 231p. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Joseph Ratzinger demonstra em seus textos a importância da fé mariana da Igreja visando a permanência daquilo que é julgado por ele imperecível. O problema que move esta pesquisa é a necessidade de se compreender o significado e o alcance dessa afirmação e o objetivo é analisar as suas obras, especificamente no campo da mariologia, para entender a afirmação e apontar a contribuição das suas reflexões. A hipótese formulada defende a possibilidade de determinar esse elemento mariano a partir da função unitiva da Virgem Maria. Quanto à metodologia, usou-se uma abordagem qualitativa, tratando os elementos teóricos da questão a partir dos procedimentos próprios da pesquisa bibliográfica. Conclui-se que não é possível compreender o mistério de Jesus Cristo sem se referir à sua Mãe e, portanto, há uma perspectiva integradora, essencialmente unitiva e de comunhão da Virgem em relação aos mistérios da fé. A pesquisa está dividida em sete momentos, traz: uma introdução; um percurso histórico da mariologia antes e após o Concílio Vaticano II; um perfil biográfico, devocional e teológico, para situar Ratzinger no contexto mariológico do século XX; uma análise das obras marianas; uma tentativa de sistematização da mariologia ratzingeriana e conclui indicando o que pode ser entendido como essencial e permanente da fé mariana da igreja.

Palavras-chave

Maria; igreja; fé mariana; piedade popular; alegria.

Abstract

Resende, Joaquim Francisco Batista; Ferreira, Antônio Luiz Catelan (Advisor). **Mary in the theology of Joseph Ratzinger: from family devotion to theological reflection.** Rio de Janeiro, 2024. 231p. Doctoral Thesis - Departament of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

Joseph Ratzinger demonstrates in his texts the importance of the marian faith of the Church, aiming at the permanence of what he deems imperishable. The problem driving this research is the need to understand meaning and scope of this assertion, with the objective being to analyze his works, specifically in the field of mariology, to grasp the assertion and highlight the contribution of his reflections. The formulated hypothesis defends the possibility of determining this Marian element based on the unitive function of the Virgin Mary. As for the methodology, a qualitative approach was used, treating the theoretical elements of the issue through the specific procedures of bibliographic research. It is concluded that it is not possible to understand the mystery of Jesus Christ without referring to his mother, and thus, there is an integrative, essentially unifying, and communitarian perspective of the Virgin in relation to the mysteries of faith.

The research is divided into seven moments, which include: an introduction; a historical journey of mariology before and after the Second Vatican Council; a biographical, devotional, and theological profile, to place Ratzinger in the mariological context of the 20th century; an analysis of Marian works; an attempt to systematize Ratzingerian Mariology and concludes indicating what can be understood as essential and permanent of the Church's Marian faith.

Keywords

Mary; church; marian faith; popular piety; joy.

Sumário

1	Introdução	14
2	O percurso histórico da mariologia	23
2.1	Desenvolvimento dogmático da mariologia antes do Concílio Vaticano II (1962-1965)	25
2.1.1	A maternidade e a virgindade de Maria	26
2.1.2	O culto à Mãe de Deus	32
2.1.3	Imaculada Conceição e Assunção de Maria	35
2.2	A devoção, o culto litúrgico e a sistematização da doutrina mariológica durante a Idade Média	41
2.3	Fortalecimento do culto mariano e da mariologia devocional	46
2.4	Do período antecedente ao aggiornamento conciliar	53
3	Desenvolvimento da teologia mariana após o Concílio Vaticano II	60
3.1	A gênese do Concílio: <i>Gaudet Mater Ecclesia</i>	61
3.2	A questão mariana - o contexto histórico-eclesiológico redacional da <i>Lumen Gentium</i>	64
3.2.1	O iter redacional do capítulo VIII da LG	66
3.2.2	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>	69
3.3	A década do silêncio sobre Maria	71
3.4	Exortação Apostólica <i>Marialis Cultus</i>	74
3.5	A Encíclica <i>Redemptoris Mater</i>	76
3.6	Carta Apostólica <i>Mulieris dignitatem</i>	80
3.7	As correntes teológicas na renovação mariológica	83
3.7.1	Mariologia histórico-salvífica	85
3.7.2	Mariologia em perspectiva antropológico-feminina	87
3.7.3	Mariologia no horizonte ecumênico	90
3.7.4	Mariologia estética ou simbólica	92
3.8	Maria no contexto da América Latina e Caribe	95
3.9	Avaliando as perspectivas do tríplice caminho	99
4	Joseph Ratzinger, o <i>fidei defensor</i> , pescador de homens	103
4.1	Joseph Ratzinger, Itinerário formativo do Servidor e Cooperador da Verdade	104
4.2	“Algo grandioso devia acontecer”. De acompanhante a perito do Concílio Vaticano II	113
4.2.1	Primeiro período: <i>De fontibus Revelationis e Sacrosanctum Concilium</i>	116
4.2.2	Segundo período: perito	120
4.2.3	Terceiro período: defensor da inclusão do capítulo mariano	122
4.2.4	Quarto período: a etapa final do Concílio	126

4.2.5 Anotações conclusivas: a caligrafia ratzingeriana do Concílio	128
4.3 Professor: o fascínio por ensinar e tocar os corações dos alunos	131
4.4 Conclusão: tocar o coração em uma sintonia de almas	139
 5 O mistério mariano da Igreja na teologia de Joseph Ratzinger	 141
5.1 Vida de oração em família	142
5.2 O contexto do curso de mariologia ministrado por Ratzinger	145
5.2.1 A estrutura do curso	148
5.2.2 O curso, o Congresso de Lourdes e o Concílio: aproximações	150
5.3 A Virgem Maria na obra “Introdução ao Cristianismo”	153
5.4 A Filha de Sião. A devoção mariana na Igreja	157
5.5 Maria, Primeira Igreja	162
5.6 O Congresso Mariano de Guayaquil	168
5.7 Maria no Relatório sobre a fé	172
5.8 Bento XVI - alguns poucos apontamentos	177
5.8.1 Maria nas Encíclicas de Bento XVI	177
5.8.2 Maria nas Exortações Apostólicas Pós-Sinodais	181
5.9 Considerações: a fé mariana e a mariologia de Joseph Ratzinger	182
5.9.1 A fé mariana aquece o coração	182
5.9.2 A teologia mariana de Joseph Ratzinger	184
 6 Ensaio de sistematização da mariologia de Joseph Ratzinger	 187
6.1 As fontes da formulação teológica da mariologia ratzingeriana	187
6.2 Maria na História da Salvação	189
6.3 Maria na hierarquia das verdades de fé	190
6.4 Maria na articulação orgânica da teologia	191
6.5 Maria, Primeira Igreja	193
6.6 Aquela que acreditou: exemplaridade de Maria na fé	196
6.7 Maria, Filha de Sião: a exemplaridade da mulher	198
6.8 A devoção mariana	201
6.9 Considerações finais: o risco do esquecimento mariano e mariológico para a fé e para a teologia	204
 7 Conclusão	 207
 8 Referências Bibliográficas	 213
8.1 Obras citadas de Joseph Ratzinger-Bento XVI	213
8.2 Obras citadas de outros autores	217

Lista de abreviaturas

AT Antigo Testamento

CEC Catecismo da Igreja Católica

CinV Carta Encíclica *Caritas in Veritate*

CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAp Documento de Aparecida

DCE Carta Encíclica *Deus Caritas Est*

DH Denzinger-Hünneman (*Enchiridion symbolorum, definitonum et declarationum de rebus fidei et morum*)

DP Documento de Puebla

DRio Documento da Conferência do Rio de Janeiro

DSD Documento de Santo Domingo

DV Constituição Dogmática *Dei Verbum*

EG Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EN Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

FC Carta Encíclica *Fulgens Corona*

GS Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

ID Bula Pontifícia *Ineffabilis Deus*

JRGS *Opera Omnia* de Joseph Ratzinger

LG Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

MC Exortação Apostólica *Marialis Cultus*

MD Carta Apostólica *Mulieris dignitatem*

NT Novo Testamento

PAMI Pontifícia Academia Mariana Internacional

PP Carta Encíclica *Populorum Progressio*

RM Exortação Apostólica *Redemptoris Mater*

SC Constituição *Sacrosanctum concilium*

SS Carta Encíclica *Spe Salvi*

SCar Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*

TdL Teologia da Libertação

UR Decreto *Unitatis Redintegratio*

VD Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*

*[...] quando a inteligência da fé olha um tema à luz de Maria,
coloca-se no centro mais íntimo da verdade cristã.*

1

Introdução

Cada vez que leio as obras de Joseph Ratzinger/Bento XVI, percebo cada vez mais claramente que ele faz ‘teologia de joelhos’: de joelhos, porque, mesmo antes de ser um grande teólogo e mestre da fé, vejo que ele é um homem que realmente acredita, [...] que realmente ora; vemos que é um homem que personifica a santidade, um homem de paz, um homem de Deus.

Papa Francisco¹

A mariologia é um tratado teológico sobre a Mãe de Jesus Cristo, elaborado em conexão e harmonia com todos os demais. A mariologia exprime o núcleo da história da salvação pondo em evidência a realidade da criatura, capacitada por Deus para uma resposta livre ao seu chamado. Nela se reflete sobre o ser humano criado por Deus à sua imagem e semelhança, “predestinado a reproduzir a imagem do Filho de Deus feito homem [...] a fim de que o Cristo seja o primogênito de uma multidão de irmãos e de irmãs”.² Ainda hoje faz-se mister mostrar que Maria não é uma abstração, uma construção mental, ou um metarrelato; mas uma realidade pessoal, uma pessoa única, totalmente humana, histórica, que cooperou no fazer-se carne do Verbo. O Filho nascido de mulher é o princípio e o fim, o germen do novo Povo de Deus. Pela ação da graça, Maria tornou-se Mãe do Redentor, elevada à condição de colaboradora da ação divina da salvação. Converteu-se no ápice perfeito da purificação da fé de Israel personificando a esperança judaica e introduzindo no seguimento de Cristo, a Igreja.

O estudo sistemático sobre a Virgem Maria, sobre o seu papel e a sua missão na economia da salvação, é dinâmico e aberto. A mariologia é questionada, constantemente, por distintas percepções de mundo e pelo contexto cultural em que ela está inserida. Constata-se que as novas construções hermenêuticas, as descobertas e progressos da humanidade, embora sinalizem melhorias, não excluem a essencialidade da referência ao texto bíblico, às sabias reflexões patrísticas, à

¹ PAPA FRANCISCO., Prefácio. In: RATZINGER, J., *Insegnare e imparare l'amore di Dio*, p. 12.

² CEC 381.

Tradição, ao ensinamento do Magistério e ao pensamento de grandes teólogos.

Este texto foi construído sob esta perspectiva e tem como objeto a mariologia de Joseph Ratzinger (1927-2022). O problema, que estimulou a pesquisa, surge da necessidade de se compreender como e qual é o alcance da afirmação por ele inserida no prefácio da obra *A Filha de Sião*, ao asseverar que espera “contribuir para que aquilo que há de imperecível na fé mariana da Igreja seja novamente compreendido e assumido”.³

A hipótese deste trabalho é que seja possível, ainda que Ratzinger possua poucas produções mariológicas comparativamente com outros temas, determinar esse elemento mariano, a partir do entrecruzamento da mariologia com a cristologia e a eclesiologia. A hipótese avalia que o princípio cristológico, que parte do axioma da encarnação de Deus em Cristo, permite verificar se “o surgimento de um sentido realmente mariológico é a medida para sabermos se o conteúdo cristológico está plenamente presente”.⁴ O princípio eclesiológico, sobretudo relacionado com a piedade popular, ao considerar Maria como *typos*, como mãe e intercessora, discípula missionária do seu Filho, pode auxiliar a novamente compreender e assumir o dado imperecível da fé mariana.

Quanto à metodologia, esta tese faz uma abordagem qualitativa para verificar a plausibilidade da hipótese. Quanto aos objetivos, o tratamento dado aos elementos teóricos da questão, consistiu em explorá-los procurando responder à pergunta-problema a partir dos procedimentos típicos da pesquisa bibliográfica, ou seja, busca, análise e interpretação dos referenciais teóricos. Nesse sentido, considera-se que o resultado aqui apresentado atende à expectativa do projeto de pesquisa. Apresenta-se, numa tentativa de sistematização, a mariologia de Joseph Ratzinger com o fito de demonstrar o dado da fé mariana que deve ser permanente.

Para um estudo sobre a Virgem Maria não se pode esquecer a importância do permanente intercâmbio, com outras disciplinas e com a devoção popular, vital para a compreensão teológica da fé. O estado da arte atual reflete uma diversidade de pontos de vista e abordagens dentro da teologia católica, abertas principalmente após o Concílio Vaticano II, e outras tradições cristãs. Existe uma variedade de obras que abordam desde a devoção popular até a teologia mais acadêmica.

³ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 6.

⁴ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 27.

Durante o primeiro milênio as reflexões sobre Maria, no conjunto da fé cristã e da teologia, não foram tratadas separadamente. Ela era vista sempre em uma relação com Jesus Cristo, onde este era o protagonista dos discursos e homilias, como verifica-se nos textos patrísticos. As obras apresentavam o desenvolvimento inicial da mariologia na história da Igreja. Podem ser elencadas como importantes obras desse período, dentre outras, o “Protoevangelho de Tiago”, texto apócrifo do século II, que relata a infância e a vida de Maria;⁵ São Gregório de Nissa (335-395), inclui reflexões sobre a vida e o papel de Maria na história da salvação; defende a fé cristã contra os hereges que negavam a divindade do Filho e do Espírito Santo ou comprometiam a humanidade perfeita de Cristo;⁶ “Homilia sobre Lucas” de São Cirilo de Alexandria (+444), oferece interpretações teológicas sobre os relatos dos evangelhos lucanos relacionados a Maria;⁷ “Tratado sobre a Assunção” de São João Damasceno (675-749), o texto sistematiza a doutrina da Assunção;⁸ “Homilias Marianas” de Santo Agostinho (354-430), que reflete sobre a vida e o papel de Maria⁹ e as “Homilias sobre a Dormição de Maria” de São João Crisóstomo (347-407), obra que discute a dormição ou morte e a assunção de Maria ao céu.¹⁰

H. M. Köster (1911-1993) traça o estado da arte até o Concílio Vaticano II¹¹ indicando que estudos anteciparam concepções acolhidas pelos Padres Conciliares, e que houve um considerável desenvolvimento na pesquisa mariológica nos anos que antecederam o Concílio, dado facilmente constatável pelo aumento do número da fundação de sociedades mariológicas, centros marianos, bibliotecas, publicações de revistas com foco exclusivo na pessoa da Virgem e congressos marianos. O principal interesse da pesquisa não era o enfoque bíblico, mas os princípios da mariologia, buscando definir o princípio primário; desejo que após o Concílio,

⁵ A obra foi lançada no Brasil. Destaca-se *A História do Nascimento de Maria. Proto-Evangelho de Tiago*, tradução de Lincoln Ramos, 1988, Petrópolis: Vozes. A terceira edição é de 1991.

⁶ A Paulus publicou em 2011, volume 29, da coleção Patrística, 2011. O Sermão sobre a Anunciação ilustra a figura da Mãe de Deus.

⁷ O texto consta na Coleção Migne, publicada por Jacques-Paul Migne entre 1844 e 1866, *Patrologiae Cursus Completus*, Cambridge, 1882. A vida e a obra de São Cirilo de Alexandria foi objeto de atenção de Bento XVI, na audiência geral de 3 out. 2007.

⁸ S. JOÃO DAMASCENO., *Encomium in Dormitionem Dei Genetricis semperque Virginis Mariae*, hom. II,2,11 citada na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, nota 16.

⁹ Santo Agostinho aborda o tema mariano em vários escritos: sermões, tratados, catequeses. A Paulus na coleção Patrísticas traz os textos em vários volumes (6 a 13; 16, 17,19, 21, 24, 25, 36), além da obra *A Virgem Maria. Cem textos marianos com comentários*, de 1996.

¹⁰ A Paulus publicou (2010-2014) em 4 volumes a obra de São João Crisóstomo (v. 23 e 27/3). Existem outras obras publicadas na língua portuguesa.

¹¹ KÖSTER, H. *Mariologie*, p. 351-370.

desapareceu. A discussão envolvia os estudiosos. Eles podem ser agrupados como os pesquisadores que defendiam a maternidade divina como o princípio fundamental; os que defendiam a corredenção, em menor quantidade; e o grupo que combinava os dois princípios, além de um grupo que defendia o princípio fundamental como único, do qual derivam todos os demais aspectos.

No segundo milênio, a mariologia ganhou novo peso após a inserção do capítulo mariano na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* - LG (21 nov. 1964), referido por Paulo VI (1963-1978) como o “vértice” e o “coroamento” daquele texto.¹² Começa o processo de recuperação da identidade de Maria abrindo-se o caminho para a compreensão acerca do lugar que ela ocupa no mistério de Cristo e da Igreja. Após o Concílio Vaticano II, houve um período de silêncio, de escassez ou mesmo ausência de escritos na mariologia, beirando “o zero de forma perturbadora”.¹³ No entanto, essa lacuna foi posteriormente preenchida por uma reflexão, com uma vasta gama de temas nas pesquisas, e estudos marianos. Aparece uma maior unidade temática, com um crescente interesse pelos aspectos antropológicos e pelo significado social da Virgem em diversas culturas, buscando investigar a vida concreta e a humanidade de Maria de Nazaré.¹⁴

Hoje, as publicações, com a participação de autores e autoras americanas e latino-americanas,¹⁵ oferecem uma visão contemporânea da mariologia, abordando questões teológicas e sociais relacionadas a Maria. São numerosos os Congressos Marianos e Mariológicos, as semanas de estudos e simpósios realizados ao longo dos últimos anos, promovidos por distintas instituições - religiosas, públicas, privadas. A diferença entre os conceitos “mariano” e “mariológico” está na abordagem e no objetivo da análise, do estudo. Dizem-se mariano ou marial os ensinamentos que não são dogmas, mas são importantes para a fé e a teologia. O conceito refere-se a qualquer trabalho, artístico, literário ou teológico, que esteja relacionado com a Virgem Maria. Essas obras podem incluir imagens, pinturas,

¹² PAULO VI, PP., *Discurso: conclusão da III sessão do Concílio Vaticano II*, 21 nov. 1964.

¹³ BEINERT, W., *Devoção Mariana: uma chance pastoral*, p. 16.

¹⁴ Pode-se elencar estas publicações como exemplos dessa nova etapa: FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*; BORRESEN, K.E., *Maria nel Medioevo fra antropologia e teologia*; ARRUDA, L., *Aquela que acreditou. A vida oculta de Maria de Nazaré*; AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Mothers of the Church - The Witness of Early christian Women*; TRAVAGLIA, G., *Il discepolo l'accoglie com sé* (Gy 19, 27b). *Il cammino ético-spirituale del credente sulle orme di Maria*; BOFF, C., *O cotidiano de Maria de Nazaré*; BOFF, C., *Mariologia social*.

¹⁵ Para ilustrar podem ser enumerados os trabalhos de Raymond E. Brown, Elizabeth Johnson, K. Coyle, dentre outros.

canções, poemas, orações, livros ou qualquer outra forma de expressão que sejam dedicados à figura de Maria. Uma obra mariológica é um estudo teológico específico sobre Maria, que salienta a importância da sua vida, do seu papel e da sua missão na história salvífica. São estudos que procuram aprofundar a compreensão das postulações dogmáticas e buscam sistematizar as verdades que estão intimamente ligadas a relação de Maria com o mistério de Cristo e o da Igreja. O estudo mariológico deve ser, sobretudo, bíblico, cristocêntrico, eclesiológico, pastoral, evangelizador e ecumênico. Pode-se concluir que é abundante a quantidade de literatura acerca da teologia mariana em livros, periódicos e anais de Congressos, fornecendo um amplo pano de fundo para este estudo.

O estado da questão revela que não foram encontrados, nos bancos de dados e acervos virtuais das universidades brasileiras pesquisadas, estudos realizados no Brasil sobre a mariologia de Joseph Ratzinger, embora ele seja um autor influente e respeitado.¹⁶ Seus aportes foram debatidos e analisados por estudiosos estrangeiros, alguns estão incluídos nas referências deste trabalho: Rainer Hangler,¹⁷ Michele Giulio Masciarelli,¹⁸ Antonio Staglianò,¹⁹ Lucia Boiano²⁰ e o capítulo de autoria de Emery de Gaal.²¹ Este estudo busca aprofundar o entendimento do percurso mariológico de Joseph Ratzinger partindo da sua devoção pessoal e experiência vividas, até chegar a uma reflexão teológica elaborada sobre o tema. Essa perspectiva diferencia esta tese das produções referenciadas. Espera-se que essa concepção possa contribuir para um melhor conhecimento do pensamento e da produção teológica mariana de Ratzinger, para quem “pensar a fé com rigor é exigência teológica e antropológica. Teológica, porque Deus quer uma relação humana livre conosco. Antropológica, porque a racionalidade é parte integrante de um ato humanamente integral”.²²

É preciso reafirmar que Joseph Ratzinger não escreveu um tratado de mariologia sistemática. Ele propôs reflexões e questões em conferências e

¹⁶ Foram consultados os acervos das bibliotecas digitais dos programas de Teologia da FAJE BH, PUCGO, PUCMG, PUCPR, PUC-Rio, PUCRS, PUCSP, UCSAL, UFT e UNICAP, além dos periódicos e artigos eletrônicos dos bancos de dados dos portais SCIELO, CAPES, Google Acadêmico.

¹⁷ HANGLER, R., *Juble, Tochter Zion, Zur Mariologie von Joseph Ratzinger/Benedikt XVII.*

¹⁸ MASCIARELLI, M., *Il Segno della donna.*

¹⁹ STAGLIANÒ, A., *Madre di Dio, La Mariologia personalista di Joseph Ratzinger.*

²⁰ BOIANO, L., *Maria nella teologia e nel magistero di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI.*

²¹ GAAL, E., *Joseph Ratzinger and the healing of Reformation-Era Divisions.*

²² CATELAN, A., *O legado teológico de Joseph Ratzinger/Bento XVI.*

intervenções públicas, nas quais tomou posição e expôs o seu juízo teológico. As principais se encontram no referencial bibliográfico que são a sustentação basilar para este estudo. Os textos mariológicos essenciais de Ratzinger estão compilados na antologia “Teoria da Criação, Antropologia, Mariologia”, volume 5 da *Opera Omnia*, JRGS. Apenas duas obras suas se ocuparam inteiramente de temas marianos: *Die Tochter Zion: Betrachtungen über den Marienglauben der Kirche* (A Filha de Sião. A devoção mariana na Igreja) e *Maria: Kirche im Ursprung* (Maria, primeira Igreja), mas nos seus outros escritos, encontram-se referências à Mãe de Jesus.²³

Em 1968, no livro *Einführung in das Christentum* (Introdução ao Cristianismo), Ratzinger inclui considerações sobre a mariologia ao comentar o Credo. Em 1975, ele realiza, em Puchberg, três conferências. Elas trataram da imagem e o lugar da mulher no AT e NT e sobre a fé mariana da Igreja. Os títulos originais são: *Das Frauenbild der Antike* (A imagem da mulher no AT); *Maria im Neuen Testament* (Maria no NT) e *Der Glaube der Kirche über Maria* (A fé mariana da Igreja). As conferências foram reunidas e publicadas com o título “A Filha de Sião. A devoção mariana na Igreja”. No livro, os três textos das conferências foram compilados em dois capítulos: 1. *Mariologie im biblischen Zusammenhang* (A mariologia no contexto bíblico) e *Marienglaube der Kirche* (A fé mariana da Igreja).

Em 1987, em uma obra conjunta com Hans Urs Von Balthasar (1905-1988), escreve um comentário sobre a *Redemptoris Mater* - RM. A obra recebe o título de *Maria: il sì di Dio all'uomo. Introduzione e commento all'enciclica "Redemptoris Mater"* (Maria: o sim de Deus ao homem. Introdução e comentário à encíclica RM). Em 1997 publica o livro *Maria, Kirche im Ursprung* (Maria, primeira Igreja), outra obra com Hans Urs von Balthasar. O livro contém nove ensaios do período 1972-1995, cinco são de autoria de Ratzinger: 1. *Mein Wort kehrt nicht erfolglos zum ir zurück* (A minha palavra não volta a mim sem ter realizado a minha vontade!), p. 9-13; 2. *Erwägungen zur Stellung von Mariologie und Marienfrömmigkeit im Ganzen von Glaube und Theologie* (Considerações sobre o lugar da mariologia e da piedade mariana no todo da fé e da teologia), p. 14-30; 3. *Das Zeichen der Frau. Versuch einer Hinführung zur Enzyklika Redemptoris Mater* (O sinal da mulher.

²³ Tradução nossa dos títulos das obras ainda não publicadas em português.

Ensaio de introdução à encíclica *Redemptoris Mater* do Papa João Paulo II), p. 31-52; 4. *Du bist voll der Gnade. Elemente biblischer Marienfrömmigkeit* (Tu és a cheia de graça. Elementos bíblicos da piedade mariana), p. 53-70; 5. *Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine* (o título em latim foi mantido), p. 71-84. Há referências marianas nos livros-entrevistas. Dentre elas sobressai a publicada no livro *Rapporto sulla fede* (Relatório sobre a fé), de 1985, concedida a Vittorio Messori, onde estão registrados os motivos para não esquecer Maria.

Existem alguns artigos na esfera mariológica. Podem ser citados: *Das Problem der Mariologie. Überlegungen zu den neuen Erscheinungen* (O problema da Mariologia. Reflexões sobre as novas Aparições), publicado em 1965, durante o Concílio Vaticano II, na revista *Theologische Revue* (ThRV 61), p. 73-82, onde discute questões, problemas relacionados à mariologia, particularmente em resposta às aparições e à teologia mariana daquele momento; e *Maria ist die Überwinderin der Härtsien* (Maria é a vencedora das heresias), publicado em Tübingen, pela revista *Theologische Quartalschrift* (ThQ), v. 158, n. 2, abr-jul, 1978, em que discute o título Maria, a vencedora das heresias. O artigo *Die Aufnahme Mariens in die himmlische Herrlichkeit* (A Assunção de Maria à glória celeste) publicado no Brasil pela Paulus em 2022 (No princípio está a *communio*), a partir da tradução portuguesa de Maria Manuela de Carvalho, da revista *Communio*, v. 1, n.4., 1984, Lisboa, p. 391-397. Na edição brasileira constam, ainda, as republicações do ensaio “Cheia de Graça” - mencionado acima, e da homilia “O sinal de Caná”, texto que apareceu na *Communio*, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, 2005, p. 149-154, sem indicação do tradutor e idioma.

Esta investigação conecta-se com as linhas de pesquisa da PUC-Rio que buscam o progresso da reflexão teológica acadêmica, mirando auxiliar a comunidade a alcançar possíveis respostas às interpelações trazidas pelas questões hodiernas, superando óbices e percalços em sua trajetória de fé. Análises das práticas eclesiais, pastorais e reflexões de grandes pensadores são o *humus* dos trabalhos acadêmicos. Fazer abordagens transversais, interdisciplinares e transdisciplinares, que cruzam o pensamento teológico com a sociologia, filosofia, a história, é uma premissa da PUC-Rio.

Nesse conjunto, é preciso voltar a atenção ao pensamento de autores que fortemente ajudaram a renovar a teologia na preparação e desenvolvimento do Concílio Vaticano II e em sua recepção. Joseph Ratzinger é um desses autores. É

um protagonista da teologia do século XX. Com contribuições acolhidas, posicionou-se como uma testemunha lúcida da dialética entre a reforma e a ruptura na hermenêutica conciliar. É reconhecido como um teólogo e professor de teologia que recepcionou e promoveu os fermentos da renovação; que desde cedo buscou a verdade e o sentido da existência humana. Escreveu sobre diversos temas como a Revelação e sua história, Jesus Cristo, as Sagradas Escrituras e a sua exegese, a liturgia, as relações entre fé e razão, a estrutura da Igreja e, naturalmente, sobre a Mãe de Deus, o foco deste trabalho. Suas obras, suas reflexões, sua inteligência erudita, sua coerência de vida e fé, seu testemunho de servidor e colaborador da verdade são elementos suficientes para justificarem esta averiguação.

Esta tese está dividida em seis capítulos e uma conclusão. Identifica e situa, além de distinguir os vários tipos de escritos, as principais linhas de força, os acentos específicos, a relação com o magistério e às proposições do Concílio Vaticano II sobre a “Bem-aventurada Virgem Maria, no mistério de Cristo e da Igreja” (LG, capítulo VIII), no conjunto do pensamento do autor.

Após o capítulo introdutório, os dois seguintes trazem uma contextualização histórico narrativa-descritiva para propiciar ao leitor uma localização no tempo e espaço, de forma que ele possa fazer uma via ascendente e consiga captar o sentido das postulações marianas de Joseph Ratzinger. O quarto capítulo oferece uma minibiografia, trazendo à luz a decisiva participação do teólogo alemão como perito no Concílio Vaticano II. Apresenta-se no quinto, um esboço das obras especificamente marianas do teólogo alemão evidenciando os aspectos que individualizam e personificam a singularidade do seu pensamento mariano-mariológico, mostrando (incluindo algumas intervenções como Pontífice) a forma clara e inteligente de exposição de ideias, que iluminam e estimulam teólogos e crentes a mergulharem nos seus escritos. O sexto traz uma tentativa de sistematização da mariologia ratzingeriana. É um capítulo que sintetiza as principais intuições do autor e, por esta razão, possui uma menor quantidade de páginas. No capítulo conclusivo, encetam-se algumas considerações com as contribuições do teólogo-papa que podem ser traduzidas em uma prática sinodal mariana da Igreja em saída propugnada pelo Papa Francisco (2013) e respondem à questão-problema que desencadeou esta pesquisa.

Portanto, este trabalho inscreve-se como resposta aos desafios lançados pela vida acadêmica-ecclesial, que busca testemunhar a fé e a atenção devidas à Virgem

Maria e à missão do discípulo-missionário querido pelo Documento de Aparecida, pois “é preciso retornar a Maria se quisermos retornar àquelas verdades sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem”.²⁴

²⁴ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 156.

2

O percurso histórico da mariologia

Constantemente fatos e histórias interferem na dinâmica que baliza o passar do tempo e sela a construção humana em suas mais diversas áreas. Nesse processo construtivo estão incluídas todas as gentes, de todas as crenças, raças, regiões e preferências. No campo teológico ocorre um caminho semelhante. O aprendizado é contínuo. O mistério se desvela aos poucos, mas a cada átimo de progresso, aparece um turbilhão de interrogações. As várias disciplinas buscam alcançar a primazia do aperfeiçoamento. A transdisciplinaridade é uma necessidade e um marco do tempo hodierno. Não há que se falar nesta ou naquela área, sem deixar transparecer os elos, as similitudes, os focos e pontos comuns existentes.

No âmbito das relações específicas com a Virgem Maria não é diferente. O encontro pessoal do devoto com ela ocorre de diversas maneiras. O liame provém do tecido global da vida cristã em todo o seu contexto. O cristão, de diversas formas, já acolheu o vínculo filial que une, de forma única, os discípulos missionários de Cristo com a sua Mãe, Maria Santíssima. Na esfera do coração devoto o conjunto foi abarcado pelo desvelado amor, que tudo abriga como graça e dom divinos.

A Igreja celebra Maria no contexto da história da salvação, de forma que ela não seja vista como uma personagem isolada. A liturgia a contempla dentro do mistério da história e da Igreja, vendo-a como um dos seus elementos determinantes. Existem diferentes posicionamentos teológicos e culturais que devem ser lembrados se quisermos construir uma imagem mais correta da figura da Virgem, que “tem um lugar que não é marginal no corpo neotestamentário”.²⁵ Maria nos dá um conhecimento fundamental de Cristo e só pode ser conhecida se considerarmos a posição que ocupa na história da salvação, a sua perfeita conexão com a Igreja e com o mistério de Cristo, pois, ela “nos precede na experiência de relação com Deus Trindade e com a pessoa de Jesus Cristo”.²⁶ Essa íntima relação entre Cristo e Maria “é a ‘relação axial’ em mariologia”.²⁷ Jesus é o centro do

²⁵ SESBOÜÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, vol. 3, p. 471.

²⁶ BOFF, L., *Mariologia. Interpelações para a vida e para a fé*, p. 21.

²⁷ BOFF, C., *Introdução à Mariologia*, p. 17.

cristianismo e Maria que ocupa “o lugar mais perto de Deus”,²⁸ é figura central, associada ao ser e à ação de Jesus, na verdade, à economia da salvação.

Mas, afinal, o estudo mariológico é visto sob que foco? Houve renovação no período pós-conciliar? Quais foram as contribuições dos pontífices pós-concílio e da teologia para a compreensão do papel de Maria na história da salvação? E o Cardeal Ratzinger, que contributo ofertou para a mariologia?

Inicialmente será percorrido um breve caminho histórico para compreender por que a doutrina mariológica passou por percalços, momentos de recuos e de avanços mais significativos, “um ritmo alternado de progresso e de decadência, de fervor e de silêncio, de primavera e de inverno”²⁹ e, assim, responder estas questões. Porque imperioso, detém-se em um marco visível, o Concílio Vaticano II, que se constituiu em um horizonte hermenêutico, um verdadeiro divisor de águas espirituais,³⁰ seja de caráter teológico, como espiritual ou pastoral.³¹ Tal panorama histórico, além de delinear o contexto geral da produção mariológica de Joseph Ratzinger, oferecerá critérios para a compreensão das posições que ele assume nesse campo de sua produção teológica.

Esta tese usa as nomenclaturas comuns à historiografia e utiliza a divisão clássica dos períodos históricos. Aborda do momento da Revelação consignado nos textos bíblicos até o final da Idade Patrística, depois traça o desenvolvimento ocorrido no pensamento do medievo no entorno da região mediterrânea; logo após, percorre a Idade Média, relatando como ocorre a sistematização da doutrina mariológica com suas várias inflexões até a Idade Moderna. Vence o período pós-Reforma protestante até o *aggionamento* conciliar. Destaca que no Concílio Vaticano II não houve a produção de um documento específico sobre a mariologia, mas possui orientações para a reflexão teológica como um todo. As afirmações teológicas mostram a importância de Maria na história da salvação e o lugar por ela ocupado na Igreja: “depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós”.³²

²⁸ LG 54.

²⁹ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 76.

³⁰ RATZINGER, J., *Maria primeira igreja*, p. 16.

³¹ BENTO XVI, PP., *Discurso aos participantes no XXIII Congresso Mariológico Mariano Internacional*, em Roma, 08 set. 2012.

³² LG 54.

2.1

Desenvolvimento dogmático da mariologia antes do Concílio Vaticano II (1962-1965)

Maria foi uma mulher com especial experiência de Deus e a Igreja contemplou nela o seu modelo, a sua personificação. Os Padres propugnaram as orientações básicas para a correta compreensão do papel de Maria na história da salvação. A configuração dos conceitos percorreu uma longa trajetória, que no Concílio Vaticano II, com a LG, atingiu o seu ponto decisivo.

Romano Guardini (1885-1968) escreveu que a doutrina mariológica forma o sistema de coordenadas do pensamento cristão e que o que for dito e se diz da Virgem Maria deve surgir de uma perfeita relação com a Sagrada Escritura, em harmonia com o conteúdo da Revelação. É fecundo para a vida e a espiritualidade, desde os primeiros passos, estar atento ao texto bíblico. Para se compreender a figura da Virgem e a sua vida, é imperativo interpretar a Sagrada Escritura. É Deus quem ilumina, com a verdade, as pessoas eleitas e que lhes dá uma missão.³³

Ao falar da história da mariologia procura-se abarcar as épocas em que a doutrina foi desenvolvida, quais modelos interpretativos foram utilizados e as formas como Maria foi não somente venerada, mas também estudada. No bojo desse caminho a pergunta sobre o princípio fundamental esteve presente, igualmente a busca em clarificar os poucos versículos bíblicos que falam de Maria. Enquanto procurava descobrir o significado das verdades reveladas, a Igreja contou com o auxílio dos Santos Padres, os quais fixaram a doutrina básica da fé cristológica e a compreensão dos textos prefigurativos do Antigo Testamento que esboçam o papel da Mãe de Deus na história salvífica.

O eixo central da história da salvação é Jesus Cristo. Maria encontra-se nesse centro, por desígnio de Deus, alçada a personagem importante na encarnação do Verbo. Mantém-se fiel ao seu sim, testemunha a vida do seu Filho e o acompanha até a cruz. Ela está presente em todos os momentos cruciais da história do seu Filho. Há um profundo significado: sob a presença de uma mulher, o Filho de Deus vem ao mundo e retorna aos braços do Pai.

O fundamento da fé cristã em Maria está nas afirmações encontradas no Novo Testamento, que devem ser entendidas em seu contexto, sem que se perca de vista

³³ GUARDINI, R., Carta “*La madre del Señor*”, sem paginação.

o horizonte em que foram elaboradas: traçar uma visão voltada para Jesus, o Cristo e para a comunidade dos seus seguidores. Os textos neotestamentários falam o suficiente e revelam a chave para entender a Mãe de Jesus.

O evangelho de Marcos não traz um perfil definido de Maria, ela é apresentada imersa no cotidiano da vida, em sua família. No texto paulino ela é aludida de forma indireta (Gl 4,4). No Evangelho de Mateus, Maria é a mãe virginal do Messias, segundo as profecias. No texto lucano encontra-se uma quantidade maior de dados para a fé eclesial em Maria. Traz um perfil singular: a discípula exemplar, disposta a colaborar com Deus em seu plano salvífico. No evangelho de João há um maior aprofundamento teológico e a figura da mãe ganha grande relevância. O evangelista destaca os papéis de intercessora e evangelizadora de Maria nas bodas de Caná, de mãe da comunidade sob a cruz; e de figura da Igreja e da nova criação, no texto do Apocalipse 12.³⁴ No Antigo Testamento não há versículos que falem dela ou a anunciem explicitamente. No processo de releitura do Antigo Testamento à luz de Cristo, imagens e alegorias foram lidas e compreendidas como em relação à Maria.³⁵

Os dados bíblicos que marcam o nascimento da Igreja, no evento que se perpetuou como Pentecostes, registram a presença de Maria e das mulheres com os apóstolos. A catequese realizada por Pedro e os seus companheiros, converte a muitos. A missão dada por Jesus começa a se realizar. É o caminho da Palavra: “todos entendem as maravilhas de Deus” (At 2,11). Não há apontamentos posteriores sobre a mãe de Jesus, os discursos reportam-se à pessoa de Jesus Cristo. Nasce um novo modo de vida no mundo anunciado pelos escolhidos, que serão mais tarde conhecidos como os “do caminho”, “os cristãos” (At 1,14-2,1; 2,11; 9,2; 24,13-16). O Espírito é “a promessa do Pai” (Lc 24,49; At 1,4) e o protagonista dessa nova jornada. É o mesmo Espírito que converteu Maria em Virgem-Mãe (Lc 1,35.) o que “assegura o nexo entre o caminho de Jesus e o da Igreja, pois guia, ilumina, fortalece e dirige os ‘vigilantes’ (*episkopoi*), que ele põe para dirigir a comunidade”.³⁶

2.1.1

A maternidade e a virgindade de Maria

³⁴ BOFF, C., *Mariologia*, p. 29-87.

³⁵ Por exemplo: Gn 3,15.

³⁶ CARMONA, A.R.; MONASTÉRIO, R.A., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 310.

As narrativas dos Evangelhos da infância de Jesus foram acrescentadas à catequese cristã, muito provavelmente depois da metade do século I, para combater as concepções heréticas, que descreviam o Cristo de maneira irreal, e visavam afirmar categoricamente a humanidade de Jesus: nascido de mulher (Gl 4,4). As heresias são fundamentalmente cristológicas e tocam de passagem a missão de Maria. Os Padres da Igreja formulam afirmações de fé para asseverar a messianidade de Jesus e, assim, ganha destaque a presença de Maria inicialmente silenciada.³⁷ Ela vive na Igreja, sem que explicitamente se fale dela. “É uma realidade na vida da Igreja, antes de ser objeto de dogma”.³⁸ O primeiro milênio da era cristã conhece Maria, mas sempre numa relação com o seu Filho. A Igreja vivia momentos de perseguição e martírio, especialmente nos primeiros séculos, durante o Império Romano, e as discussões existentes, reflexões, tratados e homilias versavam em torno da pessoa de Jesus Cristo para afirmar o seu mistério.

O dado principal é que Maria é inteiramente relativa a Jesus. É reconhecida como a Mãe de Jesus, o “epíteto primeiro”, nos textos bíblicos e faz referência à profecia do Emanuel (Is 7,14). É uma maternidade completa, inteiramente biológica e humana.³⁹ Essa relação está na origem de todo o desenvolvimento do dogma mariano. A narrativa da concepção virginal constitui-se num avanço considerável em relação aos nascimentos milagrosos de pais idosos ou estéreis⁴⁰ e dos paralelos míticos pagãos.⁴¹ Fala de criação e não de poder fecundante, procriador. Foi espontaneamente compreendida como um fato, inseparável do seu valor simbólico. É um dado cristológico, um sinal da encarnação do Verbo e afasta a interpretação adocionista.

³⁷ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 15-16.

³⁸ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 16.

³⁹ SESBOÜÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, vol. 3, p. 471-489; *Maria de Nazaré. Breve Tratado de Mariologia*, p. 89-94; DEISS, L., *Maria, filha de Sion*, p. 32-35; SÖLL, G., *Storia dei Dogmi Mariani*, p. 81-95; SCHEEBEN, M., *A Mãe do Senhor*, p. 29-66; SERRA, A., *Mãe de Deus*, p. 776-780; MEO, S., *Mãe de Deus*, p. 780-790.

⁴⁰ Esterilidade e fecundidade milagrosa das grandes mães de Israel (Sarah, Rebecca, Anna, Isabel) são entendidas como sinal da esterilidade e infertilidade da terra e do povo de Israel devido ao rompimento da aliança, a fertilidade e a geração de filhos são sinal da aliança e do amor de Deus. Diz o profeta Isaías 54,1: “Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz; ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos da esposa, diz Iahweh.”

⁴¹ Podem ser elencados vários paralelos míticos que alguns estudiosos apontam ter semelhanças com a concepção virginal de Jesus. Entretanto, alguns são objeto de debate entre os pesquisadores e estudiosos, e podem ser eventualmente contestados. Na mitologia grega temos o nascimento de Dionísio, filho de Zeus e Sêmeie; na mitologia egípcia, a história de Horus, filho de Ísis e Osíris; na mitologia nórdica, o nascimento de Balder, filho de Odin e Frigg; na mitologia persa, Mitra e no hinduísmo, temos o nascimento de Krishna.

A presença da concepção virginal nos Símbolos da fé a reveste de um valor dogmático maior do que qualquer definição conciliar. Inácio de Antioquia (+ 110) defendia a verdade da concepção virginal⁴² e Justino (120-165) a assentia como uma intervenção divina, de poder.⁴³ Irineu (120-202) se posicionava contrário à ideia de que Jesus nasceu de uma união carnal normal.⁴⁴ Para Tertuliano (160-240) “ele é Deus ao mesmo tempo que homem, pois tem a carne do homem ao mesmo tempo que o Espírito de Deus”⁴⁵ e Orígenes (+ 254), no século III, refuta a história do adultério mariano que circulava entre alguns judeus.⁴⁶ Ao afirmarem a filiação divina de Jesus, incluída no testemunho neotestamentário, os Padres da Igreja atestaram a concepção virginal como um dado pleno de sentido cristológico e mariano.⁴⁷ Esta compreensão é assumida por Ratzinger, como será vista mais adiante.

O argumento mariológico foi utilizado, dentre outros, por Inácio de Antioquia, Justino, Tertuliano e Irineu de Lião, em defesa da fé. Este fez um desenvolvimento do paralelismo proposto por Justino, entre Maria e Eva, a partir da teologia paulina da recapitulação em Cristo de todas as coisas e da recirculação. Cristo vem refazer o passado, superando muitos elementos para restaurar em nós a imagem e semelhança com o Pai. Ao testificar esse antítipo da desobediência, Irineu afirma a *causa salutis*. Maria, por sua obediência, foi causa de salvação para si mesma e para a humanidade, configurando-se como tipo e parâmetro do ser humano unido com Deus. Maria e Eva não são exemplares de duas figuras paralelas e contrapostas, pois o plano salvífico de Deus as unem. Eva era o esboço

⁴² As sete cartas de Inácio foram publicadas no Brasil pela Paulus, na coleção de Patrística, com o título *Padres Apostólicos*, v. 1, p. 54-89. A defesa da concepção divina encontra-se na carta Inácio aos Efésios, p. 59-64.

⁴³ SÖLL, G., *Storia dei Dogmi Mariani*, p. 65. Justino afirma: “além desse nosso Cristo nunca ninguém nasceu de uma Virgem” (tradução nossa). As I e II Apologias e Diálogo com Trifão foram publicadas no Brasil pela Paulus, na coleção Patrística, v. 3, com o título *Justino de Roma*, 1995. O mistério do nascimento virginal foi abordado no Diálogo com Trifão, p. 172-174; na I Apologia, p. 143.

⁴⁴ Irineu refuta as crenças gnósticas que negavam a realidade da encarnação e da virgindade de Maria na obra *Contra as Heresias (Adversus Haereses)*, publicada no Brasil pela Paulus, coleção Patrística, v. 4, 1995.

⁴⁵ Tertuliano defende aspectos centrais da fé cristã ao refutar o marcionismo na obra *Contra Marciano*, lançada no Brasil pela Ed. Clube dos Autores, 2023. SESBOÜÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, v. 3, p. 478, registra que no tratado sobre A Carne de Cristo, Tertuliano sublinha com vigor a realidade da geração e da carne de Cristo.

⁴⁶ ORÍGENES., *Contra Celso*. Orígenes refuta as acusações de Celso sobre o adultério da Virgem com o soldado romano chamado Pantera. A obra foi publicada no Brasil pela Paulus, em 2004, na coleção Patrística, v. 20.

⁴⁷ SESBOÜÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, v. 3, p. 480.

antropológico da mulher; Maria, a concretização perfeita desse projeto, razão da atribuição a ela do título “Mãe dos viventes, a nova Eva”.⁴⁸ Ele afirma a reconstrução de Eva em Maria, assim como a restauração de Adão em Cristo. Essa afirmação é a mais antiga que revela o caráter libertador e o papel cooperador de Maria na história da salvação.⁴⁹ O sim de Maria não tem um caráter de neutralidade, mas influencia toda a obra da salvação e alcança todo o gênero humano. Tem uma dimensão salvífica universal.

Irineu ressalta o caráter soteriológico do consentimento de Maria no momento da anunciação, acentuando que o objetivo do assentimento não foi só a encarnação, mas, sobretudo a encarnação manifestamente redentora. Comparecem em seus escritos a realidade do nascimento humano e os dados da preexistência da divindade de Cristo, que aparecerão no conceito *Theotókos*, título que não é encontrado nos textos de Irineu. Por tudo isso, ele é considerado protagonista-chave da mariologia. Entre os temas centrais da sua teologia, incluiu o uso de outros títulos, que serão utilizados nas ladainhas e abriu a via de inserção de Maria no símbolo.

A maternidade divina é o mistério mariano, o mais antigo, referente à pessoa e ao papel de Maria na história da salvação. O Concílio de Éfeso (431) definiu explicitamente Maria como Mãe de Deus.⁵⁰ O dogma asseverou duas realidades: Jesus é o filho de Maria segundo a geração humana, ela é a mãe biológica, no sentido natural, mas também é a mãe de Deus (Deus, aqui, em sentido estrito). É proclamada a fé da Igreja nas duas naturezas (humana e divina) em Cristo, afirmando em termos concretos que Jesus é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Ocorre o reconhecimento da unidade da pessoa do Verbo. É condenado o nestorianismo⁵¹ como heresia e Maria é declarada Mãe de Deus. Embora essencialmente de ordem cristológica e, em profundidade, trinitária, essas afirmações auxiliam na tomada de consciência do mistério de Maria. Na natural evolução doutrinal, o tema da maternidade será retomado no Concílio Vaticano II sob a perspectiva salvífica.

⁴⁸ MULLER, G., *Dogmática Católica*, p. 349-350.

⁴⁹ SESBOÛÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, vol. 3, p. 481.

⁵⁰ DH 251; CEC 466.

⁵¹ O nestorianismo negava a Maria o título de “Mãe de Deus” (*Theotokos*), já que ela, um ser humano, não podia ter gerado Deus e dava a ela o título de “Mãe de Cristo” (*Kristotokos*). STOCKMEIER, P.; BAUER, J., *História da Igreja Católica*, p. 95-88; DH 264.

No contexto dos primeiros séculos, falar da virgindade de Maria era salvaguardar que a concepção de Jesus foi obra do Espírito Santo e afastar, de vez, as insinuações heréticas de que a sua concepção se assemelhava aos mitos pagãos. A virgindade⁵² foi usada como comprovação da verdadeira natureza humana de Cristo, e aparece nas mais antigas profissões de fé. É parte integrante do dogma eclesial.⁵³ Na tradição da Igreja, desde os primeiros anos do cristianismo, existem testemunhos da fé explícita na concepção virginal.⁵⁴ É uma tradição muito antiga e de uma fé firme da Igreja: Maria, dando à luz Jesus, não conheceu nem as dores do parto, nem o rompimento do *claustrum virginittatis*. As primeiras testemunhas encontram-se nas chamadas odes de Salomão (120 d.C.).⁵⁵

Os Padres da Igreja compreenderam Maria como a sempre Virgem, em quem a virgindade se configurara como uma relevante consagração humana total, pessoal e histórico-salvífica ao Deus da Revelação, como ato de fé, amor e disposição de entrega ao serviço.⁵⁶ A virgindade no parto tem sua base documental no Protoevangelho de Tiago. A crença de que o parto de Jesus foi bem-aventurado tornou-se comum. Os padres acreditaram que ele era sustentado pelo Espírito Santo e não estava sujeito à primeira maldição (Gn 3,16). A virgindade era um significativo sinal da necessidade de um novo começo, uma nova origem virginal do mundo. Agostinho cunhou uma fórmula que influenciou a teologia mariana posterior ao afirmar que a concepção virginal de Cristo se realizou antes no espírito de Maria, e depois no seu seio.⁵⁷

A virgindade é um dado da fé histórica da comunidade cristã. Paredes (1944) afirma que para uns era motivo de escândalo e para outros se constitui na prova da ação criadora do Espírito Santo, corrobora o seu pensamento citando Laurentin (1917-2017):

Não possuímos uma prova científica da historicidade da concepção virginal que seja mais válida do que a ressurreição de Cristo. Uma prova científica exigiria, em particular, constatações médicas, depoimentos prestados por não crentes, indiferentes ou pelos inimigos de Cristo. Ora, o sinal do sepulcro bem como o mistério da concepção virginal só foram conhecidos e transmitidos através do testemunho dos crentes. Decerto, estes sinais acham-se consignados na realidade

⁵² SCHEEBEN, M., *A Mãe do Senhor*, p. 66-76; SESBOÛÉ, B., Os Sinais da Salvação, vol. 3, p. 481-490; *Maria de Nazaré. Breve Tratado de Mariologia*, p. 95-100; SÖLL, G., *Storia dei Dogmi Mariani*, p. 81-95.

⁵³ MULLER, G., *Dogmática Católica*, p. 350.

⁵⁴ POZO, C., *Maria en la obra de la salvación*, p. 276.

⁵⁵ YASHITA, P., *Mariologia*, p. 88.

⁵⁶ MULLER, G., *Dogmática Católica*, p. 350-354.

⁵⁷ AGOSTINHO., Sermão 215,4, *apud* MC 17.

histórica, humana e corporal, mas não segundo o modo científico que Cristo sempre refutou... (Lc 11,29). Nesta ordem de ideias a certeza não se encontra nas evidências deste mundo, mas no testemunho de Deus no coração dos crentes.⁵⁸

Paredes prossegue argumentando que a virgindade de Maria se insere no conjunto do mistério da pobreza evangélica e que a concepção virginal comprova a complacência divina pela humildade e pela pobreza, enquadrando-se “na coerência de todo o concreto plano salvífico eleito por Deus”,⁵⁹ que preferiu o que não tem valor, não usa o forte, o sábio, o glorioso no mundo. Serve-se do estéril, frágil. Neste caso, “a pobre mulher, humilhada e desprezada, é preferida ao homem autônomo e supremo, orgulhoso de sua potência”.⁶⁰ Refere-se à compreensão presente no mundo judaico que estranhava a ideia de um homem ou de uma mulher celibatária ou virgem. Esclarece que a virgindade estava ligada “à suprema pobreza reconhecida no cristianismo: a Cruz”,⁶¹ pois a virgindade configura-se como um modo de participação, no total desprendimento de si mesmo, como o realizado por Cristo no Calvário.

A partir do quarto século, os autores cristãos (Gregório de Nissa, Ambrósio, Efrém, Basílio Magno, Jerônimo, Agostinho, dentre outros) definem com mais clareza a missão de Jesus Cristo e unem à cristologia a soteriologia, consequentemente, há reflexos na mariologia. Ao realçarem a doutrina de que o Verbo, no mistério da encarnação, torna-se igual aos homens em tudo, menos no pecado (Hb 4,15), evidenciam que em Maria é gerada uma nova humanidade a partir de Jesus. Com isso, multiplicam-se os sermões e pronunciamentos sobre Nossa Senhora na época patrística.

Os concílios realizados nos séculos IV e V, tiveram como temas principais o dogma trinitário (a divindade do Espírito Santo) e da encarnação do Verbo (a pessoa humana e divina de Jesus Cristo) e, por conseguinte, fazem afirmações na esfera mariológica: a relação de Maria com Jesus enquanto Deus e enquanto ser humano. É afirmada a concepção virginal de Jesus no seio de Maria similar à criação; no Concílio de Constantinopla II (553) é declarada a virgindade de Maria como o sinal de sua fé sem reservas e de sua entrega à vontade do Pai.⁶² No século VII, no

⁵⁸ PAREDES, J., *Maria, a mulher do Reino de Deus*, p. 132.

⁵⁹ PAREDES, J., *Maria, a mulher do Reino de Deus*, p. 135.

⁶⁰ PAREDES, J., *Maria, a mulher do Reino de Deus*, p. 134.

⁶¹ PAREDES, J., *Maria, a mulher do Reino de Deus*, p. 134.

⁶² DH 422 e 427.

Concílio de Latrão (649), a Igreja afiança definitivamente que Maria foi Virgem antes do parto (*Virginitas ante partum*), no parto (*in partu*) e depois do parto (*post partum*).⁶³ Esta doutrina é confirmada por outros dois Concílios Ecumênicos: o Lateranense IV (1215)⁶⁴ e o Concílio de Lião (1274).⁶⁵ Sendo Virgem e Mãe, Maria é figura da Igreja e sua mais perfeita realização como reafirmará a Igreja na LG 63.⁶⁶

Os quatro primeiros concílios ecumênicos (Nicéia, 325; Constantinopla I, 381; Éfeso, 431 e Calcedônia, 451) ajudam na superação das controvérsias trinitárias e cristológicas e tornam a doutrina mariana mais esclarecida. As reflexões vão permitir erigir no conjunto da fé cristã e da teologia um tratado sobre Maria, não de forma separada, mas, contendo imagens de Maria como Mãe de Deus - afirmada no Concílio de Éfeso; e tratando da virgindade, o discurso remete à figura de Cristo salvador, toca essencialmente os dados máximos da fé e as projeções escatológicas que ela supõe: celibato, ressurreição, vida eterna.

2.1.2

O culto à Mãe de Deus

O culto mariano subentende a dupla condição da Virgem Maria, a de intercessora e de Mãe de Deus. Não se encontram referências sobre o culto nos escritores dos três primeiros séculos. Entretanto, a consciência e a importância de Maria para a fé cristã podem ser identificadas no papiro - datado do final do século II, início do III -, encontrado com a oração *Sub tuum praesidium* (Sob a vossa proteção), que traz os sinais da devoção: confiança filial na Mãe de Deus, a quem são dirigidas súplicas, apresentadas as necessidades e pedidos de livramento. A base da veneração é a consciência do crente do papel da Virgem na obra da salvação e a estreita relação entre Cristo e Maria. Louva-se Maria por isto. Desde a primeira geração surgem discursos, homilias e reflexões sobre o papel dela na economia da Salvação que indicam a motivação das homenagens direcionadas àquela que foi a escolhida por Deus para ser a mãe do seu Filho.

⁶³ DH 503.

⁶⁴ DH 801.

⁶⁵ DH 852.

⁶⁶ SERRA, A., *Virgem*, p. 1305-1328; FIORES, S., *Virgem*, p. 1328-1340. “A Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como ensinava Santo Ambrósio”, LG 63.

A veneração a Maria, como Nossa Senhora, foi se manifestando gradativamente, adquirindo formas e crescendo em estima na vida dos cristãos na fase de transição entre as perseguições e a instauração da paz concedida pelo Império Romano, o que, de certa forma, propiciou um desenvolvimento teológico e o aparecimento de obras literárias significativas. As de Tertuliano, Hipólito (+236), Orígenes, Gregório “o Taumaturgo” (+270) são exemplos desse período, em que ainda era necessário combater doutrinas heréticas que negavam a divindade e humanidade de Cristo.⁶⁷

Após a declaração do dogma da *Theotókos* em 431, a devoção mariana acende e começa a tomar uma forma mais litúrgica, aflora a consciência dos fiéis para com a figura de Maria. Aparecem as festas litúrgicas dedicadas ao louvor de Maria, como a Festa da Apresentação do Senhor, da Anunciação, da Assunção e da Natividade. Nasce o corpo da oração Ave Maria (Sacramentário Gregoriano) a partir das antífonas da liturgia oriental, que reproduziam o texto bíblico. A oração alcança um caráter popular ao ser difundida pelos padres. Em Roma, o Papa Sixto III (432-440) constrói o mais importante santuário dedicado a Maria no Ocidente, a Basílica de Santa Maria Maior.⁶⁸

O título *Theotókos*, *Deípara* ou *Mater Dei*, comum entre os cristãos dos primeiros anos, ratifica aquela hipóstase que Maria “deu à luz a pessoa do *Logos* na natureza humana que assumiu a partir dela”,⁶⁹ no tempo e na história. Une em si as naturezas, divina e humana, do *Logos*, o traço fundamental que determina a relação com Deus. A expressão nasceu provavelmente da devoção cristã a Maria como mãe do divino Salvador e foi tornada dogma oficial, o que representou “o maior salto em toda a história da linguagem e do pensamento a respeito de Maria”.⁷⁰

No Concílio de Calcedônia, para esclarecer e pacificar as questões cristológicas ainda persistentes, os padres afixam a “união sem mistura, sem transformação, sem divisão e sem separação” da pessoa do Verbo, gerando uma

⁶⁷ PINTO, R., *Compêndio de Mariologia*, p. 188-189. Embora o tema central das obras não seja exatamente a veneração e o culto específicos à Virgem, os textos a mencionam. Podem ser citadas as obras: de Tertuliano, “*De Carne Christi*” e “*Adversus Marcionem*”; de Hipólito, “*Contra Noetum*” VI; de Orígenes, *Comentários ao Evangelho de João* e *Comentários ao Evangelho de Mateus*; de Gregório, *Oratio Panegyrica*, onde consta o “Panegírico a Maria”.

⁶⁸ PELIKAN, J., *Maria através dos séculos*, p. 83-95.

⁶⁹ MULLER, G., *Dogmática Católica*, p. 354.

⁷⁰ PELIKAN, J., *Maria através dos séculos*, p. 85.

⁷⁰ MULLER, G., *Dogmática Católica*, p. 354.

⁷⁰ PELIKAN, J., *Maria através dos séculos*, p. 85.

consequência mariológica ao expressarem que o nascimento foi de Maria, a Virgem, a Mãe de Deus. Estes três atributos reforçam o título dado a Maria em Éfeso e representam a conclusão do processo, cristológico e mariológico, no que se refere à maternidade divina.

Segundo, pois, os santos Padres, com unanimidade ensinamos que se confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem “composto” de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado [cf. Hb 4,15], gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade e, nestes últimos dias, em prol de nós e de nossa salvação, “gerado” de Maria, a virgem, a Deípara, segundo a humanidade; um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e mesmo Filho, unigênito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito dele os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres.⁷¹

Eivada por motivações iniciais cristológico-histórico-salvíficas, ocorre o desenvolvimento teológico da mariologia patrística que caracterizará o acordo denominado “*consensus quinquesaecularis*”, isto é, o consenso das afirmações ocorridas nos cinco primeiros séculos, que redundaram na proclamação dos dogmas da maternidade e da virgindade perpétua de Maria.⁷² Os Santos Padres evidenciando o sinal escolhido por Deus e a intervenção do Espírito Santo na encarnação do Verbo, sintetizam o pensamento eclesial elaborando uma regra de fé.

Passados os primeiros séculos, o interesse da Igreja se concentrou sobre o papel de Maria como mulher individual e privilegiada.⁷³ Nos séculos VI e VII encontram-se, em textos de concílios e sínodos, manifestações que revelam esse interesse mais evidente na própria pessoa de Maria.⁷⁴ Apareceram hinos, tratados e discursos ressaltando aspectos dessa participação mariana na história salvífica. A devoção popular alcançará um patamar elevado e os reflexos serão claros nos séculos posteriores: os temas marianos e mariológicos na Igreja Católica atingirão uma exuberância fora do comum e marcará um período que restará conhecido como “maximalismo mariano”.

⁷¹ DH 301 e 302.

⁷² MÜLLER, A., SATTLER, D., *Mariologia*, p. 152-156.

⁷³ PAREDES, J., *Mariología*, p. 247.

⁷⁴ MÜLLER, A., SATTLER, D., *Mariologia*, p. 155.

2.1.3 Imaculada Conceição e Assunção de Maria

O desenvolvimento teológico da doutrina da Imaculada⁷⁵ foi construído em estreita relação com a definição dogmática da maternidade divina. Os primeiros escritores cristãos explanaram a singular relação entre a Virgem e a obra salvífica, também com base no paralelismo entre Eva-Maria, a chave de leitura do esquema básico da mariologia daquele período. Não existe entre os Padres da Igreja elementos que indiquem o desenvolvimento da doutrina da Imaculada como conhecida hoje, embora existam subsídios equivalentes que apontem como eles foram percebendo a correspondência entre a missão materna e a condição de templo do Espírito Santo, ao contemplarem a santidade de Maria.⁷⁶

Até o Concílio de Éfeso, a doutrina da Imaculada era aceita implicitamente pela Igreja. No século IV já são encontradas afirmações claras referentes à santidade de Maria: Santo Epifânio (310-403) e Santo Efrém (306-373) no Oriente e Santo Ambrósio (340-397) e Santo Agostinho, no Ocidente, deram preciosas contribuições para esta doutrina, que foi vista sob dois aspectos principais: a preservação do pecado - original e pessoal -, Maria foi imune toda a sua vida, por especial privilégio de Deus de qualquer pecado venial; e como plenitude da graça - recebida como uma digna preparação para a maternidade divina, ela recebeu as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo; e quanto às demais graças (carismas), ela teve todas as que convinha à sua condição.

As doutrinas agostinianas da universalidade do pecado original e da graça exerceram um papel importante nessa controvérsia teológica. A posição de Agostinho,⁷⁷ nesse período da fé implícita na Imaculada concepção, é em afirmar a santidade de Maria em razão da honra do Senhor, do qual é mãe.

Excetuando, pois, a santa Virgem Maria, acerca da qual, pela honra devida a nosso Senhor - quando se trata de pecados, não quero absolutamente levantar questão alguma (porque sabemos que lhe foi conferida maior abundância de graça para vencer qualquer pecado). Mereceu ela conceber e dar à luz, ao que nos consta, sem

⁷⁵ Bibliografia utilizada nesta seção: SCHEEBEN, M., *A Mãe do Senhor*, p. 108-131; SESBOÜÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, vol. 3, p. 491-505; DEL GAUDIO, D., *Maria de Nazaré. Breve Tratado de Mariologia*, p. 77-83; SÖLL, G., *Storia dei Dogmi Mariani*, p. 227-243; SERRA, A., *Assunção*, p. 170-173; MEO, S., *Assunção*, p. 173-178; MARTÍNEZ, H., *Assunção*, p. 178-186; SARTOR, D., *Assunção*, p. 186-190; DE FIORES, S., *Imaculada*, p. 598-605; 610-618; SERRA, A., *Imaculada*, p. 605-610.

⁷⁶ GONZALEZ, C., *Maria evangelizada e evangelizadora*, p. 194.

⁷⁷ AGOSTINHO, Santo., *De Natura et Gratia*. A Paulus publicou esta obra, em dois volumes (12-1999 e 13-2000), na coleção Patrística.

pecado algum. Digo: “Excetuando, pois, esta Virgem”.⁷⁸

Após Éfeso, espalhou-se na Igreja a doutrina da completa santidade de Maria, tanto entre os padres latinos como entre os gregos e caminha-se para a formulação dogmática, são dados passos em direção à fé explícita na Imaculada. No ocidente, a partir do século V não são encontradas afirmações entre os teólogos contrárias à afirmação da santidade de Maria. São introduzidas as festas litúrgicas em honra da Virgem no final do século VII e começo do VIII; o Acatista, na oração eclesial, já era popular, testemunhando o costume de celebrar a participação de Maria no mistério de Cristo. A ideia oriental da *panagía* é muito importante, diz que Maria é toda santa e não tem pecado, um conceito mais englobante da isenção do pecado.⁷⁹

Também os argumentos de Santo Anselmo (1033-1109), Pedro Lombardo (1100-1160), São Bernardo (1090-1153), Santo Alberto Magno (+1280), Santo Tomás de Aquino (1224-1274), São Boaventura (1221-1274), influíram na compreensão desta questão. Porém, será o posicionamento de Duns Scotus (1265-1308) que exercerá um papel capital na defesa imaculista ao apresentar a redenção preventiva como a redenção perfeitíssima. Maria, embora tenha nascido sem o pecado original, não deixou de ser redimida. A Virgem foi santificada desde o instante inicial da sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em virtude dos méritos de Cristo. Maria é a primeira criatura redimida por Cristo e o foi de forma eminente, em que a graça tudo fez.

Consolida-se a convicção sobre a glorificação corpórea da Virgem e há uma maior compreensão do que o mistério da Encarnação tinha realizado pela habitação do Espírito Santo no seio de Maria, como em seu templo. O dogma foi solenemente proclamado por Pio IX (1846-1878), em 08 de dezembro de 1854, na Bula Pontifícia *Ineffabilis Deus*.

[...] com a autoridade do nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e nossa, declaramos, proclamamos e definimos: a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua conceição, por singular graça e privilégio do Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha da culpa original, é revelada por Deus e por isso deve ser crida firme e constantemente por todos os fiéis.⁸⁰

⁷⁸ AGOSTINHO, Santo., *A Virgem Maria*, p. 158-159.

⁷⁹ GONZALEZ, C., *Maria evangelizada e evangelizadora*, p. 202-211.

⁸⁰ DS 2803.

Para fundamentar este privilégio mariano - ser preservada do pecado, a Igreja recorre ao texto bíblico do protoevangelho (Gn 3,15),⁸¹ considerando, obviamente em sentido mariológico, que é afirmada a inimizade entre Maria e o demônio. Destaca os escritos dos Padres e escritores eclesiásticos que apontam as figuras bíblicas de Nossa Senhora, recorrendo às expressões dos profetas, ao cumprimento do anjo no NT (“cheia de graça”) e que retomam o paralelo Eva-Maria, para concluir que a Virgem “era plenamente digna de vir a ser habitação de Cristo, não pelas disposições do seu corpo, mas pela graça original”.⁸² Prevalece a compreensão de que Cristo e Maria tiveram as mesmas inimizades contra o maligno. Entretanto, a primeira alegação exposta no texto pontifício é a da fé viva da igreja universal e o argumento bíblico é englobado pela Tradição.⁸³ Na *Fulgens corona*,⁸⁴ o Papa Pio XII (1939-1958) reconhece esta posição ao dizer que o seu predecessor havia consagrado a voz dos Santos Padres e de toda a Igreja ao decretar a doutrina da Imaculada.

O Concílio Vaticano II manteve-se fiel aos termos desta proclamação e explicita os fundamentos dogmáticos ao afirmar que a “toda santa, imune de toda mancha do pecado”, “plasmada pelo Espírito Santo” “desde o primeiro instante da sua concepção” é a “cheia de graça” e abraça livremente o desígnio salvador de Deus.⁸⁵

Para Serra (1937), “a Imaculada Conceição é o início que traz em si a antecipação do fim”,⁸⁶ portanto, o sentido do dogma é soteriológico. Maria ao ser isenta do pecado original torna-se paradigma para todos os homens. Por causa da sua íntima comunhão de vida e de destino com Cristo, Maria é um exemplo de justificação por pura graça, manifesta a plenitude e a perfeição do amor redentor de Cristo. É comunicadora de salvação.

A outra formulação dogmática recente da Igreja refere-se à Assunção de Maria, proclamada por Pio XII, em 1º de novembro de 1950, após ouvir o episcopado católico:

com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo e a Nossa, proclamamos, declaramos, pronunciamos e definimos ser dogma divinamente revelado que a imaculada Deípara, sempre virgem Maria,

⁸¹ ID 22.

⁸² ID 24-29.

⁸³ ID 4-18.

⁸⁴ FC 6.

⁸⁵ LG 56.

⁸⁶ SERRA, A., *Imaculada*, p. 610.

completado o curso da vida terrestre, foi assumida em corpo e alma na glória celeste.⁸⁷

O Pontífice declara, na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, que a Virgem Maria terminado o curso de sua vida terrestre foi assunta à glória do céu em corpo e alma e nada diz sobre a morte de Maria, o que provoca reações negativas entre os protestantes, que não compreendem o consenso de fé que exprime uma verdade que se encontra além do que traz o texto da Escritura.⁸⁸ A definição “não foi ato imprevisto ou arbitrário do magistério pontifício extraordinário”,⁸⁹ ela conclui intenso período de estudos históricos e teológicos.

O tema da assunção da Virgem percorre um caminho na história eclesial e a crença popular foi decisiva para a definição dogmática, cujo fundamento encontra apelo em uma longa tradição da Igreja que entendeu a morte como o fim da vida para todos os homens, mas, no caso de Maria, foi compreendida como “dormição”. Os ensinamentos dos Santos Padres afirmam Maria como a primeira redimida, enxergando-a imersa na totalidade da graça, o que “significava sua assunção aos céus, entendida como ressurreição com, e à semelhança de seu Filho”.⁹⁰

Na literatura patrística, nos três primeiros séculos, não há referências claras ao destino final de Maria. Os primeiros registros aparecem nos círculos judeu-cristãos. A questão foi levantada no ano 377 por Santo Epifânio, bispo de Salamina, de forma ocasional. Na sua carta aos cristãos da Arábia indicava que o fato era provavelmente um grande prodígio, diante do qual, preferia o silêncio:

Nem se ela morreu, nem se foi sepultada ou se não foi... A Escritura conservou um absoluto silêncio por causa da grandeza do prodígio, para não ferir com excessiva admiração o espírito dos homens. No que me diz respeito, não me atrevo a falar.⁹¹

Santo Epifânio tratou o assunto com agudeza doutrinária e os seus pósteros teólogos apresentaram as narrativas legendárias da *dormitio* estabelecidas a partir dos elementos que consideraram válidos encontrados nos textos apócrifos e na piedade popular.⁹² Dentro desse escopo, é desenvolvida a teologia assuncionista.

⁸⁷ DH 3903.

⁸⁸ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 111-117; SESBOÜÉ, B., *Os Sinais da Salvação*, vol. 3, p. 499-505; SCHEEBEN, M., *A Mãe do Senhor*, p. 132-149; MEO, S., *Assunção*, p. 174-177.

⁸⁹ MEO, S., *Assunção*, p. 173.

⁹⁰ GONZALEZ, C., *Maria evangelizada e evangelizadora*, p. 194.

⁹¹ EPIFÂNIO, *Panarion haer*, 78, 10-11; PG 42, 716 *apud* PAREDES, J., *Mariologia*, p. 257.

⁹² LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 58-59.

No século IV, encontra-se em um texto de Santo Efrém a afirmação de que o corpo de Maria não foi submetido à corrupção⁹³, nos de Santo Ambrósio⁹⁴ e São Gregório de Nissa aparecem sinais do pensamento assuncionista.⁹⁵ No Oriente, desde o século VI, é celebrado o mistério da assunção de Maria nos termos de dormição (*koimesis*), de trânsito ou descanso, indiscutivelmente associado ao mistério da Ascensão do Senhor. É a consequência da íntima e perfeita união de Maria com o seu Filho Redentor. É o cumprimento final de sua predestinação em Cristo e com Cristo, visto que na Assunção da Virgem resplandece o triunfo de Cristo manifestado na sua Ascensão aos céus.⁹⁶

O auge é alcançado no século VIII com a contribuição de Germano de Constantinopla (+740), André de Creta (650-740) e São João Damasceno.⁹⁷ Para eles a maternidade divina é a razão para a Assunção e afirmaram que a incorruptibilidade do corpo da Mãe de Jesus era consequência da ação de Deus, que não permitiria que o tabernáculo do Senhor ficasse preso no sepulcro, bem como, foi usado por Damasceno o argumento de conveniência. Este serviu para iluminar a compreensão posterior “desde dentro” do mistério contemplado em Maria, mas não visava propriamente aduzir provas fáticas da Assunção.⁹⁸

A premissa procura compreender a analogia da fé, a lógica da fé, sopesando a experiência da tradição eclesial e comunitária. Outra explicação que se propagou defendia que Maria não poderia sofrer as consequências do pecado (Rm 6,23), ela

⁹³ Santo Efrém deixou-nos uma considerável produção, que pode ser classificada em quatro categorias. Dentre elas, os hinos, certamente a obra mais ampla. Temos o Hino sobre a Natividade de Cristo e Sobre a Natividade, citados por Bento XVI em uma catequese, 28 nov. 2007 (Os Padres da Igreja, p. 146-152). Há edições americanas que publicaram os hinos: *Ephren the Syrian: Hymns*, Ed. Paulist Pr, 1990 e *Hymns on the Nativity*, Ed. Dalcassian, 2023. *Oratio ET SS. Dei Matrem*; Opera omnia, Ed. Assemani, t.III, Roma, 1747.

⁹⁴ Dentre as obras de Santo Ambrósio podem ser citadas a coletânea de sermões e meditações a respeito de Maria, *De Virginitate*. Esta obra foi publicada pela Vozes, em 1980, com o título, A Virgindade. O Comentário ao Evangelho de Lucas e Sobre os mistérios foram publicados pela Paulus, na coleção Patrística, v. 48 (2023) e 5 (1996), respectivamente. Há também a carta “*De Institutione Virginis et Sanctae Mariae Virginis ad Eusebium*” (A formação de uma Virgem e a perpétua virgindade de Santa Maria a Eusébio), onde ele fala da incorrupção do corpo de Maria.

⁹⁵ Para Gregório de Nissa, Maria era imaculada. A afirmação aparece no livro *De Virginitate*. Paredes, na obra Mariologia, p. 250, traz o texto: “A plenitude da divindade que residia em Cristo brilhou através de Maria, a imaculada”. A tradução italiana, *La Verginità*, foi publicada em 1976, Roma: Città Nuova Editrice.

⁹⁶ MEO, S., *Assunção*, p. 174.

⁹⁷ PAREDES, J., *Mariologia*, p. 264. As contribuições mariológicas foram registradas nas seguintes obras: GERMÁN DE CONSTANTINOPLA., *Homilias Mariológicas*. Madrid: Ciudad Nueva, 1991; ANDRÉS DE Creta., *Homilias Marianas*. Madrid: Ciudad Nueva, 1995; SÃO JOÃO DAMASCENO., *Homilias cristológicas y marianas*. Introdução, tradução e notas de Guillermo Pons Pons. Madrid: Ciudad Nueva, 1996.

⁹⁸ PAREDES, J., *Mariologia*, p. 266.

era a plena de graça (Lc 1,28, *Kecharitomene*) e por isso, foi conduzida à glória por graça recebida do seu Filho (Rm 8,10-11).

Dentre os vários posicionamentos teológicos desenvolvidos para encontrar uma solução para esta questão, o vigor da tese da identificação tipológica de Maria e da Igreja se destaca. Os defensores argumentam que Maria se revestiu de imortalidade, como ocorrerá com a Igreja cujos membros serão transformados e arrebatados (1Cor 15,51-54; 2Cor 5,2-4; 1Ts 4,17). “Ora, a Igreja é imortal, pois que no último dia seus membros se revestirão da imortalidade sem se despojarem de seus corpos mortais”.⁹⁹ Maria possui pessoalmente os privilégios que a Igreja possui coletivamente. Por isso, presume-se que ela se revestiu de imortalidade sem se despojar do seu corpo mortal.¹⁰⁰ Aduzem que

onde Maria se diferencia do Cristo é para identificar-se com a Igreja: assim, tal como a Igreja, Ela é feminina, Ela é resgatada, Ela venceu na fé etc., enquanto que o Cristo é homem (vir), Redentor, e possui durante toda a Sua existência terrestre a visão beatífica. Ora, Maria não teve, como Cristo, a morte violenta do martírio. Estamos, pois, inclinados a presumir que Ela Se une aqui à Igreja no privilégio da imortalidade. (*sic*)¹⁰¹

Ainda hoje não há uma solução para o problema da “morte” de Maria. A proclamação dogmática é silente quanto a esse aspecto, assevera que após terminar o curso da vida terrestre, Maria foi assunta em corpo e alma à glória celestial.¹⁰² A Virgem é, neste mistério, modelo exemplar da Igreja escatológica. Esta compreensão tipológica está presente na mariologia ratzingeriana, como se verá. O sentido dogmático é a realização suprema da graça redentora de Deus, inclusive no aspecto temporal antecipado, em estreita conexão com as outras verdades reveladas. O destino de Maria é o de todos em Cristo e ela já goza desse destino em plenitude. É, glorificada nos céus em corpo e alma, a imagem e princípio da Igreja.

Concluindo, constata-se que durante o período patrístico aparecem os primeiros tratados autônomos de Maria e os indícios iniciais da relação cultual do povo com a sua pessoa glorificada. As referências sobre ela são inseridas nos comentários bíblicos, nas homilias e catequeses e versam sobre a participação de Maria na obra da salvação. Tratam da maternidade divina e virginal, ressaltam as tipologias Eva-Maria e Maria-Igreja. A partir da ideia Virgem-mãe são dados os

⁹⁹ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 159.

¹⁰⁰ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 159.

¹⁰¹ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 159.

¹⁰² MD 44.

primeiros passos para a relação comparativa entre Maria e a Igreja e para o culto prestado à mãe de Jesus. Vê-se que o desenvolvimento mariológico teve lugar no culto, na celebração dos mistérios cristãos e nas manifestações da piedade popular para, só depois, ser refletida teologicamente, culminando com a síntese mariana proposta pela LG.

2.2

A devoção, o culto litúrgico e a sistematização da doutrina mariológica durante a Idade Média

Inicia-se uma nova fase mariológica, com um foco mais eclesiológico, após o Concílio de Éfeso. Maria está ao lado “daquele que é Cabeça da Igreja, ou seja, de todos aqueles que serão salvos”¹⁰³ e, tem-se aqui a raiz da comparação tipológica entre a Igreja e Maria, como a sua imagem. O *corpus theologicum* estava sendo construído no esforço de afastar as querelas heréticas e apontar a doutrina eclesiástica em conformidade com a ortodoxia vigente. Os discursos marianos assentam-se sobre o texto bíblico e a Tradição. Adotam o método escolástico das questões e análises racionais, acentuando os dados definidos dogmaticamente acerca da maternidade e virgindade de Maria, em uma tentativa de unir a fé à razão.

Entre os séculos V e XI, diante dos desafios que se apresentaram com a queda do Império Romano, a Igreja assumiu o papel de condutora espiritual e guardiã dos valores cristãos. Adotou uma audaciosa postura missionária e enfrentou a delicada questão do imbricamento entre o poder temporal e o espiritual. No contexto instável das invasões bárbaras ocorreram algumas manifestações isoladas de espiritualidade mariana, mas ainda estavam em discussão as questões relativas à Assunção e à conceição Imaculada. O florescimento do culto mariano coincide com profundas modificações nos contextos histórico, social e cultural em que brotou uma nova espiritualidade com forte tom devocional.¹⁰⁴

No século VIII, o Concílio de Niceia II (787) discute uma questão litúrgica bastante delicada e reage contra o movimento iconoclasta.¹⁰⁵ Decide explicar os motivos pelos quais as imagens são úteis para o culto e descreve o modo correto da sua utilização.

Definimos com todo o rigor e cuidado que, à semelhança da figura da cruz preciosa

¹⁰³ GONZALEZ, C., *Maria evangelizada e evangelizadora*, p. 189.

¹⁰⁴ GAMBERO, L., *Culto*, p. 356-369.

¹⁰⁵ Movimento religioso que definia como idolatria qualquer veneração das imagens de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos. Sobre a controvérsia das imagens: AMON, K., *A relação entre a Igreja oriental e a ocidental*, p. 175-180.

e vivificante, assim os venerandos e santos ícones, quer pintados, quer em mosaico ou qualquer outro material adequado, devem ser expostos nas santas igrejas de Deus, sobre os sagrados utensílios e paramentos, sobre as paredes e painéis, nas casas e nas ruas; tanto o ícone do Senhor Deus e Salvador nosso Jesus Cristo como da Senhora Imaculada nossa, a santa Deípara, dos venerandos anjos e de todos os varões santos e justos.¹⁰⁶

Esclarece que a adoração se dirige apenas à natureza divina e diz que “a homenagem que se faz a uma imagem acaba transcendendo essa imagem e passa a se dirigir diretamente ao modelo que foi retratado”.¹⁰⁷ Esse Concílio reafirmou o uso de ícones ao estimular a veneração das imagens, incluindo as de Nossa Senhora, que teve entre os seus maiores defensores o papa Gregório II (715-731).

A crescente urbanização e o aparecimento das universidades, que assinalam o progresso da alfabetização e a expansão do pensamento escolástico, influirão no *modus vivendi* e no pensamento da sociedade. Inaugura-se um período com o desenvolvimento das festas litúrgicas de Maria no Oriente, a partir do final do século VI. São exemplos dessa fase a memória da Virgem realizada em Constantinopla; o dia da *Theotókos* celebrada em Jerusalém; a memória da Virgem em Antioquia e o dia de Santa Maria comemorado pelos egípcios como sinalizadores da entrada de Maria na liturgia “como um satélite do Mistério da Encarnação”.¹⁰⁸ As orações do povo tomam forma litúrgica com o assentimento do clero e ocorre o processamento dos elementos ascético-contemplativos. Esclarecem-se progressivamente os privilégios marianos definidos anteriormente (maternidade divina e virgindade perpétua) e acentuam-se os desejos de multiplicar os privilégios e títulos de realza atribuídos a Maria.

Aparecem nos livros litúrgicos dos séculos IX e X formulários de missas em honra de Maria no sábado.¹⁰⁹ As explicações para a dedicação do sábado à Mãe do Senhor encontram-se em vários teólogos dos séculos seguintes (São Bernardo, São Tomás de Aquino, São Boaventura) demonstrando o tempo do descanso do Cristo no túmulo, em que fora abandonado por todos, exceto pela Virgem. Em 1570, o Missal Romano de São Pio V apresentou uma liturgia da missa em honra de Nossa Senhora nos sábados. São João Damasceno, um dos três grandes mariólogos

¹⁰⁶ DH 600.

¹⁰⁷ BELLITTO, C., *História dos 21 Concílios da Igreja*, p. 52-53.

¹⁰⁸ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 61.

¹⁰⁹ ROSSO, S., *Sábado*, p. 1144. “A utilização do sábado para o culto mariano deve ser vista dentro do contexto histórico da organização litúrgica do ciclo semanal”; SCHULZ, H.J., *Formulários das missas do comum de Nossa Senhora*, p. 255.

bizantinos, faz referência à celebração do sábado dedicado a Maria na Igreja do Oriente em sua síntese de toda a teologia mariana dos séculos precedentes.¹¹⁰ Vinculado ao desenvolvimento da teologia da dormição, ele trabalha com bastante acuidade a santidade de Maria, aproximando-se significativamente do problema da Imaculada, mas não faz uso do termo, que será consagrado na teologia posterior.¹¹¹ Atribui-se ao monge beneditino Alcuíno de York (735-804) a formulação da primeira liturgia mariana.¹¹² A reforma litúrgica conservou a comemoração mariana dos sábados.

Crescem a piedade, a iconografia e hinos litúrgicos marianos. Surge uma mariologia mais simbólica que dogmática. Nascem várias devoções, o rosário e revelações privadas a vários santos. Florescem, no ocidente, pinturas e esculturas que mostram Maria com traços humanos majestosos, cujas especificidades e variantes assumidas pelo povo, exprimem o rosto materno de Deus acolhido pela devoção de cada lugar. Os traços expostos nas imagens veneradas são características e expressões culturais ligadas às sociedades em que tais devoções nasceram.¹¹³ A devoção a Nossa Senhora se desenvolve enormemente no final da Idade Média. Esse crescimento é atribuído ao humanismo mais afirmativo do culto a Cristo, apoiado nos relatos evangélicos, e à maior facilidade em se reproduzir as imagens do que multiplicar as relíquias dos santos.¹¹⁴

Le Goff (1924-2014) escreve que o cristianismo medieval foi agitado com o extraordinário incremento do culto mariano dos séculos XI a XIII, em que a Virgem desempenha um papel maior entre o homem e Cristo. Está no coração da reforma da Igreja e ligado à devoção de Cristo, alcançando, às vezes, uma posição excepcional, como se fora Maria uma quarta pessoa da Trindade. Para ele, há uma tendência em promover o *status* de Maria a um equivalente ao do seu Divino Filho.¹¹⁵ Esse comportamento será objeto de crítica dos teólogos defensores da mariologia eclesiotípica.

¹¹⁰ São João Damasceno fez três homilias sobre a dormição da Virgem Maria, e é especificamente na primeira delas que ele trata da celebração no sábado. A obra de Damasceno foi publicada na *Antologia dos Santos Padres*, Paulinas, 1979, autor C. Folch Gomes.

¹¹¹ PELIKAN, J., *Maria através dos séculos*, p. 211.

¹¹² ROSSO, S., *Sábado*, p. 1145.

¹¹³ VELASCO, J., *Devoção Mariana*, p. 391-408; AGOSTINO, G., *Piedade Popular*, p. 1066-1075.

¹¹⁴ ALMEIDA, C., *O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na época moderna*, p. 163.

¹¹⁵ LE GOFF, J., *As raízes medievais da Europa*, p. 112-115.

A florescente iconografia beneficiou o culto mariano. Os temas principais da representação da Virgem evoluíram durante a Idade Média. Inicialmente ela é retratada com o seu filho divino sobre os joelhos. Passa a ser representada como a beleza feminina até a dolorização do cristianismo; é a *Pietà*, que tem em seus braços o filho morto. Depois, ocorre uma diminuição como reflexo da Reforma. Apesar da contenção inicial, a Virgem tornou-se “a mãe e a advogada da humanidade”; “a autora venerada do maior acontecimento da história, a encarnação” (*sic*) e “a radiação de uma figura feminina no mundo divino e humano da sociedade medieval”.¹¹⁶

Até que as festas marianas orientais sejam introduzidas em Roma, os sinais da compreensão do papel de Maria, no ocidente, processam-se em velocidade mais baixa e as festividades marianas estão ligadas à festa do nascimento de Cristo. No mundo do cristianismo grego-ortodoxo o culto à Virgem Maria, enquanto Mãe de Deus, desenvolveu-se cedo.

O título de “Mãe da Misericórdia” é dado à Virgem por São Odão de Cluny (878-942). São Beda (673-735), o Venerável, dá continuidade ao desenvolvimento do paralelismo Eva-Maria e à afinidade entre o papel de Maria e o da Igreja, utilizando a fórmula *Dei Genitrix Ecclesia* (A Igreja Mãe de Deus) que fecundará toda a tradição posterior.¹¹⁷ Alguns autores começam a ordenar cronologicamente os fatos, acontecimentos e mistérios relativos à vida de Maria.

O monge bizantino Epifânio¹¹⁸ escreve um Tratado sobre a vida e os anos da Santa Mãe de Deus, um dos mais antigos, e oferece uma visão que se tinha sobre ela no século VIII, nos círculos monásticos do oriente. O tema desperta o interesse na presença de Maria no templo de Jerusalém, entre os discípulos e o grupo de mulheres que acompanhavam Jesus. Registra-se o começo de uma postura em que Maria é tomada como modelo das pessoas que optaram por uma vida ascética. O texto era usado como leitura edificante nos mosteiros. Diferencia-se dos apócrifos, pois o autor menciona o texto bíblico, portanto, traz contributos à pastoral e à reflexão mariana atuais. Ao afirmar que, embora Maria seja notavelmente boa,

¹¹⁶ LE GOFF, J., *As raízes medievais da Europa*, p. 112-115.

¹¹⁷ KOEHLER, T., *História da Mariologia*, p. 567.

¹¹⁸ Não deve ser confundido com Santo Epifânio (+403), Bispo de Salamina). O texto em espanhol recebeu o nome de *Vida de María. Introducción, traducción y notas* de Guilherme Pons Pons. 2 ed. Madrid: Ciudad Nueva, 1996. (Biblioteca de Patrística, 8), citado por MURAD, A., *Vida de Maria, de Epifânio o Monge: contribuição de uma obra da patrística oriental para a mariologia*, p. 375-402.

santa e honrada, ela não devia ser adorada, Epifânio definiu a sua teologia sobre a santidade de Maria e a correta maneira de cultuá-la. O monge procurou eliminar o que era contrário à reta fé cristã e o texto provoca reações. Incitado pela crise iconoclasta, engrandece a devoção à *Theotókos* estimulando a revalorização e a veneração da representação iconográfica, como o *Maforion* (Manto) de Constantinopla.

Em meados do século XI ocorre a Reforma Gregoriana objetivando fazer a Igreja retomar a autenticidade do culto do alvorecer inicial. O desenvolvimento do culto mariano ocorria em consonância com a religiosidade reformada e São Bernardo de Claraval dá uma grande ajuda à história mariológica. Os Sermões sobre as Festas de Nossa Senhora são de grande riqueza teológica e espiritual e, para ele, Nossa Senhora é a medianeira junto ao mediador. Além de Rainha de Misericórdia, São Bernardo nomeia Maria como Rainha do Céu, singularizando-a como mãe de toda a Igreja e agregadora de todos os cristãos. Ele propõe Maria como modelo de vida exemplar na tripla condição: como filha, mulher e mãe.¹¹⁹

Acompanhando a estrutura mental da escolástica medieval, as argumentações teológicas dos temas marianos estavam contextualizadas em uma matriz cristológica e soteriológica. A relação de Maria com o Verbo era o tema prioritário, como se vê nas questões marianas (27-35) tratadas por São Tomás de Aquino na Suma Teológica. Ele aborda a santificação, a virgindade, o casamento, a anunciação e a concepção, a partir do contexto da vida do Verbo.

Outro horizonte temático que se abre com o progresso da teologia ocidental na questão cristológica-trinitária é o antropológico, em que a exemplaridade de Maria é compreendida nas suas relações com Deus e no mistério do homem. Com efeito, o Concílio Vaticano II assumirá esta reflexão e propugnará que “o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado”.¹²⁰ A Virgem é vista como uma pessoa como qualquer outra, porém, nela reflete-se a santidade e a perfeição divina, encontra-se a imagem da humanidade pura e santa.

No campo religioso são adotadas medidas visando assegurar a unidade doutrinária como um freio à proliferação de liturgias. O reconhecimento do Purgatório, como uma condição de existência antes da entrada das almas no paraíso, como “um além intermediário onde certos mortos passam por uma provação que

¹¹⁹ KOEHLER, T., *História da Mariologia*, p. 568.

¹²⁰ GS 22.

pode ser abreviada pelos sufrágios - a ajuda espiritual - dos vivos”,¹²¹ consequentemente, faz o poder intercessor dos santos ganhar espaço. A Virgem Maria, como Rainha e pessoa glorificada, encontra na devoção popular o seu especialíssimo lugar. Os fiéis direcionam suas rogativas para o poder suplicante e para a misericórdia materna de Maria em favor de toda a Igreja. Vê-se, na representação simbólica da Virgem como rainha, nas dedicações das catedrais a Nossa Senhora e nas cidades que a tomaram como protetora, os processos resultantes da inculturação ocorrida durante o estabelecimento da fé cristã em todo o território do Império Romano. Auxiliam essa expansão as reformas monásticas e o aparecimento das ordens mendicantes.

Resumidamente, na Idade Média a figura de Maria emerge como objeto de reflexão teológica e de oração universal. O discurso mariano está inserido nos tratados teológicos (nas sumas teológicas - precisamente na cristologia), oratórios e espirituais, ademais surge texto com Maria como objeto primordial, embora mantendo uma estreita relação de dependência de Cristo. Aparecem os mariaais - gênero literário em louvor de Maria, biografias, as monografias com títulos marianos, o rosário e as orações dirigidas a Maria. Não há um tratado orgânico de mariologia ou culto mariano.¹²² O desenvolvimento do culto prossegue influenciado pelos novos pensares do mundo moderno.

Quanto à devoção mariana cabe, com precisão, a conclusão de A. Wenger sobre a fé e a piedade bizantina:

Podemos conceber em mariologia duas formas de devoção, uma mais sóbria e mais austera, onde o humano tende a deixar-se absorver pela graça divina, e é o estilo ortodoxo; a outra mais humana, mais familiar, em que o divino se encerra na graça de uma fisionomia, e é o estilo próprio do ocidente.¹²³

2.3

Fortalecimento do culto mariano e da mariologia devocional

A Idade Moderna caracterizou-se como a época das amplas transformações, marcada pelo Renascimento, pelas grandes navegações, que redundaram na chegada ao continente americano e por mudanças estruturais, sociais e econômicas com a criação dos estados nacionais. As ideias iluministas dão o tom no aspecto cultural. Na esfera religiosa, a passagem do mundo medieval para o moderno ocorre

¹²¹ LE GOFF, J., *O nascimento do purgatório*, p. 15.

¹²² DE FIORES, S., *Mariologia-Marialogia*, p. 842-849.

¹²³ WENGER *apud* KOEHLER, T., *História da Mariologia*, p. 569.

com a Reforma Protestante iniciada com Martinho Lutero (1483-1546) no século XVI, alterando permanentemente o mundo ocidental. Dentro desse espectro ocorre a sistematização teológica dando novo rumo à teologia, incluindo a mariologia.

A renovação teológica foi realizada não apenas com o auxílio dos grandes teólogos. Contou com os movimentos que surgiram na Igreja. O mariano foi um desses movimentos. De Fiores (1933-2012) afiança que não há uma obra que perpassa a história e o desenvolvimento da mariologia apresentando uma visão adequada concernente à reflexão cristã sobre a Mãe de Jesus. Considera que, para compreender a mariologia, é preciso retornar à época pós-tridentina, quando inicia o movimento mariano,¹²⁴ “no qual o senso da fé que habita os fiéis cristãos (*sensus fidei*, *sensus fidelium*) se exprimiu amplamente”.¹²⁵ Expõe a história cultural da mariologia e identifica em sua releitura histórico-teológica, trinta modelos culturais significativos de discursos marianos. É um cenário sistemático de muitos textos, numerosos artigos e manuais marianos que trouxeram importantes aportes sobre a Virgem. Os manuais são obras globais, com análises panorâmicas que ampararam o desenvolvimento da mariologia.

O pensamento dos reformadores exercerá um papel primordial no desenvolvimento cútico, teológico e comportamental dos católicos e nos vários grupos que aparecem. Segundo Hammann,

ao contrário do que costumam pensar os próprios protestantes, Maria ocupa um lugar relativamente importante no pensamento e na teologia dos reformadores do século XVI. Não apenas para Martinho Lutero, mas também para Zwinglio e Calvino. [...] Na teologia deles, Maria ocupa um lugar discreto e secundário, precisamente como a figura que ela representa nas Escrituras.¹²⁶

Portanto, a primeira reação protestante não foi a de hostilidade e rejeição. A oposição dos reformadores limitava-se a certos exageros da piedade mariana, combatidos também por alguns católicos, como Erasmo. Com a escalada na exaltação do méritos da Virgem, alguns protestantes acirram as críticas ao culto a Maria e aos Santos e, em vários lugares, muitas imagens acabam sendo destruídas.¹²⁷ Os movimentos reformadores buscavam fortalecer e centrar o culto na ação salvífica de Cristo. O movimento oposto, denominado Contrarreforma

¹²⁴ DE FIORES, S., *Maria nella teologia contemporanea*, p. 21-32; DE FIORES, S., *Maria, sintesi di valori*, p. 15-38.

¹²⁵ SESBOÛE, B., *Os sinais da salvação*, vol. 3, p. 468.

¹²⁶ HAMMANN *apud* DE FIORES., *Maria sintesi di valori*, p. 234.

¹²⁷ GAMBERO, L., *Culto*, p. 363-364.

Católica¹²⁸ ou Reforma Católica, retomou o culto a Maria, fortalecendo-o. Como resultado natural, em oposição ao impulso que ganhou a razão na época moderna, e com relevos antirreligiosos, cresce uma mariologia devocional de cunho afetivo, com contornos triunfalistas e maximalistas, reforçados com a proclamação dos dogmas marianos (1854 - Imaculada e 1950 - Assunção), proclamados dentro de um clima antropológico assinalado por tensões entre o otimismo iluminista, que pregava que o homem pode se livrar de Deus e viver sem Ele e, do outro lado, o pessimismo antropológico dos reformadores, que evidenciava que o homem não é capaz de mérito algum. A visão católica defende um equilíbrio, é o posicionamento que está por trás das proclamações dogmáticas.

Durante a época moderna, na esfera devocional, prevalecem as formas e expressões herdadas do cristianismo medieval. No âmbito da piedade mariana ocorre idêntico comportamento. Com as medidas reformadoras do Concílio de Trento (1545-1563), como a melhor formação do clero, haverá reflexos positivos na prática devocional. O nascimento de famílias religiosas consagradas a Maria e a construção de santuários dão novo acento à devoção. A vida “mariforme”, pelo cultivo da atitude interior e pela multiplicação de mediações, é estimulada.¹²⁹ O Concílio de Trento “foi ao mesmo tempo expressão do revigoramento interno da Igreja católica e de sua autoconfiança reconquistada”.¹³⁰ A popularização, com devoções nascidas em ambientes mais cultos, resultará em uma mariologia mais desenvolvida.

Nesse processo de convulsão social e cultural que chancela a Idade Moderna, Francisco Suarez (1548-1617) escreve o primeiro tratado mariano em 1584, *Quaestiones de Beata Maria Vergine*,¹³¹ destacando a dignidade grandíssima, os

¹²⁸ Utilizamos a expressão “contrarreforma” neste trabalho em razão do seu uso no Dicionário de Mariologia e por aparecer em artigos e obras consultadas. Entretanto, esclarecemos que há oposição de alguns autores quanto ao seu uso. Eles argumentam que o termo em si implica uma visão negativa ou pejorativa do movimento católico que se seguiu à Reforma Protestante no século XVI. Alguns críticos chegam a afirmar que o termo foi cunhado pelos próprios reformistas e, portanto, pode distorcer a compreensão dos eventos históricos. Os opositores preferem usar outros nomes, como “Reforma Católica” ou “Reforma Tridentina”, esclarecendo que ocorreu um processo de renovação e reforma dentro da Igreja Católica em resposta aos desafios propostos pelos reformadores. Podem ser citados, dentre os autores que se opuseram ao uso, Hubert Jedin, em sua obra *“History of the Council of Trent”*, original alemão publicado entre 1957-1961, 04 volumes; John Olin, no livro *“Catholic Reform: from Cardinal Ximenes to the Council of Trent”* (1969) e Eamon Duffy, que escreveu *“The Stripping of the Altars: Traditional Religion in England, 1400-1580”* (1992).

¹²⁹ VELASCO, J., *Devoção Mariana*, p. 398-400.

¹³⁰ ZINNOBLER, R., *História da Igreja Católica*, p. 240.

¹³¹ Suárez expõe 24 questões com o título *“Quaestiones de beata Maria Verginae”*, depois reduzidas a vinte e três, incluídas na obra *Commentariorum ac disputationum in tertiam partem divi Thomae*,

costumes excelentíssimos, a vida admirável e as graças da beatíssima Virgem no plano da salvação. Considerado o elo entre a escolástica medieval e o pensamento moderno, este jesuíta espanhol colaborou na construção de uma nova cosmovisão, em um momento de transição epocal em que a efervescência do humanismo se sobrepunha ao modelo cultural medieval. Heidegger (1889-1976) dará a ele o crédito de ter lançado as bases do pensamento filosófico moderno.¹³² Ao compor a sua obra, Suarez rompe com o gênero anterior do comentário, iniciando um tratamento sistemático de cada questão, buscando atender às exigências da ciência moderna, de um mundo político e epistemológico novo. Com o seu tratado, insere a mariologia no campo sistemático, evidenciando muitos mistérios e privilégios marianos não salientados pela Escritura e por certa tradição.

Em 1602, na *Summa Sacrae Mariologiae pars prima*,¹³³ é grafada, pela primeira vez, a palavra “mariologia” por Plácido Nígido (1570-1640), que não será adotada por nenhum autor dos séculos XVII ao XVIII. Somente no século XX o vocábulo se impõe no sentido genérico de discurso referente a Maria.¹³⁴ Nígido em sua obra explica a necessidade e o modo de ser devoto de Maria, Mãe de Deus, do culto devido a ela. Mesmo reconhecendo o lugar de Maria no conjunto da reflexão teológica, opta por escrever um tratado distinto e separado sobre a Virgem, não para fazer a mariologia caminhar por um caminho alternativo e paralelo, pois Nígido afirma que ela pertence à teologia como sua parte mais insigne e que a sagrada mariologia, portanto, é teologia.¹³⁵

Partindo do dado bíblico-dogmático, vários tratados¹³⁶ são escritos procurando destacar a singular participação de Maria na obra salvífica. Objetivam rebater as críticas dos reformadores, ao tempo em que refutavam o racionalismo e o subjetivismo emergentes com a modernidade. As grandes mariologias terão sucesso a partir de 1934 com várias obras, mais sistematizadas. Sobressaem-se as obras de J. Pohle (1852-1922), J. Müller (1801-1878), Alastruey (1876-1946),

tomus secundus, Mysteria vitae Christi, Venetiis 1605 (1ª ed. 1592), conforme citação de DE FIORES, S., *Maria nella teologia contemporanea*, p. 22.

¹³² HEIDEGGER, M., *Os conceitos fundamentais da metafísica*, p. 61-66.

¹³³ O texto foi publicado inicialmente no nome do irmão do autor, Nicolau Nígido. Podemos citar a edição da PANORMI, Palermo - Itália, que traz Plácido Nígido como autor, *apud Decium Cyrillum*, Impr. De la Riba, Impr. De Blalchis, P., sem data.

¹³⁴ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 849-851.

¹³⁵ KOEHLER, Th., *História da Mariologia*, p. 570-571; DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 849-851.

¹³⁶ Como a obra de V. Contenson (*Theologia mentis et cordis*); o texto de A.J. Haehlein, *Institutiones theologiae e dogmaticae* e o verbete da enciclopédia *Catholicisme*, de autoria de René Laurentin. A obra de H. Oswald (*Dogmatische Mariologie*), é considerada a mais importante do século XIX.

Roschini (1900-1977) e Laurentin.¹³⁷ Dentre os tratados sobre o culto, podem ser citadas as obras, ambas de cunho apologético, de São Belarmino (1542-1621) e a de São Pedro Canísio (1521-1597), que deixou um compêndio completo “Sobre a Virgem Maria, a incomparável Mãe de Deus”. O Padre Pierre Berulle (1575-1629), em perspectiva teocêntrica, escreve exaltando a ação do Espírito Santo em Maria e a dignidade dela. São Francisco de Sales (1567-1622) e São João Eudes (1601-1680) deixam as suas contribuições escritas.¹³⁸ Santo Afonso de Ligório (1696-1787) compõe “As Glorias de Maria”,¹³⁹ um comentário sobre a oração da Salve Rainha, que alcançará enorme sucesso, em que o autor procura justificar o recurso à intercessão de Maria;¹⁴⁰ São Luís Maria Grignion (1673-1716) escreve “O Tratado da Verdadeira Devoção”,¹⁴¹ minucioso estudo sobre Maria, obra referencial da mariologia iluminista e que assinala a centralidade mariana de muitos institutos religiosos e a espiritualidade da época. Ainda hoje é utilizado no processo devocional de dedicação à Virgem.

Contudo, os manuais de mariologia receberam críticas, sobretudo por causa da autonomia (unidireção) que perde contato com o corpo teológico inteiro.¹⁴² Não faltaram vozes críticas aos tratados, principalmente quanto aos excessos do pietismo. A. Widenfeld (+1678) publicou suas “Advertências Salutares da Bem-aventurada Virgem Maria aos seus devotos indiscretos”¹⁴³ e o Pe. Ludevico Muratori (+1750) publica “A Moderação dos Engenhos em Assuntos Religiosos (*De ingeniorum moderatione in religionis negotio*)”,¹⁴⁴ voltado contra os abusos na piedade popular mariana. As obras foram bem-intencionadas, mas, para alguns, a forte conotação intelectual dá a elas um caráter de parcialidade ao desconsiderarem

¹³⁷ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 850. O tratado de J. Pohle, *Mariology*, Londres, 1914, seguido de J. Müller, *De sanctissima Dei Matre sive Mariologia*, Innsbruck, 1918, republicado pela Forgotten Books em 2018. A BAC publicou a obra de Alastruey, *Tratado de La Virgen Santissima* (1947); a Paulinas publicou de G. Roschini, *Instruções Marianas*, em 1960; a Vozes publicou de René Laurentin, *Breve Tratado de Teologia Mariana*, em 1965.

¹³⁸ KOEHLER, T., *História da Mariologia*, p. 570.

¹³⁹ Publicada no Brasil pela Ed. Santuário, está em sua 37ª edição, 2018.

¹⁴⁰ KOEHLER, T., *História da Mariologia*, p. 57.

¹⁴¹ Esta obra é bastante popular e de fácil acesso. Citamos a edição crítica de P. Hugh Gillespie, SMM, *Preparación para la consagración total según San Luís Maria de Montfort*, Ed. Montfort Pubns, 2012. A Editora Paulus lançou, em parceria com os Missionários Monfortinos, São Luís de Montfort – Obras completas, em 2021.

¹⁴² DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 844.

¹⁴³ A obra foi publicada em francês, com o título *Avis Salutaires de la Bien-heureuse Vierge Marie à Ses Dévots Indiscrets*. Ed. [s/n.], 1674.

¹⁴⁴ A mais recente edição da obra localizada é da editora Nabu Express, New York, 2011.

as exigências e necessidades próprias da piedade.¹⁴⁵ Maria Jesus de Ágreda (1602-1665) expõe suas críticas à Mística Cidade e Pascal (1623-1662) externa as suas, na obra *Pensées*.¹⁴⁶

A preocupação com o impacto na sociedade e os seus problemas, o espírito libertário das correntes culturais não alcançou o culto mariano e os tratados. Estes continuaram sendo estruturados conforme o pensamento manualístico, em que há uma tendência de dar o primado à Sagrada Escritura, cuja autoridade prevalece na interpretação dos fatos, conforme o sentido literal, desenvolvendo um movimento de promoção de novos dogmas.¹⁴⁷ Analisando esse panorama, Alöis Müller (1924-1991), classificou a mariologia como um terreno móvel, em que as coisas acontecem rapidamente. Para ele, as teses sobre o elemento afetivo das manifestações marianas migram com facilidade para o campo mariológico. Ao apontar as ideias e diretrizes em evidência naquele momento, destacou os problemas que, em seguida, aportaram no Concílio Vaticano II: as querelas entre os chamados “maximalistas” e os “minimalistas” marianos, que serão tratadas oportunamente.¹⁴⁸

De Fiores acentua a crítica, pois as mudanças de percepções e valores ocorridas, provocaram profundas mutações no pensamento e na espiritualidade europeia, fazendo as pessoas questionarem o sentido da vida, após serem postos ante o imbricamento entre o humanismo, nacionalismo e totalitarismo na era moderna. A forma de abordar a pessoa, afirma, é rompida com o pensamento da obra inaugural psicanalítica freudiana *Interpretazione dei sogni* (A Interpretação dos Sonhos, 1899). Maurice Blondel (1861-1949), em seguida, na obra *L'Action* (1893) questiona se há sentido na vida do homem e H. Bergson (1859-1941) defende o impulso vital, a criatividade, rejeitando o determinismo em favor do livre pensar, com a obra *L'evolution creatrice* (1907).

Estes influxos não parecem alcançar a mariologia.¹⁴⁹ De Fiores afirma a solidez teológica erigida sobre a Sagrada Escritura e Gabriel Roschini apresenta as razões por que se deve estudar Maria e como isso deve ser feito. Argumenta que a

¹⁴⁵ KOEHLER, T., *História da Mariologia*, p. 570-571.

¹⁴⁶ VELASCO, J., *Devoção Mariana*, p. 398-400. Blaise Pascal argumenta que a ideia de um paraíso aberto, onde todos entram sem restrições, é problemática. A crítica está na 9ª Provincial. Há uma edição portuguesa da obra lançada pela Martin Claret, São Paulo, 2003.

¹⁴⁷ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 562-566.

¹⁴⁸ MULLER, A., *Problemas y Perspectivas de la mariologia actual*, p. 377-380.

¹⁴⁹ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 842-861.

Virgem “é algo de essencial, necessário, pois pertence à substância mesma do cristianismo”.¹⁵⁰ O tom apologético e triunfalista aparece logo na apresentação das suas “Instruções Marianas”, ao dizer que “ninguém vai a Cristo senão por meio de Maria”.¹⁵¹

Roschini focaliza bem o problema da estruturação científica da mariologia e expõe que apenas o sentido literal primário e o típico da Escritura gozam de força probativa, porque o sentido literal secundário e o espiritual têm caráter ilustrativo. Dessa forma, reconhece que tanto a Escritura como a Tradição são fontes objetivas e constitutivas da Revelação, corroborando o primado do texto sagrado.¹⁵² Discorre sobre a Maternidade, a Imaculada Conceição, a Virgindade Perpétua e a Assunção. Sobre o princípio fundamental, afirma possuir uma construção orgânica, onde a predestinação singular e o papel da Virgem na história da Salvação são importantes. Afiança que a cooperação ocorreu não apenas remota e de forma mediata, mas que a participação foi “junto com” e “subordinada” ao sofrimento de Cristo, de forma próxima e imediata. Essa é a missão singularíssima de Maria, predestinada a ser a Mãe do Filho de Deus, profeticamente anunciada e na sua realização provoca consequências imediatas: a mediação e a realeza universal.

Para De Fiores os manuais representam um precioso serviço para a formação dos sacerdotes e da piedade popular mariana conciliando teologia, oração e devoção popular. Por isso, as obras de Roschini e de Campana tornaram-se caminho obrigatório para os estudiosos de mariologia.¹⁵³ Citando Köster, afirma que o lado positivo dos manuais não pode ser desprezado, pois o renovamento trouxe um aprofundamento no pensamento mariológico e representa o aspecto intelectual e racional de uma nova influência espiritual sobre toda a Igreja, considerando a pessoa e o significado da mãe de Jesus, restituindo o caráter de teologia autêntica à doutrina mariana, antes confiada de maneira exagerada às forças do sentimento.¹⁵⁴

Laurentin¹⁵⁵ registrou que ainda se busca um eixo e um princípio de síntese mariológico e que Roschini chegou a deduzir tudo do único fato de Maria ter gerado a Cristo, para ele um resumo audacioso da “maternidade total”, capaz de abarcar a

¹⁵⁰ ROSCHINI, G., *Instruções Marianas*, p. 9.

¹⁵¹ ROSCHINI, G., *Instruções Marianas*, p. 9.

¹⁵² DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 563.

¹⁵³ ROSCHINI, G.M., *Il Capolavoro di Dio. Piccola Mariologia*, Torino, 1933; CAMPANA, E., *Maria nell dogma cattolico*, Torino, 1909.

¹⁵⁴ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 562-566.

¹⁵⁵ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 98-103.

Cristo e os cristãos. A mudança dos eixos espaciais e temporais do mundo religioso, ocorrida entre os séculos XI e XVI, a substituição do ponto de vista do objeto pelo ponto de vista do sujeito vão dar a nota a esse novo tempo, em que a perenidade do mistério se relativiza e a humanidade deixa-se absorver na mobilidade temporal. A teologia mariana refletindo essa transformação progredirá ao reconhecer que Maria tomou parte na salvação do mundo e o seu papel não se concentra apenas no âmbito da Encarnação, mas estende-se até o Calvário demonstrando sua co-paixão e o alcance de sua fé durante o *triduum mortis*, o *collum Ecclesiae*.¹⁵⁶

Evidenciado o papel intercessor, Maria se torna reconhecida como mãe, medianeira e passará a ser exaltada como rainha do céu. Difunde-se a crença imaculista, cuja controvérsia suscita a disputa entre grupos opostos. As tensões serão administradas e as decisões do magistério traçarão um posicionamento firme e coerente que possibilitará, vencendo o nominalismo que predominava eliminando as bases doutrinárias indispensáveis, o desenvolvimento dogmático.

2.4

Do período antecedente ao aggiornamento conciliar

As perseguições contra a Igreja após as mudanças sociais, culturais e políticas decorrentes da Revolução Francesa, que suprimiu ordens religiosas na França, provocará o nascimento de novas fundações, congregações e fará surgir movimentos para a expansão da evangelização no mundo, obras de educação e assistência aos pobres e doentes. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), as ideias democráticas de Rousseau e o deísmo vão compaginar o quadro epocal contemporâneo. A Revolução Industrial atingirá o seu ponto culminante alterando a paisagem mundial, com consequentes modificações no pensamento humano.

A humanidade viverá duas grandes guerras mundiais que exporão as vísceras do ser humano. Uma nova religiosidade surge, “com muitas formas novas e antigas de devoção, com uma supervalorização dos milagres e às vezes até um certo infantilismo”.¹⁵⁷ A presença de Maria torna-se mais evidente nesse período. Na história da Igreja há óbvios reflexos, prevalecendo uma mentalidade eclesial e a promoção das aparências externas (peregrinações em massa, igrejas enormes e

¹⁵⁶ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 60-103.

¹⁵⁷ LENZENWERGER et al., *História da Igreja Católica*, p. 352.

incentivos à recepção de sacramentos). A Igreja é objeto de uma crítica multiforme e os movimentos que surgem buscam reparar essas falhas.

O Papa Pio X (1903-1914), na Encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (1907), condena o modernismo, para ele um movimento maculado pelo relativismo e ambiguidades, com tendências teológicas e filosóficas que buscavam harmonizar a doutrina católica com a cultura moderna. Criticava a ênfase colocada pelo movimento na subjetividade e na experiência religiosa individual, e a tendência a relativizar os dogmas. As reações reparadoras, como a publicação do *Syllabus* de erros modernistas e do reforço da ortodoxia, visavam proteger a integridade da fé católica contra o que era visto, pela Igreja, como influências corrosivas e potencialmente heréticas do modernismo. A partir de então, tem-se um enfoque metodológico e estrutural da mariologia como um discurso orgânico e distinto sobre Maria e, paralelamente, um tratado sobre o culto ou devoção devidos à Mãe do Senhor.¹⁵⁸

A veneração a Maria desenvolve-se com o advento das aparições ocorridas a partir de 1830, que culminaram em Lourdes (1858) e Fátima (1917). Nota-se uma passagem do racionalismo do século XVIII para um clima de fé no século XIX. Para Laurentin, o início desse período caracterizava-se pela ausência de obras marianas. As sínteses literárias dignas de nota são *Mariale*, de Bernardino de Busti, uma compilação de ideias excelentes recheada de opiniões inconsistentes¹⁵⁹ e a obra inicialmente atribuída a São Alberto Magno, cuja autoria foi refutada em 1954 após as descobertas de A. Fries e B. Korosak, *Mariale super missus est*.¹⁶⁰ Foi a primeira obra a relacionar a mariologia com um princípio único, mas tende a transformá-la em um sistema fechado. Acrescentou uma nova visão do paralelo Eva-Maria ao dizer que Maria era *socia Christi*, semelhante a ele. Exagera nas riquezas marianas, mas apresenta com solidez a transcendência de Cristo equilibrando o texto.¹⁶¹

Laurentin considera o livro de M.J. Nicolas (1906-1999), *Le concept integral de maternité divine*, como a peça mestra da teologia mariana no “entre guerras”,

¹⁵⁸ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 849-851.

¹⁵⁹ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 86. *Mariale eximii viri Bernardini de Busti ...: de singulis festiuitatibus beate virginis per modum sermonū tractans: omni theologia copiosum*. ..., 1519.

¹⁶⁰ Foram localizadas as edições da EDIBESA, Salamanca. Em 2020, com o título *Marial. Las glorias de la Virgen Maria* e da coleção Biblioteca Mariana, v. 3, *San Bernardo (Homilias marianas) y San Alberto hablan (marial) de Maria*, 2002.

¹⁶¹ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 60-103.

afirmando que o estudo traz considerações novas e definitivas.¹⁶² Alude ao comentário de Louis Veuillot (1813-1883), *Mélanges*, sobre a proliferação de uma literatura mal inspirada abundante no início do século XIX, responsável por uma piedade ardente e autêntica em seus impulsos, mas calcada em falsos textos.¹⁶³ Esse quadro terá nova rota com o manuscrito de Monsenhor Malou sobre a Imaculada, cuja obra foi publicada, na Bélgica em 1857.¹⁶⁴ A proposta de reconduzir a mariologia às fontes feita por Newman (1801-1890), na obra *Seconda Primavera*, também é uma contribuição importante,¹⁶⁵ bem como a obra de Scheeben (1835-1888) que busca situar a mariologia no conjunto da teologia, organicamente, pondo-a entre o Tratado de Cristo, associada à obra do Filho e da Igreja, como “dispensadora subordinada a Cristo, dos frutos da Redenção”, que resultará no nascimento do movimento da “mariologia científica”, defensor da mediação mariana. A obra de Scheeben, *Dogmatik*, é um texto coerente com a Escritura e o pensamento do Magistério da Igreja, que revela uma profunda teologia mariana.¹⁶⁶

O crescimento mariológico ocorrido é influenciado pelos movimentos contemporâneos que amadurecem a mentalidade eclesial. No âmbito litúrgico, para muitos, há um certo laconismo em relação a Maria no Rito Romano. Odo Casel (1886-1948) considera a Virgem em relação a função do protomistério da encarnação e em relação à Igreja que, através do rito, participa da ação de Cristo e conquista a salvação.¹⁶⁷ O movimento bíblico acentua a condição terrena da Virgem. A mariologia passa a ser vista dentro do dado revelado, recebe um impulso vitalizante e positivo. As passagens consideradas antimariológicas, por relativizarem a função materna de Maria (Mc 3,20-35; Mt 12,46-50; Lc 2,49; 11, 28 e Jo 2,4; 7,3-5), são recuperadas, evidenciando a união da Mãe com o seu Filho quanto à transcendência messiânica e o caráter espiritual do reino de Deus, que se conquista mediante a fé. A dimensão tipológica de Maria como a “Filha de Sião”,

¹⁶² LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 101, nota 156. A Revue Thomiste lançou a obra em brochura, sem data, em francês.

¹⁶³ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 99. Trata-se da *Mélanges Religieux, Historiques et Littéraires*, 2ª série, Paris, Gaume, 1860.

¹⁶⁴ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 99.

¹⁶⁵ NEWMAN, J.H., *Seconda Primavera*. Trad. Maddalena de Luca. Brescia: Morceliana, 1947.

¹⁶⁶ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 99-100. A mariologia de Scheeben está inserida no 14 tomo de sua *Dogmatik*. Freiburg: Herder, 1882. No Brasil, a Cultor de livros publicou a tradução portuguesa (1960) de Manuel da Costa Maia, *A Mãe do Senhor*.

¹⁶⁷ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 568. A obra de Odo Casel é *Maria, Mutter des Herrn: Theologische Studien* (Maria, Mãe do Senhor: Estudos teológicos), de 1931, publicada, na Alemanha, pela Herder.

é desenvolvida pelo católico Lyonnet, o protestante Sahlin e o anglicano Herbert e aprofundada por Coppens, Laurentin, Cazelles e Feuillet.¹⁶⁸ Ratzinger, contribuirá com essa reflexão ao publicar, após o Concílio, as suas conferências sobre a devoção a Maria na Igreja com o título “A Filha de Sião”.¹⁶⁹

O campo em que estes grupos cresceram estava fermentado pelas ideias do ressurgimento teológico. A crítica mais acirrada refere-se à rapidez com que as teses mariológicas entravam nos trilhos da doutrina como se fora uma sentença teológica comum, onde o peso dado, por exemplo, às declarações pontifícias, era demasiado desproporcional e, por isso, conturbava o ambiente teológico.¹⁷⁰ No bojo dessa questão, Hugo Rahner (1900-1968) lança “Maria e a Igreja” em que propõe ver a Igreja em Maria e Maria na Igreja, ao passo que descobre, nos Padres da Igreja, a categorização de Maria como “tipo” da Igreja.¹⁷¹ Otto Semmelroth (1912-1979) assume este dado e o apresenta como princípio da construção de uma mariologia orgânica.¹⁷² Assim, a finalidade tem preeminência sobre a relação de sucessão, e Maria é tipo da Igreja na medida em que é Mãe de Deus. As prerrogativas marianas são interpretadas tanto no sentido cristológico quanto no eclesiológico.¹⁷³

De Lubac (1896-1991), Alöis Müller e G. Philips (1899-1972) aprofundaram essa dimensão tipológica à luz dos Padres da Igreja e da teologia medieval.¹⁷⁴ Estas intuições e compreensões fecundam e serão relevantes entre os Padres Conciliares do Concílio Vaticano II na composição da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Um impulso para a recuperação da globalidade havia sido dado à Mariologia pela teologia querigmática desenvolvida por Hugo Rahner e Andreas Jungmann (1889-1975) por volta dos anos 1930. Esta teologia propôs uma renovação do querigma, seguindo o modelo apostólico e patrístico, fazendo brotar uma consciência aprofundada de que toda a teologia, inclusive a sistemática, não é

¹⁶⁸ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 567.

¹⁶⁹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião. A devoção mariana na Igreja*. Paulus, 2013. Obra analisada no item 5.4, desta tese.

¹⁷⁰ MULLER, A., *Problemas y Perspectivas de la mariologia actual*, p. 377-380.

¹⁷¹ A obra original, *Maria und die Kirche* foi publicada pela Herder, em 1954. A tradução italiana, *Maria e la Chiesa*, é da Jaca Book, 1991 e a inglesa *Our Lady and the Church*, da Cluny Media, 2019.

¹⁷² A obra mariológica de Otto Semmelroth é *Die Gottesmutter in der Heilsgeschichte* (A Mãe de Deus na História da Salvação). Frankfurt: Knecht, 1953.

¹⁷³ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 567.

¹⁷⁴ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 567-568.

apenas uma elaboração orgânica racional da revelação, mas o anúncio da salvação. É o que deve definir a escolha, a elaboração e a forma do anúncio pastoral.¹⁷⁵

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a corrente filosófica do existencialismo, que define o homem com base em sua liberdade, ganha espaço e exerce forte influência na teologia católica. Romano Guardini é o primeiro pensador a intuir o significado existencial de Maria. No seu livro “A Mãe do Senhor”, ele descreve em termos existenciais os aspectos dinâmicos da vida terrena de Maria, em um esboço da psicologia religiosa.¹⁷⁶ Compreende que houve um crescimento espiritual de Maria a partir da sua relação com o seu Filho, quando progressivamente percebe a divindade de Jesus. Com isso, afasta a possibilidade de mitização da relação entre eles, ao modo deusa-mãe e filho. Essa apresentação humana não empobrece a figura da mãe do Senhor, mas modifica a forma habitual de tratar o discurso mariano.¹⁷⁷

Outra lição importante da filosofia moderna será a constatação de que se compreende o mundo através de uma abordagem racional e científica, em que se enfatiza a capacidade humana de entender e explicar a realidade por meio do pensamento crítico, da observação empírica e da análise lógica. A forma que caracteriza o pensamento não é cosmocêntrica, mas antropocêntrica, partindo do próprio homem. Karl Rahner (1904-1984) deu forma à mensagem cristã traduzindo o querigma no esquema mental antropocêntrico para vencer a crise de credibilidade por ele identificada. Afirma que ao celebrar Maria, pode-se dizer que se está celebrando, de uma maneira cristã, o jeito do homem em geral compreender a sua existência. Expõe o seu pensamento mariológico em que refuta tratar Maria como coisa autônoma e por direito próprio.

K. Rahner afirma que não se pode falar do homem, da sua história salvífica, sem falar de Maria e vice-versa. Esclarece que não se faz teologia sem que se faça também antropologia. Realça o papel decisivo cumprido por Maria sob a insondável vontade de Deus. A maternidade tem significado histórico-salvífico, sobretudo como evento espiritual-corpóreo, onde o *fiat* mariano tem importância capital. É um ato de acolhimento da redenção por ela mesma e a torna o exemplo do mais

¹⁷⁵ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 567-568.

¹⁷⁶ A obra original, *Die Mutter des Herrn*, de 1954, foi publicada pela Herder. A tradução espanhola, pela Guadarrama, em 1965, com o título *La Madre del Señor*.

¹⁷⁷ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 568-570.

perfeito discípulo, o ser humano totalmente cristão, o protótipo da Igreja redimida, razão pela qual a teologia deve falar dela e ao fazer isso, torna-se necessariamente antropologia, portanto, mariologia. Tendo papel essencial, Maria está do lado da humanidade porque é uma criatura e, como tal, faz parte da família humana, foi redimida e recebeu toda a misericórdia de Deus.¹⁷⁸

Laurentin conclui que a Igreja descobre em Maria sua origem, a vê como perfeição de santidade e reconhece nela o seu ideal ao confrontar-se, em sua experiência, com os seus próprios limites e imperfeições. Ela é o seu modelo e, por isso, a venera como ícone de sua realização e descobre o valor de sua assistência cotidiana.¹⁷⁹ De Fiores analisando a publicação de Laurentin, enxerga uma nova janela aberta por ele no campo mariológico ao interromper a tradição que remonta a Suarez e ao se distanciar do método dedutivo e dos manuais usados até então. Ao propor o abandono da ordem cronológica para adotar uma ordem lógica para apresentar, com uma concatenação racional, os privilégios de Maria, Laurentin garante que no mistério mariano se trata de um destino livre sob os auspícios desconcertantes do Espírito e, portanto, não se configura como um teorema. Por esta razão, o tratado mariano desenvolve-se conforme o destino de Maria.

É mister recorrer ao fator tempo para falar de Maria, que viveu a condição de caminhar na fé. Com isso, evita-se o risco de uma mariologia fechada, perdendo o sentido da história da salvação e da conexão com todo o dogma católico. Laurentin destaca-se dos seus predecessores pela abertura salvífica e eclesiológica, que o impede de fazer do tratado de Maria uma duplicação do tratado de Cristo. Localiza-o entre o de Cristo e o da Igreja, para que mantenha um contato vivo com um e outro.¹⁸⁰

Assim, uma mariologia erguida com argumentos da Tradição, com a lógica do método dedutivo e da estrutura mental escolástica é posta de lado. Os movimentos bíblico e patrístico reforçam a necessidade de uma espiritualidade mariana centrada na Trindade, questionam uma visão de Maria desvinculada da cristologia e reafirmam a mariologia como reflexão crítica e sistemática. Graças à aplicação de métodos teológicos mais exigentes, ocorre a transposição da mariologia de um quadro do pietismo sentimental ou racional para uma mariologia

¹⁷⁸ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 570-571.

¹⁷⁹ LAURENTIN, R., *Breve Tratado de Teologia Mariana*, p. 172.

¹⁸⁰ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 573-574.

comprometida com a Palavra, mais objetiva e crítica. Volta-se às fontes cristãs, às raízes, para que se veja a Virgem Maria como espelho da Igreja, sendo verdadeiramente mãe, mas também serva de Deus.

Como consequência da pesquisa histórica e da sistematização ocorrida, apareceram diversos tipos de publicação mariológica, demonstrando a evolução na forma de abordagem, na linguagem e na maneira de exprimir o pensamento e a atitude em relação à Virgem. “O aprofundamento na redenção e mediação de Jesus Cristo”, afirma Paredes, “fez descobrir novos horizontes para a mariologia”.¹⁸¹

Chega-se às portas do Concílio Vaticano II com duas grandes correntes opostas sobre como deveria ser tratada a Virgem Maria no contexto histórico salvífico. A questão mariana, que se refere a discussões teológicas e pastorais sobre o papel e o lugar de Maria, terá as indicações de solução após ampla reflexão teológica e espiritual engendrada nas sessões conciliares. A retomada da mariologia à luz da revelação bíblica, permite a redescoberta da dimensão existencial e humana de Maria e o seu papel como figura exemplar da Igreja, ao mesmo tempo em que reconhece a sua condição de pessoa glorificada. Essa herança do Concílio Vaticano II ofereceu um equilíbrio precioso entre a racionalidade teológica e a devoção do crente e será objeto de nossa análise subsequente.

¹⁸¹ PAREDES, J., *Mariología*, p. 269.

3

Desenvolvimento da teologia mariana após o Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II (1962-1965) é um marco na renovação da vida e da missão da Igreja. Revigorou, igualmente, a teologia e o culto mariano. Antes do Concílio, ressaltando as glórias e privilégios da Santíssima Virgem, o tratado mariológico aparecia separado de todo o resto da teologia, usando um método baseado na especulação e construído a partir de deduções lógicas. Vive uma busca em direção a um apogeu.¹⁸² Por outro lado, a escalada mariológica é influenciada pelos outros movimentos contemporâneos, que amadurecem a mentalidade eclesial: bíblico, patrístico, eclesiológico, pastoral, litúrgico, missionário e ecumênico. A teologia mariana vista dentro do dado revelado, recebe um impulso revigorante e contribuições positivas de novas aquisições.¹⁸³

As esperanças no alvorecer do Concílio Vaticano II estavam impregnadas por esses posicionamentos. Esse espírito aparecerá na elaboração do capítulo VIII da LG, “o horizonte hermenêutico essencial para qualquer ulterior reflexão quer de caráter teológico, quer de caráter mais puramente espiritual e pastoral”¹⁸⁴ para a teologia mariana. Este capítulo discorre sobre as mudanças introduzidas na teologia mariana após o Concílio e as contribuições dadas pelo Magistério da Igreja. Traça um breve panorama da teologia mariana pós-conciliar, passando pela questão mariana, o despertar após as orientações da Exortação Apostólica *Marialis Cultus* até os contributos do papa João Paulo II (1978-2005). Os aportes de Joseph Ratzinger que entende “que em Maria se aclara o ser da Igreja e o ser dos crentes”¹⁸⁵ será objeto do capítulo subsequente.

¹⁸² KÖSTER, H., *La mariología en el siglo XX*, p. 104.

¹⁸³ DE FIORES, S., *Maria nella teologia contemporanea*, p. 37.

¹⁸⁴ BENTO XVI, PP., *Discurso aos participantes do XXIII Congresso Mariológico Mariano Internacional*, Roma, 08 set. 2012.

¹⁸⁵ URIBARRI, G., *Santa Maria, madre de Dios; Maria en el misterio de Cristo. Apuntes de Cristología*, I, p. 12.

3.1

A gênese do Concílio: *Gaudet Mater Ecclesia*

Ao buscar as origens do Concílio Vaticano II, indubitavelmente é necessário compreender toda a história que o precede.¹⁸⁶ A Igreja universal foi surpreendida, em 25 de janeiro de 1959, com a decisão de João XXIII (1881-1963) de convocar um novo Concílio: “uma resolução tomada a fim de chamar a atenção para algumas formas antigas de afirmações doutrinárias e de sábias normas das disciplinas eclesiais, que na história da Igreja deram frutos de eficácia extraordinária em época de renovação”.¹⁸⁷

João XXIII explanou o seu desejo, demonstrando que “o diálogo entre centro e periferia”, com a ajuda do Espírito Santo, poderia produzir o “*aggionamento*” e o rejuvenescimento da Igreja. Apontou uma real renovação, que facilitasse a união dos cristãos e possibilitasse o diálogo entre a Igreja e o mundo, como o verdadeiro objeto do Concílio. Esta, porém, não era a intenção da maior parte das comissões preparatórias.¹⁸⁸ Em seu discurso na abertura do Concílio, o pontífice assinalou a existência de “profetas de calamidades”, vozes dissonantes apregoadoras de dificuldades para a abertura reivindicada. Disse que queria um Concílio de “transição de época” e que era preciso saber distinguir “os sinais dos tempos”.

Para colocar em marcha um novo caminhar, percorrendo indicações dos Santos Padres, sob a luz do texto bíblico, para dar à Igreja uma nova dinâmica, o Concílio precisou vencer inúmeras dificuldades. Foi criada uma comissão cardinalícia para “demarcar os assuntos a tratar no concílio e formular propostas para a composição dos órgãos que iriam administrar a preparação como tal do concílio” (*sic*).¹⁸⁹ Entre maio de 1959 e junho de 1960, o Papa liberou a comissão antepreparatória para fazer uma consulta aos bispos, congregações, superiores de institutos religiosos e universidades sobre o evento. A comissão preparou um questionário, mas o envio foi descartado. Os prelados foram convidados pelo Papa a indicar livremente os problemas para que os temas que o Concílio deveria tratar surgissem das experiências vivas da Igreja universal, como destacou o Cardeal

¹⁸⁶ LAURENTIN, R., *Bilancio del Concilio*, p. 15-31.

¹⁸⁷ ALBERIGO, G., *Breve História do Concílio Vaticano II*, p. 18.

¹⁸⁸ LAURENTIN, R., *Bilancio del Concilio*, p. 17.

¹⁸⁹ ALBERIGO, G., *Breve História do Concílio Vaticano II*, p. 32.

Ratzinger.¹⁹⁰ As indicações recebidas, cerca de 2000 pareceres, foram tímidas e pouco claras. Tratavam de assuntos modestos e poucas tinham um horizonte mais amplo e corajoso. Esta fase ficou conhecida como consultiva ou antepreparatória.¹⁹¹

Em 14 de julho de 1959, de maneira inequívoca e para afastar qualquer erro interpretativo, o papa informa o nome do Concílio: Vaticano II, advertindo que é um novo concílio e não uma continuação do anterior, suspenso em 1870. Esta informação dá um novo rumo ao processo preparatório: “o episcopado católico é sacudido pelo convite para assumir papel ativo no âmbito de toda a Igreja”.¹⁹²

A fase seguinte, denominada preparatória, foi a etapa em que comissões, encarregadas de elaborar e apresentar um projeto, foram instituídas. A comissão designada para coordenar os trabalhos e redigir o regulamento do Concílio, presidida pelo próprio Papa, recebeu a denominação de Comissão Central, com dez outras comissões para trabalhar os diversos temas. Três secretarias foram criadas: de comunicação social, de administração e de união dos cristãos. Esta última, presidida pelo Cardeal Bea (1881-1968), deu existência eclesial a uma experiência que começara anteriormente objetivando o diálogo pela unidade dos cristãos.¹⁹³ Embora não fizesse parte do organismo oficial da Cúria Romana, conseguiu concluir com sucesso o projeto para estabelecer um diálogo com cristãos não católicos.

Na estrutura montada para organizar o evento, a Comissão Central concentrava a maior parte dos cardeais e patriarcas. Era uma espécie de Concílio em miniatura. As decisões eram mantidas em segredo e os membros das outras comissões ignoravam o que estava acontecendo nesta comissão. As observações passaram despercebidas, não pelo segredo imposto, mas sobretudo porque as críticas formuladas tiveram pouco efeito, por duas razões. O tempo fixado pelo Papa não permitia debruçar muito sobre os problemas enfrentados e as críticas enviadas à Comissão Central foram, antes, examinadas pelas várias comissões “não em sessão plenária e com calma, mas apressadamente e em pequenos círculos”,¹⁹⁴ que não deram muita atenção às observações da Comissão Central.

¹⁹⁰ RATZINGER, J., *Conferência sobre a Ecclesiologia da “Lumen Gentium”*, proferida no Congresso Internacional sobre a implementação do Concílio Vaticano II.

¹⁹¹ ALBERIGO, G., *Breve História do Concílio Vaticano II*, p. 32-36.

¹⁹² ALBERIGO, G., *Breve História do Concílio Vaticano II*, p. 35.

¹⁹³ LAURENTIN, R., *Bilancio del Concilio*, p. 16-19.

¹⁹⁴ LAURENTIN, R., *Bilancio del Concilio*, p. 17.

O trabalho preparatório fragmentou-se em vários temas. Foram apresentados mais de 72 projetos, os chamados “esquemas”. Conforme Schillebeeckx (1914-2009), esta era uma palavra usada em linguagem eclesiástica, que hoje significaria um anteprojeto preliminar elaborado por uma pequena comissão, para ser discutido por todos os participantes.¹⁹⁵ A expectativa era de que esses “esquemas” fossem aprovados em poucas semanas e sem tensões ou debates ásperos, “que seguissem os moldes medievais” aprovando a agenda papal preestabelecida.¹⁹⁶ O que, de fato, não aconteceu.

A primeira sessão, no dia 13 de outubro de 1962, marcada para a eleição das comissões e para escolher os bispos que as comporiam, foi adiada imediatamente após a sua abertura. Os prelados não se conheciam e o episcopado italiano elaborou duas listas, que foram entregues aos participantes; uma em que constavam todos os nomes e outra contendo os dos que tinham tomado parte nas comissões preparatórias, para induzir os votantes a escolher os que já tinham tomado parte nas elaborações dos esquemas. Porém, o Cardeal Achille Liénart (1884-1973),¹⁹⁷ que havia pedido a palavra e não tinha obtido sucesso, pegou o microfone e solicitou o adiamento da votação, demonstrando que não era possível e apropriado fazer naquele momento o processo de escolha. Pediu que os bispos, de cada nação, indicassem os nomes mais convenientes. A sugestão foi acatada.

No dia da votação, quase todos os indicados foram eleitos e nenhum da lista organizada pelos italianos foi escolhido.¹⁹⁸ Este fato teve uma importância capital em todo o desenrolar do Concílio. Dissolve-se a imagem idílica do Concílio, ao tempo que começa a construção de uma identidade da assembleia, que adquire um novo rosto e procura construir uma doutrina mais ampla, focada na recuperação dos dados bíblicos, abrindo-se para o ecumenismo e para a realidade do mundo.

Nesse novo contexto, nasce a LG. Para Laurentin é “o texto principal do Vaticano II, é o tronco no qual estão anexados, como ramos de uma única planta, outros quinze documentos”.¹⁹⁹ O documento sobre a Igreja é o compêndio, a maior obra de toda a gesta conciliar. Esclarece que os textos que não guardam uma relação

¹⁹⁵ SCHILLEBEECKX, E., *Mariología: ayer, hoy, mañana*. In: SCHILLEBEECKX, E., HALKES, C., *Maria ayer, hoy, mañana*, p. 30, nota 3.

¹⁹⁶ BELLITTO, C., *História dos 21 concílios da Igreja*, p. 172.

¹⁹⁷ BELLITTO, C., *História dos 21 concílios da Igreja*, p. 179-180; LAURENTIN, R., *Bilancio del Concilio*, p. 19.

¹⁹⁸ VALENTINI, D., *Revisitar o Concílio Vaticano II*, p. 23.

¹⁹⁹ LAURENTIN, R., *Bilancio del Concilio*, p. 41.

direta com a Constituição são os decretos sobre a educação cristã, a comunicação social e a formação sacerdotal, embora, o documento sobre o ministério e a vida dos sacerdotes tenha clara conexão com o número 28 da LG.

Para este estudo a LG é o documento focal, por isso atém-se ao processo da elaboração do capítulo VIII, que apresenta a pessoa e a missão de Maria na dimensão do mistério de Cristo e da Igreja.

3.2

A questão mariana - o contexto histórico-eclesiológico redacional da *Lumen Gentium*

O esquema *De Ecclesia* levado à aula conciliar, na primeira sessão de 1962, para análise, refletia as principais ideias do Magistério, com inspiração jurídico-societária da teologia acadêmica vigente, evidenciando a noção de “Corpo Místico”, explicitando “o significado social e organizativo das diversas funções de um corpo de membros desiguais”, que não considerava a recuperação do “sentido espiritual da Igreja como comunhão de graça em Cristo”, promovida pelos movimentos católicos de renovação e, por conseguinte, deixava à mostra o forte tom apologético apresentando a Igreja como independente e superior à sociedade civil, como a *societas perfecta*. Unido ao esquema, como peça autônoma, foi juntado um texto sobre a Virgem Maria.²⁰⁰

As controvérsias sobre o lugar que Maria devia ocupar nos documentos conciliares foram objeto de longas sessões, marcadas por interesses conflitantes e clima acalorado. O Concílio passou por um momento bastante difícil para decidir em que contexto temático deveria tratar a respeito da Virgem Maria. Dois posicionamentos diametralmente opostos, no âmbito da teologia mariana, dividiam atenções e buscaram arregimentar seguidores durante a fase preparatória. Eram claras as cosmovisões dos dois grupos, que se formaram a partir do Congresso Mariológico de Lourdes, em 1958: a tendência cristotípica (ou cristocêntrica) e a eclesiotípica (ou eclesiocêntrica). Ambos²⁰¹ discutiam e se enfrentavam sobre a necessidade da inclusão do tratado sobre a Virgem Maria na constituição sobre a Igreja.

²⁰⁰ VILLAR, J., *A Constituição Dogmática Lumen Gentium*, p. 141-199.

²⁰¹ LLAMAS, E., *Algunas corrientes actuales en la mariologia*. Conforme definição de Llamas, as correntes são ideias, ou linhas de forças que desenvolvem uma concepção particular e que conferem uma direção uniforme e orgânica às questões teológicas, neste caso, mariológicas. De Fiores afirma que elas são vias de organização, que constituem uma organização sistemática ou perspectivas que apresentam uma mariologia organizada a partir do seu conteúdo.

Um grupo defendia Maria como uma criatura totalmente especial, com privilégios semelhantes aos de Cristo e queria a proclamação de novos dogmas. Predomina um tom especialmente místico, cheio de fervor emocional concentrado nas glórias de Maria, é o grupo cristotípico.²⁰² Como consequência desse pensamento, constata-se que o culto mariano foi deslocando ou suprimindo a presença de Jesus Cristo e tomando formas maximalistas, que, aos olhos do outro grupo, não podiam ser consideradas uma verdadeira expressão da fé católica. Para Alöis Müller, as elaborações teológicas foram apresentadas não apenas como contribuições reflexivas acerca da evolução dogmática, mas tomavam corpo, às vezes, com o aspecto em que o traço mais forte era o da “generosidade para com Maria”, usado como critério teológico.²⁰³

O outro grupo, eclesiotípico, com um enfoque mais voltado para os evangelhos, em que o tom crítico-racional prevalece, pretende o retorno às fontes originais da teologia primitiva. Defende Maria como membro especial da Igreja e recebedora da graça. Guia-se pela busca da verdade e concentra-se em Jesus Cristo.²⁰⁴ Esta corrente de retorno às fontes e de abertura ao mundo põe em crise as orientações unilaterais ou triunfalistas da mariologia manualística. Propõe a leitura sob o ponto de vista histórico-salvífico, insiste no aspecto eclesiológico deixado de lado pelos manuais e insere a perspectiva antropológica na discussão, mais sensível às mazelas humanas, colocando o feminino como um importante componente teológico. Luta por uma teologia com mais solidez litúrgica e menos expressão de devoção particular, fechada e isolada. Reivindica o lugar de Maria, como dizia Agostinho de Hipona, dentro da Igreja, não acima ou fora dela, mas nela e para ela.

Santa é Maria! Abençoada é Maria! Mas a Igreja é superior à Virgem Maria. Por quê? Porque Maria é uma porção da Igreja, um membro santo, um membro excelente, um membro supereminente, mas membro do Corpo total (*Maria portio est Ecclesiae santum membrum, excellens membrum, superminens membrum*). Ora, se é parte do corpo total, sem dúvida o corpo é maior do que um membro, seja ele o de Maria.²⁰⁵

Este grupo queria a integração do tratado mariano à constituição sobre a Igreja, pretendia dar à Virgem o seu lugar na comunhão dos santos e na história da

²⁰² JOHNSON, E., *Nossa verdadeira irmã*, p. 151-173.

²⁰³ MULLER, A., *Problemas y perspectivas de la Mariologia actual*, p. 379.

²⁰⁴ JOHNSON, E., *Nossa verdadeira irmã*, p. 151-173.

²⁰⁵ AGOSTINHO, S., *A Virgem Maria*, p. 79.

salvação e, dessa maneira, “reparar as tendências fechadas da mariologia, quanto às dissociações entre mariologia e piedade mariana”.²⁰⁶

A querela entre as duas tendências ficou conhecida como “a questão mariana”, impactou o desenvolvimento e o curso histórico conciliar. A decisão acerca do lugar onde deveria inserir o documento sobre a Virgem não foi tomada sem sofrimentos e lacerações, provocou mudanças e uma profunda renovação da mariologia, tomando-se como referência os tratados dos últimos séculos. A nova postura redirecionou o discurso sobre a posição intermediária que Maria ocupava entre Cristo e a Igreja, inserindo-a na esfera desta, como o membro mais excelente. O caminho para chegar a essa solução foi longo.

Portanto, a novidade principal do Vaticano II foi de perspectiva: inserir Maria no arco completo da História da Salvação, especialmente no mistério de Cristo e da Igreja. Embora situada na Constituição sobre a Igreja, a doutrina mariana não se restringe ao horizonte eclesiológico, mas se alarga dentro do cristológico.²⁰⁷

3.2.1

O iter redacional do capítulo VIII da LG

O esquema mariológico independente entregue para análise dos Padres em 10 de novembro de 1962, que tinha como título “*De Beata Maria Virgine, Matre Dei et Matre hominum*”, acabou não sendo submetido à discussão pública durante o primeiro período conciliar. Contudo, ocorreram manifestações no sentido de incluir o texto marial no documento sobre a Igreja. Consoante Baraúna, emendas e sugestões foram encaminhadas para a Comissão Coordenadora, que não as atendeu, e submeteu aquele velho esquema à avaliação conciliar, em janeiro de 1963, alterando-lhe o título para “*De Beata Maria Virgine Mater Ecclesiae*”.²⁰⁸

Durante o segundo período conciliar, as discussões a respeito do novo documento “*De Ecclesia*” despertaram nos Padres Conciliares uma sensibilidade para as dimensões do mistério eclesial, em que as perspectivas pneumática e escatológica, dentro de uma visão de mistério, se sobrepuseram à visão prevalentemente jurídica e estática da Igreja que preponderava na primeira versão do documento.²⁰⁹ Dessa maneira, cresce entre os conciliares a ideia da inserção do capítulo sobre a Virgem Maria no documento sobre a Igreja. Coube ao cardeal Franz

²⁰⁶ LAURENTIN, R., *La madonna del Vaticano II*, p. 139.

²⁰⁷ BOFF, C., *Mariologia*, p. 90.

²⁰⁸ BARAÚNA, G., *A Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja*, p. 1157-1158.

²⁰⁹ BARAÚNA, G., *A Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja*, p. 1158.

Köning (1905-2004), de Viena, preparar uma proposta sobre a questão. O cardeal consultou muitos teólogos, assessores de Conferências Episcopais e, de acordo com o depoimento de Schillebeeckx - um dos consultados, ele foi aconselhado a evitar o título de “Maria, mãe da Igreja” e a incluir a doutrina mariana como um capítulo da constituição eclesiológica.²¹⁰

Nos dias anteriores à votação ocorreram debates sobre o texto e os partidários de cada grupo distribuíram panfletos e materiais para promoverem a sua causa. No debate, o cardeal Rufino Santos (1908-1973), de Manila, falou em defesa do esquema independente, enquanto o cardeal Köning defendeu a admissão do texto no documento sobre a Igreja. No dia 29 de outubro de 1963 foi proposta à votação a inclusão ou não do texto mariano na constituição dogmática sobre a Igreja. O resultado foi: eram 2.193 votantes e a maioria exigida para a aprovação era de 1.097 votos. Ao serem totalizados, os votos apontaram 1.114 *placet* (sim) e 1.074 *non placet* (não). A decisão favorável, com uma diferença de 40 votos, foi recebida com um silêncio impressionante, “a terra teológica fatigada e inchada voltou a alinhar-se com o modelo do primeiro milênio”.²¹¹ Os jornais reverberaram, no dia seguinte, que na sala do Concílio, quando o resultado foi anunciado, não houve os aplausos habituais, apenas silêncio. Villar (1958-2021) registrou que “a escassa maioria de 40 votos não conseguiu evitar a imagem de divisão entre os Padres”²¹² e para Laurentin, foi “um momento de incredulidade estupefata”.²¹³

O *textus emendatus de Ecclesia* (intersessão 1963)²¹⁴ situou a doutrina sobre a Igreja na perspectiva histórico-salvífica, descrevendo “a Igreja como resplendor de Cristo, cuja luz brilha sobre o mundo para iluminar todos os homens”²¹⁵ e o capítulo mariano final deixam claro que os Padres Conciliares quiseram evitar tanto o minimalismo quanto o maximalismo mariológico. Redigiram um meio termo conciliatório, aprovado quase por unanimidade (5 abstenções) e expuseram esse novo olhar: a mariologia não é uma ciência autônoma em que o tratado ressurgirá,

²¹⁰ SCHILLEBEECKX, E., HALKES, C., *Maria, Ayer, hoy, mañana*, p. 33.

²¹¹ JOHNSON, E., *Nossa verdadeira irmã*, p. 166.

²¹² VILLAR, J., *A Constituição Dogmática Lumen Gentium*, p. 154.

²¹³ LAURENTIN, R., *The Question of Mary*, p. 137.

²¹⁴ É o esquema que foi emendado segundo as indicações da Comissão Doutrinal e aprovado pela Comissão Coordenadora nos meses de março e de julho. Posteriormente, na primeira quinzena de julho, Paulo VI aprovou o envio do esquema aos Padres Conciliares.

²¹⁵ VILLAR, J., *A Constituição Dogmática Lumen Gentium*, p. 153.

mas sim é síntese dos dados obtidos na reflexão global, sem pretensão de organicidade autônoma.²¹⁶

Segundo Ratzinger, o resultado “assumiu o significado de um separar de águas no plano espiritual”,²¹⁷ pois a reformulação do tratamento ao tema mariano propiciou o abandono da abordagem ontológico-dedutiva com a consequente assunção da perspectiva histórico-salvífica. Maria é apresentada como protótipo da criatura humana que coopera com a salvação. As vias histórico-salvífica (coloca a figura bíblica e concreta de Maria na sua função em face da salvação e na sua relação com Cristo), estética (dá maior atenção ao momento subjetivo do conhecimento humano, abre-se às influências intuitivas e capta a figura de Maria numa dimensão histórica e sensível) e experiencial (valoriza a vida cristã vivida em contextos específicos, iluminada criticamente pela Palavra de Deus), são indicadas como caminhos para a teologia no tocante a Maria. Nelas, a valorização da linguagem simbólica e tipológica, baseadas na ação imaginativa e na analogia, ganham espaço, à semelhança da era patrística.²¹⁸

O resultado vitorioso da inserção do capítulo VIII significou um avanço da teologia mariana. Revolucionou o modo de pensar a doutrina mariana, abrindo um novo caminho para entender o lugar que Maria ocupa no mistério de Cristo e da Igreja, não como uma parte solta do grande painel da criação e da graça, mas vista como um membro deste enorme afresco.²¹⁹ Na discussão, “os pontos capitais da doutrina católica, aceitos por unanimidade, para servir de firme alicerce para as pregações pastorais, mas também como estímulo à piedade do povo cristão”,²²⁰ foram buscados pelos conciliares. As novidades e enriquecimentos metodológicos e hermenêuticos trazidos foram notáveis e necessários, renovando o culto e a piedade marianas, propondo um critério de discernimento e novas orientações na abordagem das questões mariológicas. Perrella (1952) sintetizou essa mudança:

Os elementos fundamentais da metodologia utilizada pelo Concílio na elaboração e apresentação do cap. VIII, como os critérios doutrinários que orientaram sua formulação, não diferem daqueles utilizados na composição de todos os demais documentos do Vaticano II. São eles: o critério bíblico, antropológico, ecumênico,

²¹⁶ LAURENTIN, R., *Breve tratado de Teologia Mariana*, p. 98-103.

²¹⁷ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 34 e RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 16.

²¹⁸ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 844-846; DE FIORES, S., *Maria nella teologia contemporanea*, p. 180-181.

²¹⁹ JOHNSON, E., *Nossa verdadeira irmã*, p. 151.

²²⁰ CARDENAL, T., *Pautas abiertas por la Enciclica Redemptoris Mater para la celebración del año mariano*, p. 436. O autor cita a *Acta synodalia III*, 1.

pastoral. O mesmo deve ser dito da perspectiva teológica em que se lê todo o mistério cristão, inclusive o da Igreja e de Maria, ou seja, a perspectiva da história da salvação, centrada no único mistério de Cristo e sua Igreja. O Vaticano II marca a passagem de uma teologia que costumava situar sua área de atuação à margem da Revelação - no “virtualmente revelado” - para uma teologia definida, antes, precisamente em relação à Revelação divina; essencialmente empenhado na tarefa de assimilar a Palavra, afirmada como seu “fundamento” e “alma”. A Palavra de Deus é o último termo de referência tanto para o magistério como para a teologia: o primeiro, o magistério dos pastores, claramente reconhecido em uma atitude global de serviço a ele, com o ofício de transmissão fiel e interpretação autêntica; a segunda, distinta do magistério (e do *sensus fidelium*), não como alternativa ou independente em relação a ele, mas principalmente engajada em um nível científico crítico. As características históricas e cristocêntricas da Revelação, “recuperadas” em sua formalidade de *historia salutis*, são comunicadas à teologia e à própria Mariologia: o modelo teológico de síntese proposto pelo Vaticano II é um modelo histórico-salvífico centrado na pessoa, na palavra e no mistério de Cristo e da Igreja.²²¹

O capítulo é o marco para a renovação mariológica. O Concílio delineou de maneira inconfundível o papel de Maria na economia da salvação e deu ao culto à Santíssima Virgem luzes incomparáveis começando o processo de recuperação da identidade de Maria, tornando possível uma aproximação e uma melhor compreensão das visões que se tem de Maria, a Mãe de Deus e a de Nazaré. Mas, como registrou Schillebeeckx, o Concílio continuou até o final com duas mariologias.²²² Um grupo via Maria como nossa irmã, como membro eminente e exemplar da comunidade de fé, enquanto o outro grupo a colocava ao lado de Cristo, elevando-a até o ponto de que, como mãe de Cristo, cabeça da Igreja redimida, ela era chamada de “mãe da Igreja”.

3.2.2 Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

Os Padres Conciliares deram um passo muito importante para a autocompreensão da Igreja como está na LG 1: a Igreja é entendida como instrumento de união com Deus e com todo gênero humano. Abriram janelas para uma integração com as ciências, para o diálogo com outras confissões e estimularam a busca da unidade. O capítulo VIII é dedicado a Maria, onde foram incluídas as afirmações sobre a mãe de Jesus e o convite para continuar a busca pela clarificação do papel desta mulher na história da salvação. A reflexão teológica, desenvolvida na elaboração da LG, não assume a orientação teológico-especulativa dos últimos anos e vê Maria no contexto bíblico. O capítulo está em consonância

²²¹ PERRELLA, S., *L'insegnamento della mariologia ieri e oggi*, p. 120, tradução nossa.

²²² SCHILLEBEECKX, E., HALKES, C., *Maria, Ayer, hoy, mañana*, p. 34-36.

doutrinária com os precedentes, especialmente com o sétimo, que trata da veneração dos santos. Ambos estão no contexto do horizonte escatológico da Igreja.

O capítulo VIII começa com um proêmio evidenciando a encarnação do Filho de Deus na Virgem,²²³ reafirmando Maria como a Mãe de Deus e do Redentor²²⁴ e declarando a intenção do Concílio²²⁵ afirmando que a LG não esgotou e nem pretendeu resolver as controvérsias marianas. O objetivo não é ofertar uma doutrina mariana completa, mas exortar os teólogos a desenvolverem uma teologia mariana encarando as questões pendentes e que ainda necessitam de aprofundamentos sem descurar das dimensões pneumatológica, antropológica e teológica.²²⁶

A segunda parte expõe a função da Santíssima Virgem na economia da salvação. Mencionando os dados bíblicos, inicia com a preparação veterotestamentária da Mãe do Senhor, em seguida volta o olhar para a anunciação relendo os Padres da Igreja para afirmar a participação ativa de Maria, destacando que ela não foi um instrumento passivo nas mãos de Deus, mas está unida ao Filho como colaboradora “na salvação dos homens com fé livre e com inteira obediência”.²²⁷ Percorre as outras fases da história da salvação (infância até a sua morte) pontuando que a “Santíssima Virgem avançou no caminho da fé e conservou fielmente a união com seu Filho até a cruz”.²²⁸ Assunta ao céu, Maria torna-se “Rainha do universo”²²⁹ em virtude da sua perfeita conformação cristológica.

A terceira traz a função maternal de Maria, formulando uma leitura sobre a capacidade de mediação que, sem diminuir ou enevoar a dignidade e eficácia, provém dos méritos de Cristo.²³⁰ O texto propiciou o acento cristológico, às vezes esquecido pelo povo, e permitiu, na reconfiguração do ano litúrgico, adequar a presença da mãe “associada à obra salutar de seu Filho”,²³¹ sem esquecer que Maria é “membro eminente e inteiramente singular da Igreja”.²³² A associação de Maria,

²²³ LG 52.

²²⁴ LG 53.

²²⁵ LG 54.

²²⁶ DE FIORES, S., *Maria en la teologia contemporanea*, p. 125.

²²⁷ LG 56.

²²⁸ LG 58.

²²⁹ LG 59.

²³⁰ LG 62.

²³¹ SC 103.

²³² LG 63.

modelo de virtudes”²³³ como inspiração - dimensão eclesiológica, torna-se um exemplo para toda a Igreja e para o cristão.²³⁴

Na quarta parte explica o papel singular e como deve ser a relação dos fiéis para com Maria, a peregrina na fé e discípula de Cristo, o elo pacificador, a mãe de todos os cristãos, que nos precede no caminho da santidade, dentro de uma visão nitidamente ecumênica.²³⁵ Orienta como deve ser o culto à Virgem, enraizando-o na história salvífica, evitando qualquer tentativa de dissociá-lo do mistério pascal.

A última parte descreve Maria como “sinal de esperança certa e de consolação para o povo de Deus peregrino”²³⁶ exortando todos os fiéis, inclusive os irmãos separados, a dirigirem súplicas à Mãe de Deus e dos homens para que todos sejam reunidos “no único povo de Deus, para glória da santíssima e indivisa Trindade”.²³⁷

O equilíbrio do texto conciliar, amalgamando as tendências das escolas daquela época, foi benigno. Maria é lida sob um prisma unitário, considerando todo o conjunto de dados sobre a fé. A leitura eclesial do mistério da Virgem é feita em chave patrística, litúrgica e magisterial.²³⁸

Enquanto o culto e a devoção seguem o seu curso natural; a teologia mariana, apesar das promissoras propostas conciliares, passa por um período de calmaria, que ficou conhecido como “silêncio mariano” (1965-1974).²³⁹ Esse é o tema abordado na próxima sessão.

3.3

A década do silêncio sobre Maria

O período posterior à promulgação da LG, considerada por São João Paulo II “a carta magna da Mariologia”,²⁴⁰ no que tange à reflexão mariana na Igreja teve um interstício, uma época de desconfiança, de crise. Houve uma escassez ou mesmo falta de escritos, beirando “o zero de forma perturbadora”.²⁴¹ Os sons da devoção mariana foram silenciados e o papel de Maria na Igreja tornou-se obscuro. A crise

²³³ LG 65.

²³⁴ LG 68.

²³⁵ LG 69.

²³⁶ LG 68.

²³⁷ LG 69.

²³⁸ PERRELLA *apud* CECCHIN, S., *Maria, um dato fondamentale per il “pensare” cristiano e francescano*, p. 4.

²³⁹ O termo foi cunhado por José Comblin em seu livro “A Igreja que Nasce do Povo (1976), para descrever o período de relativo silêncio em relação ao papel de Maria na Igreja, entre a promulgação da LG e a publicação da MC.

²⁴⁰ JOÃO PAULO II, PP. *Audiência geral*, 02 mai. 1979, *Confio a Maria as vocações sacerdotais*.

²⁴¹ BEINERT, W., *Devoção Mariana: uma chance pastoral*, *Communio* 7, 1978.

não ocorreu por omissão do Magistério eclesiástico, que produziu uma série de documentos mariológicos nesse período.²⁴² O chamado “silêncio” ou “inverno mariano” foi um período de tibieza, de diminuição da devoção, de uma perigosa vacilação, como Paulo VI ressaltou.²⁴³

Para Hauke (1956), desvios ocorridos nos movimentos bíblico, litúrgico e ecumênico são a razão para o decênio de silêncio.²⁴⁴ Para ele, a corrente biblicista tendia a desprezar as expressões doutrinárias da Tradição; enquanto o movimento litúrgico, as formas da piedade popular; e o movimento ecumênico, defendia quase exclusivamente os conteúdos marianos compartilhados pelos protestantes.

A situação, a título de exemplo, foi tema de um simpósio teológico²⁴⁵ em 1970 e objeto de uma Carta Pastoral da Igreja estadunidense “*Behold Your Mother Woman of Faith*”, escrita em resposta à crise na devoção mariana. No Simpósio, renomados autores, entre eles, o belga G. Philips, argumentaram que a teologia católica, e de forma específica a teologia mariana, apresentava aspectos que configuravam a travessia de uma dura prova.

Essa prova envolvia, para Roschini, crise de método e de doutrina; enquanto Laurentin apontava a falta de interesse como a causa principal, além de que o arcabouço mariológico estava sendo rechaçado e até combatido. Laurentin, ao analisar e enfrentar os excessos marianos, no seu livro *La Question Mariale* (A questão marial-1963), já indicava a necessidade de um equilíbrio entre as exigências complementares, isto é, uma integração da mariologia com a teologia e a vida da Igreja.

²⁴² Além do capítulo VIII da *Lumen Gentium* (1964) e da *Marialis Cultus* (1974), podem ser citadas: a Exortação Apostólica de Paulo VI *Signum Magnum* (13/5/1967) in *Acta Apostolicae Sedis* (A.A.S.) 59 (1967), p. 465-476, e os documentos das conferências episcopais: Neerlandese Bisschoppen Conferentes. *Pastoralebrief des Bisschoppen van Nederland* (5/10/1968), in *Ephemerides Mariologicae* 24 (1974), p. 98-103; Conferencia Episcopal de Chile. *Una señal radiante de esperanza* (12/7/1972), in *Marianum* 36 (1974), p. 356-364; Conferentia Episcopalis Helvetica. *Die Muttergottes in Heilsplan Gottes* (16/9/1973), in *Marianum* 36 (1974), p. 365-369; National Conference of Catholic Bishops U.S.A. *Behold your mother: Women of Faith* (21/11/1973), in *Marianum* 36 (1974), p. 370-411; Conferentia Episcopalis Polonensis. *Carta pastoral sobre o reto ordenamento do culto da Santíssima Virgem* (8/12/1974), in *Marianum* 37 (1975), p. 507-511; Catholic Bishops Conference of Philippines. *Ang Bahal na Birhen Mary* (2/2/1975), in *Marianum* 38 (1976), p. 407-434.

²⁴³ PAULO VI., *Homilia na Peregrinação ao Santuário Mariano de Nossa Senhora de Bonaria na Ilha da Sardenha*, em 24 abr. 1970.

²⁴⁴ HAUKE, M., *Introdução à Mariologia*, p. 102.

²⁴⁵ DE FIORES cita a publicação da *Ephemerides Mariologicae* 20 sobre o simpósio que traz artigos do belga Philips; dos franceses, Laurentin, Cazelles, Koehler; dos alemães Brandenburg, Koester; dos italianos Balic, Roschini, O. da Spinetoli, do irlandês Flanagan e dos espanhóis Aldama, Garcia e Garcés.

As razões apontadas por De Fiores passam pelos comportamentos humanos que transitavam entre um integrismo arcaizante e um futuro evasivo, sem que houvesse uma postura de aceitação responsável das mudanças introduzidas, decorrentes do novo pensar da Igreja. Ao examinar a crise mariana, ele disse que uma revisão radical considerando a vida contemporânea faria o culto mariano superar a conjuntura de crise e voltar a ser um interessante coeficiente de maturidade espiritual.²⁴⁶ Ao avaliar o período, Cecchin (1972) também constata a existência de atitudes contrastantes:

De 1966 a 1975, também a Mariologia foi afetada pelos problemas comuns a toda teologia, problemas que dão origem a duas atitudes: um integralismo arcaico, onde o medo do novo leva a uma volta ao passado; um futurismo evasivo, que evita o confronto com a realidade presente, rejeita o passado e segue o vento da “nova doutrina”.²⁴⁷

O posicionamento do grupo saudosista, formado por aqueles que não aceitaram a virada proposta pelo Vaticano II, procurava a todo custo recriar e imitar o passado, dificultando o desenvolvimento da teologia mariana ao evitar confrontações e ao combater qualquer tipo de novidade. De igual modo, o grupo que se abriu às novas vertentes, mas sem uma postura crítica, sem discernimento e empenho construtivo, tornou-se uma corrente da moda que, ao colocar à parte as necessárias confrontações, não favoreceu o diálogo e tampouco o progresso da teologia mariana.

Um terceiro grupo adota uma postura frente à crise buscando soluções, entendendo o momento como uma experiência em que os questionamentos radicais e as conquistas permitirão o início de um novo caminho. Neste caso, para Laurentin, as atitudes responsáveis no âmbito da mariologia deveriam considerar as dificuldades em todo o seu vigor, sem fechar os olhos, para não perder a credibilidade, pois a posição da Virgem continuava sendo sólida e seguir os novos rumos reconhecendo a exigência da interdisciplinaridade, integrando a teologia mariana no conjunto de toda a teologia.

No livro “*Tre sguardi su Maria*”, Sesboüe (1929-2021) trata dessa radicalização teológica, após o Vaticano II e analisa essas três posturas, destacando que o terceiro grupo procurou manter-se fiel às escolhas dos Padres Conciliares,

²⁴⁶ DE FIORES, S., *Il culto mariano nella situazione attuale della Chiesa*. In: *Maria, presenza viva del popolo di Dio*, p. 180.

²⁴⁷ CECCHIN, S., *Maria, un dato fondamentale per il “pensare” cristiano e francescano*, p. 5, tradução nossa.

afastando-se “da inflação devocional e teológica da figura de Maria”, empenhando-se no âmbito do diálogo ecumênico, considerando a ampla síntese do lugar que a Virgem Maria ocupa no mistério de Cristo e da Igreja oferecida pelo Concílio. Conclui propondo uma fórmula que ao seu ver uniria protestantes e católicos. Afirma: “tudo em Maria vem da graça de Deus (*sola gratia*); tudo nela é a resposta da fé (*sola fide*); enfim, tudo em Maria dá glória a Deus (*solī Deo gloria*)”.²⁴⁸

O período de silêncio permitiu que alguns assuntos, que dominaram a cena nos anos anteriores (corredenção, mediação e realeza), perdessem a relevância, sendo substituídos pelas orientações, depois reforçadas na *Marialis Cultus*, de ordem bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica para o culto da Virgem Maria. Langella afirma que os teólogos tentaram compreender esse período de sofrimento mariológico, tanto com obras individuais como coletivas.²⁴⁹ Registrou que em média foram publicados um ou dois manuais nesse ínterim, ao mesmo tempo, em que começaram a surgir obras de exegese mais científica abordando os textos marianos do Novo Testamento.²⁵⁰

Para Langella “o tempo de silêncio mariológico se estendeu de fato até o final da década de 1980”, terminando com a celebração do ano santo mariano convocado por João Paulo II, em 1987 e não com o advento da *Marialis Cultus*. À parte as controvérsias quanto à datação das fases, a história da teologia mariana teve uma forte retomada, ganhou nova direção após a Exortação de Paulo VI e alcançou uma expressiva recuperação durante o pontificado de João Paulo II, quando se abrem diversas pistas de pesquisa na teologia mariana.

3.4

Exortação Apostólica *Marialis Cultus*

A Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974), de Paulo VI, deu um novo norte à devoção mariana. Partindo da renovação litúrgica, orientada pelo Concílio Vaticano II, conclama toda a Igreja a renovar as formas de culto, a rever os

²⁴⁸ SESBOÛÉ, B., *Tre sguardi su Maria*, p. 80, tradução nossa.

²⁴⁹ LANGELLA, A., *Le mariologie postconciliaire. Status Quaestionis*. Destaca o interesse dos espanhóis, que publicaram um volume de *Ephemerides Mariologicae* (1970), cuja resposta da Sociedade Mariológica Espanhola foi dada em 1978 com um número monográfico mariano e que as publicações se limitaram a comentários sobre o oitavo capítulo da *Lumen Gentium*, assinalando como os principais os de Sales, Meo, Philips, Du Manoir, Laurentin, De Fiores, Baraúna e Toniolo. Constata que os manuais tratam a Virgem mais do que como uma pessoa como uma entidade, à qual, de forma lógico-argumentativa, eram atribuídas e exaltados diversos privilégios singulares.

²⁵⁰ LANGELLA aponta como principais os textos de Mc Hugh, Laurentin e Feuillet e destaca que nesse período, o *Marianum* organizou o seu I Simpósio Internacional sobre Desenvolvimentos Teológicos Pós-Conciliares e Mariologia.

exercícios de piedade respeitando a “sã tradição”, e a receber as contribuições daquele tempo, fator determinante que estimulou o retorno de debates e estudos sobre a teologia mariana.²⁵¹

A *Marialis Cultus*, que neste ano completa o seu 50º aniversário, apresentou proposições sobre a mãe de Jesus num contexto trinitário, cristológico e eclesiológico, impulsionou a retomada, o cultivo e a prática correta da teologia mariana.²⁵² É estruturada em três partes. Na primeira,²⁵³ expõe as distinções, oferecendo sugestões e diretrizes para promover o culto mariano na liturgia, orientando a correta relação entre liturgia e os exercícios de piedade, o lugar de Maria no ciclo geral do ano e o sentido das festas propriamente marianas. Na segunda²⁵⁴ indica as características para a validade da piedade à Virgem Maria, acentuando a necessidade das notas trinitária, cristológica e eclesial, assim como as quatro orientações, de ordem bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica para o culto, propostas para “tornar mais vivo e com maior sentido o vínculo que nos une à Mãe de Cristo e Mãe nossa, na Comunhão dos Santos”; e na terceira parte,²⁵⁵ aconselha a restauração das práticas e exercícios de veneração, trazendo recomendações para que os exercícios de piedade sejam revistos respeitando a “sã tradição” e exortando para uma abertura para o recebimento das contribuições dos tempos atuais. Conclui apontando o valor teológico e a eficácia pastoral para revigorar os costumes cristãos do culto da Santíssima Virgem como “um auxílio poderoso para o homem em marcha para a conquista da sua própria plenitude”.

A Exortação descortinou um divisor sobre o significado “universal e permanente” de Maria como sujeito feminino,²⁵⁶ ao apresentar as atitudes dela como exemplo e inspiração. Ela é descrita como modelo para as mulheres contemporâneas por possuir um valor permanente, ativo, dinâmico, “modelo naquilo que anelam os homens do nosso tempo”.²⁵⁷ É uma imagem teológica descentrada de expressões e visões culturais próprias de uma época ou de um povo,

²⁵¹ MC 24.

²⁵² Para PAREDES a *Marialis Cultus* nos convidou a abandonar uma mariologia alheia à cultura contemporânea e a elaborar e acolher uma mariologia em diálogo com o nosso mundo: identificando os elementos permanentes da figura de Maria e os propondo segundo o contexto atual (MC, 35-37) PAREDES, J., *Propuesta de una mariologia hoy*, p. 42.

²⁵³ MC 1-23.

²⁵⁴ MC 24-39.

²⁵⁵ MC 40-54.

²⁵⁶ MC 35.

²⁵⁷ MC 37.

pois não está atrelada à vida e nem ao ambiente sociocultural em que Maria viveu.²⁵⁸ As distinções permitem colher “um significado perene da Mãe de Jesus” válido para a atualidade. O documento cita o “consentimento ativo e responsável”²⁵⁹ consagrado a Deus como “modelo perfeito do discípulo do Senhor”, demonstrando que a religiosidade de Maria não era alienante, mas libertadora e situa como a mulher deve assumir o protagonismo da sua história. O Papa traça a imagem da Virgem como uma mulher profética, expressa no “*Magnificat*”. Quanto à dimensão antropológica, Maria é exibida como expressão da liberdade humana na cooperação com Deus, cuja adesão total e responsável à vontade de Deus deve ser imitada.

Ao indicar como causa da crise mariana a mudança cultural, as novas concepções antropológicas, o Pontífice propõe uma nova leitura da figura de Maria, desvinculada das figuras atreladas às construções culturais de cada época, unida firmemente a Cristo e à Igreja. E, após requalificar a imagem de Maria, indica o rosário não mais como expressão devocional, de uma piedade popular pobre, mas como uma grande oração evangélica e cristológica, próxima da liturgia. As contribuições de Paulo VI foram de suma importância para a passagem de uma mariologia desatenta e completamente alheia à cultura contemporânea para uma postura dialógica, em que a Mariologia passa a falar com o mundo e Maria é vista como espelho das expectativas do homem e mulher do nosso tempo.

3.5

A Encíclica *Redemptoris Mater*

A mariologia, depois do Concílio Vaticano II, adotou uma abordagem relacional no confronto com as outras disciplinas teológicas. Esse é um traço característico da teologia contemporânea. Para Bruno Forte (1949),

a autonomia do discurso de fé sobre a Mãe do Senhor só pode ser relacional: não se pode falar de Maria sem falar da Trindade, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, do homem e da Igreja, da história e do *éschaton*. E, por outro lado, na encruzilhada das várias vias de aprofundamento do mistério cristão se encontra Maria, o lugar da vinda do Filho de Deus entre nós.²⁶⁰

Para Queiruga (1940), a linha renovadora conseguiu provocar “um profundo respiro depois de séculos de atmosfera rarefeita, contenção doutrinal e repressão

²⁵⁸ MC 36.

²⁵⁹ MC 37.

²⁶⁰ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 34.

autoritária”²⁶¹ e, por isso, o Concílio tornou-se um “acontecimento de raio histórico muito amplo [...] na vida da Igreja católica e de sua presença no mundo”.²⁶²

Durante o pontificado de João Paulo II, a teologia mariana redescobre a riqueza das múltiplas perspectivas mariológicas na compreensão da importância da Virgem na missão da Igreja e no mundo. Ao trazer à luz a *Redemptoris Mater*, seguindo as grandes linhas da MC, o Papa polonês dá vida à Encíclica mariana do seu governo, com “uma modalidade e espiritualidade próprias”,²⁶³ ao tempo em que confirma o compromisso cristológico e eclesiológico da mariologia trazendo “as orientações que devem concorrer no culto da Virgem, segundo a liturgia reformada e uma religiosidade popular no espírito do Concílio”²⁶⁴ e mostra uma mulher ativa que ilumina o nosso trajeto, “é fortemente integrada a impostação antropológica da mariologia”.²⁶⁵

A Encíclica, na introdução, manifesta o desejo de discorrer “sobre o significado que Maria tem no mistério de Cristo e a sua presença ativa e exemplar na vida da Igreja”. Afirma que seguir “as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem” é o caminho para ir ao encontro do Senhor. A peregrinação de fé de Maria é um movimento de saída e retorno de Cristo ao Pai. A fé faz o ser humano entrar mais profundamente no coração da realidade, transformando o tempo e a existência histórica. João Paulo II apresenta Maria, em chaves teológicas, como a crente por excelência, peregrinante e pessoa glorificada. Quando aborda a mediação materna, ela é contemplada no Mistério de Cristo, à luz do mistério eclesial e do escatológico da glória.²⁶⁶

A primeira parte²⁶⁷ expõe o papel de Maria, desde a sua eleição, no mistério de Cristo, como partícipe no plano divino de salvação, que é eterno e abarca toda a humanidade, mas reserva um lugar especial para a mulher, que é a mãe daquele a quem o Pai confiou a obra da salvação. O texto traz um progressivo quadro bíblico sobre Maria (anunciação, visitação, apresentação, fuga, crucificação e cenáculo), descrevendo a peregrinação de fé de Maria, que “desde o primeiro instante da sua

²⁶¹ QUEIRUGA, A., *A teologia depois do Vaticano II*, p. 16.

²⁶² QUEIRUGA, A., *A teologia depois do Vaticano II*, p. 9.

²⁶³ DEL PIE, E. T., *Redemptoris Mater*, p. 1117.

²⁶⁴ DEL PIE, E. T., *Redemptoris Mater*, p. 1117.

²⁶⁵ HAUKE, M., *Introdução à Mariologia*, p. 103.

²⁶⁶ RM 1-6.

²⁶⁷ RM 7-24.

concepção [...] pertence a Cristo, participa da graça salvífica e santificante e daquele amor que tem o seu início no ‘amado Filho’ e “constitui o cumprimento superabundante da promessa” que vencerá o mal do pecado, convertendo Maria em “um sinal de segura esperança”. Ela, por ter acreditado, obedece na fé, coopera perfeitamente “com todo o seu ‘eu’ humano e feminino”, torna-se “presença real no mistério de Cristo” e concebe mediante a fé. O itinerário para Deus de Maria é sedimentado na obediência, percorrendo os insondáveis juízos de Deus, conformando-se a eles na obscuridade da fé “escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). até a “profunda *kénose* da fé” aos pés da cruz, quando “com a mesma fé descobre e acolhe a outra dimensão da maternidade”, que “emerge da maturação definitiva do mistério pascal do Redentor”.

A Encíclica ressalta a solicitude de Maria pelos homens ao delinear claramente a nova dimensão da maternidade, ao comentar as bodas de Caná (Jo 2), falando do valor simbólico do “ir ao encontro das necessidades do homem” que introduz Maria na “missão messiânica e do poder salvífico de Cristo”. O pôr-se de “permeio” é colocar-se como mediadora, não como uma estranha, mas em sua posição de mãe, socorrendo as desventuras humanas. A maternidade de Maria “tem uma ‘nova’ continuação na Igreja e mediante a Igreja”, propiciada pela economia redentora da graça que permitiu a presença dela na Encarnação do Verbo e do nascimento da Igreja, no Cenáculo de Jerusalém.

Ao desenvolver a reflexão de linha eclesiológica,²⁶⁸ o Pontífice diz que a Igreja, que ainda está a caminho, foi constituída para ser um sacramento visível da unidade. Ao longo dessa caminhada-peregrinação eclesial, Maria está presente e “é, entre todos os que acreditam, como um ‘espelho’, em que se refletem da maneira mais profunda e mais límpida ‘as maravilhas de Deus’ (At 2,11)”. Essa condição categorial de Maria como “figura” ou “espelho” visa que a Igreja possa voltar-se e olhar para si mesma para tornar-se mais “santa e imaculada”.

João Paulo II enfatiza a Igreja como povo de Deus, destacando duas características principais: a configuração como congregação de todos os crentes que olham para Jesus como Redentor e o princípio da unidade e paz; e outro, o caráter interior da peregrinação de fé da Igreja, que é o primeiro vínculo de unidade que fundamenta todos os outros. Sublinha a dimensão espiritual da peregrinação, da

²⁶⁸ RM 25-37.

ação do Espírito Santo que continuamente santifica a Igreja. Assinala a presença de Maria no ato fundante eclesial: o Pentecostes, onde inicia o caminho de fé da Igreja que se encontra com o de Maria que teve início em Nazaré. Evidencia o fato da Virgem ser uma testemunha excepcional da Encarnação, o que a coloca indissoluvelmente ligada ao mistério de Cristo, e a qualifica como a primeira crente.

Este fato assegura “o começo da nova e eterna aliança de Deus com a humanidade em Jesus Cristo” e marca toda a trajetória da “fé heróica” mariana “que seguiu os passos de Jesus em sua maternal peregrinação”. Esta prioridade de fé, de caráter tipológico, em certo sentido torna os cristãos “participantes da fé de Maria”, não somente como veneração, mas também porque eles buscam na fé de Maria um apoio para a sua própria fé. Ao referir-se ao caminho em busca da unidade dos cristãos, alerta sobre a necessidade de “resolver discordâncias não leves da doutrina” e pontua a concordância existente em temas fundamentais e o fato de haver entre os irmãos separados aqueles que prestam a devida honra à Mãe do Senhor, especialmente entre os orientais - há uma herança comum entre a Igreja Ortodoxa, as antigas Igrejas Orientais e a Católica. São aspectos positivos que podem favorecer a união; quando se trata, porém, dos protestantes, essa doutrina mariológica aparece como ponto de discórdia, principalmente no que tange à cooperação ativa do homem na salvação - cooperação e mediação da Virgem.

O Pontífice assevera que os cristãos sabem que a unidade só se realizará verdadeiramente se for fundada na unidade da sua fé, auxiliada pelo Espírito Santo que não cessa de renovar a Igreja até chegar “à luz que não conhece ocaso”. Em continuidade às palavras do *Magnificat*, repetidas cotidianamente, em sua Liturgia das Horas, a Igreja renova a “certeza de que não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva, de Deus que é fonte de toda a dádiva,” que manifesta o seu amor divino preferencial pelos humildes. Expressa claramente que Maria, ao lado do seu Filho, “é o ícone mais perfeito da liberdade e da libertação da humanidade”, “dependente totalmente de Deus e orientada para ele pelo impulso da sua fé”.

A terceira parte²⁶⁹ centra-se na mediação materna, que é um aspecto precioso da presença da Virgem no mistério de Cristo e da Igreja. A RM evita qualquer possibilidade de confusão que coloque a mediação de Maria na mesma ordem da

²⁶⁹ RM 38-50.

mediação de Cristo.²⁷⁰ Reafirmando a mediação do próprio Cristo, única fonte, João Paulo II elucida que “a mediação de Maria está intimamente ligada à sua maternidade”, “revestida de uma dimensão universal em razão da morte redentora de seu Filho” e “perdura incessantemente na Igreja, como mediação que intercede”, que “contribui de maneira especial para a união da Igreja peregrina na terra com a realidade escatológica e celeste da comunhão dos santos”.

A Encíclica aborda o papel da Virgem na vida da Igreja e de cada cristão. É figura, modelo perene para a Igreja, que a honra com culto especial exprimindo o “vínculo profundo que existe” entre ambas. A Igreja torna-se mãe em sentido espiritual, a serviço do mistério da adoção, gerando filhos mediante a graça, guardando a fé recebida de Cristo, mantendo “virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança e sincera a caridade”. A Virgem “coopera com o amor de mãe para a regeneração e formação dos filhos e filhas da mãe-Igreja” exercendo a sua maternidade espiritual. Maria conduz o povo à Eucaristia e o aproxima das insondáveis riquezas de Cristo (Ef 8). A resposta ao amor singular de Mãe é precisamente a entrega filial, a dimensão mariana da vida de um discípulo de Cristo. Antes de concluir o texto, expõe o sentido do Ano Mariano (1987-1988) - o vínculo especial que une os homens com Maria²⁷¹ e repete Paulo VI, ao afirmar que devemos “buscar na Virgem Mãe de Deus a forma mais autêntica da perfeita imitação de Cristo”.

3.6

Carta Apostólica *Mulieris dignitatem*

Durante o Ano Mariano do seu pontificado, João Paulo II, publica a carta apostólica *Mulieris dignitatem* (1988), em contexto mariológico, causando um impacto na vida pastoral da Igreja ao chamar a atenção para a dignidade e vocação das mulheres. A carta promove um estímulo e um crescente interesse na “redescoberta da importância tipológica de Maria e de seu exemplar caminho de fé”.²⁷² Igualmente, abordando um tema difícil e até então pouco tratado, a sexualidade humana, abre novas perspectivas.

²⁷⁰ DANIEL, L., *A mediação materna de Maria em Cristo na Encíclica Redemptoris Mater de João Paulo II segundo apreciação de Joseph Ratzinger*, p. 123.

²⁷¹ RM 51-52.

²⁷² MULLER, A., SATTTLER, D., *Mariologia*, p. 160.

O texto²⁷³ trouxe “o estilo e o caráter de uma meditação” visando aprofundar os “fundamentos antropológicos e teológicos necessários para resolver os problemas relativos ao significado e à dignidade do ser mulher e do ser homem”. Lembrou a centralidade e a especial dignidade que o cristianismo confere, desde as origens, à mulher no evento salvífico, uma vez que a autorrevelação de Deus lança seus fundamentos na anunciação de Nazaré - “a encarnação é vista como resposta à inquietude do coração humano em todas as tradições religiosas”.²⁷⁴

Ao valorizar o papel ativo e responsável da mulher no evento salvífico, no capítulo central da carta,²⁷⁵ recupera o fundamento da antropologia cristã: a igualdade entre o homem e a mulher, onde está radicada a razão de todo o “*ethos*” humano, “cujo vértice é o mandamento do amor”. Ao evidenciar a relação de reciprocidade e não de complementaridade da mulher para o homem, aponta para o reflexo da unidade do amor divino trinitário na totalidade corporal e espiritual de ambos - o caráter pessoal do ser humano. Destaca que “a Bíblia fala frequentemente de Deus com uma linguagem proveniente da corporeidade humana”,²⁷⁶ de modo antropomórfico. Esta característica da linguagem indica indiretamente “o mistério do eterno ‘gerar’” divino, que “não admite qualquer tipo de associação com sexualidade”²⁷⁷ e na ordem humana é próprio da “unidade dos dois”: os genitores.

Retomando a antítese Eva-Maria,²⁷⁸ dá uma guinada na interpretação recorrente de que a mulher foi vítima durante anos, sendo considerada como a “segunda na ordem da criação” e esclarece que o pecado original rompe a unidade originária com a perda da igualdade fundamental e que “não há dúvidas” “esse primeiro pecado é o pecado do homem, criado por Deus homem e mulher”. Indica situações em que a mulher permanece em desvantagem ou é discriminada por ser mulher afirmando a necessidade de suplantarmos a situação, alerta para que as mulheres não assumam características masculinas no processo de emancipação.²⁷⁹

²⁷³ JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 1-5.

²⁷⁴ BINGEMER, M., *O lugar da mulher*, p. 11.

²⁷⁵ JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 6-8.

²⁷⁶ BINGEMER, M., *O lugar da mulher*, p. 17.

²⁷⁷ BINGEMER, M., *O lugar da mulher*, p. 18.

²⁷⁸ JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 9-11.

²⁷⁹ Este aspecto é objeto de crítica da teóloga brasileira BINGEMER (O lugar da mulher, p. 22-23), que vê um risco: o documento ao ressaltar o específico feminino pode acarretar a exclusão de mulheres de determinados setores. Não nos foi possível determinar cientificamente o impacto da carta nesse sentido, mas é facilmente constatável a existência de movimentos femininos com mais força na luta por igualdade. Por exemplo, o “Me too” que repercutiu intensamente durante o período pandêmico.

A carta expõe a missão da mulher e afirma que com Maria “se inicia a nova e definitiva aliança de Deus com a humanidade” e que no confronto Eva-Maria, ela “assume em si mesma e abraça o mistério da ‘mulher’”, tornando-se o “novo princípio da dignidade e da vocação da mulher, de todas e de cada uma das mulheres”.

João Paulo II desenvolve o seu pensamento²⁸⁰ lembrando o encontro e, sobretudo, o comportamento de Jesus com “as filhas de Abraão” “que exprimem sempre o respeito e a honra devidos à mulher”. A reciprocidade do amor e a igual responsabilidade do homem e da mulher - a “medida do amor” referida pelo Papa - exigem que para tornar-se um dom sincero, cada um dos dois se sinta responsável pelo dom. Dessa forma, a dignidade e a vocação da mulher estão conexas com a unidade dos dois e encontram sua vertente no coração de Deus. Destaca a presença das mulheres na vida de Jesus, situando-as como as discípulas mais corajosas, assegurando que às mulheres foram confiada a verdade divina da mesma maneira que aos homens e que elas foram testemunhas insubstituíveis e sujeitos vivos das grandes obras de Deus.

A maternidade e a virgindade²⁸¹ são os temas seguintes, quando o pontífice assevera que “a maternidade comporta uma comunhão especial com o mistério da vida” é Aliança, aproxima-se do ato gerador de Deus. A contribuição materna, diz, é decisiva para as bases de uma nova personalidade e que o homem, inclusive, deve aprender da mãe a desenvolver a sua paternidade. A vinda de Cristo desperta uma nova consciência de fé e Maria é a primeira pessoa que a manifesta. Com a maternidade divina torna-se sinal da esperança escatológica. Quanto à virgindade é vista como escolha livre e graça especial, ligada à maternidade, mas distinta dela. É o ideal evangélico dirigido ao ser humano, sem distinção sexual e não se restringe ao simples “não”, mas traz à tona um profundo “sim” na ordem sponsal.

Ao caracterizar a Igreja como esposa de Cristo²⁸² e discorrer sobre a caridade²⁸³ para, em seguida, concluir a carta, o sumo pontífice apresenta o grande mistério do amor humano, desse amor sponsal que se manifesta através da *communio personarum*, sujeito coletivo, que é o Povo de Deus. Retoma mais uma

²⁸⁰ JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 12-16.

²⁸¹ JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 17-22.

²⁸² JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 23-27.

²⁸³ JOÃO PAULO II, PP., *Mulieris Dignitatem*, 28-31.

vez a temática da submissão para clarificar que na relação Cristo-Igreja a submissão é só da Igreja, enquanto na relação matrimonial ela não é unilateral, mas recíproca. Comenta o chamamento dos doze, o recebimento do mandato sacramental, respondendo à questão sobre a admissão das mulheres ao sacerdócio. Presentifica o perfil mariano da Igreja na linha do pensamento balthasariano, ao afirmar que “pode-se dizer que a Igreja é conjuntamente ‘mariana’ e ‘apostólico-petrina’”²⁸⁴ e reafirma a precedência de Maria a todos no caminho da santidade. Assim introduz a verdadeira vocação e missão da mulher como um dom do Espírito, na ordem do amor, exigência ontológica e ética da pessoa. A mulher é consciente dessa tarefa, “amparo insubstituível e uma fonte de força espiritual” a quem Deus confia o homem. Por isso, a Igreja rende graças a Deus por todos e cada uma das mulheres.

3.7

As correntes teológicas na renovação mariológica

Após o Concílio Vaticano II, no percurso da renovação teológica, inicialmente a mariologia fica marginalizada até ser reinserida e enriquecida com as aquisições advindas dos estudos bíblicos, patrísticos e antropológicos. Aparece como síntese dos dados da reflexão global e sem objetivar constituir-se uma estrutura autônoma.²⁸⁵ Para Paredes, o tratado mariológico torna-se um caminho de confluências.²⁸⁶ A nova abordagem metodológica adveio gradativamente do abandono da chamada mariologia ontológico-dedutiva para a adoção proposta pelo capítulo VIII da LG, de uma reflexão profunda e integral sobre o papel da Virgem, de modo que a mãe do Senhor pudesse ser vista no conjunto da história da salvação.²⁸⁷ Importam todos os momentos da vida de Maria em toda a história da revelação, em íntima associação à obra redentora do seu filho Jesus. Aparece primeiro nos títulos e progressivamente no conteúdo.

Dessa maneira, a humanidade de Maria de Nazaré é evidenciada, o interesse por suas atitudes interiores, pela sua peregrinação na fé ganharam espaço e a

²⁸⁴ MD 27. A nota 55 da Carta cita Balthasar (*Neue Klarstellungen*) referindo-se à afirmação do teólogo: Maria é “rainha dos apóstolos sem pretender para si os poderes apostólicos. Ela tem outras coisas e muito mais”.

²⁸⁵ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 844.

²⁸⁶ PAREDES, J., *Propuesta de una mariologia hoy*, p. 49.

²⁸⁷ Para Llamas, no artigo já mencionado, o método histórico salvífico é “o mais adequado para conhecer desde dentro a figura de Maria em toda a sua dimensão humana natural e sobrenatural, com suas características pessoais, como Mãe de Deus e colaboradora na obra da salvação” (tradução nossa).

reaproximaram do povo cristão, equilibrando e dando um tratamento autêntico à figura da Virgem, principalmente com o retorno às fontes bíblicas e patrísticas.

Ocorre, desde então, uma redescoberta da riqueza das múltiplas visões mariológicas que auxiliam na compreensão da importância da Virgem, na missão da Igreja e no mundo. A Congregação para a Educação Católica publicou, em 1988, o documento “A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual”, recordando a necessidade de fazer uma leitura nova e aprofundada sobre o papel da Virgem, sublinhando o elemento teológico essencial para a fé e para a vida da Igreja; que é preciso aumentar o ensino orgânico, sistemático e autônomo da mariologia, que enriquece a teologia. A Congregação para o Culto Divino publicou a Coleção de Missas da Bem-aventurada Virgem Maria (*Collectio missarum de beata Virgine Mariae*),²⁸⁸ em um sinal claro de interesse pela renovação mariana da liturgia eclesial.

A PAMI, em dezembro do ano 2000, publicou uma carta aos cultores de mariologia estimulando o desenvolvimento das pesquisas e da disciplina, após analisar o contexto da teologia contemporânea. Indica a correta aproximação ao mistério da Mãe do Senhor elencando temas, problemas e afirma ser dever contribuir para a solução de alguns problemas que se apresentam para a Igreja, para os homens e mulheres do nosso tempo. Considera que a teologia pós-conciliar está percorrendo o triplo caminho da renovação, recuperação e inculturação ao aprofundar os estudos sobre a relação da Virgem com o Espírito Santo, ao atualizar a compreensão dos dogmas marianos e examinar o papel de Maria na evangelização. É relevante ressaltar que o documento destaca o recebimento de valores específicos da perspectiva feminista para uma compreensão mais completa da mulher Maria de Nazaré e ao afirmar que a mariologia promoveu o diálogo ecumênico sobre a Mãe do Senhor, uma reflexão sobre as relações entre o judaísmo e o cristianismo e iniciou aportes com as grandes religiões históricas.²⁸⁹

A Mariologia atual, aponta Llamas (1926-2017), ao invés de se apoiar em uma única tendência, assumiu todas elas, integrando correntes, absorvendo e unificando suas peculiaridades, que não são elementos contrários, mas coeficientes de uma mesma constituição. São estilos, metodologias e estruturas desiguais, mas

²⁸⁸ A coleção foi republicada no Brasil pelas Edições CNBB em 2016 - antes, a coleção havia sido publicada em 1987, pelas Paulinas.

²⁸⁹ PAMI., *La Madre Del Signore. Memoria Presenza Speranza*. Vaticano: 2000.

que não possuem diferenças doutrinárias substanciais, considerando o uso e a aceitação dos princípios fundamentais. É “uma mariologia equidistante entre o puro conceitualismo de outros tempos e o historicismo radical, matizado e configurado na história da salvação”.²⁹⁰

Constata-se a evolução e a existência de modelos²⁹¹ usados para explicitar o discurso sobre Maria, ao revisitar o processo histórico. De Fiores assevera que a mariologia empreende alguns caminhos inéditos e diversificados²⁹² e a teologia assiste a uma múltipla atividade de investigação. João Paulo II afirma que à luz do Vaticano II, ocorre a renovação da mariologia com o estabelecimento de frutíferos contatos interdisciplinares, o enfrentamento de novos problemas e a atenção às novas tarefas.²⁹³ Por isso, é comum encontrar declarações que reconhecem em Maria, reverberando os ensinamentos da LG 65, “a micro-história, mistério da salvação concentrado”,²⁹⁴ o “*verbum abbreviatum* da doutrina Cristã”,²⁹⁵ apontando a Mariologia como uma “disciplina de síntese e de conexão”,²⁹⁶ em que a integração das diferenças pela rejeição dos extremos e a valorização dos pontos positivos é o caminho preferencialmente trilhado.

Apresenta-se a seguir, sem pretensão de completude, algumas correntes de estudo e pesquisa no panorama mariológico.

3.7.1 Mariologia histórico-salvífica

A perspectiva histórico-salvífica remete para o contexto global da revelação e da integralidade da vida cristã. Busca captar Maria em suas vinculações orgânicas

²⁹⁰ LLAMAS, E., *Algunas corrientes actuales en la mariología*. Na nota de rodapé 3, que transcrevemos, Llamas comenta os efeitos do Congresso de Lourdes sobre as correntes mariológicas: “*Los efectos del Congreso de Lourdes y la actividad de esas corrientes mariológicas a partir de 1959 fueron ampliamente comentadas en manuales de mariología y en estudios especiales. La bibliografía es abundante. Cito como estudios menos conocidos: F. SERRANO, SDB, «La mariología en proceso de renovación», en Analéctica. Anuario de Reflexión Teológica, 3, enero-diciembre 1988, p. 3-24; B. GHERARDINI, La Madre. Maria en una síntesis storico-teológica, Frigento, Casa Mariana Editrice, 1989; La scienza mariologica, 4: Le principali correnti mariologiche, p. 46-53; M. SEMBRARO, «Percorsi della mariologia postconciliare», en Riv. de Scienze Religiose, VI/2 (1992), p. 277-294*”.

²⁹¹ Alöis Müller no capítulo III da sua obra *Reflexiones teológicas sobre Maria, Madre de Jesus. La mariología em perspectiva actual*, enumera uma série de teorias sobre o conhecimento e a linguagem teológico. Dentre eles o modelo linguístico ou analítico da linguagem, sociocrítico e hermenêutico.

²⁹² DE FIORES, S., *Maria en la teología contemporánea*, p. 152.

²⁹³ JOÃO PAULO II, PP., *Discurso durante a visita a Pontificia Faculdade Teológica Marianum*, em 10 dez. 1988.

²⁹⁴ BOFF, C., *Introdução à Mariologia*, p. 13.

²⁹⁵ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 35.

²⁹⁶ Este raciocínio aparece nos citados artigos de Langella e Paredes.

sem descurar do centro do plano salvífico, Jesus Cristo. Enfatiza a cooperação de Maria com o plano divino de redenção da humanidade. O método histórico-salvífico dá para a mariologia um novo *status*, integrando-a no grande painel teológico, de forma multidimensional e transversal. Os diversos temas dos outros tratados estão presentes no tratado mariano.

Por isso, Paredes sugere a necessidade da elaboração de uma “teologia correlativa”. Partindo da linguagem comum ao mundo da informática, afirmou que a “Mariologia é uma reflexão teológico-sapiencial que se realiza através de *hyperlinks*”. Essa concepção em linguagem mais moderna reflete a capacidade da teologia mariana de expressar o todo na parte e a parte no todo, retroalimentando e renovando constantemente as relações, terminando por singularizar a mariologia como disciplina de conexão e síntese e, em conformidade com o pensamento de Guardini, afiançar que a mariologia “constitui o sistema de coordenadas cristãs”.

Langella registra que as publicações teológicas ao adotarem o método histórico-crítico, em perspectiva salvífica, introduzem o círculo hermenêutico, isto é, a realidade vivida passou a ser interpretada a partir das pré-compreensões e os dados, relidos à luz da Palavra de Deus e da Tradição eclesial, interagem e não há separação entre passado, presente e futuro. Denotam “a memória da fé da Igreja expressa nas Escrituras e vivida pela comunidade”.²⁹⁷

Testa (1923-2011) destacou a atualidade desta corrente mariológica do ponto de vista bíblico e teológico, porque propiciou uma superação da estrutura do comportamento da sistemática, distante da cronologia dos fatos, indicando que para ela convergiram “a teologia querigmática e a descoberta patrístico-litúrgica, que apontam eixos essenciais do anúncio evangélico”,²⁹⁸ que não podem ser isolados do todo do contexto cristão, “onde os dados assumem a sua justa dimensão e o seu significado mais autêntico”.²⁹⁹ Há um crescente interesse em investigar a vida concreta de Maria, recuperando a sua imagem histórica e o seu significado, pois toda a vida de Maria possui um valor salvífico.

²⁹⁷ LANGELLA, A., *Le mariologie postconciliari. Status quaestionis*. O autor enumera: Mariologia na Itália (F. Scanziani); Maria, a mulher ícone do mistério. Ensaio de Mariologia narrativa simbólica (B. Forte); Maria mãe de Jesus Síntese histórico-salvífica (Curso de Teologia Sistemática, S. De Fiores); Maria. Mistério da graça e da fé (G. Colzani); Urna Santa Maria do Espírito Santo. A Mariologia no contexto da História da Salvação (A. Contri) e Eis a tua mãe (Jo 19:27) (S M Perrella). A Mãe de Jesus no magistério de João Paulo II e no hoje da Igreja e do mundo.

²⁹⁸ TESTA, E., *Maria de Nazaré*, p. 822.

²⁹⁹ TESTA, E., *Maria de Nazaré*, p. 823.

3.7.2

Mariologia em perspectiva antropológico-feminina

A LG ao inserir Maria no mistério de Cristo e da Igreja, indicou os fundamentos antropológicos da mariologia.³⁰⁰ O momento, diante das reivindicações da sociedade, das acusações do caráter anti-humano do cristianismo e do progresso do pensamento existencialista, exigia uma redefinição da posição e da centralidade homem-mulher no discurso teológico.³⁰¹ Na Constituição LG é evidenciada a relação que Maria de Nazaré estabelece com Deus e a humanidade, considerando que, uma vez plantada na plenitude dos tempos (Gl 4,4), a Virgem está associada, por um lado ao, Mistério Trinitário - como mãe do Filho de Deus, filha predileta do Pai e Templo do Espírito Santo e, por outro, aos descendentes de Adão, o povo de Deus, a humanidade que espera por salvação. Dessa compreensão emerge no âmbito teológico uma perspectiva inclusiva ao resgatar a face humana de Maria, reconhecendo-a como o membro mais eminente da Igreja, como mulher livre e responsável, cooperadora da história da salvação, provocando uma nova leitura dos dogmas marianos.

Consequentemente, “uma vez que Maria é o modelo da pessoa humana na graça, tipo da Igreja, a mariologia pode ser entendida como concretização da antropologia na perspectiva da teologia da graça”.³⁰² Essa evidenciação se harmoniza no processo conhecido como “virada antropológica”, em que a antropologia foi destacada como “o aspecto mais importante da ciência da fé”,³⁰³

³⁰⁰ DE FIORES, S., *Maria en la teologia contemporanea*, p. 152. De Fiores enumera alguns autores que souberam dar um significado concreto à figura histórica e meta-histórica da Virgem: Romano Guardini, Louis Boyer e Karl Rahner (p.71-83). Os fundamentos antropológicos estão comentados nas seguintes obras: MASCIARELLI MG, *Antropologia e Mariologia após o Vaticano II. Como dizer o "mistério do homem" à luz da teologia mariana*, em *Theotokos XXI* (2013) - N. 1., p.129-167; COLZANI G., *O papel de Maria na antropologia teológica pós-conciliar*, em *Theotokos, XXI* (2013), n.1, p. 67-89; GRECO A., *"Mãe dos vivos". A cooperação salvadora de Maria em "Lumen gentium": um desafio para hoje*, Eupress FTL, Lugano 2011; NAVARRO PUERTO M., *Nascido de mulher (Gal. 4,4): perspectiva antropológica*, em *Theotokos III* (1995), n. 2, p. 557-569; LAURENTIN R., *Maria chave do mistério cristão*, San Paolo, Cinisello Balsamo 1996; SCARVAGLIERI G., *Maria "Mulher em relacionamento" na devoção popular*, em *L'Eco di Gibilmanna*, XCII (2010), II Semestre 2010, p. 5-9; ALES BELLO A., *ícone de Maria da Igreja do Terceiro Milênio*, em AA. VV., *A Mãe de Deus, um pórtico sobre o futuro do mundo. Fé eclesial, iconografia, piedade popular*, Edizioni Monfortane, Roma 2001, p. 233-241; DAMINELLI G., *Maria e a revolução feminina*, em *Mãe de Deus* n. 10 - novembro de 2009; GRASSO A., *Maria modelo exemplar de mulher e homem contemporâneos*, em *LAÓS XIII* (2006) n.1 - p. 13-19; MAGGIANI S., *Dizendo Maria no "Pátio dos Gentios"*, in *Marianum LXXIII* (2011), n. 179-180, p. 9-16.

³⁰¹ DE FIORES, S., *Maria en la teologia contemporanea*, p. 71-83.

³⁰² MULLER, G., *Dogmática Católica*, p. 339.

³⁰³ BERTOLA, M.X., *Antropologia*, p. 89.

da definição de Maria como o “paradigma antropológico realizado”.³⁰⁴ Ao referir-se a Maria como representante do gênero humano, refletindo a sua relação com a Revelação, essa corrente aloja-se na mariologia de matriz antropológica.

Afirmar Maria como o “paradigma antropológico realizado”, significa que ela com a sua existência, de uma maneira exata e completa de acordo com os planos de Deus, contempla tudo aquilo que a pessoa pode ser e se tornar. Ela “nos mostra concretamente todo o desenvolvimento da existência humana assim como é previsto nos desígnios divinos”, que “é destinada à glória da ressurreição”.³⁰⁵ A piedade popular, a essa luz, deve ser vista não somente como uma cultura em sentido antropológico, mas como uma forma de inculturação do cristianismo, com a mesma dignidade de outros processos, em que os valores populares relativos à Maria devem ser potencializados. Destarte, Maria não é tanto um modelo de virtudes, mas *typos* e imagem da igreja,³⁰⁶ a definição de ser humano querido por Deus, como assinalou Jean Galot (1919-2008):

seria miopia ver em Maria apenas um modelo de virtudes morais e domésticas, considerando sua relação com Jesus Cristo, e não descobrir nela as suas outras virtudes e a sua relação com a Igreja e a mulher, pois nela a mulher recuperou sua dignidade e atingiu sua máxima excelência.³⁰⁷

Sob os clarões desse viés antropológico, a mariologia assume um novo rosto. São importantes matizes propostos por Guardini ao destacar o sentido histórico-existencial de Maria, descrevendo os aspectos dinâmicos do caminho espiritual por ela percorrido, procurando alcançar uma visão unitária e total da existência cristã, sem deixar de particularizar a afinidade e a distinção existente na relação de Maria com o seu filho Jesus.³⁰⁸ Ou, ainda, o significado antropológico da Virgem - criatura restaurada em Deus - e do culto a ela prestado, objetos da reflexão de Louis Bouyer (1913-2004),³⁰⁹ o denominado “humanismo mariano”, que vê Maria como exemplo insuperável, a imagem da perfeita adesão ao plano salvífico e, por sua cooperação na vitória de Cristo sobre o pecado, o ícone escatológico da Igreja. O pensamento rahneriano flui no sentido de expor a centralidade da graça - *teología caricéntrica*. Demonstra que um discurso correto sobre a Mãe do Senhor encontra as suas bases

³⁰⁴ BERTOLA, M.X., *Antropologia*, p. 92-98.

³⁰⁵ DEL GAUDIO, D., *Maria de Nazaré. Breve tratado de mariologia*, p. 119-124.

³⁰⁶ LG 63,65,68.

³⁰⁷ GALOT, J., *apud* LLAMAS. In: *Algunas corrientes actuales en la mariología*, tradução nossa.

³⁰⁸ DE FIORES, S., *Maria en la teologia contemporanea*, p. 72-76.

³⁰⁹ DE FIORES, S., *Maria en la teologia contemporanea*, p. 77-78.

e validade em relação às questões essenciais da antropologia e da cristologia, dentro do espectro histórico-salvífico, onde o lugar de Maria é definido como essencial, único e decisivo, que, todavia, não impede vê-la como a criatura humilde, a serva do Senhor, que pertence à família humana, onde nós estamos incluídos.³¹⁰

A mariologia da corrente antropológica explana aspectos como a exemplaridade e o significado de Maria para as mulheres na ordem social e sobrenatural; a importância do ser humano na criação, demonstrando que é preciso necessariamente falar de Maria - a teologia antropológica deve ser também mariológica - porque não se pode descurar a decisiva participação de Maria ao lado de Cristo por vontade e escolha do próprio Deus. Esse posicionamento permite entrar em diálogo com as culturas, com as religiões não cristãs e com os humanismos seculares. Maria ajuda na autocompreensão do ser humano no seu relacionamento religioso e no seu compromisso com a justiça, a libertação, a misericórdia e a não violência. Serve para a humanização das pessoas e do mundo, bem como para uma justa e inadiável promoção da mulher.³¹¹

Nesse percurso de recuperação e inculturação, a teologia mariana recebe impulsos da teologia da libertação e da teologia feminista,³¹² desenvolvendo novos aspectos sobre a imagem de Maria, mulher;³¹³ mulher de fé, crente e discípula e a contribuição de Maria na história salvífica - mulher no mistério de Cristo - dimensões dignas de nota e de interesse nesse novo universo em que o empoderamento feminino é assunto cotidiano. O feminismo cristão propõe uma Igreja que considere a dignidade das mulheres e defenda a diversidade dos papéis sociais, assumindo e incluindo as pessoas no mesmo estilo das primeiras comunidades cristãs, onde todos colocavam os seus dons em comum (Hb 2,42-47) sem distinção de qualquer espécie (Gl 3,26-28).

Diante das claras e evidentes distorções da relação entre homem e mulher em que é prevalente o “*man’s world*” - modelos culturais androcêntricos com suas

³¹⁰ DE FIORES, S., *Maria en la teologia contemporanea*, p. 79-83.

³¹¹ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 859-860.

³¹² São várias as contribuições de diversas autoras. Podemos citar Litty Reinell, Phylles Tribble, Elisabeth Schüsler Fiorenza, Kari Elisabeth Borresen, Rosemary Radford Ruether, Anne Carr, Elisabeth Moltmann-Wendel, Dorothee Sölle, Catarina Halkes, Ivone Gebara, Maria Clara Bingemer, Mercedes Brancher, Clara Maria Temporelli, Maria Cecilia Domezi, Silvia Martínez Cano, dentre outras. Podem ser consultadas a obra *Teología feminista para principiantes. Voces de mujeres en la teologia actual*, de Silvia Martínez Cano, San Pablo e *O rosto feminino da Teologia*, que traz o resultado da reunião latino-americana de Teologia desde a perspectiva da mulheres e as obras relacionadas na referência bibliográfica.

³¹³ RADLBECK-OSSMANN, R., *Mariologia*, p. 318.

estruturas patriarcais e sexistas - buscando a igualdade de direitos nas diversas áreas, procurando defender o “*woman's place*”, a teologia feminista apresenta-se como positiva construção teológica, expressão de mulheres feministas e cristãs ao mesmo tempo, objetivando tornar o fazer teológico um *ethos* de igualdade integral (teologia da integralidade), onde a mulher é o sujeito da própria experiência e da sua respectiva formulação, pois “todo ser humano possui [...] uma plena e equivalente natureza e personalidade humana”. É “o modelo antropológico da reciprocidade na equivalência e na diferença.”³¹⁴

O professor Giovanni Rota menciona no continente americano o trabalho da teóloga Elizabeth Johnson que em seu livro, *Nossa verdadeira irmã*, apresenta “uma nova forma de abordagem a Maria”, “com sensibilidade e o seu ponto de vista teológico particular”.³¹⁵ O universo feminino é abordado com uma “teologia construtiva”, como E. Johnson mesma afirma na introdução, “enraizada na Escritura lida pelos olhos das mulheres com métodos hermenêuticos feministas”, pensando em Maria não como símbolo religioso, mas procurando “entender o seu significado como pessoa especial que tem de constituir sua própria vida”.³¹⁶ As críticas do feminismo desafiam a mariologia a revisar seus conceitos e concepções antropológicas para apresentar um modelo que atenda às expectativas das mulheres hodiernas.

3.7.3 Mariologia no horizonte ecumênico

A abordagem mariológica do Concílio ao não proclamar novos dogmas marianos e ao situar Maria no seio da Igreja como a primeira redimida pelo único mediador foram passos fundamentais para desfazer algumas incompreensões e reservas geradas com as proclamações dos dogmas da Imaculada e da Assunção. Essa decisão teve um profundo impacto na relação ecumênica, possibilitando engendrar e desenvolver diálogos bilaterais entre as igrejas cristãs e multilaterais, sobre as questões doutrinárias controversas que as dividiram e, conseqüentemente, estimular uma maior abertura à questão mariológica na teologia protestante.

Nas relações ecumênicas, a teologia foi chamada a “remover pedras” (segundo expressão de Hans Küng [1928-2021]) que obstruem os pactos e acordos.

³¹⁴ GIBELLINI, R., *Breve história da Teologia do século XX*, p. 231-236.

³¹⁵ ROTA, G., *Mariologia*, sem paginação.

³¹⁶ JOHNSON, E., *Nossa verdadeira irmã*, p. 13-17.

O mesmo ocorre no painel mariológico, onde parecem lúcidas as intuições de Yves Congar (1904-1995) que excluía o caminho do retorno dos cristãos ao redil católico e o adiamento da unidade para a escatologia, *sine die*.³¹⁷ Na teologia mariana é necessário caminhar para a comunhão tolerante, em que prevaleça a “unidade da fé e unidade/diversidade das suas formulações” e nessa conjugação entre comunhão e diversidade (a “unidade na diversidade” proposta por Oscar Cullmann [1902-1999]),³¹⁸ o consenso positivo deve se concentrar no essencial, respeitando as várias e diversas tradições cristãs. É o respeito nominado por Fries/Rahner de “tolerância gnoseológica existencial”,³¹⁹ capaz de “tornar fecundas as diferenças, integrando os diversos carismas, corrigindo os seus desvios e endurecimentos” para uma “eficaz diaconia no mundo”.³²⁰

A questão mariana não pode continuar sendo um impedimento, antes deve favorecer a unidade, o diálogo entre os que professam a fé no Deus trinitário. Estudiosos apontam que é preciso, por parte da teologia católica, livrar-se do lastro do fixismo maximalista que dificulta o diálogo interconfessional. Por outro lado, no âmbito evangélico/protestante, urge um empenho para vencer as resistências ao diálogo. Uma reta confissão de fé em Cristo exige uma palavra sobre Maria e, portanto, é alvissareira a afirmação de Kiessig³²¹ sobre a via percorrida pela teologia protestante, que sai de um ocultamento para o descobrimento e do descobrimento para a acolhida de Maria em termos de exemplaridade, em chave de leitura de graça e fé. Nessa trajetória, as esperanças de restabelecer a verdadeira unidade entre os cristãos aumentam na medida em que se trilha um caminho de compreensão mútua.

A partir de 1990, aparece uma produção mariológica atenta a essa dimensão. Rota registra a enorme contribuição no campo da espiritualidade mariana, ao apresentar uma reflexão bíblica e teológica sobre Maria particularmente sensível às questões ecumênicas, dada por Cantalamessa (1992) em sua obra, já publicada no Brasil, “Maria, um espelho para a Igreja”.³²²

³¹⁷ GIBELLINI, R., *Breve história da Teologia do século XX*, p. 254.

³¹⁸ CULLMANN, O., *L'unità attraverso la diversità* (1986) *apud* GIBELLINI, R., *Breve História da Teologia do Século XX*, p. 257.

³¹⁹ É o princípio formulado por H. Fries e K. Rahner na obra *Unione delle Chiese - possibilità reale*, *apud* GIBELLINI, R., *Breve história da Teologia do século XX*, p. 256: “Em nenhuma igreja particular é lícito que seja refutada decisivamente e em termos confessionais uma proposição que em outra igreja particular é um dogma vinculante”.

³²⁰ GIBELLINI, R., *Breve história da Teologia do século XX*, p. 257-258.

³²¹ KIESSIG, M. (coord), *Maria la Madre di Nostro Signore* *apud* BALBOA, B., *La mariologia en el diálogo ecuménico*, p. 137.

³²² ROTA, G., *Mariologia*, sem paginação.

Nesse empenho ecumênico, em sentido amplo, foram produzidos documentos pela Igreja Católica.³²³ Foram criadas comissões e grupos de trabalho para desenvolver esse aspecto da mariologia. Foram lançadas obras de qualidade e vários documentos interreligiosos. Podem ser elencados, do Grupo de Diálogo entre Católicos Romanos e Luteranos nos EUA, a declaração comum “O único mediador, Maria e os santos” (1990); do Grupo de Dombes, “Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos Santos” (1998); do grupo de trabalho bilateral da Conferência Episcopal Alemã e da Diretoria da Igreja Evangélica Luterana Unida da Alemanha, “*Communio sanctorum*. A Igreja como comunhão dos santos” (2000) e da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana, “Maria: graça e esperança em Cristo” (2004).

Os documentos, em um esforço de compreensão recíproca, ao exporem as convergências alcançadas bem como as divergências que ainda restam, são passos para a construção de uma “nova” teologia ecumênica e para a plena reconciliação entre as igrejas, considerando que diferenças culturais, históricas e linguísticas não podem se constituir como um obstáculo à unidade da fé.³²⁴

3.7.4

Mariologia estética ou simbólica

Uma das característica da mariologia pós-conciliar é o entrelaçamento com as outras correntes de pensar a fé e, nessa marcha, a redescoberta e valorização do caminho da beleza e do caminho do símbolo foi uma das alternativas utilizadas pela teologia mariana. Buscando as múltiplas faces de Maria, a reflexão mariana contemporânea vai se desenvolvendo, recolhendo as riquezas do pluralismo das nuances mariológicas, percorrendo as duas vias indicadas pelo Papa Paulo VI como complementares e alternativas para aproximar o povo à mãe de Jesus.

O pontífice recordou aos participantes do Congresso Mariano-Mariológico, em 1975, que era preciso repropor adequadamente Maria ao Povo de Deus e indicou a existência da “*via veritatis*” - da especulação bíblico-histórica-teológica, que diz

³²³ Podem ser citados os documentos de caráter geral enumerados no sítio do Conselho Pontifício para a promoção da Unidade dos Cristãos: “Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio* (1964)”, do Concílio Vaticano II, a “Carta-Encíclica *Unum Sint* (1995)”, de João Paulo II, o “Diretório para aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo (1993)” e “A dimensão ecumênica na formação dos que trabalham no ministério pastoral (1997)”, “O Bispo e a unidade dos cristãos: *vademecum* ecumênico (2020)” do Conselho Pontifício para a promoção da Unidade dos Cristãos.

³²⁴ BALBOA, B., *La mariología en el diálogo ecuménico*, p. 135.

respeito à colocação exata de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, percurso dos doutos e a “*via pulchritudinis*”, o caminho da beleza, acessível a todos, mesmo às almas simples. Disse que “de fato, Maria é a criatura ‘*tota pulchra*’, é ‘*speculum sine macula*’, é o ideal supremo de perfeição”.³²⁵ No seu ensinamento mariano encontra-se uma insistência muito original na beleza de Maria, meio que conduz à doutrina sobre a Virgem de Nazaré, cujo esplendor brilha no seu perfeito *fiat* de fé.

A construção da mariologia estética parte destas afirmações pontifícias e tem desenvolvido uma trajetória graças aos estudos de diversos autores e das contribuições de sociedades mariológicas. A mariologia simbólica atribui um sentido e um valor à manifestação do sagrado que vai além do seu aspecto narrativo, pois considera que através da linguagem simbólica,³²⁶ que é a linguagem por excelência da experiência religiosa e estética da cultura humana, comunica a densidade teológica e expressa o significado da figura de Maria.

Hans Urs von Balthasar trabalhou em suas obras os aspectos do “todo no fragmento” refletidos no mistério mariano em sua tríplice variante, ou seja, o belo (estética), o bom e a verdade, como manifestação da forma do amor trinitário. A teologia balthasariana apresenta-se como uma tentativa de integração da perspectiva lógica (*verum*) e a ética (*bonum*), com uma nova, quase abandonada, a estética (*pulchrum*). A via balthasariana é a via do amor. “Só o amor é fidedigno”,³²⁷ afirmou; o cristianismo tem em si a verdade e a exhibe por si como amor absoluto de Deus no sinal da cruz. Ao escrever a trilogia Glória,³²⁸ assinalou: “Esta obra constitui a tentativa de desenvolver a teologia cristã à luz do trio transcendental, isto é, de completar a consideração do *verum* e do *bonum* mediante a consideração do *pulchrum*”.³²⁹ A mariologia “balthasariana” coloca Maria como modelo, a

³²⁵ PAULO VI, PP., *Discurso ao Congresso Mariológico e Mariano*, em Roma, 16 mai. 1975.

³²⁶ No século passado, a linguagem simbólica recuperou o seu valor graças aos posicionamentos de autores como Cassirer, Freud, Whitehead, Henri de Lubac, Mircéa Eliade, Tillich, Ricoeur. Mardones conceitua o símbolo - “enquanto ato operativo, ritual e celebrativo, religioso e social - como o que reúne, ordena, integra e orienta comportamentos coletivos desde a pré-história até a nossa pós-história; o símbolo como ato poético é o mediador que introduz luz nas trevas”. MARDONES, J.M., *A vida do símbolo*, p. 72.

³²⁷ BALTHASAR, H.U., *Sólo el amor es digno de fe*, p. 51-59.

³²⁸ MONDIN, B., *Os grandes teólogos do Século XX*, p. 661-700. O título original da obra é *Herrlichkeit* (1961) lançada na Alemanha por Johannes Verlag. A obra se articula em três partes: Estética, Dramática, Lógica. Balthasar concluiu a primeira parte, que tem por título *Eine theologische Ästhetik*. Ela se compõe de sete volumes. A segunda parte intitula-se *Theodramatik*, da qual foram publicados os volumes: *Prolegomena* (1973); *Die Personem des Spiels* (1976); *Die Handlung* (1980) e *Das Endspiel* (1983). A terceira - *Theologik*, possui três volumes: *Wahrheit der Welt* (1985); *Wahrheit Gottes* (2010) e *Der Geist der Wahrheit* (2015), e o *Epilog* (1987).

³²⁹ BALTHASAR, H.U., *Glória*, p. 15, tradução nossa.

imagem perfeita da Igreja, usando elementos femininos e esponsais para descrever a dimensão mariana própria da Igreja, que precede, para ele, a dimensão petrina.

A obra de Bruno Forte, “Maria, a mulher ícone do mistério” desenvolve o simbolismo da narrativa histórica e afirma que como mulher, Maria é a caracterização da imagem (dimensão) feminina do Povo de Deus e está centrada na relação existente entre o discipulado e a maternidade divina de Jesus. Aponta a beleza como via que conduz à experiência e Maria como ícone do Mistério, evidenciando a sua figura como símbolo que “implica simultaneamente a visibilidade dos acontecimentos nos quais se verifica e a profundidade invisível da obra divina que neles se realiza”³³⁰ pois,

No símbolo percebe-se mais significado do que o que pode ser articulado e compreendido, suscitam-se novos impulsos de pensamentos e de vida, o homem sente-se alcançado por uma alteridade que o provoca, nutre e descobre horizontes imprevistos, e se abre para uma síntese que a análise não esgota.³³¹

Maria revela a infinitude em sua face humana sem exaurir o Mistério, “é toda relativa à plenitude do Mistério” “porque nela se verifica a revelação do oculto”, ao mesmo tempo que oferece “aos olhos do coração crente a janela do mistério e a ponte entre o visível e o invisível”.³³²

Todo esse discurso é ancorado no dado bíblico, nos testemunhos da tradição eclesial. Estas ideias-chave estruturam o texto de Bruno Forte. Assim, toda espiritualidade fundamentada em Maria tem como ponto de conversão o seu filho, Jesus Cristo, a porta para uma vida integralmente nova. Rota salienta a importância desse texto como um “ensaio sobre a mariologia narrativa simbólica”, aduzindo que a obra “teve um sucesso internacional imediato e duradouro, e ainda constitui, apesar de algumas limitações, um ponto de referência para os mariologistas do terceiro milênio”.³³³

A mariologia tem caracteres simultâneos, simbólico e narrativo, como a Virgem, o símbolo que concentrou a densidade teológica da história da salvação. O caminho da beleza é o meio de evangelização que conduz todos a Cristo, que é a própria beleza, “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). João Paulo II, nesta perspectiva, insistiu em estimular um discurso teológico capaz de promover a

³³⁰ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 149.

³³¹ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 15.

³³² FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 148.

³³³ ROTA, G., *Mariologia*, sem paginação.

beleza espiritual da mulher, ante a exploração feminina, que torna a mulher um objeto sem dignidade.³³⁴ Bento XVI, por sua vez, convidou os cristãos a percorrerem a *via pulchritudinis*, sobretudo na oração, mirando em Maria, farol que brilha de luz e beleza, esplendor da verdade.³³⁵

3.8

Maria no contexto da América Latina e Caribe

O reflexo das decisões do Concílio Vaticano II aparece no desenvolvimento do pensamento mariológico latino-americano. Os estudos acadêmicos ressoam as exigências seculares e as conquistas das ciências humanas, que trazem à tona o problema da hermenêutica dos dados transmitidos e apontam para a revisão de conceitos dogmáticos, ressignificam a figura de Maria no mistério de Cristo e da Igreja.

É necessário um pouco de tempo para assumir os conteúdos propostos por um Concílio. A recepção é um processo histórico, difícil, progressivo e que acontece condicionado por diversos fatores.³³⁶ A caminhada da Igreja na América Latina não ocorreu de forma diferente. Como consequência das inflexões do crer do povo, nasce uma concepção própria e autêntica, procurando colorir um rosto materno de Deus. A situação de “violência institucionalizada”, de desigualdades sociais, políticas, de subdesenvolvimento cultural e econômico são o pano de fundo e de sustentação para uma teologia crítica, que denuncia e verifica o distanciamento das atitudes eucarísticas, buscando readquirir aspectos vitais da Revelação cristã. Aqui são analisadas especificamente as subseções dos documentos das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe dedicadas ao tema mariano, para descrever a incidência da proposta conciliar, sobre Maria, na América Latina e no Caribe.

A primeira Conferência, realiza-se no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. O objetivo é salvaguardar a fé católica na América Latina e a vocação apostólica do continente. Constata-se um “esquecimento”, pois o

³³⁴ JOÃO PAULO II, PP., *Discurso às participantes na Assembleia do Centro Italiano Feminino*, 6 dez. 1982; Mensagem no XXVIII Dia Mundial da Paz, 1 jan.1995.

³³⁵ BENTO XVI, PP., *Mensagem ao Cardeal Gianfranco Ravasi para a Décima Quinta Sessão Pública das Academias Pontifícias*.

³³⁶ Dentre as obras sobre a recepção do Concílio, podem ser citadas “A recepção do Concílio Vaticano II”, de Theobald, C., publicada pela UNISINOS em 2015 e o artigo de José Maria Vigil, “O Concílio Vaticano II e a sua recepção na América Latina, publicado pela REB. A PAMI, editora própria, publicou as atas do Congresso Mariano-Mariológico Internacional de 2012, “*Mariologia a tempore Concilii Vaticani II. Receptio, ratio et prospectu*”, em 2013.

documento cita esporadicamente a Virgem. O caráter escatológico e intercessor aparece quando depositam a confiança na “Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, Rainha da América” (Preâmbulo) e expressam o “vivíssimo anelo de que os párocos [...] procurem santificar e promover o desenvolvimento espiritual dos fiéis [...] pelo reflorescimento da devoção à Maria Santíssima, Mãe e Rainha do Continente Latino-Americano”.³³⁷

A ênfase principal da Conferência de Medellín, realizada de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, é dada para a constituição *Gaudium et Spes* sobre a relação da Igreja com o mundo. Representa uma “recepção criativa” do Concílio à luz da realidade latino-americana e o ponto de partida de uma nova consciência do ser Igreja. Como no período pós-conciliar constatou-se uma crise da mariologia, somente nesse contexto e como reflexo dele, é que se compreende o assim chamado “silêncio mariano” de Medellín. A Virgem é mencionada duas vezes: uma na Mensagem final aos povos da América Latina (n. 7), e outra na Introdução (n. 8), em ambos os casos alude à proteção mariana.

A partir da Conferência de Puebla, realizada de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, é que se principia um processo de revalorização e descoberta dos valores da piedade popular, que passa a ser considerada uma expressão privilegiada do projeto cultural latino-americano. Os bispos produzem a primeira reflexão mariológica plenamente madura e autenticamente latino-americana, situada dentro da eclesiologia, que teve ampla repercussão na pastoral e na espiritualidade.³³⁸ A maternidade de Maria é apresentada em seu carisma de “educadora da fé” e de “pedagoga do Evangelho na América Latina”.³³⁹

O documento acolhe a teologia da exemplaridade de Maria destacando a “sua relação com Cristo” e “como modelo para a vida da Igreja e dos homens”. Destaca a originalidade histórica e cultural e diz que essa identidade é refletida luminosamente na tez mestiça do evento guadalupense, carregada de expressões culturais particulares, que deviam ser reconhecidas como manifestações de fé válidas e valiosas. Há continuidade com a doutrina mariológica conciliar, porém estabelece uma mudança de acento, ao recair na consideração de Maria primeiro e preferentemente como Mãe e, só em segundo lugar, como modelo e tipo da Igreja,

³³⁷ DRio 56b.

³³⁸ DP 282-303.

³³⁹ DP 290.

reconhecendo, conforme as palavras de Paulo VI, a devoção mariana como elemento qualificador e intrínseco da verdadeira piedade da Igreja e do culto cristão,³⁴⁰ que pertence à identidade do povo latino-americano. Clodovis Boff enfatiza “Ela é parte integrante, uma das ‘marcas registradas’ da identidade especificamente católica do continente, de tal modo que este só deixará de ser católico no dia em que deixar de ser mariano”.³⁴¹ Puebla realça a necessidade de evangelizar a cultura e de ter modelos que encarnassem os valores evangélicos, valores estes que se acham sintetizados em Maria, a ‘estrela de evangelização sempre renovada’”.³⁴² Puebla consegue tornar crível para as pessoas e a Igreja latino-americana, a imagem de Maria. A mariologia latino-americana adquire um rosto próprio e recebe novos acentos nas conferências seguintes.

Entre as Conferências de Puebla e Santo Domingo intensifica-se a reflexão mariológica e algumas publicações contribuem decisivamente nesse processo.³⁴³ De 12 a 28 de outubro de 1992 ocorre, em Santo Domingo, a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano voltada para a nova evangelização, para a promoção humana e a cultura cristã. Acolhe o discurso de João Paulo II, que invoca Maria, como a Estrela da Evangelização, ressalta o dom imenso da maternidade de Maria, sua ternura, proteção e evidencia o papel muito importante da Mãe de Jesus na evangelização das mulheres latino-americanas, que faz delas evangelizadoras eficazes. O documento recorre à LG para tratar sobre Maria e a sua vinculação com a evangelização e refere-se a Maria como a primeira redimida e crente, perfeita discípula e evangelizadora, como mãe e educadora da fé, modelo da Igreja e, por isso, modelo da evangelização.³⁴⁴

A Conferência de Aparecida, realizada de 13 a 31 de maio de 2007, apresenta a figura de Maria assumindo as perspectivas escatológica e intercessora que apareceram nas Conferências do Rio e de Medellín e as dimensões pneumatológica e eclesiológica expostas por Puebla e Santo Domingo. A principal contribuição para a reflexão mariológica é a inclusão das duas dimensões do ser (discipulado) e da missão de Maria (missionariedade). Os bispos afirmam que na Virgem Maria, a mais perfeita discípula do Senhor, acontece a “máxima realização da existência

³⁴⁰ MC 56.

³⁴¹ BOFF, C., *Mariologia social*, p. 104.

³⁴² DP 303; EN 81.

³⁴³ RM e MD, por exemplo, comentadas anteriormente.

³⁴⁴ DSD 15, 36, 104.

cristã”³⁴⁵ e mostram a maternidade de Maria como o fundamento, a base sobre a qual se sustenta toda a espiritualidade mariana da Igreja. O documento indica Maria como uma “mulher livre e forte”³⁴⁶ conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo; pedagoga da evangelização, a “grande missionária”³⁴⁷ na medida em que coopera ativamente na missão de seu Filho. Ao perseverar junto aos apóstolos à espera do Paráclito, auxilia no nascimento da Igreja missionária e termina por imprimir-lhe um selo identitário mariano (At 1,13-14).³⁴⁸

O DAp ecoa o discurso de Bento XVI que “destacou a ‘rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos’, e a apresentou como ‘o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina’”.³⁴⁹ A piedade popular contém uma autêntica espiritualidade e mística. O Documento reconhece as virtudes e alerta para os possíveis exageros e desvirtuamentos da devoção popular. Afirma que a piedade popular é um desafio constante para a Igreja, ao tempo que é uma legítima maneira de viver a fé, que “reflete uma sede de Deus que somente os pobres e simples podem conhecer”,³⁵⁰ um ponto de partida para que a fé do povo amadureça e se faça mais fecunda, que pode ser aprofundada quando é valorizado o que o Espírito Santo já semeou.

Além das contribuições recebidas das Conferências Gerais, a mariologia passou a se beneficiar das pesquisas dos vários setores da teologia e as contribuições dos teólogos e teólogas latino-americanas são significativas. Emerge um tratado sobre Maria, “mas numa síntese dos dados adquiridos na reflexão global, sem a pretensão de organicidade autônoma, e renovação estética e experiencial sobre as vias histórico-salvíficas”.³⁵¹ De Fiores³⁵² diz que Leonardo Boff ao escrever “O rosto materno de Deus” apresenta o primeiro ensaio de tratado teológico adequado ao nosso tempo - dentro do modelo linguístico-analítico, sociocrítico, hermenêutico-, ao discutir a hipótese de uma relação hipostática entre Maria e o Espírito Santo, um texto controverso, bastante discutido.

³⁴⁵ DAp 266-272.

³⁴⁶ DAp 266.

³⁴⁷ DAp 269.

³⁴⁸ DAp 267.

³⁴⁹ DAp 258.

³⁵⁰ DAp 258.

³⁵¹ IWAHITA, P., *Maria no Vaticano II: renovação na mariologia*, p. 554-571.

³⁵² DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 844.

Maria del Pilar avalia o texto de L. Boff positivamente e menciona outros aportes relevantes, além das suas próprias pesquisas sobre a mariologia latino-americana. Descreve o estudo de González Dorado sobre a teologia mariana autóctone, subjacente à piedade popular, como um trabalho pioneiro que fornece elementos para a compreensão da fé mariana popular. Lista como proeminentes os trabalhos de Diego Irarrázaval no Chile e os de Lucio Gera, Rafael Tello, Carlos María Galli e Maria Clara Temporelli na Argentina. Do Brasil cita as contribuições de Carlos Mesters (religiosidade popular), Lina Boff (ensaios na perspectiva latino-americana e caribenha), Clodovis Boff (mariologia social), de Ivone Gebara e Maria Clara Bingemer (antropologia e interpretação dos dogmas marianos na vida do povo).³⁵³

A teologia e a Igreja são chamadas a despertar e desenvolver todo o potencial inerente ao povo latino-americano, tantas vezes relegado a uma situação marginal. Maria constitui um caminho para a reconquista da dignidade humana. É mulher. É mãe. É virgem. É o sinal de que é possível acreditar em uma civilização integralmente cristã.

3.9

Avaliando as perspectivas do tríplice caminho

A renovação, recuperação e inculturação da teologia mariana fez com que ela se tornasse cada vez mais correlacionada. A necessidade de estudos que apresentem indicações para o tratamento em tom interdisciplinar e com a finalidade formativa integral da teologia mariana tornou-se regra nesse difícil tempo, agravado por carências individuais, existenciais, de valores e religiosidade, tendo em vista que o

³⁵³ SILVEIRA, M. *María en la teología: reflexiones elaboradas en despacho o en fronteras?*, p. 495-516. Podem ser elencadas várias contribuições das professoras da PUC-Rio citadas no artigo. Da Prof. Lina Boff, entre livros e artigos: *Maria, a Mulher inserida no mistério de Cristo*. In: *Atualidade Teológica*, 3, julho-dezembro, p. 25-40, 1998; *O advento e a pessoa de Maria*. In: *Convergência*, CRB-Rio de Janeiro, n. 313, p. 135-150, 1999; *Com Maria hacia al tercer milenio*. Conferência proferida em Congresso Mariológico: México: Centro Mariano de Difusión Cultural, 1999; *Maria e o Feminino de Deus. Para uma espiritualidade mariana*. São Paulo: Paulus, 2004; *Mariologia. Interpelações para a vida e para a fé*. Petrópolis: Vozes, 2007. Da Prof. Maria Clara Bingemer, temos, dentre outros trabalhos: *Os dogmas mariais lidos a partir dos pobres e do espírito de nosso tempo*. *Grande Sinal*, v. 42, p. 253-290, 1988; *Maria, Madre y Señora Nuestra y modelo de las CVX*. *Ephemerides Mariologicae*, v. 49, p. 271-287, 1999; *María y su dimensión místico-profética*. *Revista CLAR*, Bogotá, Colombia, v. 42, n.236, p. 37-47, 2004; *Maria de Nazaré: mãe e senhora nossa*. *Itaici*, v. 78, p. 5-18, 2009; *Jesus de Nazaré: um olhar feminino*. Itaici, v. 20, p. 23-36, 2011; *A experiência de Deus num corpo de mulher*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2002; *O Segredo Feminino do Mistério*. 1. ed. Petrópolis: VOZES, 1991; *O lugar da mulher. Interpretação feminina da "Mulieris dignitatem"*. São Paulo: Loyola, 1990; [et al.]. *O rosto feminino da Teologia*. Trad. João P. Gomes. Aparecida: Santuário, 1990.

Concílio partiu de um enfoque claramente teocêntrico-trinitário e cristocêntrico estabelecendo uma ponte entre a obra salvífica de Cristo e a existência cristã na graça e na vida da Igreja em seu caminho para sua consumação escatológica.

O Concílio foi chamado por Karl Rahner de “o novo começo”. Afirma: o Concílio terminou e quando algo bom termina se pergunta o que vai suceder agora e o que se pode esperar. Foram postas as bases para a abertura, para a renovação, para a penitência e a conversão que se impõem constantemente: “é o início do início”. Tem uma enorme importância teológica para a ideia que a Igreja forma de si mesma na teoria e na prática, pois aumentou com grande afincamento a inteligência da fé até a dimensão do diálogo com os outros cristãos, expressando com clareza verdades para uma teologia ecumênica. Contribui para elaborar uma teologia capaz de penetrar radicalmente, com suas perguntas, na profundidade de Deus e no futuro, se quiser servir à pregação da Igreja do amanhã, anunciando a palavra de Deus e a encarnação do Verbo eterno em Jesus de Nazaré sem que soe como um mito, que não se pode já crer seriamente. Afirma que a Igreja deveria se perguntar se poderia testemunhar a proximidade orientadora do mistério inefável de Deus. É tarefa de todo cristão, responder a essas questões, sopesando a benignidade de Deus que pôs em nossas mãos o real e verdadeiro resultado da reforma pós-conciliar: a tarefa de a realizar.³⁵⁴ Aqui tem-se o reflexo de um novo matiz do caleidoscópio poliédrico conciliar.

Construir o futuro exige perseguir metas, realizar tarefas.³⁵⁵ Vencido o período de crise, a teologia mariana passa a viver uma nova e autêntica “palingênese”,³⁵⁶ demonstrando ter sido uma das ciências teológicas a recepcionar as ideias renovadoras do Concílio Vaticano II, ao:

- a) recuperar a verdadeira face da mariologia, com honestidade intelectual, não escondendo a realidade problemática ou negativa de textos bíblicos ou de tradições particulares;
- b) apresentar as características trinitária, cristológica, eclesial, bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica da teologia mariana e afastar do culto as suspeitas e desconfianças, os clichês de passividade e ao não

³⁵⁴ RAHNER, K., *El concilio, nuevo comienzo*, p. 26-61.

³⁵⁵ DE FIORES, S., *Mariologia*, p. 859-860.

³⁵⁶ DE FIORES, S., *apud* CECCHIN, S., *Maria, um dato fondamentale per il “pensare” cristiano e francescano*, p. 8.

procurar demasiadamente domesticar nem tampouco divinizar a pessoa de Maria;

- c) tomar a direção formativa e experiencial para transformar a vivência em verdadeira mistagogia, ensinando como Maria é caminho comprovado e experimentado de introdução nos mistérios salvíficos;
- d) sem prejudicar o primado de Cristo, propor Maria aos cristãos como eficaz suscitadora da experiência de Deus e de fidelidade aos compromissos cristãos;
- e) explicitar a função evangelizadora de Maria, a quem cabe o papel de abrir os corações ao acolhimento do Deus que vem definitivamente à história, a fim de entregar toda a criação ao Pai;
- f) e abrir-se aos sinais do tempo. O conhecimento da mensagem cristã integral deve caminhar junto com o conhecimento do destinatário, da cultura e história.

Os estudos sobre Maria têm por finalidade iluminar um modo de viver e para catalisar na Igreja as orientações do Evangelho. A teologia mariana continua o seu processo evolutivo, mas é preciso fazer das ideias, realidade,³⁵⁷ como instigou K. Rahner. Dessa forma, compreende-se que a renovação ocorre na inserção do discurso sobre a Virgem de Nazaré, alicerçado em base escriturística, no todo da teologia, alcançando as variadas dimensões e atualizando as afirmações dogmáticas, de tal sorte que a Mãe de Jesus continuará presente na teologia contemporânea.

A teologia mariana percorre um fluxo próprio nos anos posteriores ao Concílio Ecumênico Vaticano II. Pôs em crise as orientações unilaterais e triunfalistas da manualística, retorna às fontes e abre-se ao mundo. Sem descurar da dimensão cristológica, desenvolve-se uma autêntica e correta eclesiologia mariana, aspecto descuidado pelos manuais. As questões referentes à mulher, ao ecumenismo, ao diálogo interreligioso, à ecologia ingressam com maior relevo no mundo mariológico. Ganham importância o impacto da mariologia na liturgia, na devoção, na catequese e na cultura, exprimindo aspectos até então ocultos da Mãe do Senhor, que refulgem à luz trinitária.

³⁵⁷ RAHNER, K., *El concilio, nuevo comienzo*, p. 53: “a responsabilidade de fazer o que foi dito; de fazer das palavras atos, das leis espírito, das formas litúrgicas verdadeira oração, das ideias, realidade” (tradução nossa).

A literatura sobre a teologia mariana fornece um pano de fundo para este estudo, é um referencial teológico concreto para que se possa situar criticamente a produção de Joseph Ratzinger, além de também oferecer pontos de referência para uma análise e identificação das características específicas da obra mariológica ratzingeriana. Nos próximos capítulos analisa-se a reflexão formulada por ele sobre o papel da Virgem na história da salvação, como ela é percebida na intensidade de sua comunhão como discípula e fiel seguidora do seu Filho, bem como, para enriquecer a análise, são abordados alguns aportes do pensamento de Bento XVI.

4

Joseph Ratzinger, o *fidei defensor*, pescador de homens

Os distintos olhares que foram lançados sobre a figura de Maria abriram uma nova frente no estudo mariológico. A contribuição das diferentes áreas do conhecimento e a sensibilidade dos estudiosos permitiram essa pluralidade de leituras, auxiliando no processo de aprofundamento das verdades concernentes à mãe de Jesus. Nessa evolução se situa a contribuição de Joseph Ratzinger.

Nos meios de comunicação, escritos ou digitais, é comum encontrar expressões alusivas à capacidade intelectual única do “Mozart da teologia”, Ratzinger. Possui “uma imensa e rápida capacidade natural de percepção, uma mistura de racionalidade e estética, uma prodigiosa força intelectual de sistematização e de diferenciação de posições”;³⁵⁸ “erudito pensador”, “circunspecto, capacidade crítica e perspicácia”,³⁵⁹ “intelectual arguto, coerente nas escolhas”,³⁶⁰ e ressalvas quanto a sua inflexível defesa da fé, por alguns compreendida como uma postura conservadora e presa às armadilhas do passado. Assim, “o *rottweiler*”, “*panzerkardinal*” ou “o pastor alemão” tornaram-se alcunhas para caracterizar o Cardeal Bávaro. Diante dessas contradições, de posições tão extremadas, qual é a prevalente? Qual contribuição do teólogo Ratzinger, no âmbito da mariologia, que possa ser indicada como guia para a pastoral da Igreja sinodal proposta por Francisco?

Este capítulo quer proporcionar uma pequena biografia, itinerário da vida teológica e pastoral do teólogo, destacando a decisiva participação de Ratzinger no Concílio Vaticano II, cuja contribuição alterou os rumos dos ventos conciliares; quer compreender os seus comentários aos documentos e reflexões concernentes à recepção do Concílio. No próximo, apresenta-se uma análise para ajudar a encontrar uma resposta satisfatória para a hipótese que move esta pesquisa.

³⁵⁸ WIEDENHOFER *apud* SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 452.

³⁵⁹ BISER *apud* SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 945.

³⁶⁰ TESSORE, D., *Bento XVI, questões de fé, ética e pensamento na obra de Joseph Ratzinger*, p. 15.

4.1

Joseph Ratzinger, Itinerário formativo do Servidor e Cooperador da Verdade

Em 16 de abril de 1927 nasceu Joseph Aloisius Ratzinger, em Marktl-am-Inn, distrito administrativo de Altötting, na Diocese de Passau, na República Federal da Alemanha. É o terceiro filho do casal formado pelo comissário de polícia, Joseph Ratzinger e pela dona de casa, Maria Paintner, que tinha uma modesta condição econômica e uma forte formação católica. Sobre o seu nascimento em um sábado santo, “ainda esperando a Páscoa”, e no dia seguinte ser a primeira pessoa batizada “com a nova água batismal”, disse ser um significativo presságio, um ato da Providência. “O começo de minha vida foi impregnado pelo mistério pascal”;³⁶¹ “sempre senti muita gratidão por ter minha vida imersa no Mistério da Páscoa desse modo [...] ainda não estamos diante da luz plena, mas caminhamos rumo a ela repletos de confiança”.³⁶²

A infância e a adolescência serão vividas em Huschlag, junto a Traunstein, onde passou a residir após 1937, recebendo uma formação cristã e humana, moldada por uma família amorosa e profundamente religiosa.³⁶³ Esse alicerce o prepara para a dura experiência dos problemas relacionados com o regime nazista. Em 1929, mudam-se para Tittmoning e, em 1932, para Aschau am Inn, onde Ratzinger inicia a sua vida escolar no antigo mosteiro agostiniano. Recebeu a primeira comunhão na igreja paroquial gótica da Assunção da Virgem Maria.

Em 1939, entrou para o Seminário arquidiocesano em Traunstein. Os estudos foram interrompidos com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A ascensão do nacional socialismo marcará profundamente a sua trajetória.³⁶⁴ Presencia cenas brutais, como o seu pároco ser espancado antes de uma celebração e um primo, portador da Síndrome de Down, ser levado pelos nazistas para ser morto. São tristes lembranças, embora a força da fé dos seus pais e a forte catolicidade da sua região o tenham auxiliado a resistir. Nesta situação, descobre a

³⁶¹ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 6.

³⁶² RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 7.

³⁶³ L'OSSERVATORE ROMANO., *Biografia de Bento XVI*, sem paginação.

³⁶⁴ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 14-17, comenta sobre a criação da juventude hitlerista e da liga de meninas alemãs que foram introduzidas e ligadas à escola: “A luta contra a escola confessional estava começando; o laço ainda existente entre a escola e a Igreja tinha de ser dissolvido, e a base espiritual da escola não devia mais ser a fé cristã, mas a ideologia do Führer”. No novo contexto, a tentativa era “suplantar o que era cristão, denunciado como alienação da nossa própria grande cultura germânica”.

beleza e a verdade da fé em Cristo e o papel da sua família - “vivendo um testemunho cristalino de bondade e de esperança radicada na pertença consciente à Igreja” -,³⁶⁵ foi fundamental. A maior ajuda veio da sua fé e devoção à Virgem Maria, a quem recorria.³⁶⁶

Obrigado a integrar uma unidade militar antiaérea em Munique, alistou-se contra a sua vontade.³⁶⁷ Ficou prisioneiro dos americanos em Neu-Ulm,³⁶⁸ sendo libertado em 19 de junho de 1945. Com o fim da guerra, de 1946 a 1951 estudou filosofia e teologia, primeiro na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Freising e depois na Universidade de Munique.

Foi ordenado sacerdote logo após a guerra em 29 de junho de 1951, juntamente com seu irmão, na Catedral de Freising. Designado para atividades pastorais na Igreja do Precioso Sangue de Cristo, ocupa-se da pastoral da juventude, onde é encarregado a dar aulas de formação religiosa. Preparava com cuidado as conferências, que depois deram origem à publicação “Os novos pagãos e a Igreja”.³⁶⁹ Posteriormente a essa curta, mas intensa, atividade pastoral, torna-se professor substituto, iniciando a sua atividade docente na mesma Escola de Freising (1952-1954), onde tinha sido estudante.

Recebeu o título de doutor ao defender a tese sobre “O Povo e a Casa de Deus na Doutrina da Igreja de Santo Agostinho”³⁷⁰ e iniciou a carreira universitária em 1958 após defender a tese sobre o teólogo franciscano São Boaventura.³⁷¹ Atuou como professor de teologia em Freising, Bonn, Münster, Tübingen e Regensburg, aliando rigor intelectual e bom senso pedagógico e pastoral.

³⁶⁵ L'OSSERVATORE ROMANO., *Biografia de Bento XVI*, sem paginação.

³⁶⁶ BOIANO, L., *Maria nella teologia e nel magistero di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI*, p. 39.

³⁶⁷ RATZINGER, J., *O Sal da Terra*, p. 44. “Fui inscrito na Juventude Hitlerista quando estava no seminário”, disse.

³⁶⁸ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 33-45; RATZINGER, J., *O Sal da Terra*, p. 48.

³⁶⁹ SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 423. O título da obra em alemão é *Die neuen Heiden und die Kirche*, publicada pela editora Pattloch Verlag em 2004.

³⁷⁰ A tese doutoral foi publicada em várias línguas, como alemão, espanhol, inglês, italiano, francês e polonês. A edição alemã foi publicada pela EOS VERLAG, com o título *Volk und Haus Gottes in Augustins Lehre von der Kirche*, em 1953. Na coleção Obras Completas (JROC), editada por Gerhard L. Müller, pela HERDER VERLAG, 2011, é o primeiro volume. A edição espanhola de 2014, recebeu o título *Pueblo y casa de Dios en la eclesiología de san Agustín*, lançada em Madrid, pela BAC.

³⁷¹ A edição portuguesa da obra, com o título “A Teologia da História de São Boaventura”, foi lançada pela Ed. Franciscana, de Braga, traduzida por Maria Manuela Brito Martins, a partir do original alemão *Die Geschichtstheologie des heiligen Bonaventura*, publicado pela Editora Schnell und Steiner, em Munique. O original consta nas referências bibliográficas do livro citado em notas anteriores: RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 144.

Concluiu a carreira acadêmica em 1977 em virtude da sua nomeação como Arcebispo de Munique. A escolha exprimiu a vontade de Paulo VI de “oferecer ao catolicismo alemão uma linha de resistência aos desenvolvimentos pastorais e teológicos que eram considerados arriscados para a Igreja alemã”.³⁷² No mesmo ano é criado cardeal e “obtem o ‘título’ de uma paróquia romana, Santa *Maria Consolatrice* no Tiburtino”.³⁷³ Como arcebispo, a proclamação, o anúncio e a preservação da herança cristã da Baviera configuram-se como vital e primeira tarefa. Em suas falas comenta “sobre questões e problemas sociais e sobre questões pastorais e políticas da Igreja”,³⁷⁴ prega as verdades de fé, que deveriam ser recordadas.³⁷⁵ Ao esclarecer a escolha do lema episcopal, “colaborador da verdade”, extraído da Terceira Carta de João 1,8, afirmou que “renunciar a verdade significa renunciar aos fundamentos [...] temos a necessidade de procurar a verdade e de ter coragem de admiti-la”.³⁷⁶

Em 1978 foi designado e enviado pelo Pontífice João Paulo I (1978) para presidir, em nome dele, como legado pontifício, as celebrações marianas durante o Congresso realizado em Guayaquil (Equador).³⁷⁷ O Papa exaltou a profundidade doutrinária e a acentuada devoção do Cardeal à Mãe de Cristo para justificar a opção pelo prelado alemão.³⁷⁸

Em 1981 transferiu-se para Roma, para assumir a função de Prefeito da Congregação para a Doutrina da fé. Renunciou ao governo pastoral da Arquidiocese de Munique e Freising no dia 15 de fevereiro de 1982. A sua escolha para Prefeito, obedecia ao desejo de João Paulo II “de conseguir uma verdadeira renovação da teologia segundo as ideias do Concílio”³⁷⁹ e a razão que o fez acolher a indicação

³⁷² RICCARDI apud BLANCO, P., *Joseph Ratzinger, uma biografia*, p. 96.

³⁷³ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 90; BLANCO, P., *Joseph Ratzinger, uma biografia*, p. 96.

³⁷⁴ DER EMERITIERTE Papst Benedikt XVI. Und das Erzbistum, Erzbistum München und Freising, jan. 2023.

³⁷⁵ As homilias foram publicadas no livro *Eucharistie, Mitte der Kirche* - A Eucaristia, núcleo central da Igreja. Traz uma detida catequese sobre esse mistério e lembra os princípios da pregação, conforme aduz BLANCO, P., *Joseph Ratzinger, uma biografia*, p. 97.

³⁷⁶ RATZINGER, J., *Dios y el mundo*, p. 247.

³⁷⁷ O Ano Mariano (1977 - 1978) instituído no Equador deteve-se em aprofundar as Exortações Apostólicas *Marialis Cultus* e *Evangelii Nuntiandi* e foi concluído com o congresso em Guayaquil, cujo lema foi “O Equador, por Maria a Cristo”. Embora de caráter nacional, o congresso teve repercussão internacional e as “Memórias do Congresso Mariano Nacional” foram publicadas em dois volumes. O Congresso realizou-se de 16 a 24 de setembro de 1978.

³⁷⁸ JOÃO PAULO I, PP., *Carta ao Cardeal Ratzinger enviado como legado pontifício ao Congresso Mariano do Equador*, 01 set. 1978.

³⁷⁹ WEIGEL apud BLANCO, P., *Joseph Ratzinger, uma biografia*, p. 106.

foi “o papel construtivo de promover a sã doutrina para dar novas energias aos anunciadores do Evangelho”.³⁸⁰ Nessa função auxilia o Papa João Paulo II por mais de duas décadas e, durante o seu mandato, é publicado o novo Catecismo da Igreja Católica. Exerceu a presidência da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional, serviço que ele considerou muito útil porque de alguma forma permitiu a manutenção do contato dele com teólogos e a teologia.³⁸¹

Com o falecimento do papa João Paulo II, em 19 de abril de 2005, os cardeais elegem-no como 265º sucessor de São Pedro. Ele assume o ministério petrino com o nome de Bento XVI. Em 11 de fevereiro de 2013 declara a sua renúncia ao cargo. O governo termina às 20h00 do dia 28 de fevereiro, conforme havia decidido, tornando-se Papa Emérito. O significado histórico para uma nova compreensão do papado ainda não pode ser medido. No dia 31 de dezembro de 2022, aos 95 anos, morre no mosteiro *Mater Ecclesiae*, no Vaticano, declarando aquilo que foi o fio condutor de sua vida: “Senhor, eu te amo”, foram suas últimas palavras.³⁸²

Antes da descrição da vida acadêmica, faz-se uma síntese, enumerando alguns pensadores importantes - professores ou não, na trajetória teológica de Joseph Ratzinger. Compor esse perfil não é uma tarefa fácil, significa destacar os traços que marcam o seu percurso intelectual, procurando demonstrar a íntima unidade existente entre o pensamento e a prática em suas dimensões acadêmica e eclesial, evidenciando a “perspectiva unitária e integradora presente em suas ideias”,³⁸³ que redundam em uma bela sinfonia.³⁸⁴

Quem são os pensadores que informaram sua teologia? Para responder a esta questão é imperioso considerar que “o seu pensamento é complexo, refinado e dialoga com muitos autores, muitas correntes filosóficas e teológicas”,³⁸⁵ e entender que a estrutura mental tem um ponto nuclear: o cristocentrismo. Ocupa um lugar determinante a pessoa divina de Jesus Cristo, dado capital para a proposta cristã, pois “por intermédio do homem Jesus, e, a partir de Deus, pôde-se ver a imagem do

³⁸⁰ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 97. Ratzinger esclareceu que jamais aceitaria o serviço de prefeito se a principal atribuição “fosse primeiramente a de controle”.

³⁸¹ RATZINGER, J., *Discurso de apresentação à Pontifícia Academia de Ciências*, 13 nov. 2000.

³⁸² KRITZENBERGER, S., *Dom Georg: Bento XVI viveu amando o Senhor até o fim*, sem paginação.

³⁸³ BLANCO, P., *El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger*, p. 274.

³⁸⁴ BLANCO cita a expressão usada por Hahn, S.W., na obra *Covenant and Comunión. The Biblical Theology of Pope Benedict XVI* que diz ser Ratzinger não “um pensador sistemático, mas muito sinfônico”.

³⁸⁵ ASSUNÇÃO, R., *Bento XVI, a Igreja Católica e o “Espírito da Modernidade”*, p. 35.

autêntico Homem”.³⁸⁶ Ratzinger viu essa comunhão com o Pai como o “verdadeiro centro da personalidade” de Jesus, sem a qual não se pode compreendê-lo e a partir da qual Ele se torna presente hoje.³⁸⁷

Cristo e a sua relação com a Igreja e a relação desta com o mundo, com a modernidade,³⁸⁸ configuram-se uma base sólida do arcabouço epistemológico do teólogo alemão. Em torno desse eixo orbita o conjunto de suas reflexões, no qual é alicerçado teológica e ontologicamente o anúncio da fé cristã e, na angulação poliédrica surge com vitalidade, coerência e profundidade bíblico-antropológico, o seu pensamento mariológico. Ele põe em evidência o vínculo entre “Cristo e a Igreja”, e entre “a Igreja e Maria”, apresentada não somente como a mãe de Deus, assim como “mulher”, a “primeira crente” e a “primeira Igreja”, eclodindo em uma visão unitária entre cristologia, eclesiologia e mariologia.

O encontro com o personalismo marcou o itinerário espiritual de Ratzinger. O existencialismo de Jaspers (1883-1969) e Heidegger o interessaram, confessou. O livro de Steinbüchel (1888-1949), *Die Wende des Denkens* (A virada do pensamento), entretanto, é que se tornou “uma leitura chave”. E, como contrapeso a tudo isso, guiou os passos do teólogo bávaro, a apaixonada e profunda humanidade descoberta no pensamento de Agostinho.³⁸⁹ Sobre os estudos no pós-guerra (1946-1951) declarou que a educação teológica do corpo docente de Munique foi basicamente determinada pelos movimentos que antecederam o Concílio Vaticano II, destacando que o estudo bíblico foi fundamental e essencial em sua instrução, e o método histórico-crítico foi determinante para a sua formação e posterior trabalho teológico.³⁹⁰

No decurso dessa etapa alguns professores desempenharam um papel admirável e estimularam o crescimento do jovem estudante. Em suas Lembranças, Ratzinger citou Michael Schmaus (1897-1993) que formulava “uma viva apresentação da doutrina da fé católica, nascida do espírito do movimento litúrgico e do novo interesse pela Bíblia e pelos Santos Padres”.³⁹¹ Schmaus havia produzido a *Kattolische Dogmatik* (Dogmática Católica) que revolucionara totalmente os

³⁸⁶ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 127.

³⁸⁷ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 129.

³⁸⁸ Este tema foi trabalhado por Rudy Albino de Assunção, na obra anteriormente referida.

³⁸⁹ RATZINGER, J., *O Sal da terra*, p. 49-50.

³⁹⁰ RATZINGER, J., *Discurso de apresentação à Pontifícia Academia de Ciências*, 13 nov. 2000.

³⁹¹ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 57.

manuais de teologia da época. Dom Terra (1925-2022) sinaliza que o cristocentrismo, a ideia da história da salvação, a teologia da história, a eclesiologia, a doutrina eucarística de

Ratzinger apresentam grande sintonia com a de Schmaus.³⁹²

Os professores mais decisivos, além dos exegetas, citados em sua autobiografia foram Söhngen (1892-1971) e Pascher (1903-1980). A exegese era o centro do seu trabalho teológico influenciada pelas lições do professor Friedrich Wilhelm Maier (1883-1957), defensor da teoria das duas fontes dos evangelhos sinóticos Mateus e Lucas, hoje quase universalmente aceita. Ratzinger ao avaliar o seu mestre fez algumas restrições aos princípios, mas concluiu: “o que eu ouvi dele e o que aprendi metodicamente com ele continuam fundamentais para mim”.³⁹³

Söhngen exerceu uma preponderante influência no trajeto formativo de Ratzinger. Trabalhou a questão basilar da relação entre racionalidade e mistério, o lugar do platônico e do filosófico no cristianismo, colocando a questão da verdade e da atualidade do que era objeto da fé.³⁹⁴ Nos funerais de Söhngen, em 19 de novembro de 1971, Ratzinger salientou a qualidade do mestre que fascinava os alunos: “a coragem com a qual fazia qualquer pergunta, e a evidência de que sabia que, ao agir assim, a fé não tem nada a temer da ampla busca de conhecimento”.³⁹⁵ Portanto, a coragem de arriscar novos caminhos investigativos, propiciando a aquisição de uma dimensão mais crítica, foi particularmente significativa para ele.

Josep Pascher era o responsável pela formação humana e sacerdotal, “baseando-se totalmente no espírito da liturgia [...] marcou a todos nós, substancialmente, em nosso caminho espiritual”.³⁹⁶ O sistema educacional do professor Pascher “estava erigido sobre a santa missa diariamente celebrada”.³⁹⁷ Graças às lições de Pascher, Ratzinger entende a liturgia como o fundamento de toda a vida,³⁹⁸ supera a atitude reservada que tinha e torna-se adepto do movimento litúrgico. No prefácio do seu livro, *Introdução ao Espírito da liturgia*, escreve que desde a infância a liturgia da Igreja foi a atividade central da sua vida e na escola

³⁹² TERRA, J., *Itinerário Teológico de Bento XVI*, p. 48-49.

³⁹³ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 61.

³⁹⁴ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 64.

³⁹⁵ RATZINGER, J., *Começar a acreditar significa sair do isolamento e entrar no “nós” dos filhos de Deus*, fragmentos, s/p.

³⁹⁶ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 58.

³⁹⁷ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 64.

³⁹⁸ BLANCO, P., *Joseph Ratzinger, uma biografia*, p. 40.

teológica de mestres como Schmaus, Söhngen, Pascher e Guardini, tornou-se também o centro do seu trabalho teológico. O seu interesse estava voltado não para os problemas da ciência litúrgica, mas na ancoragem da liturgia no ato fundamental da fé, sobre o lugar por ela ocupado em toda a existência humana.³⁹⁹

Marcou a perspectiva intelectual ratzingeriana a influência do ítalo-alemão, Romano Guardini, que de certa maneira formou toda uma geração de teólogos. O objetivo da teologia de Guardini foi procurar entender o fenômeno da existência cristã, a existência de quem tem fé em Cristo, restituindo a ela a profunda unidade que a cultura moderna parece ter destruído irremediavelmente. A reintegração da unidade social só pode ser restaurada por Cristo, por meio de sua Igreja.

Guardini compreendia a fé como “um dar uma direção vertical”⁴⁰⁰ à existência inteira, pois ela confere à vida humana uma segura unidade, eliminando unilateralidades. A fé comporta mediação humana: a existência é construída comunitariamente e para sanear a vida espiritual do indivíduo e restaurar a unidade da sociedade, a Igreja utiliza-se da liturgia, o lugar da nossa contemporaneidade com Cristo. É bastante atento na análise dos textos bíblicos, reconhecendo a importância da exegese para a compreensão da mensagem de Jesus, que é endereçada a toda a humanidade através da história de um povo determinado. O caminho da cruz foi fruto de uma livre decisão do Homem-Deus. Com suas reflexões, ele ultrapassou os limites da ciência teológica com a ajuda da literatura, filosofia e pedagogia. Usa da filosofia para compreender a relação entre os valores humanos e divinos. Possuía uma relutância inata em relação às construções sistemáticas que considerava necessariamente viciadas pelo artifício e a abstração. Escreveu sobre muitos temas de filosofia, teologia e literatura. A unidade interna da sua obra advém da unicidade da inspiração: a existência cristã.⁴⁰¹

Três ideias são particularmente decisivas para Ratzinger: a fundamentação racional da fé e a centralidade do mistério cristológico e da liturgia na vida eclesial. Ratzinger afirma que o livro “O espírito da liturgia”, de Guardini, “pode ser

³⁹⁹ RATZINGER, J., *Introdução ao espírito da liturgia*, p. 7.

⁴⁰⁰ MONDIN, B., *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*, p. 494.

⁴⁰¹ Sobre o pensamento e a teologia de Romano Guardini temos excelentes textos em português. Destacam-se “Os grandes Teólogos do Século Vinte” (p. 477-510), de Battista Mondin; “Breve História da Teologia do Século XX” (p. 135-139) e “A Teologia do Século XX” (p. 218-223), ambos de Rosino Gibellini.

considerado, com justiça, o início do movimento litúrgico da Alemanha”. Sobre a obra, proferiu:

Ela contribuiu substancialmente para que a liturgia [...] fosse redescoberta como centro vital da Igreja e da vida cristã. [...] para que a liturgia fosse celebrada de maneira “essencial” [...]; que fosse compreendida a partir da sua natureza e forma íntimas, como oração inspirada e conduzida pelo próprio Espírito Santo.⁴⁰²

E a respeito do peso da contribuição de toda a obra “guardiniana”, afirma:

Guardini foi um dos primeiros que se decidiram por uma orientação livre na teologia. [...] A importância da obra de Romano Guardini consiste hoje, em meu entender, na firmeza com que sustentou - contra todo o historicismo e pragmatismo - a capacidade de o homem possuir a verdade e a referência à verdade na filosofia e na teologia.⁴⁰³

As conexões entre o pensamento do teólogo bávaro e Guardini são patentes. Há muitos elementos comuns e uma convergência singular. Ambos se preocuparam em encontrar a essência do cristianismo, demonstraram uma preocupação pela Igreja, seu significado e seu destino. A eclesiologia continuamente esteve associada ao percurso teológico de Ratzinger, desde a sua tese de doutorado. A liturgia é o tópico que deixa mais visível esse vínculo entre eles, expresso no título da obra introdutória à liturgia do teólogo alemão. A personalidade e os escritos brilhantes de Guardini o fascinaram.

A obra “Catolicismo” de Henri de Lubac converteu-se em uma leitura de referência para Ratzinger, ao transmitir-lhe uma nova e mais intensa relação com o pensamento dos Padres da Igreja e um olhar mais profundo sobre a teologia e a fé em geral, provocando uma nova abertura epistêmica.⁴⁰⁴

De Lubac é considerado um dos principais representantes da teologia contemporânea. Sua obra teológica contém todas as características da teologia católica atual, ou seja, uma boa base bíblica e patrística, em diálogo permanente e positivo com as diversas correntes do pensamento moderno, busca soluções para os problemas que afligem a Igreja e a humanidade. Seu campo de estudo vai desde a patrística, passando pela teologia medieval até o ateísmo contemporâneo. Trouxe uma importante contribuição na maneira de se ler as Escrituras, retornando às origens do cristianismo, ao propor o resgate espiritual na leitura dos textos bíblicos. Os temas preferidos são as relações entre natural e sobrenatural, a Igreja, a Tradição, o humanismo cristão e as religiões orientais. Através da investigação histórica

⁴⁰² RATZINGER, J., *Introdução ao Espírito da liturgia*, p. 7.

⁴⁰³ BLANCO, P., *Joseph Ratzinger; uma biografia*, p. 15.

⁴⁰⁴ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 70.

procurou chegar a um conhecimento mais profundo da Revelação. A produção teológica distingue-se pela profundidade do pensamento, a profusão de documentos, a modernidade dos temas e a originalidade das soluções. Por isso, muitos definem o seu teologar como “teologia histórica”.⁴⁰⁵

O sítio italiano *Avvenire.it*⁴⁰⁶ publica (07 jun. 2022) uma matéria no centenário do nascimento de Henri de Lubac referindo-se a um texto (Começar a acreditar significa sair do isolamento e entrar no nós como filhos de Deus), até então inédito, do Cardeal Ratzinger, em que ele traça um paralelo sobre as reflexões de Lubac presente em suas obras e expressava a importância das contribuições do jesuíta francês para a história da teologia, mencionando obras fundamentais e inovadoras como *Surnaturel* (1946), *Corpus Mysticum* (1944), além de *Catholicisme* (1938).

Ratzinger expressa várias vezes a gratidão que sente por ter participado do Concílio Vaticano II, principalmente pelos colóquios que lhe foram propiciados pelo evento “com pessoas tão importantes como Henri de Lubac, Jean Daniélou (1905-1974), Yves Congar, Gérard Philips, para citar apenas alguns nomes mais destacados”, conjuntamente com bispos de todos os continentes. É constante a sua atenção à aprendizagem recíproca e disponibilidade para ouvir. Mais tarde afirmou “é preciso lutar para que ouçamos uns aos outros e aprendamos uns com os outros cada vez mais. Para que o essencial, a fé em Jesus Cristo, não se perca”,⁴⁰⁷ não se deve relegar a um segundo plano os pressupostos de que o pensar teológico deve radicar-se na essência da fé preservada e ensinada pela Igreja.

Manter uma relação com os teólogos e a teologia é uma via imprescindível em sua jornada. Assim, torna-se estreito o convívio com Hans Urs von Balthasar, com quem divide uma de suas obras marianas e funda a revista *Communio*, fonte preciosa para o pensamento católico. A evolução da sua trajetória, as etapas pelas quais percorre, tornam Ratzinger um homem em estreita conexão com o seu tempo, um teólogo atento, bem-informado e que dá relevância pública à Igreja no debate

⁴⁰⁵ MONDIN, B., *Os grandes Teólogos do Século Vinte*, p. 621-658; GIBELLINI, R., *A Teologia do Século XX*, p. 182-191. No Brasil, dentre outros títulos, foi publicado o livro *Catolicismo: aspectos sociais do dogma*, pela Loyola, 1994; *O drama do humanismo ateu*, pela Ecclesiae, em 2022, *A Escritura na Tradição e A Igreja na crise atual*, pela Paulinas, em 1970 e 1972, respectivamente.

⁴⁰⁶ RATZINGER, J., *Henri de Lubac e a Igreja do “nós”*. Texto inédito veiculado no sítio *Avvenire.it*, em 07 jul. 2022, foi traduzido e publicado pela Unisinos em sua página on-line.

⁴⁰⁷ SEEWALD, P.; RATZINGER, J., *Bento XVI: O último testamento*, p. 240.

intelectual internacional. No próximo subtítulo voltam-se os olhos para a sua participação no Concílio Vaticano II, um momento marcante do seu protagonismo teológico.

4.2

“Algo grandioso devia acontecer”.⁴⁰⁸ De acompanhante a perito do Concílio Vaticano II

Uma análise rigorosa e completa da atuação de Joseph Ratzinger como perito e conselheiro do Concílio Vaticano II exigiria uma investigação do acervo conservado do Concílio Vaticano II e das anotações e documentos do arquivo pessoal do teólogo alemão. Diante destes limites, aqui se faz um breve recorte da participação do teólogo alemão durante a assembleia conciliar.⁴⁰⁹ Relata-se a participação de Ratzinger no Concílio a partir dos materiais produzidos durante e após o evento, publicados em artigos ou descritos em obras, comentários, entrevistas e reflexões posteriores do teólogo alemão.⁴¹⁰

Com o desejo de atualizar a doutrina da fé, o “*aggionamento*” proposto pelo Papa João XXIII (1958-1963), o Concílio Vaticano II foi aberto no dia 11 de outubro de 1962. A sessão inaugural tornou-se um marco histórico transmitido para todo o mundo. Estavam presentes mais de 2.300 bispos e cardeais de todos os continentes e representantes de outras Igrejas. Ao longo de quatro sessões, remodelaria o rosto da Igreja Católica e como afirmou o Papa Francisco, “permitiu à Igreja se rejuvenescer e se apresentar novamente ao mundo como portadora de uma Mensagem que transcende todas as fronteiras”.⁴¹¹

Em solo alemão, o anúncio realizado pelo Papa João XXIII provoca uma inquietação curiosa nos meios acadêmicos e teológicos. As discussões, tornam-se mais frequentes, e se busca comentar temas e possíveis embates que ocorreriam no Concílio que se avizinhava.⁴¹² Perguntava-se se ainda seria possível contar com o

⁴⁰⁸ SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 486. Ratzinger revela a Seewald que aos 35 anos vivenciou um momento de extraordinária expectativa com o anúncio do Concílio Vaticano II e a sua voz interior dissera-lhe que algo especial, grandioso, devia acontecer.

⁴⁰⁹ RATZINGER, J., *Mon Concile Vatican II*; RATZINGER, J., *Lembranças da Minha Vida*; VALENTE, G., *Ratzinger professore*; VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano*; SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida* e as obras-entrevistas.

⁴¹⁰ Dois volumes das Obras Completas de Joseph Ratzinger - VII são dedicados aos ensinamentos sobre o Concílio Vaticano II. Reúnem, conforme o prólogo do autor, os seus diferentes escritos e contribuições. Embora sejam intervenções fragmentárias, elas nos permitem uma visão de como foi o andamento do Concílio.

⁴¹¹ FRANCISCO, PP., *Introdução*, p. 11.

⁴¹² SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 157: “O anúncio do Concílio logo levantou algumas questões - como vai acontecer, como farão para que seja conduzido corretamente? - mas

auxílio de um instrumento colegial para decidir sobre a vida da Igreja, considerando as inflexões ainda plangentes do Concílio Vaticano I no que se refere à infalibilidade papal ou, se a reunião anunciada não seria apenas um oportunismo político para referendar uma vez mais o poder pontifício.

Joseph Ratzinger, um jovem teólogo e padre alemão, insere-se nesse contexto de avaliação e prospecção do futuro eclesial, não deixando de apresentar o seu pensamento quanto a questão de fundo que permeia os encontros do período. Em Bensberg profere uma conferência com o tema “A propósito da teologia do Concílio”, em 25 de fevereiro de 1961. Fala sobre a validade, da relação entre Concílio e magistério pontifício, colegialidade e primado petrino. Combate “a ideia errônea de que os concílios teriam perdido sua função”.⁴¹³ Delineia, do ponto de vista teológico, as funções próprias do Concílio na vida da Igreja, comparando-as com as concepções distorcidas que o reduzem a um instrumento pontifício e a Igreja a uma entidade organizacional e política, um meio para a transformação da sociedade. Ao contrário, conforme descreve Valente (1963), Ratzinger afirma que o Concílio é

por sua natureza uma assembleia de consulta e decisão, desempenha um papel de direção, tem função de ordem e configuração. Não é um parlamento e os bispos não são deputados que recebem poder e mandato única e exclusivamente do povo que os elegeu. Eles não representam o povo, mas Cristo, de quem recebem missão e consagração.⁴¹⁴

Ele também assegura que o primado e o episcopado não podem ser equiparados a uma estrutura aristocrática piramidal, onde cabe ao povo apenas o papel de obediência e seguimento, pois é preciso enxergar que “a fé cotidiana do homem simples dá o enredo ao divino tear da Igreja”, possibilitando, assim, à Igreja escapar de uma fé vazia e sem sentido.⁴¹⁵

O cardeal Joseph Frings (1887-1978), arcebispo de Colônia, estava na plateia da conferência proferida por Ratzinger em Bensberg e, entusiasmado com o que ouviu, o convida para auxiliá-lo como consultor teológico nas análises dos esquemas preparatórios do Concílio (“*Schematas*”). O convite foi aceito.

suscitava também grandes esperanças”, assim respondeu Ratzinger/Bento XVI à questão formulada pelo entrevistador.

⁴¹³ SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 509.

⁴¹⁴ RATZINGER *apud* VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 27.

⁴¹⁵ RATZINGER *apud* VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 27; SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 512.

O jovem teólogo alemão opinou sobre mudanças em vários pontos dos documentos apresentando críticas e sugestões de melhoramento. Porém, como afirma em sua autobiografia,⁴¹⁶ não percebeu vestígios de uma renovação bíblica e patrística nas propostas, mas sim uma rigidez, uma excessiva dependência da teologia escolástica e pouca abertura, “refletindo por demais o pensamento dos doutos e pouco o dos pastores”.⁴¹⁷

A conferência na Academia Católica de Bensberg abriu para Ratzinger o caminho para Roma, ao chamar a atenção do cardeal de Colônia com “observações críticas a respeito da Igreja”, ao demonstrar historicamente o que é um Concílio, dizendo que “a Igreja não é uma assembleia do Concílio, portanto, *Concilium*, mas comunidade eucarística, *communio*”.⁴¹⁸ Em síntese disse “o Concílio é uma assembleia a serviço da condução de toda a Igreja”.⁴¹⁹

Após a apresentação, o cardeal Frings procurou o conferencista e o incumbiu de uma tarefa: elaborar o texto do discurso que ele prometera fazer em Gênova.⁴²⁰ Pede a Ratzinger que compare o contexto cultural e social em que se realizaria o Concílio, com o do período em que fora realizado o Vaticano I. Ao receber o texto, julgando-o perfeito, assume-o por inteiro, fazendo apenas uma pequena modificação final.⁴²¹ O texto expôs as transformações profundas ocorridas depois do Concílio Vaticano I que justificavam a convocação de um novo Concílio e foi elogiado pelo papa pela descrição concisa do mundo intelectual contemporâneo e o olhar visionário nele contido. João XXIII declara: “Vossa Eminência disse tudo quanto eu pensava e teria querido dizer, mas não disse”.⁴²² Depois, acrescentou: “Eminência, preciso lhe agradecer. Li seu discurso naquela noite. Que feliz sintonia de ideias”.⁴²³ Frings, então, informa ao Papa quem era o autor do texto. O Pontífice observa a necessidade de os prelados encontrarem conselheiros justos. O Cardeal, a partir daquele momento, submete “todos os textos de caráter teológico-sistemático

⁴¹⁶ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 97-109.

⁴¹⁷ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 98.

⁴¹⁸ SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 510.

⁴¹⁹ SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 512.

⁴²⁰ Disse Ratzinger a SEEWALD, P., *O último testamento*, p. 148: “Depois conversamos longamente andando pelos amplos corredores. Então, ele tomou coragem e me convidou para escrever o texto para a Conferência de Gênova para ele”.

⁴²¹ MÜLLER, G., *Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger*. Müller assinalou que a conferência de Gênova, em 20 de novembro de 1961, é a gênese da nomeação de Ratzinger como perito e conselheiro teológico do cardeal Frings.

⁴²² SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 516.

⁴²³ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 150.

ao professor de Teologia sistemática de Bonn” e, por isso, diz G. Müller, “o Concílio tem a caligrafia” de Ratzinger.⁴²⁴

Em suas Lembranças, o teólogo alemão apontou que o Papa João XXIII tinha indicado em termos gerais a sua intenção a respeito da assembleia eclesial e que “havia um tácito consenso: a Igreja seria o tema principal do Concílio”.⁴²⁵ Cita os planos propostos pelos Cardeais Montini (1897-1978) e Suenens (1904-1996) “para uma ampla estrutura teológica”, em que o tema Igreja seria debatido em duas partes, articuladas nas questões Igreja *ad intra e ad extra*, primeiramente e, depois, “a segunda parte deveria permitir a inserção das grandes questões da atividade, do ponto de vista da relação entre ‘Igreja’ e ‘Mundo’”.⁴²⁶ A discussão alonga-se no curso conciliar.

Ratzinger, ao comentar o início dos trabalhos dos Padres Conciliares e do clima existente na sessão inaugural, narra que “o Concílio estava decidido a agir com autonomia e não se rebaixar à categoria de órgão executivo das Comissões preparatórias.”⁴²⁷ Ele chega a essa conclusão após presenciar a intervenção do Cardeal de Colônia apoiando a sugestão do Cardeal Liénart em que recomenda o adiamento da eleição dos membros que comporiam as comissões.

4.2.1

Primeiro período: *De fontibus Revelationis e Sacrosanctum Concilium*

Na discussão da Constituição sobre a Revelação, o cardeal Frings apresenta as premissas elaboradas por Ratzinger em favor de uma eliminação substancial, mas que não recomendava refutar o esquema inteiro.⁴²⁸ A crítica contesta três pontos cruciais: a relação entre a Escritura e a Tradição, a inerrância da Sagrada Escritura e a relação entre os dois testamentos. O posicionamento ratzingeriano contrário parte do título escolhido com sua referência plural às fontes da Revelação.⁴²⁹ A raiz do mal-entendido está no desrespeito à distinção, a definição tridentina de que “A revelação, o falar de Deus e sua manifestação é o *unus fons* (fonte única) de onde afluem as duas correntes da Escritura e da Tradição”. Afirma: “a Revelação não é

⁴²⁴ MÜLLER, G., *Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger*, sem paginação.

⁴²⁵ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 98; SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 498.

⁴²⁶ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 99.

⁴²⁷ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 54, tradução nossa.

⁴²⁸ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 68.

⁴²⁹ Ratzinger trabalhou sobre o tema em sua tese de doutoramento, quando discorreu sobre o pensamento de São Boaventura.

algo que vem depois da Escritura e da Tradição, mas, ao contrário, é o falar e o agir de Deus que vem antes de toda formulação histórica de sua palavra”,⁴³⁰ e uma inversão da sucessão ontológica entre a revelação e as formas de sua transmissão não favorece o anúncio da fé e da vida eterna.

Antes da abertura do Concílio, o clima reinante em relação ao documento é interessante. O ambiente em Roma estava influenciado pela teoria de Geiselman.⁴³¹ Falava-se que a Bíblia era materialmente completa nas questões de fé. A afirmação “nada podia ser ensinado pela Igreja que não pudesse ser encontrado explicitamente na Escritura [...] significava que nada podia ser ensinado pela Igreja que não pudesse ser confirmado pelo método histórico-crítico”.⁴³² Ratzinger objetou que com esse pensamento a instância máxima eclesial passava a ser a exegese e que a relação entre Escritura e Tradição não podia ser solucionada de forma tão singela, “simplificação que não pode fazer jus às descobertas da Tradição”.⁴³³

A fé se retirava dentro de hipóteses indefinidas, sempre variáveis, de caráter histórico ou aparentemente histórico: ‘crer’, então não seria mais do que ‘opinar’ e estaria submisso a constantes revisões.⁴³⁴

O Concílio opôs-se a essa teoria. O dado evidenciado por Geiselman, destaca Ratzinger, era “apenas um aspecto secundário, insignificante, no esforço dos padres tridentinos”.⁴³⁵ A Revelação, o fato de Deus aproximar-se ao ser humano,

sempre é maior do que aquilo que pode ficar expresso em palavras humanas, maior também do que as palavras da Escritura [...] A Escritura é o testemunho essencial da revelação, mas a Revelação é algo vivo, é maior e é mais. [...] não pode ser imaginada como algo fora do Deus vivo [...] supõe o ser humano vivo [...]. Sua finalidade é sempre: reunir os humanos, uni-los; por isso ela tem a ver com a Igreja.⁴³⁶

“A última palavra sobre revelação não pode vir do método histórico-crítico, mas de que da revelação faz parte o organismo vital da fé de todos os séculos”.⁴³⁷ Esta compreensão é bastante útil visto que interpela diretamente a hermenêutica e afirmações dogmáticas marianas (Imaculada e Assunção). Se prevalecesse a

⁴³⁰ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 48-49, tradução nossa.

⁴³¹ A teoria propugnava a compreensão do próprio Geiselman sobre o ensinamento Trentino - a não existência de nenhuma divisão do conteúdo entre Escritura e Tradição, pois cada uma conteria a totalidade do depósito da fé.

⁴³² RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 103.

⁴³³ SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 510.

⁴³⁴ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 103.

⁴³⁵ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 104.

⁴³⁶ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 105.

⁴³⁷ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 72-73.

materialidade bíblica, por certo poríamos em xeque as afirmações magisteriais dos dois últimos dogmas marianos.

As críticas ratzingerianas deixam transparecer outro critério metodológico, ao defender que o Concílio deve evitar dogmatizar posições próprias de uma escola teológica, mesmo com o objetivo de eliminar eventuais controvérsias.⁴³⁸ Os Padres veem o texto como um “estreitamento do horizonte” cujo propósito é a manutenção das aspirações da Cúria romana e buscam emancipar o Concílio das amarras prefixadas pelo dicastério curial.⁴³⁹

O esquema inicial é abandonado e o Cardeal Frings solicita a confecção de um novo, que pudesse ser disponibilizado como alternativa. Ratzinger colabora decisivamente com Karl Rahner e o documento recebe o nome de “*De Revelatione Dei et Hominis in Jesu Cristo facta*”. Entre os Padres, o escrito foi definido como esquema Rahner-Ratzinger. A partir deste fato, torna-se comum durante todo o Concílio a formação de grupos informais de teólogos de várias nacionalidades, sem nenhum vínculo ou reconhecimento oficial, visando, com a proposição de esquemas alternativos, orientar os trabalhos.

O texto alternativo foi rejeitado,⁴⁴⁰ apesar dos aspectos bons e úteis do documento como afiançou Congar.⁴⁴¹ Foi considerado como um antiesquema feito apressadamente e não foi levado para votação. O esboço afirmava a dependência da Igreja da Palavra de Deus, revelada pela Sagrada Escritura. A Igreja é guardiã, serve e vive dessa Palavra. O documento, aos poucos, ganhou mais as digitais de Rahner. Valente diz que “a estrutura do documento, sob o ponto de vista lexical, também confirma a sua matriz *rahneriana*” e que “a sensibilidade ratzingeriana pela gratuidade da história da salvação não encontra muito espaço no quadro dedutivo-especulativo que percorre todo o texto”.⁴⁴²

Somente no último período é que a assembleia aprova, conforme Ratzinger, “um dos textos mais brilhantes do Concílio”,⁴⁴³ a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, que ainda “aguarda a tarefa de passar para a consciência da Igreja aquilo

⁴³⁸ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 53.

⁴³⁹ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 63.

⁴⁴⁰ Sobre o esquema Ratzinger-Rahner disse o futuro papa Bento XVI “Aquele pequeno ensaio foi escrito com muita pressa e não podia nem de longe competir em consistência e precisão com o esquema oficial”. RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 106.

⁴⁴¹ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 71.

⁴⁴² VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 70.

⁴⁴³ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 107.

que o Concílio realmente declarou e de formá-la a partir disso”.⁴⁴⁴ Essa movimentação desencadeia uma inversão de perspectiva e dá novo rumo ao Concílio, no que termina conhecida como a primeira disputa conciliar.

A primeira dificuldade foi relativa aos procedimentos para viabilizar as discussões, tendo em vista um corpo deliberativo bastante grande e, em sua maioria, sem experiências sinodais. Surgiram várias propostas. Após a conclusão, Ratzinger avaliou que a catolicidade do Concílio ficaria comprometida com a assunção da hipótese da fragmentação do corpo em pequenos grupos para o debate de parte do documento ou, ainda, se a votação fosse realizada por delegação. Para ele, uma decisão desse porte tiraria fôlego do dinamismo conciliar e facilitaria a manutenção de posições já existentes. Prevalece o regulamento: os temas seriam apresentados, debatidos e votados nas aulas conciliares.

Vencida a dificuldade, faz-se a opção de começar com a análise e elaboração de um texto sobre a Sagrada Liturgia, partindo do pressuposto de que as bases lançadas para uma reforma orgânica, que apareceram sob o pontificado de Pio XII, eram aceitas pela maioria dos bispos. O documento “foi o primeiro a ser estudado pelo Concílio [...] simplesmente pelo fato de que aí não se esperavam grandes discussões”.⁴⁴⁵ O esquema trazia posições sustentadas pelo movimento litúrgico que antecedeu o Concílio: o retorno às fontes bíblicas e patrísticas, a reafirmação da centralidade da liturgia na Palavra de Deus, a participação ativa de todos.⁴⁴⁶

Essa escolha é avaliada positivamente por Ratzinger, pois, “sugere a seu modo que o centro verdadeiro da Igreja consiste na celebração do mistério eucarístico”.⁴⁴⁷ Em sua autobiografia, relata que era exigida uma superação de “certas tendências da liturgia barroca e da piedosa religiosidade do século XIX” promovendo “uma nova centralização, humilde e objetiva, no mistério essencial de Cristo na sua Igreja”.⁴⁴⁸ O resultado é visto por ele como um sinal de que as forças de renovação são muito mais fortes do que o esperado. Em escritos posteriores assinala abusos cometidos pela reforma após o Concílio. Tornielli (1964) afirma que esse apontamento foi “uma das contribuições mais corajosas e ao mesmo tempo

⁴⁴⁴ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 107.

⁴⁴⁵ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 100.

⁴⁴⁶ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 67-82.

⁴⁴⁷ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 56.

⁴⁴⁸ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 10.

mais originais e carregadas de autoridade da sua reflexão como estudioso, além da função institucional de guardião da ortodoxia católica”.⁴⁴⁹

Ratzinger afiança que intenções litúrgicas mais abrangentes não foram consentidas pelos participantes do Concílio. Defende que é preciso entender que na Igreja é Cristo que vive no meio de nós, pois se assim não for, não pode haver verdadeira liturgia, pois “o Senhor é o ponto de referência. É ele o sol nascente da história”.⁴⁵⁰ Disse, ainda:

Na liturgia age uma força, um poder que nem mesmo a Igreja inteira pode atribuir-se: o que nela se manifesta é o absolutamente Outro, que, através da comunidade (que não é, portanto, dona, mas serve, mero instrumento), chega até nós. [...] a revolta contra aquilo que foi chamado ‘a velha rigidez das rubricas’, acusada de inibir a ‘criatividade’, arrastou também a liturgia ao vórtice do ‘faça-você-mesmo’, banalizando-a, porque a reduz à nossa medíocre medida.⁴⁵¹

O resultado mais importante da primeira sessão para Ratzinger é precisamente a não aprovação de textos, com a decisão de recomeçá-los do zero e repropô-los para discussão e votação. Significou um movimento “contra a continuação unilateral da espiritualidade antimodernista”; “uma forte reação contra o espírito que animou os trabalhos preparatórios”. Os padres tinham decidido por “um novo modo positivo de pensar e de falar”.⁴⁵² No final da primeira sessão, Ratzinger foi nomeado consultor teológico do Cardeal Frings.

4.2.2

Segundo período: perito

Após a primeira sessão, Ratzinger retorna para Bonn para dar seguimento às suas atividades docentes. Ministra o seu último curso na capital versando sobre a Divina Revelação, apresentando lições e ideias derivadas do debate conciliar. Nesse interregno ocorre a morte de João XXIII e é eleito o novo do pontífice, o arcebispo de Milão, o cardeal João Batista Montini, que escolhe o nome de Paulo VI. Os temores sobre a continuidade do Concílio foram eliminados no dia seguinte ao da eleição, quando o novo pontífice anunciou o seu empenho em prosseguir e concluir o Concílio em curso.⁴⁵³

⁴⁴⁹ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 71. Discorrerá sobre as contribuições no capítulo “A liturgia de Ratzinger”, p. 205-215.

⁴⁵⁰ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 213.

⁴⁵¹ TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, p. 214-215.

⁴⁵² SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 574.

⁴⁵³ GUERRIERO, E., *Servitore di Dio e dell’umanità*, p. 106-107.

Começam os trabalhos da segunda sessão. Ratzinger fora nomeado como perito. Com o novo *status* pode acompanhar as reuniões na Basílica de São Pedro e participar dos trabalhos das comissões encarregadas das revisões dos esquemas preparatórios. Por isso, na aula conciliar em que foi discutido e debatido o caráter sacramental da ordenação episcopal e a colegialidade, contribui com uma intervenção, escrita com o auxílio de Rahner e Martelet, estimulando os participantes a reconhecerem o vínculo de sucessão que une cada bispo aos apóstolos e a restauração do diaconato permanente.

A nota distribuída aos bispos tinha o título “*De primatu et collegio episcoporum in regimine Totius Ecclesiae*”.⁴⁵⁴ Afirmava que a doutrina da colegialidade faz parte da Tradição e que ela e “o magistério devem sempre desenvolver a semente da Escritura”.⁴⁵⁵ Decidiu-se pela revisão do texto. Ratzinger era membro da subcomissão encarregada da revisão textual relativa à colegialidade episcopal, juntamente com Rahner, Michele Maccarrone e Joaquín Salaverri.

A reelaboração do *De Ecclesia* é destinada para as subcomissões. Nas discussões, a subcomissão sobre o colégio episcopal, prevaleceu o posicionamento favorável que indicava como fator de ingresso a consagração episcopal, salvo algum impedimento que obstasse a plena comunhão eclesial. Ratzinger evidencia a importância da contribuição de um grupo de Padres Conciliares para esta decisão, entre os quais, a presença do brasileiro, Dom Jaime de Barros Câmara.⁴⁵⁶ O padre alemão afirma que a conjunção do elemento sacramental e do jurisdicional está contida na afirmação e a chave de ingresso ao colégio não é a indicação papal, mas a força da consagração, com a devida submissão ao Bispo de Roma. O texto revisado pela subcomissão é submetido à Comissão Teológica.

As tensões e dissensos marcaram os encontros para uma correta definição da relação entre a colegialidade e o primado pontifício. A disputa doutrinária ocorrida entre os cardeais Frings e Ottaviani (1890-1979) marca o confronto de posições. As assertivas falas do cardeal de Colônia pedindo, inclusive, que as normas regulatórias das atividades do Santo Ofício fossem revistas,⁴⁵⁷ são vistas por

⁴⁵⁴ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 91.

⁴⁵⁵ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 101.

⁴⁵⁶ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 96.

⁴⁵⁷ Frings argumenta que o procedimento do dicastério, sob muitos pontos de vista já não convém, prejudica a Igreja e é motivo de escândalo para muitos *apud* VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 101.

Ratzinger como “uma realista contribuição para o tema da liberdade cristã”,⁴⁵⁸ posto que é imprescindível a plena liberdade e o respeito aos direitos individuais, bem como aplicar o aforismo jurídico moderno aos procedimentos existentes na estrutura eclesial.

A novidade do segundo período é dada pelo novo Papa ao falar sobre a reforma da cúria romana. A oposição entre episcopado universal e a cúria surgira em concílios anteriores. A possibilidade de debater e apresentar saídas para a questão interessava aos participantes do Concílio e entra em pauta no terceiro período. Outro ponto importante, segundo Ratzinger, é o elemento decisivamente cristocêntrico presente no discurso inaugural de Paulo VI.

Na segunda sessão, como visto no capítulo precedente, os padres desenvolveram a escrita do documento sobre a Igreja, inicialmente rejeitado por várias razões:

por ser muito teórico e legalista, por identificar o Corpo místico pura e simplesmente com a Igreja Católica, por referir-se apenas com condescendência aos leigos, por enfatizar demais os direitos e a autoridade da hierarquia e por não ter um caráter caritativo, nem uma abordagem missionária e ecumênica.⁴⁵⁹

Ratzinger identifica uma diretriz do novo texto na orientação baseada na história da salvação. A Igreja é compreendida não como uma realidade fechada em si mesma. É apresentada como sinal sacramental, está em movimento, em caminho e representa a história de Deus com os homens. As discussões sobre a elaboração do texto prosseguirão até o período conclusivo do Concílio.

No encerramento do período, Ratzinger observa que apesar dos vários aspectos positivos, havia um certo pessimismo entre os padres. Uns temiam a permanência do mesmo quadro que provocou a convocação do Concílio, outros, o que ainda estava por vir. Conclui afirmando que “nenhum Concílio pode por si mesmo fazer a renovação do cristianismo”.⁴⁶⁰ Na verdade, cada um é apenas um impulso inicial capaz de movimentar a roda de transformação, desde que as contribuições sejam internalizadas, acolhidas e postas em prática. Além disso, a renovação não vem “sem a fé diária, a esperança e a caridade de cada um de nós”.

4.2.3

Terceiro período: defensor da inclusão do capítulo mariano

⁴⁵⁸ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 104.

⁴⁵⁹ WILTIGEN *apud* BLANCO, P., *El Concílio de Joseph Ratzinger*, p. 259.

⁴⁶⁰ GUERRIERO, E., *Servitore di Dio e dell'umanità*, p. 111.

No terceiro período são discutidos temas⁴⁶¹ como a colegialidade, a doutrina sobre a sacramentalidade do episcopado, o ecumenismo e a liberdade religiosa, dentre outros. O ponto de viragem para o teólogo bávaro é a aprovação do texto sobre a colegialidade dos bispos, - pois marca o afastamento de modelos políticos que influenciaram a dinâmica, por anos, das relações entre o papado e o episcopado - e reconhece a Igreja como uma companhia de comunidades litúrgicas, fugindo da tentativa de dar à Igreja uma concepção de caráter parlamentar ou monárquica. A união com Roma não é uma adesão a uma monarquia papal, mas uma comunhão com a sede de Pedro.

Ratzinger narra que os embates havidos durante as reuniões trouxeram à tona um caráter enganoso que deu ao Concílio uma imagem de uma batalha entre conservadores e progressistas. Era preciso voltar os olhos para a estrutura da Igreja antiga para renovar a estrutura da Igreja daquele período.⁴⁶² Para Ratzinger, “progressista não significava ainda romper com a fé, mas aprender a compreendê-la melhor e vivê-la da forma mais correta, a partir das origens”.⁴⁶³

Na questão envolvendo a relação entre Escritura e Tradição, Ratzinger posiciona-se explicitamente alinhado com a maioria conciliar, apoiando o esquema “*Annotazioni sullo schema conciliare ‘De divina Rivelatione’*” assinado pelos padres de língua alemã. O esquema afirmava que o único *depositum fidei* nos é transmitido pela Sagrada Escritura e pela Tradição.

Comentando a votação sobre a liberdade religiosa, ele é bastante sintético.⁴⁶⁴ Afirma que o resultado havia decretado o fim da Idade Média e da era Constantiniana. Assegura que o apego tenaz às posições de uma igreja estatal e as tentativas de defesa com meios de proteção do Estado prejudicaram a fé da Igreja, pois favoreceu o nascimento de uma ideia de que “a Igreja é inimiga da liberdade e teme a ciência e o progresso”, além de ter impedido internamente a “necessária regeneração espiritual” de toda a *ecclesia*.⁴⁶⁵ Alerta sobre o perigo da troca de posição eclesial, que consistiria em abandonar a verdade absoluta anunciada por

⁴⁶¹ PAULO VI, PP., *Discurso: conclusão da III sessão do Concílio Vaticano II*, 21 nov. 1964. No discurso, Paulo VI afirmou: “foi estudada e descrita a doutrina sobre a Igreja; foi completada também a obra doutrinal do Concílio Ecumênico Vaticano I; foi sondado o mistério da Igreja e traçado o plano divino da sua constituição fundamental”.

⁴⁶² VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 110.

⁴⁶³ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 159-160.

⁴⁶⁴ GUERRIERO, E., *Servitore di Dio e dell’umanità*, p. 113.

⁴⁶⁵ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 126-130; VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 108.

Cristo por um direito absoluto intramundano, que implica na incapacidade de compreender, no contexto da fé, o posicionamento daqueles que pensam diferente e que não podem ser medidos por um padrão que lhes é estranho.⁴⁶⁶

Sobre a Nota Prévia, que causou um estremecimento no clima da votação do capítulo III da LG, Ratzinger afiança que ela continha “uma conveniente ideia diretiva” de Paulo VI, um caráter pleonástico dos critérios interpretativos sobre a colegialidade, inclusive sobre a primazia papal. Porém, afirma, ela não foi aceita e nem incluída no texto conciliar,⁴⁶⁷ não foi assinada nem pelo Papa e nem pelos Padres Conciliares, mas somente pelo secretário geral.

Na questão sobre como o Concílio devia falar da Mãe de Jesus, posiciona-se alinhado ao cardeal Köning, de Viena, que defendia a inserção de um capítulo mariano na Constituição sobre a Igreja e reafirmava que a sua motivação não era de ordem ecumênica, mas porque a inclusão de “um capítulo dedicado a Maria pode servir para iluminar com uma luz própria o mistério mesmo da Igreja”. Esclarece:

O esquema da Constituição dogmática sobre a Igreja foi enriquecido com o capítulo sobre a Mãe de Deus, no qual a figura de Maria, relida e reproposta a partir da Palavra de Deus, dos textos da tradição patrística e litúrgica, mas também da ampla reflexão teológica e espiritual, se manifesta em toda a sua beleza e singularidade, estreitamente inserida nos mistérios fundamentais da fé cristã.⁴⁶⁸

Ratzinger vê “o mistério de Deus e sua proximidade”⁴⁶⁹ na jovem exaltada por sua humildade. Vê a ação da “graça que toca aqueles que nada podem fazer sozinhos” e a prefiguração da Igreja dos pobres, que peregrina como a humilde serva. Nesse discernimento ratzingeriano, a índole mariana, que será discutida adiante, é percebida. Notam-se indícios da precedência do mistério mariano ao petrino quando o teólogo bávaro justifica a sua escolha apontando a luz mariana, a intimidade intratrinitária de Maria, como capazes de iluminar a Igreja, posto que vê em Maria a ação da Graça e o mistério divino resplandecente.

Quanto à problemática ecumênica, o professor alemão opta por um posicionamento lúcido e livre de qualquer condicionamento ideológico. Ele não sacrifica a liberdade de seu espírito crítico. Defende o caminho pela unidade, mas não desiste de alinhar-se à posição adotada desde os tempos do Novo Testamento,

⁴⁶⁶ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 108-109.

⁴⁶⁷ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 107-111.

⁴⁶⁸ BENTO XVI, PP., *Discurso aos participantes do XXIII Congresso mariológico mariano internacional*, 08 set. 2012, sem paginação.

⁴⁶⁹ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 105.

aquela que “crê que a Igreja existe realmente, e que esta existência se reflete concretamente na Igreja visível que celebra a eucaristia”.⁴⁷⁰

Ao avaliar o terceiro período, explicita que ficaram claras duas opções antagônicas. Um grupo, rotulado como progressista, com “um pensamento que parte de toda a extensão da Tradição cristã e a partir dela procura descrever a amplitude contínua das possibilidades eclesiais”, busca um retorno à magnitude e riqueza da tradição cristã. O outro, com um pensamento puramente sistemático, “só admite a atual forma jurídica da Igreja como norma de suas reflexões” e, por isso mesmo, prenhe de “um conservadorismo alicerçado em um estranhamento à história”, configurava-se, para ele, como falta de tradição, “de abertura a toda história cristã”. Afirma que houve uma salutar purificação do caminho conciliar quando ocorreram as mudanças no documento *De Ecclesia*, não pela imposição da maioria, mas pelo discernimento realizado.⁴⁷¹ Para ele “o texto doutrinal do Concílio sobre a Igreja não é um tratado teológico, nem uma apresentação completa sobre a Igreja, mas uma placa de sinalização”.⁴⁷²

Em 1965 na Conferência proferida em Münster, Ratzinger trata de uma questão significativa: alerta que identifica nos movimentos dos Padres Conciliares semelhanças com o comportamento de fariseus e saduceus do tempo de Jesus,⁴⁷³ pois ao tentarem “aproximar a fé do mundo, despojando-a daquilo que o mundo pode não gostar”, embora bem-intencionados, transformavam-na no mundo mesmo e, conseqüentemente, deixavam-na “desprovida de interesse e eficácia”, tornando-a supérflua. A verdadeira renovação era tornar-se simples, que é o mistério de tudo o que vive.⁴⁷⁴

Guerriero (1948), citando o teólogo inglês Aidan Nichols, indica que o relatório da terceira sessão é “o ápice do chamado progressismo de Ratzinger”, referindo-se às posições que o teólogo bávaro adotara, afastando-se de alguns companheiros da jornada conciliar como Karl Rahner e Hans Küng.⁴⁷⁵ Sobre isso

⁴⁷⁰ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 107.

⁴⁷¹ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 133-140.

⁴⁷² RATZINGER, J., *Mon Concile Vatican II. Enjeux et perspective*, p. 124-125.

⁴⁷³ Sobre a Conferência é significativo o relato de Elio Guerriero in *Servitore di Dio e dell'umanità*, p. 125-127.

⁴⁷⁴ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 171-174.

⁴⁷⁵ GUERRIERO, E., *Servitore di Dio e dell'umanità*, p. 115.

Ratzinger dirá que não mudou, mas que os seus companheiros é que alternaram posições.⁴⁷⁶

4.2.4

Quarto período: a etapa final do Concílio

No quarto período Ratzinger colabora na redação do decreto *Ad Gentes*, que trata da ação missionária da Igreja, apresentando uma boa fundamentação trinitária, cristológica e eclesiológica. Ele mostra-se crítico ante o otimismo existente em alguns ambientes teológicos quanto à equiparação de todas as religiões, justificando que a Bíblia claramente traz um combate à idolatria. Diz que era preciso lutar contra as ideologias que renunciavam a verdade e procuravam apenas o poder. Para Valente, Ratzinger se posicionava ante o marxismo.⁴⁷⁷

As discussões mais acaloradas da última sessão centraram-se no esquema XIII, que originará a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja e a sua relação com o mundo contemporâneo. Ratzinger, em uma reunião preparatória, endereça severas e graves críticas ao esquema XIII e sugere a rejeição total do primeiro capítulo apresentado.⁴⁷⁸ Ele antevê duas visões distintas, destinadas a oporem-se na aula conciliar e a dificuldade para aproximá-las:

De um lado, o de quem quer olhar as instâncias modernas a partir da linguagem bíblica e do pensamento sobre o homem e o mundo por ela veiculado. Por outro, a linha que postula sobretudo a necessidade de falar ao homem de hoje e, portanto, a exigência de uma linguagem acessível e compreensível para todos, que não coloque no centro do discurso os próprios dados - percebidos em si mesmo como seletivos - da teologia e da fé.⁴⁷⁹

Ratzinger avalia como redutiva a linguagem proposta, pois o elemento bíblico, mais do que na escolástica, assumira uma mera função ornamental. O esboço inicial, observa, atestava uma definição muito genérica na tentativa de resolver questões polêmicas do anúncio cristão no mundo, de uma orientação ética e espiritual do homem. A ética proposta buscava vincular também àqueles que não faziam parte do círculo estreito dos fiéis e, segundo Ratzinger, esta proposição era feita de modo autoritário, o que dificultava reunir em torno dela pessoas de fora da Igreja.⁴⁸⁰ Destaca que ao suprimir o dado específico cristão para aproximar-se do

⁴⁷⁶ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 191; RATZINGER, J., *Being Christian in the neo-pagan era*, p. 118, tradução nossa.

⁴⁷⁷ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 113.

⁴⁷⁸ KOMONCHAK *apud* VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 153.

⁴⁷⁹ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 154. Tradução nossa.

⁴⁸⁰ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 112.

mundo moderno, o cristianismo colhia resultado diverso ao pretendido, pois era percebido como um gueto, “uma ideologia para pessoas que precisam de tal refúgio, afastado da realidade”⁴⁸¹ sendo relegado a um papel insignificante.

Defende a ciência como uma aliada do cristianismo na falsificação mágica da fé, aderindo aos argumentos expostos pelos bispos latino-americanos.

A frieza da ciência, que tira o esplendor mágico das coisas, é a sua melhor aliada [...]; a penetração científica do mundo que assume sua não divindade, por um lado, e sua estrutura lógica a ser esclarecida espiritualmente, por outro, corresponde profundamente àquela concepção que compreende o mundo como criado (e, portanto, não divino) e como proveniente do *Logos* - a palavra divina plena do espírito - com base no qual também ele é estruturado lógica, espiritualmente. A ciência em toda a sua amplitude só se tornou possível a partir desta posição fundamental.⁴⁸²

Para ele, ocultar e negar a ambiguidade do progresso é um erro fatal, como as confusões criadas, dentro da ótica cristã, entre o crescimento do reino de Deus e a evolução da civilização humana, que propiciavam um neopelagianismo - não se podia admitir o não reconhecimento da necessidade da cruz e da graça para a salvação do homem.

Trabalha na recentralização do documento e o seu texto colabora concretamente para a reelaboração textual, para expressar um final cristológico. Os problemas do mundo são postos sob a luz de Deus, que resplandece no rosto de Jesus Cristo e não sob qualquer ponto de vista ético ou ideológico. A Igreja crê que a resposta definitiva do gênero humano se encontra em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Em cada um dos capítulos o documento apresenta Cristo como o centro do mistério do homem. Ao colocar em evidência o mistério de Cristo como um fator fundamental, fundante de todo o escrito, torna-se uma obra de mestre, a palavra decisiva do Concílio, como alguns autores registraram.⁴⁸³ As contribuições de Ratzinger foram elogiadas por Henri de Lubac, que o descreveu em seu diário como “um teólogo tanto pacífico e bom, quanto competente”.⁴⁸⁴

No término dos trabalhos, o teólogo alemão afirma que a Igreja, em tempos difíceis ou mais calmos, vive no mais íntimo da fé daqueles que são de coração simples. Lembrando os caminhos do Povo de Deus em Israel evoca que a tocha da esperança foi transmitida ao Novo Testamento por pessoas humildes - Zacarias,

⁴⁸¹ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 155.

⁴⁸² RATZINGER, J. *apud* VALENTE, G., *Ratzinger professore*, nota 16, p. 112, (tradução nossa).

⁴⁸³ VALENTE, G. *Ratzinger al Vaticano II*, p. 152-160.

⁴⁸⁴ De LUBAC *apud* VALENTE, G. *Ratzinger al Vaticano II*, p. 157.

Isabel, José, Maria - que são os últimos nomes do antigo povo de Deus e, ao mesmo tempo, juntos, são os primeiros do novo. Afirma:

Com o Concílio foi formulado apenas um mandato, cuja implementação deve começar agora. **A fé dos simples de coração é o tesouro mais precioso da Igreja:** servi-la e vivê-la é a tarefa suprema de uma renovação eclesial.⁴⁸⁵

O Concílio terminou no dia 08 de dezembro de 1965. Anos mais tarde, investido da função pontifícia, Bento XVI fez uma declaração semelhante ao indicar como o mais precioso tesouro da América Latina, a religiosidade popular, a fé dos simples.⁴⁸⁶

4.2.5

Anotações conclusivas: a caligrafia ratzingeriana do Concílio

É possível notar “traços inconfundíveis da sensibilidade teológica” de Ratzinger, diz Valente, em várias participações do Cardeal Frings no Concílio.⁴⁸⁷ O estilo equilibrado e alheio às posturas exaltadas e unilaterais influenciou os colegas e os fizeram tomar o teólogo bávaro como uma referência. As intervenções dele eram ao mesmo tempo precisas, claras e conciliadoras. São consideradas justas e lúcidas, vão direto ao coração das questões abordando os pontos mais polêmicos.

Ratzinger adotou um procedimento singular após as sessões conciliares: prestava contas do trabalho fazendo conferências. Estas eram lotadas, aconteciam muitas vezes dentro do Câmpus, com presença de alunos e colegas da faculdade teológica. “Eram breves relatos. [...] Era sobre informação e interpretação, que apresentava aos interessados o que realmente havia acontecido no Concílio”.⁴⁸⁸

Ele posicionou-se de forma inequívoca ao avaliar algumas tentativas de renovação após o Concílio,⁴⁸⁹ cujo pensamento dominante via como uma

⁴⁸⁵ VALENTE, G., *Ratzinger al Vaticano II*, p. 170, tradução e grifo nossos.

⁴⁸⁶ BENTO XVI, PP., *Discurso da sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, 13 mai. 2007.

⁴⁸⁷ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 93-103. Indica que Frings expressou sua adesão ao centro da pesquisa ratzingeriana: a natureza sacramental da Igreja, a comunhão da Igreja peregrina na terra com a Igreja celeste, comunidade escatológica dos santos, a complementariedade entre a definição da Igreja como corpo místico e como povo de Deus, citando G. Caprile, *Il Concilio Vaticano II*, vol. III, p. 29.

⁴⁸⁸ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 169.

⁴⁸⁹ Em março de 2011, a Artège Spiritualité, trouxe à tona a obra *Mon Concile Vatican II. Enjeux et perspective*, com memórias que retomam as ideias do teólogo bávaro, articuladas em diversas circunstâncias, logo após as sessões conciliares. Traz as impressões e análises de cada sessão. Diz que nas duas primeiras, o olhar dos participantes é retrospectivo, no terceiro período, os padres voltaram-se para “resultados e problemas” e na última sessão, Ratzinger aponta que são feitos “pequenos relatórios” que evidenciam a incompletude da tarefa, posto que “servir a fé dos simples de coração e vivê-la constitui a tarefa mais elevada para a renovação da Igreja”.

aproximação com o mundo moderno em que a fé não servia mais como fermento e a Igreja procurava construir o seu próprio mundinho. Dizia a todos que a fé se tornava completamente supérflua, desprovida de interesse e eficácia, ao perder o seu principal fundamento: o Cristo, e deixava ao largo a possibilidade de ser sal da terra e luz do mundo. Esta dinâmica nascente no período após as sessões conciliares devia estar atenta aos sinais dos tempos, sem esquecer-se da sua raiz.

Em 1965, acreditava que o Concílio e, com ele, a Igreja estavam no caminho. “Não existe nenhum motivo para cair no ceticismo e na resignação. Temos todos os motivos para ter esperança, alegria, paciência”, afirmou.⁴⁹⁰ No mesmo ano indicou que as pessoas começavam a questionar a conveniência de aderir ou não a uma postura progressista ou preservar a conservadora. Esclareceu que a missão a ele destinada era evidenciar, desde aquela data, o que realmente era querido e o que não era querido. Afirmou que a vontade dos Padres Conciliares era renovar a fé e torná-la mais profunda e que a atuação de outras forças provocaram uma ruptura intraeclesial que ainda hoje remanesce.⁴⁹¹

Em 1967, Joseph Ratzinger apresentou um primeiro e rápido balanço dos resultados conseguidos, expondo as linhas essenciais da discussão conciliar, no livro *Ergebnisse und Probleme der dritten Konzilsperiode* (Problemas e Resultados do Terceiro Período do Concílio).⁴⁹² Defendeu a renovação trazida pelo Concílio e falou das futuras tarefas da Igreja. Mostrou-se, entretanto, menos confiante quanto às orientações conciliares, especificamente quanto à reforma litúrgica do Papa Paulo VI.

No livro-entrevista *Relatório sobre a fé* (1985),⁴⁹³ ressaltou a valorização e a redescoberta dos documentos conciliares conforme foram escritos. Na análise, declarou que o tempo verdadeiro do Concílio ainda não chegara, não ocorrera a sua autêntica acolhida. O Concílio Vaticano II era parte de um *continuum*, que inclui todos os Concílios precedentes da Igreja. Não se podia esquecer que a reforma

⁴⁹⁰ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 171.

⁴⁹¹ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 171-172.

⁴⁹² A edição alemã é da BACHEN (1965) e a tradução italiana, *Problemi e risultati del Concilio Vaticano II*, foi publicada pela Queriniana, em 1966.

⁴⁹³ A obra causou muito impacto. Trata-se de uma entrevista concedida pelo responsável por um organismo vaticano (CDF), em que traça um perfil da situação da Igreja naquele momento, portanto, atualizado e inédito. O livro foi publicado na Itália com o título *Rapporto sulla fede*, pela Edizioni San Paolo e teve várias edições em outros países. A edição brasileira recebeu o título *A fé em crise?* O Cardeal Ratzinger se interroga, publicada pela EPU, 1985 e republicada pela Escola Ratzinger, em 2021, com o título *Relatório sobre a fé*.

devia espalhar-se do vértice até a base e distanciar-se do que nominou interpretações mal construídas, um presumido “espírito do Concílio” e, para isso, era inevitável voltar aos documentos que “proporcionam instrumentos certos para enfrentar os problemas de hoje”.

Ponderou, quanto à referência à continuidade da Tradição e da via eclesial contra qualquer ideia de ruptura ou diferenciação de uma Igreja pré e pós-conciliar - abominava essa categorização. Declarou desconfiar de hermenêuticas que se refiram ao “espírito do Concílio”, por isso, considera ser necessário retocar, corrigir a rota da teologia após o Concílio. Asseverou:

Quem aceita o Vaticano II [...] afirma ao mesmo tempo a ininterrupta tradição da Igreja [...]. Quem nega [...] nega a autoridade que sustenta os outros dois Concílios e, dessa forma, os separa de seu fundamento. Perante o Vaticano II, qualquer opção parcial destrói o todo, a própria história da Igreja, que só pode subsistir como uma unidade indivisível. [...] Deve-se reafirmar claramente que uma reforma real da Igreja pressupõe um inequívoco abandono dos caminhos errados que levaram a consequências indiscutivelmente negativas.⁴⁹⁴

Em julho de 1988, afirmou para a revista alemã *Die Welt*, ao ser indagado sobre as pautas do Concílio que deveriam ser conservadas, revisadas ou acentuadas com mais empenho, que fundamentalmente ressaltaria a nova importância dada ao texto sagrado e à herança comum dos Padres da Igreja, à nova imagem personalista do homem, às declarações sobre a essência da Igreja, ao acento ecumênico e, sobretudo, à renovação litúrgica.⁴⁹⁵ As realizações do Concílio Vaticano II estavam em perfeita sintonia com os ensinamentos da Igreja ao longo de toda a sua história.

Em seu último colóquio com Seewald, fez uma definitiva avaliação sobre o evento conciliar, demonstrando que o Vaticano II não foi um Concílio de ruptura e que o patrimônio da Igreja deve ser preservado. Afirma:

sempre tive a convicção de que tudo o que afirmamos e aprovamos era correto e não poderia ser diferente. Lidamos corretamente com as coisas, mesmo que não tenhamos avaliado corretamente as consequências políticas e os efeitos concretos das nossas ações. Durante o Concílio pensamos muito no aspecto teológico e não refletimos o suficiente sobre os efeitos que nossas ideias teriam fora dali.⁴⁹⁶

Jesus Cristo em toda a sua obra deixou visível um caminho de renovação, que se distingue claramente das falsas tentativas de reformas de direita ou de esquerda

⁴⁹⁴ MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 66-73.

⁴⁹⁵ RATZINGER, J., *Ser cristão na Era Neopagã*, vol. III, p. 45-46.

⁴⁹⁶ SEEWALD, P., *Bento XVI, o último testamento*, p. 173.

da Igreja.⁴⁹⁷ Renovação, para Ratzinger, é simplificação no sentido de tornar-se simples e voltar-se para aquela verdadeira simplicidade que é o mistério de tudo o que vive.

4.3

Professor: o fascínio por ensinar e tocar os corações dos alunos

Joseph Ratzinger fez a sua tese doutoral sob a orientação de Gottlieb Söhngen, em julho de 1953, pesquisando o tema “Povo e a Casa de Deus na doutrina de Santo Agostinho sobre a Igreja”. Foi aprovado recebendo *Summa cum laude*, a mais alta distinção. Para qualificar-se à docência, em consonância com as regras alemãs, dedica-se à sua tese de habilitação, que foi recusada na primeira tentativa obrigando o jovem teólogo a repará-la em um escasso tempo. A tese não fora aceita em razão da resistência do professor Michael Schmaus que via “perigosas tendências modernistas” no texto. Superado esse obstáculo, credencia-se com o novo texto “A Teologia da história de São Boaventura” e como registrou Jean Duchesne (1944), o abandono da primeira parte da tese de doutorado é um sinal da perturbadora originalidade de Ratzinger.⁴⁹⁸

A carreira docente começa um ano depois da sua ordenação presbiteral, ocorrida em 29 de junho de 1951, na Escola Superior de Freising, em seu antigo seminário de Domberg, na Alemanha. Suas experiências são marcadas por muitos imprevistos, aborrecimentos, conflitos profissionais, sucessos, que surpreendem e desconstroem qualquer tipo de preconceito a favor ou contra. Esses, muitas vezes, levam a uma conclusão imprópria, desgastada e até mesmo injusta. Não apenas os que persistem em ler o itinerário do professor alemão conforme as categorias sociais de progressista e conservador, de esquerda e de direita, mas também aquelas leituras derivadas do entusiasmo conciliar, visto por ele, tantas vezes, como “ingênuo otimismo progressista”.⁴⁹⁹ Além disso, deve ser ponderada a análise de algumas publicações exaltando o papa Bento XVI como grande intelectual do ocidente.

⁴⁹⁷ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 115-116. Conferência realizada em Münster em 18 de junho de 1965.

⁴⁹⁸ UNISINOS., *Ratzinger pós-Vaticano II*. Resenha sobre a nova biografia de Bento XVI.

⁴⁹⁹ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 99. Para lidar com estas dificuldades, Ratzinger apregoava a paciência como a única atitude adequada, acreditando que o verdadeiro espírito do Concílio haveria de prosperar. Chamado a falar sobre o assunto, faz uma conferência em Bamberg. A sua habitual abordagem crítica e articulada é identificada como um dos primeiros sinais da suposta virada conservadora. “Uma orientação da Igreja para o mundo, que represente um distanciamento da cruz, não levaria a uma renovação da Igreja, mas a seu fim”, afirmou *apud* VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 122-127.

A seguir apresenta-se um recorte sobre a atuação de Ratzinger como docente. Durante e depois do Concílio ele exerceu a docência, lecionando sucessivamente nas universidades de Bonn (1959-1963), Münster (1963-1966), Tübingen (1966-1969) e Regensburg (1969), até a sua nomeação como Arcebispo de Munique em 1977. As reflexões de Ratzinger são abrangentes e alcançam praticamente todas as áreas da teologia e filosofia.

Em sua autobiografia anotou que ao ficar livre a cátedra de Teologia Dogmática e de Teologia Fundamental na Faculdade de Filosofia e Teologia de Freising, o conselho de professores o indicou para assumir a função, que foi por ele recusada para preparar-se para a habilitação, o exame de livre docência junto a Faculdade de Munique. Nessa fase, embora ainda não tivesse recebido a licença para docência, recusou convites das universidades da Mogúncia e de Bonn.⁵⁰⁰

No semestre de inverno assume as aulas de teologia em Freising como professor substituto. Expressou que o entusiasmo dos alunos o motivaram a aguentar a dupla tarefa de lecionar e escrever a tese de livre-docência. Sobre o período de docência em Freising (1958-1959), Seewald relata que Ratzinger “havia conquistado admiração e demonstrado um carisma a que muitos de seus estudantes e ex-colegas de estudo dificilmente podiam resistir”.⁵⁰¹ Destaca que nos exames, o professor era excepcionalmente correto e só perguntava o que o aluno podia dominar.⁵⁰² O êxito no processo formativo alcança outras fronteiras e em 1958 a Faculdade de Bonn renova o convite, oferecendo-lhe a cátedra de Teologia Fundamental. A oferta foi acolhida.

O período acadêmico em Bonn foi palpitante e com o círculo de estudantes formado, Ratzinger manteve colóquios regulares até 1993. Revelou que o encontro entre estudantes e professores de todas as faculdades o entusiasmava e o inspirava.⁵⁰³ Igualmente interessante era o diálogo entre as culturas e nações, que há séculos se haviam encontrado e mutuamente se fecundaram naquela região. A lembrança do primeiro semestre é, em suas palavras, como a de um primeiro amor.⁵⁰⁴ Contou que se aproximou de Schlier (1900-1978), pois ambos defendiam que não era possível reconstruir o perfil histórico de Jesus prescindindo dos textos

⁵⁰⁰ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 71-90.

⁵⁰¹ SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 411.

⁵⁰² SEEWALD, P., *Bento XVI: a vida*, p. 412.

⁵⁰³ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 92.

⁵⁰⁴ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 95.

e narrações evangélicas e tornou-se amigo de Hubert Jedin (1900-1980), “o grande historiador do Concílio de Trento”. Outra amizade marcante foi a estabelecida com o indólogo Paul Hacker (1913-1979), a quem confessa dever muito, “tanto em assunto das ciências das religiões como nos da teologia”.⁵⁰⁵

A aula inaugural em Bonn, *lectio magistralis*, foi proferida em 24 de junho de 1959, tratou da questão da relação entre fé e razão, tema que o acompanhou em toda a sua vida. A conferência recebeu o título “O Deus da fé e o Deus dos filósofos”.⁵⁰⁶ Na conferência, Ratzinger abordou a contraposição existente entre o Deus da fé bíblica e o Deus dos filósofos. Apresentou a pré-história da questão. Iniciou referindo-se ao texto encontrado no corpo do matemático e filósofo Pascal. Falou do encontro com o Deus - o Deus vivo de Abraão, Isaac e Jacó, o Deus que em Jesus se faz amoroso - que é a resposta viva à pergunta aberta sobre esse ser homem, que levou Pascal a questionar a insuficiência da filosofia racionalista. Para esta filosofia, a religião não tinha lugar no espaço da razão, a doutrina metafísica (razão teorética) da época e a compreender a distinção entre a irrupção da verdade de Deus comparada com as afirmações filosóficas sobre Deus. Religião é vivência e filosofia, teoria.

Para solucionar essa divergência, Ratzinger recorre as teses de Tomás de Aquino: “o Deus da religião e o Deus dos filósofos coincidem plenamente, enquanto o Deus da fé e o Deus da filosofia são parcialmente distintos: o Deus da fé supera o Deus dos filósofos, acrescenta algo a ele” e a contrária, do protestante Emil Brunner (1889-1966), para quem a redução da mensagem cristã aos conceitos da metafísica grega representava a primeira grande traição da mensagem bíblica. Em seguida propõe uma solução em que fala do conceito filosófico de Deus e a religião pré-cristã e do mesmo conceito com a revelação bíblica de Deus.

A partir dessas distinções articuladas afirmava que era possível superar quaisquer embates entre a linguagem da fé e a linguagem da razão, entre a pesquisa filosófica e a aceitação da Revelação. Afinal, o Deus que age ao longo da história da salvação e o intuído pela pesquisa filosófica não se opõem; em parte, coincidem. E a verdade filosófica pertence, em um certo sentido, constitutivamente a fé cristã.

⁵⁰⁵ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 93-94.

⁵⁰⁶ Síntese do texto de RATZINGER, J., *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, 2006, uma tradução da obra alemã *Der Gott des Glaubens und der Gott der Philosophen*, Munique: Schnell & Steiner, 1960.

O caráter especial do Deus de Israel, que o singulariza, é sua unicidade, que se funda no absoluto. Ele se designa o Deus único, senhor do mundo e a verdadeira exigência da fé cristã não pode fazer-se visível.

Falou da unidade de relação entre a filosofia e a fé, assegurando a clareza do fato de que a fé capta o conceito filosófico de Deus, o absoluto que fala em Jesus Cristo. A mensagem cristã, afirma, não pode ser uma doutrina secreta, pois é dirigida a todos, então é essencial traduzi-la na linguagem comum da razão humana.

No prefácio da edição italiana, o Cardeal revela que as perguntas propostas naquela conferência permanecem atuais e constituem o fio condutor, o *leitmotiv* do seu pensamento.⁵⁰⁷ Assim esse texto torna-se a chave de leitura que dá acesso ao conjunto do pensamento ratzingeriano, permitindo extrair uma interpretação mais fiel e compreensiva da sua construção teológica.

Ratzinger afiançou que a mensagem da Revelação é dirigida a todos e, por isso, “é essencial traduzi-la externamente na linguagem comum da razão humana”.⁵⁰⁸ Afirmou:

a síntese feita naquele tempo pelos Padres da Igreja entre a fé bíblica e o espírito helênico, como representante do espírito filosófico em geral, era não só legítima, mas necessária para dar expressão à plena exigência e toda a seriedade da fé bíblica.⁵⁰⁹

No que concerne aos anos que passou em Bonn, contou que nunca tentou criar um sistema próprio, uma teologia particular, mas buscava propor “pensar junto com a Fé da Igreja e isso significa pensar acima de tudo com os grandes pensadores da fé”.⁵¹⁰ Dizia, “quando se estuda teologia, não se quer aprender um ofício, mas sim compreender a fé [...] compreender a própria vida, o mundo, as pessoas”.⁵¹¹ Partia do tema da Igreja de modo a abrir uma janela para Deus e, por isso, o tema central do seus esforços era sempre Deus.

Os cursos e seminários oferecidos em Bonn são um indicativo dos temas que encontraram uma preferência do jovem professor. Neles são trabalhados a historicidade da Revelação, o pensamento de Santo Agostinho, a natureza sacramental da Igreja.⁵¹² O método teológico utilizado propugnava a abertura e a

⁵⁰⁷ RATZINGER, J., *Il Dio della fede e il Dio dei filosofi*, p. 7.

⁵⁰⁸ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 63.

⁵⁰⁹ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 62, tradução nossa.

⁵¹⁰ RATZINGER, J.; SEEWALD, P., *O sal da terra*, p. 54.

⁵¹¹ RATZINGER, J.; SEEWALD, P., *O sal da terra*, p. 49.

⁵¹² VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 66. Em 1959-1960 o curso de inverno é nominado “Natureza e realidade da Revelação”; no semestre seguinte o título do curso é “A doutrina da Igreja”;

amplitude de interesses, demonstrando a sua enorme capacidade de fazer interagir as diversas áreas do conhecimento humano, contrapondo-se a suscetibilidade acadêmica reinante. A linguagem usada era de “uma simplicidade límpida”,⁵¹³ “a linguagem de um crente”,⁵¹⁴ indo ao cerne das questões, mesmo as mais complexas. Os estudantes perceberam o significado de participar dos cursos ministrados por Ratzinger: “entrar em contato com algo grande que tem a ver com o coração da vida cristã”.⁵¹⁵

Ratzinger decide mudar de ares quando entende que em Bonn as suas linhas de interesse e pesquisa estão na mira de alguns colegas influentes, que veem o método teológico por ele adotado, a sua capacidade de fazer interagir saberes e as diversas áreas de conhecimento como excessivamente concessivas. A nomeação de um novo reitor (Botterweck) sinaliza que a aspiração por um trabalho teológico livre e sem limites não aconteceria e, diante do novo clima acadêmico, os seus alunos acabariam pagando um alto preço, como ocorrera com o próprio Ratzinger na defesa de sua tese doutoral de habilitação teológica.⁵¹⁶ Aceita o convite, “um caminho indicado pela Providência”⁵¹⁷ e muda-se para Münster, onde ensina Teologia Dogmática e história dos dogmas (1963-1966).

“Após uma longa reflexão entendi que poderia exprimir melhor a minha visão teológica no campo da Dogmática mais do que na Teologia Fundamental. Com essa razão positiva, finalmente aceitei o chamado de Münster”,⁵¹⁸ “o corpo docente acolheu-me com toda a cordialidade, e as condições não podiam ser melhores”,⁵¹⁹ esclareceu. O período em que leciona em Münster coincide com a participação nas sessões conciliares - entre 1963 e 1965. A faculdade oferecia espaço e oportunidades superiores para a realização das suas pesquisas e da atividade didática. Com isso, expande o número de alunos que pede para fazer o

em 1961-62, versa sobre a relação entre religião e Revelação; em 1962-63 o seminário é “Igreja, sacramento e fé na Confissão Agostiniana”.

⁵¹³ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 64.

⁵¹⁴ HAHN *apud* VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 65. Viktor Hahn foi o primeiro doutorando do professor Ratzinger.

⁵¹⁵ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 66.

⁵¹⁶ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 85-91. SEEWALD, P., Bento XVI, o último testamento, p. 174.

⁵¹⁷ SEEWALD, P., Bento XVI, o último testamento, p. 174.

⁵¹⁸ SEEWALD, P., Bento XVI, o último testamento, p. 175.

⁵¹⁹ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 109.

doutoramento sob a supervisão dele.⁵²⁰ Esta preferência dos alunos pelo professor vindo de Bonn não foi tolerada pelo corpo docente e obstruções foram colocadas para dificultar o trabalho, visto que a participação nas sessões o retinha por longos meses em Roma.⁵²¹ Assim, o Concílio interfere no percurso acadêmico e torna-se matéria de aulas. O ensinamento ratzingeriano repropõe temas à luz conciliar: Escritura e Tradição, seminário sobre a LG, uma retrospectiva das sessões romanas.

Embora o relacionamento com colegas e alunos fosse muito bom, Ratzinger, para atender o desejo da sua irmã - que não se adaptara bem em Münster - e a atração que sentia por Tübingen, resolve trocar de cidade e aceita o convite⁵²² para lecionar na faculdade de Teologia católica em 1966. A cidade parecia-lhe o campo ideal para experimentar a novidade conciliar e perscrutar os sinais do tempo, “reencontrando-se e confrontando-se com uma grande e prestigiada tradição”,⁵²³ onde se fazia uma “teologia de modo histórico e ecumênico”.⁵²⁴ A abordagem teológica histórico-salvífica é a mesma que Ratzinger já adotara desde Freising e Munique.

A trajetória na nova cidade (1966-1969) é assinalada pelo entusiasmo refletido em suas aulas e nos comentários dos alunos. Expunha uma teologia alimentada pela patrística e pela liturgia, “usava uma linguagem luminosa e leve com nuances poéticas”, abordava todas as questões sem censura.⁵²⁵ Leciona cursos de teologia sistemática (Cristologia, sobre o símbolo apostólico) e de teologia dogmática (doutrina trinitária, escatologia, ecclesiologia), ministra seminários.

Dos registros feitos pelo seu assistente Peter Kuhn (1938) durante o curso aberto, destinado não somente para estudantes de teologia, nasceu o primeiro *best seller* ratzingeriano: *Introdução ao cristianismo*,⁵²⁶ publicado a primeira vez em

⁵²⁰ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 93-94. Com os mais íntimos, a tradição dos almoços bávaros continua. Às vezes, o grupo se reúne em uma pousada, Zum Himmelreich, com o sugestivo nome “Para o Reino dos Céus”.

⁵²¹ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 95.

⁵²² Hans Küng declarou ter influenciado na execução do convite - vide VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 126. O desejo da faculdade era concentrar o *crème de la crème* da jovem teologia alemã e o nome de Ratzinger emergia como uma nova estrela dessa constelação.

⁵²³ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p.122. BLANCO informa que “foi lá que se criou uma teologia sintonizada com os novos princípios idealistas e românticos - as suas cabeças fundadoras foram Hegel, Schelling e Hölderlin-, ao mesmo tempo que se fomentavam de modo especial os estudos históricos: lá floresceram tanto a teologia especulativa como o método histórico-positivo, num ambiente de intenso diálogo entre os diversos autores e tendências” in *Joseph Ratzinger, uma biografia*, p. 11.

⁵²⁴ RATZINGER, J., *Discurso de apresentação a Pontifícia Academia de Ciências*, 13 nov. 2000.

⁵²⁵ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 127.

⁵²⁶ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 130. A obra foi escrita a partir das preleções do curso de verão de Tübingen. “Ratzinger tenta repropor a razoabilidade da fé dentro do terremoto que estava atingindo os paradigmas culturais compartilhados nas sociedades ocidentais”. Ratzinger explicou

1968. Depois, traduzido em várias línguas. O professor repropõe os pontos essenciais da fé cristã, a partir de comentários ao símbolo da fé dos apóstolos, marcando o seu distanciamento das proposições que circulavam na Igreja naquele tempo.

As relações eram corretas e cordiais com os outros professores. Não se registraram conflitos entre Ratzinger e o restante do corpo acadêmico,⁵²⁷ inclusive Küng.⁵²⁸ Em sua autobiografia lembrou que ambos consideravam a existência de uma legítima diferença de posições teológicas, que não prejudicaria em última instância o consenso como teólogos católicos.⁵²⁹ As dissensões, escolhas teológicas distintas aparecerão nos anos subsequentes e o separará de alguns dos seus colegas.

As ressonâncias do Concílio estavam bem presentes na vida da Igreja e era perceptível um certo mal-estar, um ambiente paradoxal que entremeava a esperança de uma grande mudança e o receio ante o novo. Sucediam-se momentos de alegria e celebração e dias de grandes decepções. Nesse contexto, as convulsões sociais, os protestos burgueses, alteram o perfil mundial no fim da década de 60. Os comportamentos revolucionários demudam a vida normal da faculdade, revirava e desarticulava práticas seculares na relação entre docentes e discentes.⁵³⁰ Afetado pelos violentos protestos estudantis, enfrentando a enorme onda ideológica marxista que tomou conta das universidades alemãs, anotou em suas memórias, que embora a esperança permanecesse, Deus era substituído pelo partido, pelo totalitarismo de um culto ateu, em que “a ideologia é apresentada em nome da fé e da Igreja, utilizada como seu instrumento”:

A destruição da teologia [...] pela politização no sentido do messianismo marxista, era bem mais radical, exatamente porque se baseava na esperança bíblica, mas agora a invertia pelo fato de que o fervor se conservava, mas eliminava-se Deus, substituindo-o pela ação política do ser humano.⁵³¹

Ratzinger decide encurtar a vida acadêmica em Tübingen e se transfere para a nova faculdade teológica em Regensburg (1969-1977). Assume a cátedra de Teologia Sistemática até ser nomeado arcebispo de Munique e Freising. Em sua

para Seewald (Bento XVI, o último testamento, p. 187) que o livro foi pensado, redigido, estenografado, ditado, retrabalhado e usado para dar aulas e, não produto dos apontamentos dos seus alunos. O livro foi publicado no Brasil pela Edições Loyola, em 2005.

⁵²⁷ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 136.

⁵²⁸ As polêmicas envolvendo Hans Küng foram fartamente documentadas. O foco midiático recaía sobre as ideias de Küng sobre a reformas internas na Igreja e o posicionamento de Ratzinger.

⁵²⁹ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 115.

⁵³⁰ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 137-141.

⁵³¹ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 117.

autobiografia confessa que acolheu o apelo porque queria continuar a desenvolver a sua teologia em contexto menos excitante e não queria enfrentar os constantes desgastes com centros acadêmicos. A instalação e os seus desdobramentos não tornaram fácil o começo da empreitada, mas a universidade logo tomou forma, recebendo professores, alunos. Mais tarde, “as ondas da revolta marxista” penetraram também na recém-criada faculdade.⁵³²

Relatou que o seu “próprio grupo de doutorandos se tornou ainda mais internacional e mais rico quanto aos diversos talentos e posições”⁵³³ e que uma série de acontecimentos decisivos ocorreram, dentre eles, a sua nomeação para a Comissão Teológica Internacional. Os temas dos cursos e seminários oferecidos sob a tutela de Ratzinger indicam a consonância com o pensamento teológico daqueles anos e rechaçam completamente os clichês redutivos normalmente colados à sua conduta. Ele trabalha com seus alunos assuntos eclesiais como o diálogo ecumênico, unidade da fé, pluralismo teológico, teologia política (junto com Auer [1910-1989]), textos das assembleias da Comissão de fé do Conselho Ecumênico da Igreja, retoma a LG como centro do curso de eclesiologia, dentre outros assuntos. No semestre de inverno (1970-1971) cuida do curso Cristologia, Doutrina da Salvação e Mariologia.

O grupo sob a orientação de Ratzinger no doutorado é formado por alunos oriundos de várias partes do mundo, que pesquisam os mais variados temas. Confirmando a sua índole, defende a academia como espaço livre para o espírito, como o lugar do diálogo, em que a liberdade de tudo perguntar, tudo dizer, tem por base a verdade e o centro que a fundamenta é medida da liberdade.⁵³⁴ O professor é reservado, evita conflitos e polarizações procurando ajustar e pacificar situações. Por esta razão é nomeado decano da faculdade e depois ocupa os cargos de vice-reitor e reitor da universidade. Como reitor não permite a inserção de cursos com inflexões marxistas. Manterá essa postura contrária ao longo de toda a sua vida.

⁵³² RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 122.

⁵³³ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 122.

⁵³⁴ Estes tópicos foram abordados por Ratzinger em sua obra *Natureza e Missão da Teologia*, p. 27-36. Gianni Valente exemplifica essa abertura de Ratzinger citando o acolhimento à proposta de Barthélemy Adoukonou que apresenta a ideia de estudar o vodu, a partir de uma hermenêutica cristã. O fato de, em certa monta, valorizar uma religião esotérica que incorporara sincreticamente elementos cristãos não escandaliza o professor. VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 158.

A etapa acadêmica vivida em Regensburg é o da plena maturidade teológica e por ele definida como “um tempo fecundo”⁵³⁵ em que “a sensação de adquirir cada vez mais claramente minha própria visão teológica foi a mais bela experiência”,⁵³⁶ inclusive, escreve o texto mais profundo: Escatologia - Morte e Vida Eterna. As atividades docentes de Joseph Ratzinger encerraram-se com a nomeação para Arcebispo de Munique em 1977.

4.4

Conclusão: tocar o coração em uma sintonia de almas

Läpple relatou que Ratzinger sempre falava que o melhor enquanto estava ensinando era quando os alunos largavam a caneta de lado para ouvi-lo. Se os alunos continuassem anotando tudo o que era dito, isso significava que a aula estava sendo bem dada, mas ele ainda não os havia surpreendido. Isso só acontecia quando largavam as canetas e olhavam-no, enquanto ele falava. Afirmava “talvez aí tenha tocado o coração deles”.⁵³⁷ Os alunos percebiam que ele se inspirava na Tradição, nos Padres da Igreja, especialmente Santo Agostinho e não estava condicionado às demandas ou intimidações romanas acaso existentes. Mostrava-se flexível e aberto às questões teológicas e aos novos pensares do período.⁵³⁸

Valente afirma que Ratzinger, já em seu primeiro livro, apresenta dois traços que vão caracterizar e identificar a sua obra: “a intolerância perante as oposições dialéticas aparentes e falsas e a aptidão metodológica para integrar tudo o que pode ser integrado em conformidade com o critério católico do *et et*”.⁵³⁹ A influência das correntes teológicas - no período em que Ratzinger estudava em Munique - está presente em seu trabalho inicial. Ele experimenta a liberdade e a abertura suscitadas pelos movimentos patrístico, litúrgico, bíblico e ecumênico que dilataram as fronteiras teológicas.

A relação entre Ratzinger e seus alunos era de pura sintonia. A postura aberta às novas ideias e descobertas é um dado presente em sua história acadêmica. Percorrendo a rede mundial de computadores, após a morte de Bento XVI, foram encontrados vários registros sobre a capacidade do Papa-teólogo de expressar conceitos elevados e profundos com uma linguagem acessível a todos. Por exemplo,

⁵³⁵ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 131.

⁵³⁶ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 132.

⁵³⁷ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 65.

⁵³⁸ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 58-92.

⁵³⁹ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 42.

Josepf Wohlmuth, professor emérito de dogmática na Universidade de Bonn e ex-aluno de Ratzinger, declarou que ele “foi um excelente professor de teologia, muito convicto de sua posição, mas também capaz de permitir que outros modos de pensar fossem buscados e seguidos entre os alunos”.⁵⁴⁰ Já Dieter Mayer, aluno de Regensburg em 1975, lembra-se das discussões animadas e afirma que “Ratzinger sempre se manteve fiel à sua natureza, sempre foi a bondade personificada” e Wolfgang Kesenheimer disse que o auditório estava continuamente cheio e que emanava do professor uma potência espiritual que levava os ouvintes a um silêncio profundo. Relatou que ele não sumia nos intervalos, ficava no meio dos alunos. Era um homem gentil, nunca exagerado emocionalmente e que “seu serviço como cientista esteve sempre ligado ao cuidado pastoral”,⁵⁴¹ “tinha a habilidade de revelar uma fantástica erudição em termos que os não iniciados podiam entender”.⁵⁴²

Na sequência deste trabalho busca-se identificar que eventos e quais devoções religiosas tiveram um papel significativo na construção da personalidade e do pensamento de Joseph Ratzinger. Analisa-se as suas obras mariológicas buscando extrair um perfil mariano que sirva à pastoral e ajude a esclarecer aquilo que por ele foi nominado de imperecível e que deve ser assumido e compreendido novamente pela Igreja do arcabouço mariano-católico.

⁵⁴⁰ WOHLMUTH, J., *Mein Lehrer Joseph Ratzinger*, Katholisch.de, Bonn, jan. 2023.

⁵⁴¹ KESENHEIMER, W., *Erinnerungen an einem groben Lehrer und Professor*, Konradsblatt, Bonn, jan. 2023.

⁵⁴² HUGHES *apud* BLANCO, P., *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 54.

5

O mistério mariano da Igreja na teologia de Joseph Ratzinger

Neste capítulo são abordados os escritos de Joseph Ratzinger sobre o mistério da Mãe de Deus e a fé mariana da Igreja. Faz-se uma leitura procurando identificar se há uma perspectiva unitária e integradora presente nos seus textos, que retrata uma função unitiva e de comunhão da Virgem em relação aos mistérios da fé, para responder a hipótese que alimentou esta pesquisa. Os textos são quantitativamente poucos, e, por isso, a sua produção mariológica foi classificada como breve em muitos periódicos e por autores como Masciarelli,⁵⁴³ Langella,⁵⁴⁴ Boiano,⁵⁴⁵ Pablo Blanco,⁵⁴⁶ Perrela,⁵⁴⁷ entre outros. Contudo, de antemão, adianta-se que esse qualificativo não será usado considerando a ambiguidade compreensiva do termo na língua portuguesa. Para muitos, no universo do significado linguístico, aquilo que é breve é passageiro ou sem importância, por isso, fugaz. Certamente essa conotação não se aplica ao pensamento do teólogo bávaro, pois é bastante difícil encontrar alguma reflexão de sua verve que seja puramente ocasional e sem valor. O normal é surpreender-se e agregar conhecimento com a leitura dos seus escritos, que não podem ser vistos como teoria asséptica e longe das preocupações humanas. Para evitar qualquer mal-entendido, a mariologia de Ratzinger será predicada como sóbria ou concisa, ao invés de breve.

No livro “A Filha de Sião”, Ratzinger afirma que quer colaborar para o “que há de imperecível na fé mariana da Igreja seja novamente compreendido e assumido”.⁵⁴⁸ Mas, o que é realmente imperecível? O que deve permanecer e ser realmente compreendido? Eis a tarefa. A análise parte da experiência devocional familiar. Do vivido, para o pensado.

⁵⁴³ MASCIARELLI, M., *Il Segno della donna*, p. 138.

⁵⁴⁴ LANGELLA, A., *Prefacio*, p. 12.

⁵⁴⁵ BOIANO, L., *Maria nella teologia e nel magistero di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI*, p. 57, 75, 87, 137, 138.

⁵⁴⁶ BLANCO, P., *María en los escritos de Joseph Ratzinger*, p. 317.

⁵⁴⁷ PERRELLA, S., *L'insegnamento della mariologia ieri e oggi*, p. 176-177.

⁵⁴⁸ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 6.

5.1

Vida de oração em família

A formação religiosa da família Ratzinger está estreitamente unida à cultura bávara, àquele catolicismo ligado à vida e à história do sul da Alemanha, na verdade, a uma antiga piedade, “que apelava ao coração, e uma fé que era carismática, emocional, realista e sanativa”,⁵⁴⁹ externada, no centro das cidades e vilarejos da região, pela *Mariensäule*, a coluna sobre a qual repousa uma imagem da Virgem Maria, expressando o sentimento de uma terra cristã e católica.⁵⁵⁰ Joseph Ratzinger em sua autobiografia foi bastante módico ao comentar a religiosidade e atos devocionais pessoais e da sua família. Em tom afetoso, disse: “não posso esquecer-me de observar que Marktl ficava pertinho de Altötting, antigo santuário mariano”,⁵⁵¹ “onde mais tarde - com o tempo, segundo um jornalista bávaro - o jovem Ratzinger decidirá ser padre”.⁵⁵² Sobre a vocação, afirmou que “tudo se desenvolveu devagar” e “não poderia fixar uma data para essa decisão”.⁵⁵³ Declarou que “se, nos anos sucessivos, familiarizei-me com a vocação sacerdotal, então, para isso - ao lado da confiança mais sensível de minha mãe - a personalidade de nosso pai, vigorosa, decididamente orientada pela religião, foi determinante”.⁵⁵⁴

Afirma que desde cedo teve interesse pela liturgia e “racionalmente por tudo o que se dizia na religião”⁵⁵⁵ e, quanto às práticas devocionais familiares, relatou que “a religião era um componente da vida, a começar pela oração em comum”, “costumavam rezar o terço” e “a educação religiosa estava garantida pela oração em família e pela frequência à igreja”. Destacou que a “mãe tinha uma religiosidade muito calorosa e cordial”. Observou que o “pai era um homem de muita fé”,⁵⁵⁶ “incrivelmente piedoso”, “com uma fé comprometida com a fé da Igreja” e que “foi muito importante essa piedade concreta com a qual ele vivia a fé da qual estava realmente imbuído”.⁵⁵⁷ Era “um fervoroso devoto de Nossa Senhora”,⁵⁵⁸ “de

⁵⁴⁹ SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 88.

⁵⁵⁰ BLANCO, P., *Bento XVI, o Papa alemão*, p. 59.

⁵⁵¹ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 7.

⁵⁵² BLANCO, P., *María en los escritos de Joseph Ratzinger*, p. 311. Não há registros de declarações dele indicando esta possibilidade.

⁵⁵³ RATZINGER, J., *O Sal da terra*, p. 45.

⁵⁵⁴ SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 94.

⁵⁵⁵ RATZINGER, J., *O Sal da terra*, p. 40-42.

⁵⁵⁶ RATZINGER, J., *O Sal da terra*, p. 40.

⁵⁵⁷ RATZINGER, J., *Bento XVI, o último testamento*, p. 72.

⁵⁵⁸ SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 88.

convicção de fé reflexiva”.⁵⁵⁹ Recordou um episódio ocorrido em sua juventude, quando ele e o seu irmão Georg retornaram “são e salvos” das frentes de batalha da Segunda Guerra Mundial e o seu pai percorreu a pé o trajeto entre Traunstein e Altötting para agradecer à Mãe de Deus.⁵⁶⁰

Os dados mais detalhados sobre o comportamento devocional familiar são fornecidos por seu irmão Georg. Ele relata que os três irmãos nasceram “perto do famoso santuário mariano” e este fato teve um papel importante na formação dos seus valores. Foram “muitas vezes em peregrinação a Altötting com toda a família” porque sabiam que era “um lugar de profunda espiritualidade”.⁵⁶¹ Sentiam-se sob a proteção dela: “Nós podíamos sempre confiar à Mãe de Deus as nossas preocupações e aflições, não importa o quão pequena fossem durante a infância. Sempre nos sentimos protegidos por ela”.⁵⁶² Contou que o pai era membro da Congregação Mariana, inteiramente devotado ao culto da Mãe de Deus e que as peregrinações à famosa “Virgem Negra”,⁵⁶³ para eles, estão entre as lembranças mais queridas da infância⁵⁶⁴ e que a mãe “tinha o hábito de cantar hinos marianos enquanto lavava os pratos”.⁵⁶⁵

É necessário esclarecer um pouco a história dessa devoção vinculada a Nossa Senhora das Graças de Altötting, padroeira da Bavária, cuja imagem do século XIV, de 66 cm, trazida da Borgonha por volta de 1330, está localizada no santuário mais famoso do mundo de fala alemã. Há mais de 1200 anos que a cidade tornou-se o “*Herz Bayerns*”, “coração mariano da Baviera e um dos corações da Europa”.⁵⁶⁶ É há mais de 600 anos o local mais importante de peregrinação na Alemanha, onde está assinalada “a presença de uma bondade santa e sanativa, a bondade da Mãe, na

⁵⁵⁹ SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 93.

⁵⁶⁰ BLANCO, P., *Maria en los escritos de Joseph Ratzinger*, p. 311.

⁵⁶¹ RATZINGER, G., *Meu irmão, o Papa*, p. 15.

⁵⁶² RATZINGER, G., *Meu irmão, o Papa*, p. 16.

⁵⁶³ As virgens negras são as grandes figuras da devoção marial. Contam-se mais de quinhentas na Europa. Podem ser citadas as Nossas Senhoras de Kazan, na Rússia; de Czestochowa, na Polônia; de Halle, na Bélgica; de Einsiedeln, na Suíça; de Mariazell, na Áustria; de Chartres, do Puy, de Saint-Victor (em Marselha) e de Rocamadour, na França; de Guadalupe; de Saragoça e de Montserrat, na Espanha. Sobre este tema podem ser consultadas várias obras, dentre elas, publicada no Brasil, “Culto e Imagem da Virgem”, de Marie-France Boyer. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

⁵⁶⁴ GARCIA PELEGRIN, J.M., *Unsete Liebe Frau von Altötting*, Omnesmag.com, mai. 2023, seção Kultur. A informação está registrada no prefácio do guia da cidade: “Tive a sorte de nascer muito próximo de Altötting. Portanto, as peregrinações ao santuário com os meus pais e irmãos estão entre as minhas primeiras e mais belas memórias.

⁵⁶⁵ RATZINGER, G., *Meu irmão, o Papa*, p. 18.

⁵⁶⁶ DUSCHL, W., *Benedikt XVI in Altötting*. Gnadenort Altötting, Passau, set. 2006, página inicial.

qual se nos transmite a bondade do próprio Deus”.⁵⁶⁷ Em 28 de agosto de 2002, visitando o santuário, o Cardeal registrou: “No Santuário da Mãe de Deus, em Altötting, experimentamos a bondade da mãe e a força invencível da Mãe Igreja”.⁵⁶⁸ No Congresso Mariano de Guayaquil, ao falar ao povo equatoriano, afirma:

No centro de Munique, capital da Baviera na Alemanha, a estátua da Santíssima Virgem ergue-se como Padroeira do meu país. É muito interessante saber que esta coluna com a estátua da Virgem é o centro topográfico ao qual todas as distâncias têm referência do território da Baviera. Desta forma, todo o país se orienta para a imagem da Santíssima Virgem e, através dela, para o seu Filho Jesus Cristo, nosso divino Salvador. Assim a minha terra está ligada à salvação da qual ela foi mediadora.⁵⁶⁹

A tradição diz que o primeiro duque católico bávaro foi batizado na fonte que existia na igreja.⁵⁷⁰ Os peregrinos buscam o altar da Virgem, presente desde a origem do Santuário. Estão conservados no interior da capela, em urnas de prata em frente ao altar, os corações de muitos duques, reis e príncipes. Dentre eles, o do rei Luís II. O santuário tornou-se mais popular com a história de um menino de três anos que caiu em um rio e emergiu sem vida. A mãe o pegou e o colocou sobre o altar e começou a rezar com a comunidade. A criança voltou à vida e, posteriormente, foi ordenado sacerdote.

Em 11 de setembro de 2006, o Papa Bento XVI visitou o santuário e deixou o seu anel de bispo como presente, assinalando a sua devoção e ligação com o local da peregrinação mariana. Desde então, o cetro da imagem é adornado com o anel, uma ametista incrustada em ouro, que lhe fora dado por seus irmãos, quando da consagração como bispo em 1977.⁵⁷¹

Em suas memórias, o irmão, Georg, oferece uma ideia mais amplificada do comportamento religioso da família. Ele conta que “o Natal foi muito importante”, “era a única celebração marcada pelas tradições religiosas da pátria e a profunda fé dos pais”; as “missas votivas especiais para recordar a aparição do Arcanjo Gabriel à Virgem Maria” durante o advento eram excepcionais. E, nessa estação, após os passeios à tarde, quando voltavam para casa, a primeira coisa que faziam era rezar um terço. “A oração do rosário era um hábito quase diário em nossa família, e

⁵⁶⁷ SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 88. O autor registrou tratar-se de uma afirmação que aparece nos panfletos da cidade de Altötting.

⁵⁶⁸ LOCUS MARIOLOGICUS., *A conversão ao mistério mariano de Ratzinger e Bento XVI. Locus Mariologicus*, Belo Horizonte, jan. 2023.

⁵⁶⁹ RATZINGER, J., *Mensagem ao povo equatoriano*, transmitida por televisão, 1978, p. 37-38.

⁵⁷⁰ NOGARA, J., *O Terço de 28 de maio no Santuário de Altötting coração mariano da Alemanha*.

⁵⁷¹ NOGARA, J., *O Terço de 28 de maio no Santuário de Altötting coração mariano da Alemanha*.

obrigatório aos sábados”. Registra que o decurso do ano era definido pelas celebrações religiosas e a Páscoa ocupava a centralidade das comemorações anuais. Destaca que guarda “uma linda memória das devoções de maio, o mês dedicado a Maria”, pois, “de maneira geral, a Mãe de Deus sempre esteve presente em nossas vidas”. Menciona a festa, que naquela época era uma festa mariana, Nossa Senhora da Candelária ou da Luz, que “sempre terminava com um solene rosário, à noite, com os círios acesos”. É singularmente interessante o registro de que a família comemorava mais efusivamente o dia do onomástico e que nos aniversários, simplesmente se felicitavam.⁵⁷²

Esta retrospectiva da conduta religiosa doméstica demonstra a proximidade e o afeto relacional de toda a família com a *Mater Domini*. Servirá de guia para que se compreenda a trajetória de Ratzinger. Ao longo de sua vida encontram-se registros que acentuam a sua fé e devoção à Virgem. Quando era arcebispo, por exemplo, o seu motorista em Munique, Joseph Thaddäus Kühnel, contou que ao iniciar as viagens, elas eram encomendadas a São Cristóvão e depois rezava-se o rosário e cantavam-se algumas canções dedicadas à Virgem. Disse que com frequência paravam em um desses santuários, verdadeiras almas daquelas aldeias, acendiam uma vela e rezavam uma Ave Maria.⁵⁷³ Em 2000, Ratzinger disse:

Pessoalmente, a princípio, fui muito determinado pelo severo cristocentrismo do movimento litúrgico, que o diálogo com os amigos protestantes intensificou ainda mais. Mas, além das festas litúrgicas marianas, as flores de maio, o rosário de outubro, os lugares de peregrinação - isto é, a popular piedade mariana - sempre significaram muito para mim. E quanto mais velho fico, mais querida e importante a mãe de Deus se torna para mim.⁵⁷⁴

O envolvimento, propriamente acadêmico no arco mariológico; de Ratzinger começa quando ele, muito jovem, ministrou, na década da proclamação do último dogma mariano, um curso. Sabe-se que a retomada da mariologia à luz da revelação bíblica, do mistério pascal, desvelando o papel de Maria como modelo e *typus* exemplar da Igreja, configura-se como um legado conciliar.

5.2

O contexto do curso de mariologia ministrado por Ratzinger

É preciso aludir ao espírito e cultura do sul alemão nos anos que precedem a virada eclesiológica ocorrida com o Concílio Vaticano II e aos influxos dos

⁵⁷² RATZINGER, G., *Meu irmão, o Papa*, p. 31-48.

⁵⁷³ BLANCO, P., *Bento XVI, o Papa alemão*, p. 409.

⁵⁷⁴ RATZINGER, J.; SEEWALD, P., *Dios y el mundo*, p. 278, tradução nossa.

movimentos religiosos de “volta às fontes”, patrístico, litúrgico, ecumênico e mariano que vão sacudir as estruturas que sedimentavam o caminho eclesial católico de então, que remonta ao final do período de formação de Joseph Ratzinger, porque o curso de mariologia sob a sua tutela se insere nesse contexto.

O mundo vivia uma crescente veneração à Mãe de Deus. É o período de ascensão da mariologia, assinalado pela influência das proclamações dogmáticas, pelo Ano Mariano (1954), pela retomada dos congressos mariológicos e marianos internacionais. O tratado mariológico ainda estava sob a égide dedutivo-ontológica e a compreensão da função que Maria desempenhava no plano da salvação perdia espaço gradativa e velozmente para a sua função de intermediária, no céu, na obtenção de graças para o fiel. Pode-se dizer que é a resultante do processo de uma liturgia que assinalava demasiadamente o caráter sacral dos ritos e dos celebrantes, ao tempo que afastava o povo, perdendo o sentido comunitário da Igreja. Estava bem acentuada a antinomia das duas correntes mariológicas, como visto no capítulo 3, cuja complementaridade unitária acontecerá com a síntese conciliadora do capítulo VIII, da LG. Estas colocações estão presentes no corpo do curso ministrado por Ratzinger em 1957.

Ele relata que predominava na faculdade de Munique a retórica do começo do Século XX, o liberalismo limitado pelo dogma, ou seja, a leitura do texto sagrado era fixada a partir do dogma. Especificamente sobre a proclamação da assunção de Maria, relatou que a resposta dos seus professores à consulta feita pelo Vaticano foi negativa, evidenciando um caráter mais historicista, pois “a tradição era identificada com aquilo que pode ser provado com textos”,⁵⁷⁵ tendo como suporte a demonstração rigorosamente científica feita pelo patrólogo Altaner (1885-1964) de “que a doutrina da assunção corporal de Maria ao céu era desconhecida antes do século quinto”.⁵⁷⁶ O professor Söhngen, seu orientador nas teses de doutorado e habilitação, assumira a mesma posição e foi inquirido pelo docente evangélico Schlink sobre o que faria se o dogma fosse aprovado e, neste caso, se não seria mais correto ele afastar-se da Igreja Católica por discordar da afirmação. A resposta é um ensinamento precioso: “Se o dogma sair, eu me lembrarei que a Igreja é mais sábia do que eu e hei de confiar mais nela do que na minha erudição”.⁵⁷⁷ Foram

⁵⁷⁵ RATZINGER, J., *Lembranças da Minha Vida*, p. 67.

⁵⁷⁶ RATZINGER, J., *Lembranças da Minha Vida*, p. 67.

⁵⁷⁷ RATZINGER, J., *Lembranças da Minha Vida*, p. 66-68.

várias questões, como esta, com as quais Ratzinger se deparou naquele decênio, período em que o curso foi ministrado.

Como ensinamentos formais no âmbito mariológico aplicados por Ratzinger em sua carreira docente consta a realização no semestre de inverno de 1967-1968, na Westfälische Wilhelms-Universität Münster, na Faculdade de Teologia Católica, um seminário versando sobre os “Problemas da Mariologia”.⁵⁷⁸ Para participação, era exigido dos alunos um pré-exame sobre os textos marianos do primeiro século em grego e latim.⁵⁷⁹ Josep Sayer foi aluno de Ratzinger e assim avaliou o curso:

Naquele ambiente onde se fazia sentir a prevalência da mentalidade protestante, a mera referência a temas marianos parecia uma decisão inusitada, que se expunha ao risco da crítica acadêmica. Mas também esta foi uma escolha de grande abertura, que valorizou a universalidade da Igreja, fora dos esquemas estereotipados das academias teológicas. Percebi isso quando fui como missionário ao Peru: naquele país tão caracterizado pela devoção popular a Maria, o que aprendi com Ratzinger foi de grande ajuda para mim.⁵⁸⁰

Aparece, ainda, um curso de “Cristologia, doutrina da salvação e Mariologia”, ofertado no semestre de inverno de 1970-1971, na Universidade de Regensburg. Não foram encontrados dados detalhados do seminário e do curso. Cópias ou transcrições oficiais dos conteúdos dos encontros ainda não foram localizadas.

Apresenta-se o quinto capítulo do livro “*Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*”, de autoria de Emery de Gaál, que analisa o curso de 1957, a partir de um manuscrito, uma cópia do roteiro registrado por um aluno, denominada “*Scriptum*”,⁵⁸¹ fornecida pelo Papst Benedikt XVI Institut de Regensburg. Parte-se, portanto, do capítulo acima referenciado para, nos apontamentos conclusivos, evidenciar possíveis ganhos advindos deste primeiro trabalho no âmbito mariológico do teólogo bávaro, visto que se mostraram infrutíferas as tentativas de acesso ao texto original.⁵⁸²

⁵⁷⁸ Não foram obtidos maiores detalhes acerca do Seminário. Em consultas, por e-mail, com a Universidade de Tübingen (12 mai. 2023) foi-nos enviada uma foto da página com os registros sobre a oferta e o horário do seminário. Foi indicado o contato com a Katholisch-Theologischen Fakultät para a obtenção de informações. Até este momento nenhuma resposta ao pedido enviado, foi recebida. Há o registro de um artigo, em 1965, publicado pela Theologische Revue

⁵⁷⁹ VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 127.

⁵⁸⁰ SAYER *apud* VALENTE, G., *Ratzinger professore*, p. 128-129.

⁵⁸¹ O *Scriptum* é um livreto, transcrito a partir de texto manuscrito, inédito, com 56 páginas, que contém notas suplementares ou resumidas nas margens em caligrafia normal e cursiva. O texto principal nunca é corrigido ou riscado, conforme anotou Emery de Gaal.

⁵⁸² Foram enviados e-mails para a Universidade de Regensburg, Seminário de Frisinga, Papst Benedikt XVI Institut, mas o acesso ao material original não foi obtido. Em resposta à consulta, o professor Emery escreveu: “*The scripts of Professor Ratzinger are unpublished and are stored at*

5.2.1

A estrutura do curso

A estrutura do curso registrada no *Scriptum*, apresentada no livro, tem a seguinte subdivisão:⁵⁸³

Considerações

Parte 1. Mariologia como Cristologia

§1. Maria, a Mãe de Deus

- I. O Testemunho dos Padres
- II. O Testemunho das Escrituras à Luz do Testemunho dos Padres
- III. Considerações especulativas

§2. Maria: Virgem e Mãe

Capítulo 1: A Questão do Princípio Mariano Básico (*Grundprinzip*)

- I. O Testemunho das Escrituras
- II. O testemunho da tradição

Parte 2. Mariologia como Eclesiologia

§3. Pontos Mariológicos de Partida na Sagrada Escritura

- I. Delimitação do Significado Teológico do Corpo
- II. Maria e Israel: a abordagem mariana da narrativa da infância lucana
- III. Pontos de partida mariológicos no evangelho joanino

4. O Problema de Apocalipse 12

§4. Os Princípios Principais da Mariologia Patrística

- I. Eva - Maria
- II. Maria - *Ecclesia*

Anexo: “Maria, o solo da Igreja”

§5. O resultado

Capítulo 2: As Declarações Mariológicas Individuais

§6. A Imaculada Conceição

§7. Assunta ao céu

§8. A Mediação da Graça de Maria

§9. A Questão do Envolvimento de Maria na Obra da Redenção

the Papst Benedikt XVI Institut in Regensburg. They are in Germany; sometimes typed and sometimes in shorthand.” (e-mail recebido em 20 jul. 2023).

⁵⁸³ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, posição 2746-2768 Kindle, tradução e grifo nosso.

§10. O Reino (*sic*) de Maria

§11. A Ramificação Eclesiológica da Santidade de Maria

§12. A veneração a Maria

As transcrições do *Scriptum* “apontam uma estrutura lógica com ênfases bíblicas e patrísticas e a visão de um todo sistemático e que se desdobra organicamente”.⁵⁸⁴ Elas revelam que, após as considerações iniciais, foi trabalhada a “Mariologia como Cristologia” (parte 1), tendo como alicerce a primeira formulação de Éfeso, que definiu o dogma da maternidade divina, a *Theotókos*. Foram sublinhadas as afirmações com os testemunhos dos Padres da Igreja e com os dados escriturísticos. Em seguida, indicando uma postura que os alunos elogiam, abre espaço para questões especulativas, averiguando novos posicionamentos, estruturando argumentos, abrindo-se ao novo, transferindo para a sua prática docente o que havia aprendido com seus mestres, principalmente com Söhngen, de que a fé não tem nada a temer ante a busca do conhecimento. Depois, trabalha a relação Maria Virgem e Mãe, indicando uma característica peculiar e específica: a de pensar com a fé da Igreja, pensar com os grandes pensadores da fé.

No capítulo 1, o professor adentra a questão do princípio mariano básico apoiando-se nos testemunhos das Escrituras e da Tradição. A parte 2 contempla os aspectos eclesiológicos da mariologia partindo do texto escriturístico: a narrativa da infância do Evangelho de Lucas, as cenas mariológicas do Evangelho de João, o texto do Apocalipse 12, colocando-os com um fundo patrístico das contraposições Eva-Maria e Maria-Igreja. Apresenta os resultados da investigação e mergulha no capítulo 2, quando trata das declarações mariológicas individuais, envolvendo os dois dogmas marianos mais recentes proclamados pela Igreja Católica e os assuntos palpitantes do decênio: mediação e a corredenção, a cooperação de Maria na História da Salvação; finaliza as reflexões com o reinado (*sic*) de Maria (glória), avaliando a penetração no mundo eclesial e a importância da santidade de Maria para os crentes, incluindo a sua veneração à Virgem.⁵⁸⁵

⁵⁸⁴ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, posição 2764-2770 Kindle, tradução nossa.

⁵⁸⁵ O conceito reinado para nós, hoje, estranho, na verdade proclama a realeza de Maria a partir da Encíclica “*Quas primas*”, de Pio XI, que estabelecia a realeza universal de Cristo e sua festa litúrgica. Roschini esclarece que a realeza de Maria é uma resultante necessária da própria missão para a qual Ela foi predestinada por Deus e que constitui a razão mesma de sua existência. Afirma que a realeza absoluta e um poder jurisdicional compete ao rei e que à rainha convém uma realeza relativa e um poder de intercessão. Portanto, compreende-se que o tópico do curso seguiu esta linha

É preciso ressaltar que os apontamentos do curso indicam que foram consideradas as duas correntes, seja a “maximalista” como reflexo do que restou nominado “século mariano” e o posicionamento mais contido sinalizado pelos aportes do movimento litúrgico, que ressaltam a mariologia como eclesiologia. Portanto, no primeiro momento - parte 1, os dois primeiros dogmas marianos são examinados e discutidos e “as disputas cristológicas são resolvidas com o esclarecimento da questão sobre a natureza e o papel de Maria”,⁵⁸⁶ “eixo da história da Salvação, da existência cristã”,⁵⁸⁷ “a vencedora de todas as heresias”.⁵⁸⁸

A figura de Maria como sinal da graça é devidamente destacada - parte 2: “a Virgem Mãe incorporou a figura salvífica da criação. Ela encarna não Deus, mas a criatura na ordem de Deus”.⁵⁸⁹ A respeito da doutrina do nascimento sobrenatural de Jesus, discutindo a virgindade perpétua de Maria, afirma que o termo primogênito se refere a alguém que é reservado para Deus na integridade de sua pessoa.⁵⁹⁰

5.2.2

O curso, o Congresso de Lourdes e o Concílio: aproximações

A Tradição da fé não é simples hierarquia, mas um organismo interativo de sujeitos. Os fiéis “têm um instinto para a verdade do Evangelho, o que lhes deixa reconhecer qual é a doutrina e quais as práticas cristãs autênticas e a elas aderir”⁵⁹¹ e, por isso, a abertura ao sentido buscando a escuta da Palavra permite-lhes situar o texto em seu contexto histórico alcançando o seu valor, inclusive espiritual. Os Padres da Igreja, com sensibilidade acurada, produziram excelentes comentários teológicos de perene atualidade sobre a presença e a função de Maria na história da Salvação que sedimentam a construção do edifício mariológico. Atento a esses detalhes, Ratzinger estruturou o curso.

de pensamento. Para maiores detalhes sobre Maria, Rainha do Universo, verificar Roschini, G., *Instruções Marianas*, p. 109-116.

⁵⁸⁶ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, posição 2784, Kindle, tradução nossa.

⁵⁸⁷ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, *Scriptum*, 4, posição 2789, Kindle, tradução nossa.

⁵⁸⁸ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, *Scriptum*, 4, posição 2790, Kindle, tradução nossa.

⁵⁸⁹ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, *Scriptum*, 13, posição 2820, Kindle, tradução nossa.

⁵⁹⁰ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, *Scriptum*, 20, posição 2838, Kindle.

⁵⁹¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *O Sensus Fidei na vida da Igreja*, 2.

É interessante observar como, em consonância com o perfil teológico, é bastante coerente a maneira por ele escolhida para expor os passos iniciais do curso. O recurso metodológico utilizado admite deduzir que, para explicitar aos seus alunos a onda maximalista daquele período, certamente indicando o equilíbrio das forças, exigiu fidelidade à Palavra, mostrando o significado escriturístico da definição Mãe de Deus, referindo-se ao momento salvífico encarnatório, como aparecerá em seus pósteros textos, assim como a leitura da Sagrada Escritura *cum ecclesia*, outro traço marcante em sua visão teológica. Ele, naquele período, já se colocava na linha da grande Tradição da Igreja, cuja preocupação precípua era a fidelidade à Revelação positivada no texto bíblico e, nesse fluxo, juntou as razões lógicas da fé em uma síntese orgânica, desenvolvendo conexões com o “*nexus mysteriorum* - o entretecer íntimo dos mistérios no seu face a face e na unidade”.⁵⁹²

Examinar o conteúdo da fé, neste caso as formulações mariológicas, inicialmente localizando a mariologia no mistério de Cristo - viés cristotípico e depois no mistério da Igreja - viés eclesiotípico, são intuições que serão ratificadas no ano seguinte, no Congresso de Lourdes, e durante o período conciliar, com a redação do capítulo VIII da LG. A estrutura do curso explicita uma leitura de cenário e vetoriza um desdobrar a inteligência que a fé já possui. A forma usada, de certa monta, expõe premissas que iluminam a verdade no âmbito mariológico.

O sumário das anotações⁵⁹³ evidencia uma articulação estruturante que interpenetra verdades, situadas dentro de um horizonte que ergue uma mariologia tecendo, a partir de ideias precisas, uma visão ampla e compreensiva do mistério mariano, fugindo das entabulações normativas presentes nos cursos de mariologia do período, e dá uma resposta original, juntando às questões das ideias contemporâneas, uma tríplice renovação: bíblico-patristica, litúrgica e antropológica, colocando a mariologia em perfeita sintonia com o dado revelado. Em um tempo marcado pelo impulso, pelo desenvolvimento quantitativo do movimento mariano, em que se vê florescer “estudos em chave eclesiológica (René Laurentin, Heirinch Maria Köster, Hugo Rahner)”,⁵⁹⁴ valorizando o dado bíblico e deixando à margem o trabalho teológico meramente especulativo, o *dicta-*

⁵⁹² RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 23.

⁵⁹³ Sumário apresentado no item 5.2.1.

⁵⁹⁴ HAUNKE, M., *Introdução à Mariologia*, p. 96.

probantia, ele abre um aspecto do pensamento que mira para Maria como tipo da Igreja que se abre a Cristo.⁵⁹⁵

O curso, além de apresentar a novidade da valorização do dado bíblico, traz uma linha de pensamento antropológico que parte da condição humana de Maria, a Mãe do Senhor. Discorre sobre a união de Maria com Cristo, comentando o privilégio paradoxal: ser Mãe e Virgem, aponta para a transcendência messiânica que fará emergir o resto santo de Israel, a Filha de Sião, objeto de estudo e título de uma de suas obras marianas; apresenta argumentações assentadas no pensamento patrístico, tomando distância da mariologia gloriosa pós-tridentina e dando passos na recuperação da dimensão humana da Virgem de Nazaré.

O Congresso Mariano-Mariológico Internacional realizado em Lourdes, entre os dias 10 e 17 de setembro de 1958, que teve como título “*Maria et Ecclesia*”, publicou as suas atas com o resultado dos debates, que giraram em torno

do papel de Maria no corpo místico de Cristo; do paralelismo entre Maria e a Igreja, bem como a cooperação de ambas para a obra do Redentor; do poder real, da influência e da maternidade de Maria em relação à Igreja; Maria e o sacerdócio; Maria e a vida eucarística eclesial; Maria e a propagação e consolidação da Igreja e seu apostolado; Maria e os cristãos separados; das aparições marianas; dos milagres e curas de Lourdes; do culto mariano; Maria e a arte sacra, atentando para o paralelismo Maria-Igreja; a instauração do Reino de Cristo através do Reino de Maria.⁵⁹⁶

A reflexão mariológica, nessa ocasião, centrou largamente o seu interesse em dois temas: Maria corredentora-medianeira e Maria Assunta e Rainha. Porque evidente, veem-se entre os assuntos das conferências do Congresso, os que foram apresentados no curso por Ratzinger, inclusive o hoje estranho “Reino de Maria”, também foi objeto de análise como meio auxiliar para a instauração do Reino de Cristo.

As discussões em torno da cooperação de Maria fez surgir a polarização de duas correntes de pensamento que chegam ao Concílio Vaticano II. Como registrou Pozo (1925-2011), o Congresso mariano-mariológico teve a importância histórica de permitir essa tomada de consciência e evidenciar a diversidade das duas tendências no modo de compreender a cooperação mariana na obra da redenção, de conceber algumas verdades mariológicas e resolver algumas questões. Os mariólogos sentiam-se interpelados a assumir uma posição, pois desejavam uma

⁵⁹⁵ HAUNKE, M., *Introdução à Mariologia*, p. 96.

⁵⁹⁶ DOMINGUEZ, P., *Congresos y Semanas de Estudios Marianos*, p. 447-448, tradução nossa.

sistematização da mariologia através de uma das duas correntes.⁵⁹⁷

O comportamento dessas correntes de pensamento já foi tratada no capítulo 3. Reafirma-se que a conciliação conseguida com o capítulo VIII da LG reproduz nuances trabalhadas por Ratzinger com os seus alunos no curso e, como “os pontos centrais da Mariologia de Ratzinger podem ser destilados deste curso”,⁵⁹⁸ ele argumenta a partir da fé de Maria, “a primeira crente e a origem da comunidade eclesial”,⁵⁹⁹ assim, “a mariologia é decididamente cristocêntrica, e a figura de Maria é essencialmente eclesiotípica”.⁶⁰⁰ Corroborar a necessidade do cristianismo ser plenamente exposto e interpretado em consonância com os dados da Revelação e indica a conexão com os desdobramentos futuros do Vaticano II que apresentará Maria inserida plenamente no mistério histórico-salvífico e como tipo e modelo da Igreja, em uma perspectiva bíblica, eclesiológica e antropológica.

5.3

A Virgem Maria na obra “Introdução ao Cristianismo”⁶⁰¹

Após o Concílio Vaticano II, Ratzinger publicou *Einführung in das Christentum - Vorlesungen über das Apostolische Glaubensbekenntnis*. É a sua “Introdução ao Cristianismo”,⁶⁰² nascida de um ciclo de lições aplicadas em Tübingen, em que o professor-teólogo refletiu sobre o que é essencial na fé, sobre o núcleo do mistério cristão contido no Credo. O livro tem no centro “a questão de Deus e a questão de Cristo” que desembocou em uma ‘cristologia narrativa’, mostrando que o lugar da fé é dentro da Igreja”.⁶⁰³ Tem uma clara estrutura tripartida. É uma exposição sobre o Símbolo Apostólico: Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo e a Igreja. Delineia os itinerários do pensamento moderno, confrontando-os, e as sucessivas dificuldades da fé, inclusive o ateísmo; vai do positivismo da ciência moderna ao marxismo. No prefácio da primeira edição,

⁵⁹⁷ POZO, C., *La nueva Eva*, p. 7.

⁵⁹⁸ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, posição 3055-3065 Kindle, tradução e grifo nosso.

⁵⁹⁹ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, posição 3066-3069 Kindle, tradução e grifo nosso.

⁶⁰⁰ GAAL, E.; LEVERING, M., *Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions*, posição 3078-3088 Kindle, tradução e grifo nosso.

⁶⁰¹ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 201-208.

⁶⁰² O título original da obra é *Einführung in das Christentum - Vorlesungen über das Apostolische Glaubensbekenntnis*. A primeira edição foi publicada pela Herder Verlag, em 1968. Depois, ocorreram reedições da obra, como a 16ª edição da Kösel-Verlag, 2000. Nesta tese, a obra utilizada é a edição brasileira, traduzida por Alfred J. Keller, lançada pela Loyola, São Paulo, 2011.

⁶⁰³ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 23.

registrou o objetivo da obra: ajudar na obtenção de uma nova compreensão da fé como a realidade que nos torna possível ser seres humanos autênticos no mundo de hoje.⁶⁰⁴

Demonstra nesta obra, que a fé cristã não é uma ideia abstrata, mas é um ir ao encontro do *logos*, da própria verdade, que permite a possibilidade real de uma existência humana. Conclui, afirmando que acreditar hoje significa aceitar a revelação cristã como o fundamento dessa existência e que a fé é dom. É o ato que “inclui essencialmente a convicção de que o fundamento que dá sentido, o *logos*, sobre o qual nos firmamos, é justamente, como sentido, também a verdade”,⁶⁰⁵ tem uma dimensão eclesial, pois deve-se crer com a Igreja e as suas expressões de fé, como o Credo; sem deixar de lado o seu alicerce racional capaz de explicar e dar um mínimo de inteligência ao que se crê, abandonando-se naquele que é indispensável à existência, em quem o crente confia.

Percorrendo os nomes bíblicos de Deus, atendo-se sobretudo ao Deus de Jesus Cristo, traça a história da revelação a Israel onde Deus se mostra tão diferente dos outros deuses, pessoal e único. Mostra as características do Deus cristão, que se encarna, que trabalha na história humana, que é o centro da fé. Em seguida faz a clássica comparação do Deus da fé com o Deus dos filósofos. A segunda parte está dividida em dois capítulos, onde está inserida a reflexão de cunho mariológico. Encerra tratando brevemente da unidade dos últimos artigos do Credo, comentando sobre a confissão do Espírito Santo e na Igreja que este mesmo Espírito assiste e anima. Discorre sobre as duas questões principais do artigo da fé que aborda o Espírito Santo e a Igreja.

Para a fé cristã, Jesus assumiu uma natureza humana a fim de realizar a nossa salvação e se “fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus”.⁶⁰⁶ No decorrer da sua história o cristianismo enfrentou contestações tentando ferir e ruir o alicerce vital cristão: a identidade de Jesus como Filho de Deus. Dentre elas, as das primeiras heresias e apostasias que, “mais do que a divindade de Cristo, negaram sua humanidade verdadeira”.⁶⁰⁷ Desde as primeiras formulações de fé, a Igreja afirmou que Maria era Virgem no momento da concepção de Jesus e os

⁶⁰⁴ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 26.

⁶⁰⁵ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 57.

⁶⁰⁶ CEC 464.

⁶⁰⁷ CEC 465.

Evangelhos dizem que esta concepção é obra de Deus, um acontecimento que não pode ser compreendido facilmente pela razão humana.

Ratzinger, ao comentar esse artigo do Credo, afirma que a origem verdadeira de Jesus “não possui uma explicação exaustiva”,⁶⁰⁸ é um mistério e que os textos de Mateus e Lucas o confirmam, não o desfazem. O nascimento de Jesus, presente na memória de povos no mundo inteiro, que descreveria o nascimento milagroso de uma criança salvadora, muitos procuram interpretar como a variante de um mito. Para ele, esta é uma hermenêutica equivocada que tem como fito dar ao texto cristão um sentido meramente simbólico na esteira do pensamento iluminista, dentro da lógica de desconstrução apontada, ou seja, a negação da concepção virginal.

Evidencia que os Evangelhos se distanciam das narrativas extrabíblicas, posto que Jesus não é gerado a partir de um poder fecundante, e Deus não é o “pai” dele em sentido físico. A concepção “é criação nova e não procriação de Deus. Deus não se torna o pai biológico de Jesus”⁶⁰⁹ e “o fato de ele ser Deus não subtrai absolutamente nada de sua condição humana”,⁶¹⁰ “nos acontecimentos se cumprem as esperanças de Israel”.⁶¹¹ Ousou dizer que “a doutrina do ser divino de Jesus não sofreria nenhuma restrição se Jesus fosse o fruto de um casamento humano normal, porque a filiação divina que é objeto da fé cristã não é um fato biológico e sim ontológico”.⁶¹²

Esta afirmação provocou uma desinstalação no posicionamento teológico com reflexos posteriores,⁶¹³ que o forçaram a retomar o assunto para clarificar os limites da sua declaração. O nascimento virginal é a origem intimamente necessária do Filho de Deus que confere à esperança messiânica um perene sentido. Ao afirmar que a filiação divina de Jesus não excluiria por si só sua origem de um casamento normal, ele quis apenas ressaltar, de modo totalmente claro, a diferença entre os planos biológicos e ontológicos do pensamento, e esclarecer que as afirmações ontológicas de Niceia e Calcedônia, enquanto tais, não são idênticas às declarações sobre a concepção virginal. Não se deveria, com isso, colocar em questão o fato de

⁶⁰⁸ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 41.

⁶⁰⁹ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 203.

⁶¹⁰ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 201.

⁶¹¹ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 201.

⁶¹² RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 204.

⁶¹³ Pode-se citar os desdobramentos das discussões em meios digitais de Xavier Pikasa que mencionam a afirmação ratzingeriana em 2007. Para maiores informações acessar <http://redescristianas.net/la-fe-de-la-iglesia-y-la-virgen-maria-dialogo-con-ratzingerxavier-pikaza>.

que ambos - a unidade pessoal de Jesus com o Filho eterno do Pai eterno e a terrena orfandade de pai por parte do homem Jesus -, em meio a toda diferenciação dos planos, persiste uma profunda e, com efeito, indissolúvel correspondência.⁶¹⁴

No livro “A Infância de Jesus” reafirmou que é profunda a diferença das concepções das histórias culturais-religiosas e a do texto bíblico, que preserva plenamente a unicidade do único Deus; não é uma forma mais desenvolvida dos mitos, mas provém da tradição familiar. A concepção, o parto virginal e a ressurreição real do túmulo são elementos fundamentais de nossa fé. Concluiu afirmando que “a obediência de Maria abre a porta para Deus. A Palavra de Deus, o seu Espírito, cria nela o menino. [...] Acontece assim uma nova criação, que todavia está ligada ao ‘sim’ livre da pessoa humana de Maria”⁶¹⁵ e, dessa forma, desfaz as acusações de que, ao referir-se à possibilidade de a filiação divina ser um dado ontológico, defenderia um Deus em si fora da história.

Ao expressar que não seria necessariamente indispensável para a confissão de fé em Jesus, como verdadeiro Filho de Deus, a ausência de um elemento fecundante humano-masculino, Ratzinger reforçou que a concepção de Jesus pela força criadora de Deus está ligada diretamente à filiação divina. O ser de Jesus, enquanto herdeiro autêntico das promessas e Filho de Deus, consiste no fato de que Ele existe como ser humano exclusivamente graças a Deus em sentido absoluto. É um novo começo e tudo decorre da graça. A fé da Igreja passa fundamentalmente pela humanidade de Jesus Cristo. O encontro do crente começa a ser o encontro com uma pessoa, Jesus de Nazaré e não uma abstração, afirmará posteriormente como Pontífice.⁶¹⁶

A concepção virginal visa mostrar como singular a origem do Filho de Deus. As genealogias dos Evangelhos mostram uma ruptura no modo normal da geração humana. A esterilidade era considerada uma maldição e a virgindade, uma debilidade. O fato de a gênese do Filho de Deus não provir de uma relação sexual biológica é um grande sinal da graça. O ponto inicial do mistério da natividade é a pobreza virginal de Maria que se converte em um sinal divino. O *Logos* é igual a nós no ser humano que assumiu, contudo não é igual a nós no modo como se fez homem.

⁶¹⁴ RATZINGER, J., *A filha de Sião*, nota de rodapé 26, p. 40.

⁶¹⁵ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 74-75.

⁶¹⁶ DCE 1.

A cooperação humana foi querida por Deus, mas não era uma condição. Por isso, a mariologia pode ser compreendida como doutrina concreta da graça “que forma um todo com a eclesiologia e a antropologia”.⁶¹⁷ O acolhimento na fé de Maria é a via de acesso ao mistério da encarnação virginal e é o sinal real do fato do homem Jesus não ser resultado de potencialidades humanas, mas gerado consubstancial ao Pai, no Espírito, por força exclusiva do amor de Deus à humanidade no seio de Maria Virgem.

O texto reafirma o caráter único do Filho de Deus sem desprezar a perspectiva unitária e integradora do liame da maternidade divina de Maria e a divindade de Jesus, em que o aspecto central é o fato de Maria ser mãe do Messias, cuja concepção pelo Espírito indica o agir salvífico de Deus na história humana. O *fiat* mariano não é uma atitude de simples conformidade passiva destacará Ratzinger em outras oportunidades, mas é o reflexo de sua plena atividade, que coloca a Mãe de Jesus no eixo salvífico de toda a humanidade a ser operada por Jesus Cristo. A Tradição testemunha: “a humanação de Deus é um evento efetuado pelo Espírito. O próprio Deus intervém na História para a salvação dos homens”.⁶¹⁸

5.4

A Filha de Sião. A devoção mariana na Igreja

A obra original *Die Tochter Zion* (1977) foi publicada na Alemanha. No Brasil, recebeu o título “A Filha de Sião. A devoção mariana na Igreja”.⁶¹⁹ É um compêndio de três conferências realizadas em 1975 e está dividida em dois capítulos. O primeiro apresenta a mariologia no contexto bíblico e o segundo, a fé mariana da Igreja, subdividido em três partes: O dogma mariano originário: Virgem e Mãe; Isenta do pecado de Adão e A assunção corporal na glória celestial. Ratzinger, no prefácio, afirma que a obra é uma introdução que busca “constatar o que havia efetivamente permanecido da fé mariana, e o que deveria continuar a permanecer”.⁶²⁰ Compreender o significado desta afirmação foi o que motivou esta pesquisa. Partindo de uma perspectiva capaz de entender tanto o elemento particular quanto o todo, indica que abrirá “os olhos para a estruturação do significado”⁶²¹

⁶¹⁷ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 207.

⁶¹⁸ MÜLLER, A., SATTler, D., *Mariologia*, p. 151.

⁶¹⁹ A obra original, *Tochter Zion*, teve uma primeira edição em 1977, outra em 2007. Foram publicações da Johannes Verlag Einsiedeln, em Freiburg. Nesta tese, a obra utilizada é a edição brasileira, traduzida por Ney Vasconcelos de Carvalho, lançada pela Paulus, São Paulo, 2013.

⁶²⁰ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 5.

⁶²¹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 5.

permitindo “o acesso a obras de maior amplitude”,⁶²² contribuindo “para que aquilo que há de imperecível na fé mariana da Igreja seja novamente compreendido e assumido”.⁶²³ Na obra, Maria é retratada tipologicamente como a Filha de Sião, como modelo de fidelidade a Deus, servindo-o, acolhendo o que fora-lhe comunicado pela Palavra, ressaltando a Mãe de Deus como luz da fé, da esperança e caridade, que impulsiona o coração cristão.

No primeiro capítulo, ao referir-se ao contexto bíblico da mariologia, evidencia a contraposição existente na estrutura da fé e piedade marianas da Igreja. Refuta a hipótese nascida de fundamentos irracionais da mariologia ser um subproduto da cristologia, mas não nega a origem extracristã do elemento mariano nos mitos egípcios, no culto da Grande Mãe, em Diana de Éfeso.⁶²⁴ Ratzinger diz que “a figura mariana no Novo Testamento é totalmente tecida pelos fios do Antigo Testamento”⁶²⁵ demonstrando o lugar da mariologia nas Sagradas Escrituras. Exibe as linhas da Tradição utilizadas para apresentar e interpretar o mistério de Maria. É a linha das mulheres na Escritura e na Igreja, que tem o seu princípio com Eva, a mulher, segue com a figura das mulheres de Israel (Sara e Ana, Débora, Ester e Rute), cujo ápice e realização se dá em Maria - pela sua condição de virgem-esposamãe é figura da Igreja, que é igualmente virgem pela integridade da fé, esposa em função da sua indissolúvel união com Cristo e mãe pela contínua geração de filhos.

A busca por resposta a um sentimento e por um lugar para a imagem da mulher como virgem e mãe na religião tornou-se a razão para as diversas formas de piedade. Entretanto, Ratzinger alerta que é necessário um olhar permanente para a questão estrutural para evitar “um envenenamento do organismo espiritual-ecclesial” com a criação de modos piedosos capazes de destruir “a harmonia entre verdade e vida”.⁶²⁶ Não se pode desconhecer que a teologia mariana apoia-se na teologia construída e consolidada na estrutura da fé e da piedade veterotestamentária onde a mulher, na Antiga Aliança, ocupou um lugar insubstituível e teve “uma colocação cultural e religiosa significativa”,⁶²⁷ apesar do resultado da luta contra o politeísmo

⁶²² RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 5.

⁶²³ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 6.

⁶²⁴ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 7.

⁶²⁵ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 9.

⁶²⁶ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 8.

⁶²⁷ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 10. Ratzinger cita e indica na nota de rodapé 3, o livreto de L. Boyer, *Mystere et ministere de la Femme* (Paris, 1976). É um tratado sobre o lugar e a função das mulheres na Igreja e na sociedade. Esclarece questões relacionadas ao acesso das mulheres ao sacerdócio e o significado dos ministérios da mulher na Igreja.

e do culto que celebra a fertilidade ter “como consequência o fato de o culto de Israel ser primariamente uma tarefa masculina”.⁶²⁸ A fé profética confere à mulher, “em seu modelo de fé e vida, uma posição imprescindível, cuja correspondência na vida humana é o matrimônio”⁶²⁹ (teologia do matrimônio) e rejeita o modelo da divindade como “sizígia” (par masculino e feminino) e sua correspondência cultural na prostituição sagrada (teologia da prostituição).⁶³⁰

Para explicar teologicamente a figura de Maria, Ratzinger apresenta cinco linhas de uma teologia da mulher.⁶³¹ A primeira destaca a reciprocidade que realiza a totalidade do ser humano com a criação de Eva, apontando a ambivalência existente: a mulher pode ser uma tentação para o homem, mas é a mãe, guardiã do selo da vida, antítese da morte. Invoca o papel das mães do Antigo Testamento apesar do protagonismo dado aos homens. Aponta o germen da teologia do nascimento espiritual gerador da família escatológica na subversão dos valores (fertilidade/infertilidade; bênção/maldição), lembrando que o verdadeiro filho é concebido de uma maneira nova, pelo poder criador das palavras de promessas proferidas por Deus, em que o amor de Deus redime e a infertilidade terrena é transmutada em verdadeira fecundidade.

Em seguida, relembra que, embora estejam em situação de opressão, as mulheres incorporam a indestrutível força de Israel (Ester, Judite e Débora) e personificam-no. O próprio Israel é ao mesmo tempo apresentado como mulher, como virgem, como amada, como noiva e como mãe, cuja aliança é o amor matrimonial entre *Iahweh* e Israel (Gn 2,18; Gn 1,27; Gn 3,20; Rm 4; Gl 3,1-14; 4,21-31; 1Sm 2,8; Lc 14,10; Mc 10,31 e Os 11,8s). A Deus pertence a filha de Sião, suprimi-la significa negar a Criação, a Eleição, e a Revelação.

E, por fim, vê a sabedoria como morada irrevogável e resposta pura à vontade criadora, ao chamado divino. Maria, como portadora da graça divina, colaborou na história da salvação e a sua *peregrinatio fidei* é o fruto do seu sim ao projeto salvífico. Pode-se compreender, então, o tónus especial feminino, indispensável para a estrutura da fé bíblica. Maria é a síntese do princípio da mulher. Negar ou recusar o elemento mariano é negar a Criação e a realidade da graça.

⁶²⁸ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 10.

⁶²⁹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 11.

⁶³⁰ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 11.

⁶³¹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 12-22.

Ao comentar a fé mariana da Igreja afirma que Maria é o ponto de conexão, de unidade com a teologia profética do povo de Deus. Ela incorpora “a continuidade no silêncio e na fé, que se consuma nos pobres de Israel”,⁶³² os pobres de espírito. Esse trecho central do *Magnificat* é o “centro da teologia bíblica do Povo de Deus”.⁶³³ A estrutura dos dogmas marianos expressa “a grande perspectiva da unidade dos dois testamentos”,⁶³⁴ compreende e ratifica “a interpretação ‘tipológica’ e a harmonia da única história”⁶³⁵ da salvação. Por isso, “a mariologia é um sintoma para se perceber até que ponto o peso do elemento cristológico está sendo colocado de forma justa ou não”.⁶³⁶

Percorre os três dogmas marianos a partir do dogma mais fundamental, Virgem e Mãe. A maternidade de Maria está conexa com o centro do mistério cristão, a encarnação. O dogma é uma expressão da unidade entre ser-Deus e ser-Homem em Cristo, é garantia da humanidade de Jesus, “nesse homem o humano é humano de uma maneira única”.⁶³⁷ O sentido mariológico busca um permanente aprofundamento no mistério cristológico, que não desvia da mediação redentora única e insubstituível de Jesus. Como expressão da eleição particular de Maria, cresce a fidúcia na concepção imaculada de Maria, porque essa ausência de pecado leva à certeza da participação de Maria no destino de ressurreição do Filho e na vitória sobre a morte.

Ao comentar o sentido teológico dos textos neotestamentários, afirma que para ser professada a fé na maternidade virginal de Maria ocorreu um crescimento na Tradição oficial da comunidade eclesial em razão de dois fundamentos: 1) A ação de Deus no homem, pois em Jesus é estabelecido “um novo início em meio à humanidade infecunda e sem esperança”,⁶³⁸ e a ação humana de Maria, que se torna “sinal daquilo que é verdadeiramente fecundo e redentor”,⁶³⁹ o seu *fiat* demonstra “a abertura disponível, que cede à vontade de Deus”.⁶⁴⁰ 2) A outra razão é a afirmação cristológica de que o menino é obra de Deus, um Ser, fruto do Espírito, que vem do alto. Ratzinger esclareceu a formulação dos dogmas Virgem-Mãe, da

⁶³² RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 24.

⁶³³ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 24.

⁶³⁴ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 24.

⁶³⁵ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 24.

⁶³⁶ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 25.

⁶³⁷ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 26.

⁶³⁸ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 37.

⁶³⁹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 37.

⁶⁴⁰ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 37.

Imaculada e da Assunção considerando a liturgia, os textos bíblicos e as categorias tipológicas, sempre em relação à figura de Cristo e à sua missão redentora.

A Encarnação é afirmada como a unidade concreta de vida entre Deus e o homem, cujo nascimento virginal era necessário àquele que somente podia chamar a Deus de “meu Pai”, conferindo à esperança messiânica um sentido permanente, escatológico-soteriológico. Ratzinger desconstrói as objeções postas ao longo da história à virgindade de Maria apresentando os fundamentos da dificuldade de aceitação, argumentando que a razão verdadeira “está na diferença entre a nossa visão de mundo e a mensagem bíblica”,⁶⁴¹ visto que não se encontra no âmbito do conhecimento histórico (exegético), mas nos dados, isto é, valores previamente estabelecidos pela nossa cosmovisão, que não admite uma ação concreta e terrena da parte de Deus - aquele que age inserindo-se na história. Enfatiza que a separação da biologia do âmbito teológico é empobrecedora porque no humano “o elemento biológico é humano, no teo-humano nada é meramente biológico”.⁶⁴² A fé fala da espiritualidade do biológico e da corporalidade do espiritual e divino.

A impecabilidade de Maria denota que a Palavra não fica no vazio. Maria, filha de Israel, antiga Aliança, é filha da Aliança, mãe da Palavra, resposta e total correspondência tipológica. Por isso, o resto santo de Israel, o fruto da Palavra de Deus, não é alcançado pelo pecado original, chega à garantia total a partir da graça da Aliança. Acolher física e espiritualmente o Reino de Deus escatológico é o sentido da salvação.

Para estabelecer a identificação tipológica entre Maria e Israel, Ratzinger recorre a uma doutrina da Imaculada existente na Escritura e nos Padres, antecipada no texto bíblico como eclesiologia, imagem secundariamente transferida a Maria, então apresentada como o início e a concretude pessoal da Igreja, posto que Deus não age por meio de abstração. Ela é o *typus*, existe como pessoa. Aproxima o seu pensamento ao de Karl Rahner ao concordar que o conceito da isenção do pecado traz em si um significado axiológico que vai além da antecipação temporal, entende que pecado original é uma afirmação relacional no contexto Deus-homem, na seara da antropologia da relação - o homem é a partir de Deus e da graça. Em Maria não está presente a oposição entre o “é” de Deus e o “não é” do homem, o juízo de Deus

⁶⁴¹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 44.

⁶⁴² RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 41.

sobre ela é puro “sim”, é graça.⁶⁴³

A formulação dogmática da Assunção indica o mais alto grau de canonização, que Maria está total e intimamente na plenitude escatológica. A força motriz dessa afirmação está no culto a Maria, que o próprio Evangelho profetiza (Lc 1,48). O louvor está inserido na noção do Deus dos vivos que percorre a história salvífica, que traz a certeza da vitória sobre a morte, a certeza da ressurreição. Assim, Maria é a geradora daquele que é a vida, vencedor da morte, que assinala um novo início e aponta para a eternidade. Ratzinger afirma que “onde há a totalidade da graça, está a totalidade da salvação”,⁶⁴⁴ logo, a Assunção realiza o caráter definitivo do todo e representa que a morte foi engolida pela vitória de Cristo. É uma realidade pessoal (tipológica) da verdadeira Igreja, que nela já se encontra redimida. Para a fé “é essencial o júbilo diante da Palavra que se fez Homem”,⁶⁴⁵ e para o culto mariano, “é a ação de se deixar tomar pelo encanto da alegria de que existe, indestrutível, o verdadeiro Israel”,⁶⁴⁶ de quem a Filha de Sião é a verdadeira, incorruptível e indestrutível Arca da Aliança.

5.5

Maria, Primeira Igreja

Maria, Kirche im Ursprung (1980) é o título da obra de Ratzinger, conjunta com Balthasar, publicada na Alemanha. A edição portuguesa, de 2004, recebeu o título de *Maria, Primeira Igreja*.⁶⁴⁷ Ratzinger assina a primeira parte, cinco ensaios. Nela procura, com os dados bíblicos a respeito de Maria, especialmente as passagens dos quatro evangelhos que falam da *Theotókos*, apresentar linhas e critérios para uma devoção sadia, destacando a visão eclesiológica na linha do pensamento conciliar. Mostra que Maria, além de ser a primeira discípula de Jesus, tem um papel muito especial como primeira Igreja, a Igreja espiritual. Os textos ajudam a entender a tarefa missionária da Igreja, pois tratam de questões interessantes como a posição da Mariologia e da devoção mariana no complexo da fé e da teologia, dos elementos para uma devoção bíblica mariana, volta ao conteúdo e gramática do credo, além de comentar a especificidade da Encíclica

⁶⁴³ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 53-57.

⁶⁴⁴ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 62.

⁶⁴⁵ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 65.

⁶⁴⁶ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 66.

⁶⁴⁷ A obra original foi lançada pela Johannes Verlag Einsiedeln, em 1980. Nesta tese, a obra utilizada é a edição portuguesa, traduzida por Maria Armanda de Saint-Maurice, publicada pela Gráfica de Coimbra 2.

Redemptoris Mater.

A homilia que abre o livro ressalta o papel fundamental da Igreja que não se caracteriza como um produto “feito”, mas sim como a semente viva de Deus que quer crescer e amadurecer.⁶⁴⁸ O desejo de Deus de que a Palavra não retorne sem fruto tem como expressão o mistério de Maria, que ensina a humanidade ser terra para a Palavra. Ratzinger toca no exclusivismo masculino e ativismo da sociedade ocidental que, aos poucos, foi separando Cristo de sua mãe, afirmando que Maria, como mãe, tem um significado do ponto de vista teológico e para a fé. Por isso a Igreja precisa do mistério mariano, pois é ela própria mistério mariano.

O segundo texto versa sobre o “lugar da mariologia e da piedade mariana no todo da fé e da teologia”.⁶⁴⁹ Após discorrer sobre o pano de fundo que antecede as decisões do Concílio e de afirmar que a revolução pós-conciliar foi marcada por uma compreensão deficiente das declarações conciliares sobre o conceito de Tradição, afirma que é preciso abrir espaço à dinâmica de uma fé em desenvolvimento. Assegura que “a nova mariologia eclesiocêntrica era estranha e continuou estranha àqueles Padres Conciliares que representavam a piedade mariana,”⁶⁵⁰ e a decisão de 1963, na prática, levou à absorção da mariologia na eclesiologia. Afirma que para gerar uma sã mariologia,

uma nova reflexão sobre o texto tem que partir do reconhecimento de que este resultado histórico está em contradição com o seu verdadeiro sentido. Pois o capítulo VIII mariano foi criado com a intenção de criar uma correspondência interna com os capítulos I-IV.⁶⁵¹

Destaca a dupla função positiva da mariologia na Teologia (clarificar e aprofundar) e o lugar por ela ocupado no todo do corpo teológico, que acentua o *nexus mysteriorum*. Ela está situada na totalidade da articulação fundamental entre Cristo e a Igreja, em que a Igreja é a expressão mais concreta dessa conexão. Dessa

⁶⁴⁸ RATZINGER, J., “*A minha Palavra não volta a mim sem ter realizado a minha vontade!*”. In: RATZINGER, J.; BALTHASAR, H., *Maria, Primeira Igreja*, p. 7-12. Homilia pronunciada na celebração da abertura da reunião plenária da Conferência Episcopal alemã em Stapelfeld, 6 mar. 1979, foi publicada originalmente pelo Secretariado da Conferência Episcopal Alemã, Bonn, Coleção “*Hirtenschreiben der Deutschen Bischöfe*”, nº 18. Republicada em Roma pela editora Città Nuova - 2012, na coleção “*Testi Mariani del Secondo Millennio*”. *Autori contemporanei dell’Occidente (Sec. XX)*, v.7, FIORES, S; GAMBERO, L. (Orgs.).

⁶⁴⁹ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*. In: RATZINGER, J.; BALTHASAR, H., *Maria, Primeira Igreja*, p. 13-31.

⁶⁵⁰ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 19.

⁶⁵¹ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 19.

forma, a tipologia Maria-Igreja é posta em destaque. Relembra Maria na Anunciação como expressão do coletivo, é Israel em pessoa e personifica a Igreja. O fato biológico - concepção - é realidade teológica, é a efetivação da nova aliança. “É impossível desenvolver a mariologia a partir do mero *factum*, e só há mariologia na base do fato compreendido na hermenêutica da fé”.⁶⁵² A doutrina da graça torna-se visível na mariologia, pois coloca em evidência que a criatura é chamada e capacitada para responder livremente a Deus. De tal modo, a mariologia é a garantia da autonomia da criação. Conclui refletindo sobre a piedade mariana, cujo lugar tradicional na liturgia é o Advento.⁶⁵³

O terceiro⁶⁵⁴ é um comentário introdutório à *Redemptoris Mater* - RM, que prepara o Ano Mariano (1988), remetendo a atenção para a presença especial da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da sua Igreja, com o propósito de uma renovada orientação da história a partir do seu fundamento. Recorda que o Filho de Deus fora precedido pela Virgem na história e que os textos bíblicos são suficientes para falar sobre Maria e sua missão. Analisa as especificidades do texto pontifício a partir da recepção no catolicismo alemão que temia a deterioração do clima ecumênico se fosse encorajado o caráter emocional da piedade. A leitura feminista da Bíblia foi apontada como um dificultador, visto que critica a postura católica, vendo-a como um estímulo “à canonização da dependência da mulher e à glorificação da sua opressão”,⁶⁵⁵ além de ter camuflado na estrutura masculina de poder, a força libertadora feminina. O Cardeal aduz a nova interpretação bíblica da Teologia da Libertação - TdL, que sustentava como tarefa a subversão da ordem estabelecida a partir do *Magnificat*. Para ele, essa chave hermenêutica era tendenciosa.

Para clarificar e facilitar a leitura da Encíclica, escreve o ensaio. Afirma que a RM conduz à redescoberta da linha feminina na Bíblia com o seu conteúdo salvífico. Ao colocar acento no feminino, Ratzinger ressalta que na Encíclica não

⁶⁵² RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 25.

⁶⁵³ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da teologia*, p. 29-31.

⁶⁵⁴ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*. In: RATZINGER, J.; BALTHASAR, H., *Maria, Primeira Igreja*, p. 33-58. O texto foi publicado em 1987 in *Maria - Gottes Ja zum Menschen*, Herder, Friburgo-Basel-Viena e republicado em Roma pela editora Città Nuova - 2012, na coleção “*Testi Mariani del Secondo Millennio*”. *Autori contemporanei dell’Occidente (Sec. XX)*, v. 7, FIORES, S; GAMBERO, L. (Orgs.).

⁶⁵⁵ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 33.

ocorreu a diminuição do significado e valor do feminino por parte da cristologia e que não houve obscurecimento do dado cristológico. Retoma o pensamento de Guardini para demonstrar a igualdade dada por Cristo ao feminino e ao masculino. Destaca que o bem adquire expressão radiosa na figura da noiva. Assim, considera que a Encíclica desconstruiu a exegese gnóstica que atribuía uma identificação do feminino com a matéria, o negativo, o nada, ponderando que este posicionamento não se coaduna à mensagem salvífica.

Considera que abordar a linha feminina bíblica é importante, leva o ser humano ao ponto central no qual pode se tornar, ele próprio, um todo, recuperando a totalidade da mensagem bíblica. Defende que a Encíclica fez uma interpretação teológica dos textos bíblicos buscando a verdade, que deve ser anunciada com uma linguagem humana, cujo significado à luz da figura de Maria e na atitude da *Ecclesia*, indica o indissociável entrelaçamento com o mistério cristológico. A exclusão dessa dimensão aponta para a incapacidade da leitura da Bíblia em sua totalidade.

Lembra que o pensamento mariológico - séc. XIX-XX - tinha como alvo explicar os privilégios marianos, procurando aprovar novas formulações dogmáticas - “Mediadora” e “Corredentora”. Porém, estes termos não aparecem na RM, que acentua o termo “mediação” na ação e na missão histórica de Maria. Com essa tonalidade expressa que Maria está na sua situação de exceção junto a Deus, permanece presente e ativa na história, apontando o caminho para frente.

Descarta a possibilidade do pensamento milenarista na recepção da Encíclica e elenca quatro temas principais:

- 1) Reconhecimento da identificação de Maria como “a crente”. Ao falar sobre a fé disse que a natureza e o caminho de Maria foram determinados pelo fato dela ser crente e ter seu lugar teológico como testemunha da fé (Hb 11) e, na indissociabilidade com o seu Filho, apresenta-se como realização do símbolo da Filha de Sião. Tornou-se, como guia da história, sinal dos tempos. A Revelação fala a partir da sua totalidade.
- 2) O sinal da mulher. A presença da mulher na história salvífica tem um marco desde o assim chamado protoevangelho (Gn 3,15) em que os Padres viram o ligame entre o tema cristológico e o mariano. É a primeira promessa do Redentor à mulher, através da mulher. Conecta-se ao momento encarnatório, onde Maria surge como a mulher abençoada, que colabora na luta para vencer o mal. “O sinal da mulher

tornou-se sinal da esperança, a mulher torna-se guia da esperança”.⁶⁵⁶

3) A mediação de Maria é um tema desenvolvido minuciosamente com o aprofundamento dos seus princípios, dando novo peso para a teologia e a piedade. É circunscrita à de Jesus, é subordinada e realiza-se na forma de intercessão. Deriva do beneplácito divino, haure daí toda a sua eficácia e não se distingue da mediação dos outros seres humanos, mas possui o caráter do extraordinário, aspecto único. Este caráter específico é o “de ser mediação maternal em ordem a um sempre novo nascimento de Cristo no mundo”.⁶⁵⁷ Assegura a presença da dimensão feminina no acontecimento da salvação.

As dimensões, feminina e maternal, são relacionadas a Maria porque ela foi aquela que ouviu a Palavra de Deus, a acolheu e a pôs em prática. Há no nascimento de Cristo outra dimensão da maternidade, aquela que faz continuamente nascer Cristo. Maria é o paradigma da Palavra, foi e é, permanece Mãe com a totalidade da sua pessoa. A correspondência entre a encarnação e o nascimento da Igreja é assinalada pela presença de Maria, que está no coração do mistério pascal, quando é dada como mãe à humanidade. A dimensão mariana na vida dos discípulos de Cristo é assim visibilizada.

4) Sentido do Ano Mariano. O sentido aponta para a presença especial da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da sua Igreja.⁶⁵⁸ Ratzinger “insiste no sentido de ‘rememoração’ do mistério de Cristo participado por Maria segundo a leitura unitária e global das Escrituras que darão sentido ao ano mariano de 1987-1988”.⁶⁵⁹

A Igreja tem que reaprender com Maria o seu ser-Igreja. Só numa viragem para o sinal da mulher, para a dimensão feminina da Igreja bem compreendida acontece a nova abertura ao poder criador do Espírito e, através dele, à formação de Cristo, formação de Cristo cuja presença, e só ela, pode dar o seu centro e esperança à história.⁶⁶⁰

O quarto ensaio⁶⁶¹ trata dos elementos bíblicos da piedade mariana, tendo

⁶⁵⁶ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 50.

⁶⁵⁷ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 53.

⁶⁵⁸ RM 48.

⁶⁵⁹ DANIEL, L., *A mediação materna de Maria em Cristo na Encíclica Redemptoris Mater de João Paulo II segundo apreciação de Joseph Ratzinger*, p. 133.

⁶⁶⁰ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 57.

⁶⁶¹ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*. In: RATZINGER, J.; BALTHASAR, H., *Maria, Primeira Igreja*, p. 59-78. O ensaio foi originalmente publicado na Revista *Communio*, edição alemã de 1992. In: *Credo. Ein theologisches Lesebuch*, ed. pelo Cardeal Ratzinger e Peter Henrici, p. 105-128.

como fulcro Lc 1,48, um dos fundamentos essenciais da veneração cristã a Maria: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Ao registrar uma tradição em que a memória de Maria é amada, louvada e conservada, o evangelista transfere a profecia para a Igreja, que a recebe e cumpre a missão que lhe foi confiada. Quando a Igreja cessa esse louvor, afasta-se da palavra bíblica. A saudação do anjo é a célula primeira da mariologia, leva a atenção para o seu centro teológico: Maria é “identificada tipologicamente com a filha de Sião, com a esposa que é o povo de Deus”.⁶⁶² A ligação tipológica Maria-Sião significa que “Maria vive a totalidade do que é significado por Sião”.⁶⁶³ Vive de tal maneira que se torna um lugar para Deus. “Esta ‘identificação tipológica’ é realidade espiritual, vida vivida a partir do espírito da Sagrada Escritura”.⁶⁶⁴

Ratzinger define Maria como profetisa em sentido interior e místico, “como aquela que escuta a partir do mais íntimo do seu coração”,⁶⁶⁵ que pode dar ao mundo a Palavra porque se tornou uma só coisa com ela. O significado da figura de Maria na estrutura da fé e da piedade indica o lugar teológico da mariologia. Dois aspectos da figura de Maria explicitam essa ideia: o ser orante e o engrandecer a Deus.

O ser orante de Maria, o caráter meditativo, e o elemento místico e profético da oração dela são apontados por Ratzinger em três textos bíblicos lucanos: Anunciação, Maria conserva, guarda e pondera em seu coração a Palavra e o *Magnificat* (Lc 1,29; 2,19 e 2,50).⁶⁶⁶ A sensibilidade interior para o mistério gera o discernimento e a disponibilidade em que o Espírito Santo pode intervir e fazer nascer a nova criação. Ao dar espaço para que o Senhor se faça presente no mundo, Maria o engrandece. O processo ocorre quando se eliminam os óbices que enevoam a imagem do ser humano e recupera-se o translúcido e original reflexo referido a Deus.

Ratzinger, ao concluir o ensaio, afirma que a maternidade de Maria mostrou toda a sua amplitude no evento da paixão, quando ela leva “às últimas consequências o seu ‘sim’ à vontade de Deus”.⁶⁶⁷ retrai-se e liberta o filho para a sua missão. Ela dá passos. Primeiro: aceitação e disponibilidade e, depois, o

⁶⁶² RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 64.

⁶⁶³ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 64-65.

⁶⁶⁴ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 65.

⁶⁶⁵ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 71.

⁶⁶⁶ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 68.

⁶⁶⁷ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 74-75.

abandono e a renúncia em Deus. A sua maternidade se completou ao assumir como filhos seus, os discípulos de Cristo.

O quinto texto⁶⁶⁸ refere-se ao símbolo de Niceia, uma confissão de fé ao Deus trindade, que não é dedução do pensamento, mas “se nos mostra, que a partir da eternidade olha o tempo e estabelece uma relação conosco”.⁶⁶⁹ A estrutura gramatical afirma uma ação em que participam as três pessoas divinas e “*ex Maria Virgine*”. Deus na Trindade dos sujeitos é tri-uno. A mulher humilde está posta “no lugar nevrálgico da confissão de fé no Deus vivo e não pode deixar de ser pensada com ele”.⁶⁷⁰ A contribuição do texto lucano à profissão de fé é o fato da Anunciação ser o centro teológico da salvação. Deus pede o “sim” ao ser humano, este é outro aspecto destacado por Ratzinger. Deus não decreta, nem dispõe conforme a sua vontade, o seu poder, mas solicita o consentimento humano, visto que a pedra basilar do seu reino é a liberdade. Sem o consentimento livre de Maria, Deus não poderia tornar-se homem. Este sim é pura graça, que não suprime a liberdade. Ele está integrado ao âmago do amor divino.

5.6

O Congresso Mariano de Guayaquil

O Ano Mariano (1977 - 1978) instituído no Equador deteve-se em aprofundar as Exortações Apostólicas *Marialis Cultus e Evangelii Nuntiandi* e foi concluído com o congresso em Guayaquil, cujo lema foi “O Equador, por Maria a Cristo”. Embora de caráter nacional, teve repercussão internacional e as *Memorias del Congreso Mariano Nacional* (Memórias do Congresso Mariano Nacional) foram publicadas em 02 volumes. Joseph Ratzinger foi designado pelo Pontífice João Paulo I para presidir em nome dele, com autoridade papal, as celebrações marianas durante o Congresso.

No discurso de abertura,⁶⁷¹ Ratzinger afirma que tem conhecimento dos desdobramentos da Conferência de Puebla, em que os bispos da América Latina procuraram soluções e apontaram caminhos justos para a Igreja. Porém, anuncia, citando o salmo 127, “Se não é o Senhor que constrói a casa, em vão os operários

⁶⁶⁸ RATZINGER, J., “*Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*”. In: RATZINGER, J.; BALTHASAR, H., *Maria, Primeira Igreja*, p. 79-94. O texto foi composto para a introdução do Congresso mariológico por ocasião da celebração dos 700 anos da Casa da Sagrada Família do Loreto, 1995.

⁶⁶⁹ RATZINGER, J., “*Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*”, p. 79.

⁶⁷⁰ RATZINGER, J., “*Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*”, p. 81.

⁶⁷¹ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 23-28.

labutaram”⁶⁷² e, portanto, diz que é imprescindível uma cuidadosa investigação dos acontecimentos, um esforço humano em todos os setores para encontrar o diagnóstico e o prognóstico para a formação do futuro. Reforça que “a poderosa ciência econômica não pode resolver os problemas mais urgentes do mundo, se ao mesmo tempo não ocorrer a conversão dos corações”⁶⁷³ e destaca que a América Latina sempre manteve laços estreitos com a Virgem, reconhecida como sinal da bondade divina, do mistério de Jesus Cristo e da Encarnação do Verbo. Disse: “Em todo o tempo Maria continuará a ser o caminho mais fácil para chegar a Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, a garantia da nossa própria salvação”.⁶⁷⁴

Ao afirmar que “necessitamos da Virgem Maria para chegar com Ela e por Ela ao Senhor”,⁶⁷⁵ reconhece a dificuldade para o pensamento, para a cultura eurocêntrica, acolher uma reflexão que evidencia um comportamento mais intuitivo, do coração, do afeto. Pontua que a busca europeia marcada pela racionalidade e discernimento da inteligência, com imensa produção literária, impediu Maria de ocupar o seu devido lugar “porque a reflexão intelectual ao raciocinar individualmente, não é capaz de efetuar a continuidade e a coerência da vida”,⁶⁷⁶ somente reconhece entre a mãe e o Filho o passageiro nexo biológico entre concepção e o nascimento, ao passo que a cultura latino-americana tem consciência, com os olhos do coração, que não é somente mediante a reflexão que se reconstrói o mundo porque é inegável o poder de Deus.

Ratzinger acentua que a América Latina abarcou com o coração o cristianismo desde o seu centro, recebendo a fé como salvação e consolo, como a verdadeira luz que comunica uma nova vida, apesar das atitudes contraditórias dos conquistadores europeus, comparadas às dos antigos deuses gananciosos e cruéis. Compreendeu o mistério do nascer de Deus, do amor encarnado, de ser identificado com o ser humano um homem verdadeiro, “um acontecimento espiritual que implica o homem inteiro”.⁶⁷⁷ Como não há nascimento sem mãe, “a mensagem de Cristo para eles era necessária e essencialmente uma mensagem mariana”.⁶⁷⁸ Maria tornou-se a primeira imagem de Cristo na América Latina, através da qual Ele se

⁶⁷² RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 24.

⁶⁷³ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 24, tradução nossa.

⁶⁷⁴ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 25, tradução nossa.

⁶⁷⁵ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 25, tradução nossa.

⁶⁷⁶ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 25, tradução nossa.

⁶⁷⁷ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 27.

⁶⁷⁸ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 27.

comunica ao povo e Maria não está ao lado ou à frente de Cristo, apresentou-se como mãe.

Garante que a crise provocada pelo racionalismo positivista ocidental e o de tipo marxista oriental revelava o desequilíbrio advindo da cultura meramente racional-reflexiva e que para restabelecer a linha média era substancial abrir espaço para a cultura da intuição e do coração. A América Latina não devia abandonar a cultura do coração com a qual podia dar ao mundo o que ele necessitava, tanto quanto qualquer outro campo; não devia vender a sua alma pelo fascínio do êxito comercial europeu e anglo-saxônico. Precisava “manter a sua profissão de fé em Maria e por Ela em Cristo Nosso Senhor”.⁶⁷⁹

Ao dirigir-se aos sacerdotes⁶⁸⁰ demonstra que o sentimento de solidariedade universal entre os cristãos e os demais homens de boa vontade devia prevalecer, pois ser sacerdote implica em reconhecer as obrigações de catolicidade (as responsabilidades enumeradas pelo sínodo dos Bispos de 1971). Alerta que os sacerdotes devem cuidar-se mutuamente e que a religiosidade cristã está aberta para os outros. Exemplifica a solidariedade, exaltando a ajuda recíproca presente na relação entre a diocese de Munique e o Equador. Afirma que os alemães eram aprendizes da paixão equatoriana pelos problemas sociais.⁶⁸¹

Expõe a questão enfrentada na Alemanha sobre o estado sacerdotal como profissão própria ou apêndice de uma profissão principal, mostrando que a discussão havia passado do âmbito exegetico para o sociológico. Na América Latina, em razão dos problemas sociais, afirma que a questão sociológica tinha sido cada vez mais substituída pela questão social. Pergunta: “Que benefício traz o Evangelho para os homens, se eles não têm o que comer?”⁶⁸² Reafirma a verdade contida na Palavra afirmando que ao faltar os fundamentos espirituais, as libertações meramente políticas fracassariam e a resolução de forma justa dos problemas ocorreria onde houvesse a supremacia dos fundamentos éticos e a responsabilidade religiosa estivesse presente. As ajudas permaneceriam vãs se o homem ficar no vazio e sozinho. Porque não há progresso social sem os pressupostos éticos e religiosos.

⁶⁷⁹ RATZINGER, J., *Discurso de Apertura del Congreso Mariano*, p. 28.

⁶⁸⁰ RATZINGER, J., *Discurso dirigido a los Sacerdotes en el Ecuador*, p. 29-33.

⁶⁸¹ RATZINGER, J., *Discurso dirigido a los Sacerdotes en el Ecuador*, p. 29.

⁶⁸² RATZINGER, J., *Discurso dirigido a los Sacerdotes en el Ecuador*, p. 30.

Ao tocar na indispensabilidade do serviço sacerdotal, afirma que ela reside no fato de que há pessoas que necessitam da resposta e da orientação de Deus e que os sacerdotes devem compreender que essa é a sua função: “dar o que não pode dar de si mesmo como homem”, isto representa uma ação superior, além da inteligência. A beleza do sacerdócio, pondera, é que o sacerdote nunca é inútil e cada fase da vida prova a eficácia da vocação de maneira significativa e sensata. O mais importante é ser “um homem de Deus”.⁶⁸³ Dessa forma, a santidade é uma qualidade esperada. O recolher-se para rezar, exemplifica, não deveria ser visto como perda de tempo, pois nada mais grandioso podia ser feito nas atividades sacerdotais. “E o mesmo vale para a oração do santo rosário que tanto respira o ritmo do silêncio, da tranquilidade interior e da liberdade”.⁶⁸⁴

Ao dirigir-se às pessoas consagradas,⁶⁸⁵ especialmente às religiosas, apela pela continuidade dos serviços prestados, lembrando as atividades apostólicas descritas por Paulo que destacavam as mulheres piedosas e fiéis. (Rm 16; 2Cor 11,23). Pede atenção às comunidades para não perderem o núcleo religioso da vocação, aduzindo que fundadoras e fundadores das ordens tiveram um carisma próprio e descobriram uma forma de uma nova possibilidade de fé e apostolado que não deviam, em nome de uma modernização, ser uniformizados. Isto empobreceria a Igreja, embora possa existir a necessidade de adaptações racionais. Porém, não podem extirpar o caráter espiritual específico de cada ordem.

Na mensagem dirigida ao povo equatoriano⁶⁸⁶ transmitida pela televisão, lembra que o continente encontraria soluções verdadeiras para os problemas sociais e econômicos reconhecendo a necessidade do amor de Deus e ao próximo, passos capitais para uma convivência plenamente humana entre todos, cujo caminho percorre-se mirando o Senhor e o seu santo Evangelho.

Lembra que os indicadores apontavam que a maioria dos católicos, após o ano 2000, residiria em terras latino-americanas, onde também está situado o país com o maior número de católicos, o Brasil. Destarte, o centro de gravidade da Igreja universal voltaria a sua atenção para a América onde o futuro cristão estaria sendo gestado. Considerou que este futuro e o do mundo inteiro estavam sujeitos à “forma

⁶⁸³ RATZINGER, J., *Discurso dirigido a los Sacerdotes en el Ecuador*, p. 32.

⁶⁸⁴ RATZINGER, J., *Discurso dirigido a los Sacerdotes en el Ecuador*, p. 32.

⁶⁸⁵ RATZINGER, J., *Discurso dirigido a las almas consagradas, especialmente religiosas*, p. 34-36.

⁶⁸⁶ RATZINGER, J., *Mensaje ao pueblo ecuatoriano, transmitido por television*, p. 37-40.

como se orienta a devoção a Maria”,⁶⁸⁷ disse. A evangelização libertadora devia mirar-se no exemplo da Santíssima Virgem. E como ela, imitando-a, não se podia abandonar às exigências da vida, aos sacrifícios e sofrimentos, mas com uma entrega fervorosa à providência divina, tornar-se “mediadores da nossa salvação como a dos povos”.

Conclui enaltecendo os ganhos espirituais que os europeus angariaram com o convívio com o povo equatoriano. São dons valiosos, do espírito e do coração, incomparáveis, que denotam a confiança em um futuro melhor, sedimentado em uma justiça social. Esta riqueza dos corações e o forte espírito de fé serão retomados pelo Cardeal na homilia da missa de encerramento do Congresso.⁶⁸⁸ Nela, refere-se à festa da Senhora das Mercês, alçada como sinal da liberdade pela ação da ordem dos mercedários. Proferiu que ouvir e compreender o mistério de Santa Maria significava colocar-se a serviço da paz e da verdadeira liberdade. Nomeia a Virgem como “estrela da liberdade”,⁶⁸⁹ afirmando que os princípios do exército da paz e da liberdade foram nela inspirados: expor-se em favor dos irmãos. Ao fugir dessa regra cada forma de liberdade revelava-se um erro, uma desorientação. Pede que Maria oriente a todos “os deste e do outro lado do oceano”⁶⁹⁰ para que respeitem este espírito mariano, caminhando junto a Jesus Cristo, a garantia de toda a verdadeira liberdade e nossa salvação.

Na homilia da bênção da igreja dedicada à Nossa Senhora de La Alborada,⁶⁹¹ salienta que o nome corroborava o mistério da esperança. Maria é o alvorecer do sol, Cristo; abre a porta à Luz; é a aurora da salvação e fez votos que o templo fosse um lugar da manifestação da fidelidade para com Deus e o próximo, onde pudesse brotar a força para a construção de um mundo melhor e graças divinas que não abandonassem o povo nas horas obscuras.

5.7

Maria no Relatório sobre a fé

Dentre as inúmeras entrevistas concedidas, sem dúvida a que resultou na publicação da obra “*Rapporto sulla fede*” tornou-se a mais comentada, analisada,

⁶⁸⁷ RATZINGER, J., *Mensaje ao pueblo ecuatoriano, transmitido por television*, p. 38.

⁶⁸⁸ RATZINGER, J., *Homilia de la misa pontifical de terminacion del Congreso Mariano*, p. 41-42.

⁶⁸⁹ RATZINGER, J., *Homilia de la misa pontifical de terminacion del Congreso Mariano*, p. 42.

⁶⁹⁰ RATZINGER, J., *Homilia de la misa pontifical de terminacion del Congreso Mariano*, p. 42.

⁶⁹¹ RATZINGER, J., *Homilia de la benedicion del templo votivo de Ntra. Sra. de La Alborada*, p. 43-44.

um acontecimento.⁶⁹² O tema foi a situação da Igreja após vinte anos da conclusão do Concílio Vaticano II, em que a fé “parecia estar sendo ameaçada em seus fundamentos”.⁶⁹³ Convinha romper o silêncio secular que marcava a trajetória do órgão encarregado da defesa da fé católica, a Congregação para a Doutrina da Fé, que sucedera a Sagrada Congregação do Santo Ofício. A razão da entrevista ter causado tanto impacto foi, segundo o entrevistador, não por causa das suas perguntas, mas devido às respostas claras, afiadas, não conformistas e corajosas do então Prefeito, Joseph Ratzinger.

Messori afirma que no capítulo concernente a Maria, além dos motivos para não a esquecer enumerados pelo Cardeal, há “uma significativa experiência humana” que registra um “riquíssimo testemunho sobre Maria” do teólogo que “teve de percorrer um caminho pessoal de redescoberta, de aprofundamento, quase de total conversão ao mistério de Nossa Senhora”.⁶⁹⁴

A entrevista aborda o universo feminino, começando por questões referentes ao sacerdócio feminino, recolhendo a posição do Cardeal que junta fileiras com a decisão tradicional da Igreja, que responde negativamente à pretensão das mulheres à ordenação sacerdotal. A luta pela ordenação, para ele, configura-se como uma tentativa de mera adaptação da Igreja a uma posição social nova, distante da herança hebraica do cristianismo. Disse que o cristianismo agregou um espaço novo e novidadeiro à mulher, como um traço original de Jesus, mas manteve o exclusivismo masculino do sacerdócio.

A dimensão antropológica ressaltada pelo Papa Paulo VI na *Marialis Cultus*, onde Maria foi apresentada como expressão da liberdade humana na cooperação com Deus, foi objeto de atenção. Quanto à questão feminina e aos reflexos da temática na vida eclesial no que tange à equiparação entre os sexos, reafirma que o feminismo radical acaba por banalizar a especificidade sexual e que a busca por intercambiar qualquer papel aponta para uma série de rupturas e causa confusões, principalmente por reduzir à mera funcionalidade o ser e o agir da pessoa humana. Reconhece que “é a mulher que sofre mais duramente as consequências”, fruto de

⁶⁹² A obra original italiana, *Rapporto sulla fede*, é o resultado da entrevista concedida ao jornalista Vittorio Messori. Foi traduzida pelo padre Fernando José Guimarães, em 1985, e publicada pela EPU (São Paulo). Em 2021, o texto recebeu nova edição, pela Escola Ratzinger, obra que foi usada nesta tese. Neste subitem foi analisado o capítulo VII, As mulheres, uma mulher, p. 143-163.

⁶⁹³ MESSORI, V., *Hipóteses sobre Maria*, p. 248.

⁶⁹⁴ MESSORI, V., *Hipóteses sobre Maria*, p. 249.

mentes masculinas e ideologias machistas que impulsionam e estão imiscuídas em reivindicações ou modismos.

Avalia a busca do “direito de se tornar masculino ou feminino a bel-prazer” e denuncia consequências devastadoras com manipulações técnicas da ciência visando romper a natural desigualdade da natureza:

o intercâmbio dos sexos, visto como simples “funções”, determinadas mais pela história do que pela natureza e a banalização do masculino e do feminino, estendem-se à ideia de Deus e, daí se alargam para toda a realidade religiosa.⁶⁹⁵

O papel modelar de Maria, a adesão total e responsável à vontade de Deus, é o paradigma a ser seguido. Insiste que o cristianismo não é uma construção abstrata, é fundado na relação homem-Deus, que escolheu revelar-se após o consentimento de uma mulher e como proferiu Newman:

Veio Ele por um caminho novo e vivo [...], escolhendo e purificando para Si um tabernáculo em meio àquilo que existia. Como no princípio, a mulher foi formada do homem pelo Todo-Poderoso, por isso agora, por um mistério semelhante, mas numa ordem inversa, o novo Adão foi formado da mulher. Ele era, como havia sido predito, a imaculada “semente da mulher”, derivando Sua humanidade da substância da Virgem Maria, como se expressa nos artigos do Credo, “concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria”.⁶⁹⁶

Conclui dizendo que no âmbito da complementaridade vale para a Igreja a linguagem da natureza que é a mesma linguagem da moral. Ao defender a sua fé e o seu conceito de sacerdócio, a Igreja Católica defende tanto os homens como as mulheres, rejeita eliminar as individualidades e prega o respeito à biologia. Aponta que o aparente avanço, conquista e equiparação feminina esconde no seu interior um latente não à vida. Maternidade e virgindade tornaram-se valores opacos na sociedade e a liberdade de escolha, que em um primeiro momento mostra-se como igualitário, encobre a presença de uma sociedade machista, que ao dificultar acesso às posições sociais, masculiniza a humanidade. Comenta a inserção da mentalidade feminista e do ativismo político nos conventos resumindo “se é a mulher quem paga o tributo maior à nova sociedade e aos seus valores, entre todas as mulheres são as freiras as mais expostas”.⁶⁹⁷

Destaca que a Igreja vive o mistério da maternidade. Como Maria deu à luz o Filho de Deus, a igreja traz Deus ao mundo de uma outra maneira, na medida em que o faz nascer no coração dos crentes, através da fé. Ao aprofundar essa analogia,

⁶⁹⁵ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 146.

⁶⁹⁶ NEWMAN, J.H., *Sermões para o Advento e o Natal*, p. 15.

⁶⁹⁷ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 153.

oferece uma compreensão antropológica com ressonâncias na prática eclesial, pois ao valer-se da exemplaridade de Maria, a crente por excelência, torna-a *typus*, o critério de como deve ser vivida a fé da Igreja, posto que a presença da Mãe de Jesus não ofusca, ao contrário, reforça e garante a fé em Jesus. O respeito pela verdade é o caminho para a plenitude da dignidade humana, afirmou. A verdade é uma companheira vital e inseparável da justiça e da misericórdia.

Ratzinger analisa a crise pós-conciliar no âmbito mariológico de forma categórica ao dizer que “a vitória da mariologia eclesiocêntrica levou, de início, pura e simplesmente ao colapso da mariologia” e que a nova mariologia eclesiocêntrica era e continuou estranha àqueles Padres Conciliares afeitos à piedade mariana.⁶⁹⁸ Estende a análise ao panorama latino-americano atribuindo “a concentração temporária do sentimento religioso na mudança política” a razão para a mutação do rosto da Igreja na América Latina e reitera com insistência que a melhor forma de manter a unidade da Igreja e da fé é a atitude de seriedade e fidelidade à Liturgia.

Ratzinger, atento a caminhada da Igreja e antenado com as disposições e às novas ordens do comportamento humano, expõe a sua preocupação com a fé. Ao ser interrogado sobre a crise da moral, da mulher, da ideia mesma de Igreja, não titubeia em prescrever o remédio: “é preciso retornar a Maria, se quisermos retornar àquelas verdades sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem”.⁶⁹⁹ É indispensável e urgente reencontrar esse lugar. Para consolidar esta ideia, em seis pontos sintéticos, o Cardeal enumera as razões para Maria, apontada como o remédio, não ser esquecida. Os motivos não estão vinculados aos privilégios próprios de Maria, mas são indicações teológicas do que ela e a mariologia significam para a fé cristã. Os pontos são:

- Permanecer radicados na cristologia original, ou seja, reconhecer à Maria o lugar que a Tradição e o dogma lhe atribuem. Dessa forma enraíza-se em uma cristologia genuína e seguem-se os passos dogmáticos marianos, amparos à fé autêntica em Cristo. O dogma mariano e a Tradição são bases sólidas para uma autêntica cristologia.
- A conexão entre Bíblia e Tradição. A mariologia pressupõe e expressa essa

⁶⁹⁸ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 19.

⁶⁹⁹ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 156.

justa e correta relação e, conseqüentemente, espera a integração necessária entre as fontes da Revelação.

- “Maria une de modo vital e, ao mesmo tempo, inseparável, o antigo e o novo povo de Deus, Israel e o cristianismo, Sinagoga e Igreja”.⁷⁰⁰ Portanto, Maria é o eixo sem o qual a fé corre o risco de se desequilibrar, “é o vértice do judaísmo e o início, com seu próprio corpo, da fé que conduz ao cumprimento de tudo quanto o judaísmo anunciava e esperava”.⁷⁰¹
- A correta devoção mariana garante a convivência da “razão” com o sentimento, “as razões do coração”, que são igualmente indispensáveis, estabelecendo um equilíbrio cogente entre a mente e o coração, assegurando à fé a sua plena dimensão.
- A Igreja reencontra a sua face de mãe em Maria. Ela é “figura”, “imagem”, “modelo”, “símbolo” da Igreja, portanto, tudo o que é atribuído pela fé e pelo amor a Maria também pode ser adjudicado à Igreja, à comunidade eclesial. Aqui, o Cardeal é firme no combate à instrumentalização da Igreja e de Maria. Afirma que “se em certas teologias e eclesiologias Maria não encontra mais lugar, a razão é simples: elas reduziram a fé a uma abstração. E uma abstração não tem necessidade de mãe”.⁷⁰²
- A essência da feminilidade, em que a virgindade e a maternidade de Maria são vistas como raízes do mistério da mulher. Maria continua a lançar luz sobre o que o Criador destinou às mulheres de todos os tempos. É o paradigma da plena realização da pessoa humana, cujo canto do *Magnificat*, propõe uma espiritualidade que supera oposições e indica o futuro escatológico.

Na produção teológica do Cardeal Ratzinger constata-se uma rica contribuição mariológica com reflexos no magistério de Bento XVI. Como já registrado, são examinados alguns escritos pontifícios onde se encontra inserida Maria, Mãe de Deus, o modelo perfeitíssimo e vê-se destacado o seu papel ímpar na economia da salvação. Uma das preocupações de Bento XVI foi a de manter um diálogo profícuo, aberto e teologicamente fundamentado com os protestantes, os ortodoxos e o mundo judaico, para que a possibilidade do acolhimento da figura de

⁷⁰⁰ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 158.

⁷⁰¹ MESSORI, V., *Hipóteses sobre Maria*, p. 255.

⁷⁰² RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 159.

Maria se transformasse em um elemento cada vez mais válido para o atual mundo cristão e para os crentes em geral.

5.8

Bento XVI - alguns poucos apontamentos

Apresenta-se uma pequena síntese da presença de Maria nas Encíclicas e nas Exortações Apostólicas Pós-sinodais do pontificado de Bento XVI. Afinal, o Magistério do Papa “se destaca pela clareza, profundidade e sensibilidade espiritual.”⁷⁰³ Tem sólidas raízes, que podem ser resumidas em alguns pontos, como a centralidade de Cristo, a autenticidade da liturgia, a natureza sacramental da Igreja e o binômio fé-razão. Tanto a contribuição teológica e espiritual quanto a gestão eclesial de Bento XVI são importantes, são expressões de sua trajetória humana, teológica e pastoral. Mostram verdadeiramente a pessoa de Jesus, em quem está por excelência, a concepção da verdade. Jesus Cristo é o núcleo do seu pensamento teológico e da atividade pastoral, como o é do seu pontificado e toda a sua vida.

Portanto, nesta sessão, expõem-se documentos do pontificado de Bento XVI sob o ponto de vista da teologia de que se serve o Magistério para se expressar. É inegável o testemunho, a sua influência, o seu espólio para a vida e a missão da comunidade eclesial. O Papa Francisco resumiu com sabedoria o pensamento de Bento XVI: “O seu pensamento perspicaz e gentil não foi autorreferencial, mas eclesial, pois sempre quis acompanhar-nos ao encontro de Jesus”.⁷⁰⁴

5.8.1

Maria nas Encíclicas de Bento XVI

A primeira Encíclica de Bento XVI, *Deus Caritas est* (25 dez. 2005), versou sobre o amor, visto em toda a sua extensão, a Deus e ao próximo, visibilizando a essência do ser cristão, isto é, mostrando a simplicidade vivida no amor. Este assunto foi tratado pelo teólogo bávaro dentre outras obras, em “Introdução ao Cristianismo”⁷⁰⁵ e o “O que é ser Cristão”⁷⁰⁶.

A primeira parte especifica alguns dados sobre o amor oferecido por Deus ao

⁷⁰³ CATELAN, A., *O legado teológico de Joseph Ratzinger/Bento XVI*.

⁷⁰⁴ FRANCISCO, PP., *Audiência Geral*, 04 jan. 2023.

⁷⁰⁵ As referências são encontradas na discussão sobre a Trindade, onde o amor mútuo trinitário é central para a compreensão de Deus como amor (primeira parte), p. 77-142. Também aparece o tema do amor divino ao discorrer sobre a encarnação de Cristo e seu sacrifício redentor (segunda parte), p. 145-240.

⁷⁰⁶ O tema é abordado, particularmente, na terceira parte do capítulo I, da obra *Ser Cristiano* (1967), com o título *Sobre todo, el amor*, p. 41-56.

homem e da realidade do amor humano. Bento XVI indica que Deus é a fonte do amor verdadeiro e que não se pode pensar no anúncio do Reino de Deus sem o amor, cuja centralidade está em Jesus Cristo, o caminho para a vida eterna. Mostra a concepção cristã do amor a partir da fé bíblica, “o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano”.⁷⁰⁷ O duplo mandamento de Jesus aponta “o nexo indivisível entre o amor a Deus e o próximo”,⁷⁰⁸ que constituem um único mandamento. Em seguida trata da atividade caritativa, a prática do amor pela Igreja, o serviço exercido para atender aos sofrimentos e necessidades dos seres humanos, “que pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência”.⁷⁰⁹ O Papa lista as múltiplas estruturas de serviço caritativo no contexto social, descreve o perfil específico dessa atividade e os responsáveis pela caridade eclesial. Após arrazoar sobre as virtudes teologais, afirma que a sua intenção é convidar a todos a tomar consciência do amor divino e a viver no amor. Concluindo, coloca os santos como modelo de ação e dentre eles sobressai Maria, Mãe do Senhor. Destaca que é preciso restaurar o sentido originário da palavra amor e Maria exala o amor inexaurível.

O texto magisterial, mantendo um modelo bastante comum, inclui a referência mariana apenas no módulo conclusivo. O que podemos extrair? O Papa volta-se para Maria como “espelho de toda a santidade”⁷¹⁰ enfatizando que o *Magnificat* expõe o programa de vida mariano, um serviço de caridade em que ela se coloca humilde e à serviço das iniciativas de Deus. Ela não se coloca no centro, mas abre espaço para Deus agir, tanto na oração como no serviço aos outros. Por isso, ela é a crente por excelência, porque acreditou perfeitamente. “Na fé pensa com os pensamentos de Deus”, “sua palavra nasce da Palavra de Deus”, “quer com a vontade de Deus”.⁷¹¹ Esse agir e viver em Deus torna-a mais próxima de cada ser humano, ensinando, com a sua bondade materna, a via para Deus, “que é o amor e de onde este tem a sua origem e recebe incessantemente a sua força”.⁷¹² Maria é apresentada como aquela que praticou de forma exemplar a caridade e mostrou o que é o amor como o modelo de fidelidade, do esforço contínuo para aderir ao

⁷⁰⁷ DCE 11.

⁷⁰⁸ DCE 16.

⁷⁰⁹ DCE 25.

⁷¹⁰ DCE 41.

⁷¹¹ DCE 42.

⁷¹² DCE 42.

projeto messiânico do seu Filho. “Ela sabe que ela contribui para a salvação do mundo, não realizando a sua própria obra, mas apenas colocando-se plenamente disponível às iniciativas de Deus”.⁷¹³

O texto pontifício enumera as virtudes marianas, assinalando-as em toda a sua jornada terrena, evidenciando a proximidade que a Virgem experimenta na história humana. Maria é a mulher da esperança porque acreditou na Palavra de Deus, tornando-se ícone e exemplo de vida virtuosa. Na sua condição atual, a Virgem assunta ao céu continua a exercer a caridade, reconhecida pelos devotos que “experimentam o benefício da sua bondade”.⁷¹⁴ Maria não é uma criatura periférica na história da salvação, mas um sujeito histórico e pleno da Graça, colocada por Deus no centro do cristianismo. O Papa encerra a Encíclica confiando a Igreja e a sua missão ao serviço do amor a Maria e invocando a sua ajuda.

A segunda Encíclica, *Spe Salvi* (30 nov. 2007), está em continuidade com a primeira. Bento XVI apresenta o conceito de outra virtude teologal, a esperança cristã, que tem um rosto, possui um nome, é uma Pessoa, Jesus Cristo e dá a vida eterna. Comenta sobre a verdadeira fisionomia dessa esperança, que não é individualista, expondo como se deu a transformação da fé-esperança na era moderna. Indica os lugares de aprendizagem e de exercício da esperança e termina com uma prece dirigida a Maria. É uma reflexão sobre a esperança cristã a partir de textos bíblicos e da mensagem de Jesus na perspectiva da vida eterna. É um pequeno tratado teológico sobre o futuro da fé: a esperança. Procura por meio dos dados da Revelação oferecer respostas para as interrogações sobre o futuro da humanidade, articulando fé e esperança, referindo-se à natureza e à perspectiva de compreensão da vida eterna, das realidades escatológicas. Escatologia e eclesiologia são os tratados aos quais o teólogo Ratzinger dedicou mais tempo.

No documento, o Papa usa uma imagem náutica: a vida é uma jornada marítima e precisa seguir uma rota. Muitas vezes o recurso diretivo utilizado é olhar para o alto para descobrir o que apontam os astros. Maria é vista como um astro que, embora não possua luz própria, reflete de maneira única - como uma pessoa que soube verdadeiramente viver com retidão -, o brilho advindo de Cristo, “a luz

⁷¹³ DCE 41.

⁷¹⁴ DCE 42.

por antonomásia”,⁷¹⁵ oferecendo “orientação para a nossa travessia”⁷¹⁶ em direção ao porto seguro, que é “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), ou seja, “chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus”.⁷¹⁷ Retoma a importância do “sim” da Mãe de Jesus que permite a entrada da esperança neste mundo e na sua história, tornando-se, destarte, “a imagem da futura Igreja”.⁷¹⁸

O testemunho de uma vida totalmente entregue a Deus, que se tornou porta para este mesmo Deus, é uma referência concreta para cada pessoa. É indispensável que se permita que o amor de Deus se faça presente, alcance e torne os seres humanos capazes de amar, abrindo-se ao outro. Afinal, “quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança”.⁷¹⁹ Indubitavelmente, Maria resplandece guiando a todos como a “estrela da esperança” e ensinando a crer, esperar e amar. “Ela que, pelo seu ‘sim’, abriu ao próprio Deus a porta do nosso mundo”.⁷²⁰

A terceira Encíclica beneditina que encerra a trilogia teologal, *Caritas in veritate* (29 jun. 2009) propõe um desenvolvimento integral da pessoa humana. Mostra como a fé no Deus vivo, revelado em Cristo, abre o caminho para a consecução de um verdadeiro e autêntico humanismo. A caridade na verdade é a força propulsora para o desenvolvimento de cada pessoa e, por conseguinte, de toda a humanidade. O texto convida a uma “fidelidade dinâmica”⁷²¹ para alcançar uma “nova síntese humanista”.⁷²² “Retoma, continua e aprofunda a análise e a reflexão da Igreja sobre temáticas sociais de interesse para a humanidade do nosso século”. Afirma: “Só com a caridade, iluminada pela razão e pela fé, é possível alcançar objetivos de desenvolvimentos dotados de valor humano e humanizante”.⁷²³

Uma das conclusões é que “não há pleno desenvolvimento e nenhum bem comum universal sem o bem espiritual e moral das pessoas, considerado na sua totalidade de alma e corpo”,⁷²⁴ pois “o desenvolvimento tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus em atitude de oração”,⁷²⁵ porque implica

⁷¹⁵ SS 49.

⁷¹⁶ SS 49.

⁷¹⁷ SS 3.

⁷¹⁸ SS 50.

⁷¹⁹ SS 27.

⁷²⁰ SS 49.

⁷²¹ CinV 12.

⁷²² CinV 21.

⁷²³ BENTO XVI, PP., *Audiência Geral*, 08 jul. 2009.

⁷²⁴ CinV 76.

⁷²⁵ CinV 79.

atenção à vida espiritual e, desse modo, o Pontífice alude à intercessão materna. Pede o auxílio de Maria, a sua proteção, a obtenção da força, da esperança e da alegria necessárias para que se consiga realizar o “desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens”, retomando uma citação da *Populorum Progressio* (26 mar. 1967), de Paulo VI.⁷²⁶

5.8.2

Maria nas Exortações Apostólicas Pós-Sinodais

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* (30 set. 2010),⁷²⁷ a presença de Maria é deslocada por Bento XVI para o meio do documento, dando um peso novo às declarações. Perrella, analisando a presença mariana na Exortação, conclui:

Na *Verbum Domini* o Pontífice reitera e aprofunda o fundamento mariológico estabelecido pelo Concílio Vaticano II, nomeadamente ao exprimir o mistério de Cristo e da Igreja, explicando o seu caráter antropológico-relacional-nupcial sem contudo querer dizer que isso signifique perder a sua singularidade: se, de fato, a relacionalidade humana (da qual a nupcialidade é o ápice) se exprime em nome da igualdade e paridade, o encontro com o Verbo não “assimila” Deus ao mesmo (isto seria, de fato, idolatria), mas pelo contrário reconhece e mantém a diferença divina, descobrindo-a (VD 23-24) como superioridade que destrói, mas como “condescendência” que coloca diante da escolha entre a fé (VD 25) e o pecado (VD 26). É precisamente nesta constituição - através da obra da Palavra de Deus - do *humanum* como liberdade que emerge da escolha e que, conseqüentemente, “ordena” o *mysterium Ecclesiae como communitas fidei*, num processo de absoluta gratuidade, que a Mariologia encontra a sua localização natural, tanto ao nível dos dados revelados (o que a Palavra entrega, passa adiante, transmite sobre a Mãe de Jesus) como ao nível da reflexão-apropriação-testemunho dele.⁷²⁸

Bento XVI, na Exortação, afirma que a inteligência da fé ao olhar um tema à luz de Maria, coloca-se no núcleo mais íntimo da verdade cristã, objetivo último e fundamental de toda construção teológica. Destaca a perfeita reciprocidade que há entre a Palavra de Deus e Maria, cuja fé obediente a fez escutar e viver em plena sintonia com a Palavra divina. Torna-se símbolo da abertura a Deus e aos outros: a encarnação do Verbo não pode ser pensada sem o consentimento de Maria, que coopera de forma decisiva para a entrada do Eterno no tempo; sua escuta ativa é modelo de como se deve assimilar e conformar a vida a Cristo, pois “o agir de Deus no mundo envolve sempre a nossa liberdade”.⁷²⁹ Incentiva os estudiosos a aprofundarem a relação entre a mariologia e a teologia da Palavra, posto que a

⁷²⁶ PP 42.

⁷²⁷ BENTO XVI, PP., *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*, 27.

⁷²⁸ PERRELLA, S., *L'insegnamento della mariologia ieri e oggi*, p. 186-187, tradução nossa.

⁷²⁹ VD 28.

inteligência da fé pode trazer benefícios tanto para a espiritualidade como para os estudos teológicos e bíblicos.

Nas outras exortações a referência mariana retorna para os números finais dos documentos. Na Exortação Apostólica *Sacramentum caritatis* (22 fev. 2007), Maria, “Mulher eucarística”,⁷³⁰ é apresentada como o ícone insubstituível de vida eucarística para todos aqueles que se deixam conformar pela presença do “*verum corpus natum de Maria Virgine*”.⁷³¹ Registra que a prática da *Lectio Divina* é um sábio exercício que fortalece a oração e a espiritualidade cristã, que a presença eucarística de Jesus é um dom para todos os seres humanos na jornada rumo à Jerusalém celeste. Na *Africae Munus* (19 nov. 2011), ao falar das condições da espiritualidade de comunhão, recorda o exemplo mariano como acolhimento da Palavra, suplicando a intercessão de Maria para sustentar o esforço de conversão, consolidar as iniciativas de reconciliação e em favor da paz. Na *Ecclesia in Medio Oriente* (14 set. 2012), relembra o caminho ecumênico indicado pelo Concílio Vaticano II, afirmando que os vínculos entre os cristãos e os judeus são numerosos e profundos e que Maria, a mãe de Cristo, é um convite para descobrir as raízes judaicas do cristianismo, porque a Igreja olha com estima para os mulçumanos, que honram Maria. Finaliza pedindo a assistência materna de Maria, que a Igreja inteira - tanto no Oriente como no Ocidente - ternamente venera.

5.9

Considerações: a fé mariana e a mariologia de Joseph Ratzinger

A Igreja tem de reaprender com Maria o seu ser-Igreja. Só numa viragem para o sinal da mulher, para a dimensão feminina da Igreja bem compreendida acontece a nova abertura ao poder criador do Espírito e, através dele, à formação de Cristo, formação de Cristo cuja presença, e só ela, pode dar o seu centro e esperança à história.⁷³²

5.9.1

A fé mariana aquece o coração

A linha que marca o compasso da fé mariana de Ratzinger tem o seu ponto primeiro cravado sob o coração negro da Bavária: Nossa Senhora das Graças de Altötting. Como relatado, Joseph nasceu e manteve sempre estreito o seu vínculo com a terra natal. O período em solo alemão foi assinalado pela fé vivida no

⁷³⁰ Para a fundamentação deste título verificar a Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, de autoria de João Paulo II.

⁷³¹ SCar 96.

⁷³² RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 57.

ambiente familiar e paroquial. As expressões devocionais estão presentes na sua trajetória desde tenra infância, vem do berço. Criado ouvindo hinos marianos, rezando o terço, o ofício aos sábados, preparando-se como a Virgem no Advento para receber a Palavra, cujas luzes das celebrações natalinas ao alvorecer inundava o espaço sagrado e abriram-se-lhe as angulações de um novo mundo: aquele em que a verdade busca colaboradores.

Como a Virgem, foi compreendendo e palmilhando o seu caminho de fé. Com momentos sombrios, como os do período da guerra, aos de plena e mística presença do Deus vivo, como a confirmação dos seus votos capturados em sua sensibilidade e eternizados na imagem da cotovia que alça um voo na nave da Igreja na sua ordenação.⁷³³ Em virtude da humildade e discrição presentes em sua vida e a firmeza com que sempre defendeu a fé católica, recebeu rótulos negativos. Alguém assim seria capaz de alcançar o anseio popular? Compreender o desejo dos humildes vinhateiros? Perguntavam. Detrás desse quadro, porém, vislumbra-se um doce afeto capaz de erigir uma feição própria da Virgem, em que o enfoque bíblico evita que se volte para uma teologia sentimentalista.

A vida de fé mariana é-lhe modelo. As atitudes, o ser cristão ratzingeriano o demonstram. Colaborar com a verdade, viver de forma simples e humilde, aproximam-no da Virgem, aquela que deixou-se absorver pela semente, renunciou a si mesma para propiciar o “que seria a missão da Igreja ao longo de toda a história: ser morada da Palavra de Deus”.⁷³⁴ O afeto, a nota mariana da sua vida, perenizada nas ave-marias rezadas durante a recitação do rosário, no *angelus*, no ofício, nas festas litúrgicas marianas, nas peregrinações aos santuários marianos, não foi escondido quando alçado ao ministério petrino e culminou com a confissão: “quanto mais velho fico, mais querida e importante a mãe de Deus se torna para mim”.⁷³⁵ E em 15 de agosto de 2005, deixou a voz brotar do seu íntimo:

No céu temos uma mãe. E a Mãe de Deus, a Mãe do Filho de Deus, é a nossa Mãe. Ele mesmo disse isso. Ele constituiu-a nossa Mãe, quando disse ao discípulo e a todos nós: “Eis a tua Mãe!”. No céu temos uma Mãe. **O céu está aberto, o céu tem um coração.**⁷³⁶

O vínculo mais visível e que aproxima o papa-teólogo da Mãe de Deus é o

⁷³³ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 72.

⁷³⁴ RATZINGER, J., *Homilia sobre os santos*, p. 10.

⁷³⁵ RATZINGER, J.; SEEWALD, P., *Dios y el mundo*, p. 278.

⁷³⁶ BENTO XVI, PP., *Homilia na solenidade da Assunção*, 15 ago. 2005.

amor pela humildade em colocar-se à serviço. Até o termo da sua vida, Ratzinger não deixou de assinalar a sua crença no amor misericordioso de Deus e na íntima e indissociável união com a sua Mãe. Reiteradamente afirmava a necessidade de apropriação da verdade revelada. A busca da verdade, que é “um apelo dirigido a nós, que não nos dá direitos, mas, pelo contrário, exige-nos humildade e obediência e conduz-nos no caminho da comunhão”.⁷³⁷

5.9.2

A teologia mariana de Joseph Ratzinger

É perceptível uma evolução orgânica, sinfonicamente estruturada da teologia de Joseph Ratzinger. É apreendida no campo mariológico uma linha de crescimento. Estão presentes princípios ontológicos e antropológicos nos seus textos e não se pode negar a importância dada à cristologia, ao valor da eclesiologia, da pneumatologia e o significado da escatologia nas interrelações com a mariologia, tornando a reflexão mariana mais contundente e visível no tecido concreto do pensamento cristão. Neste processo verifica-se a influência do seu professor Schmaus que afirmara:

Na mariologia confluem estreitamente unidas quase todas as linhas teológicas: a cristológica, a eclesiológica, a antropológica e a escatológica. Nela concorrem quase todas as discussões teológicas atuais. Revela-se o ponto de intersecção das principais afirmações teológicas.⁷³⁸

O olhar permanente para o todo é um requisito básico, afirmado por Ratzinger, para que se compreenda as particularidades da *historia salutis*. Por isso, o itinerário escolhido vai ao interior do Antigo Testamento para extrair as cinco linhas da teologia da mulher. As dimensões aportadas a partir da resposta de Maria, que assinala o início de um novo tempo, vetoriza a indestrutível força espiritual e redentora no pensamento e na fé de Israel, apontando o caráter eterno e irrevogável da Aliança. O retorno à patrística mostrou a riqueza de conteúdo que tem a doutrina da Igreja e, nos seus textos, Ratzinger torna presente esta raiz. Por exemplo, semelhante aos textos agostinianos, nota-se que a preocupação central é Jesus Cristo, mas o papel e a figura da Virgem Maria não são deixados de lado, embora em relação ao todo da obra possam indicar que esta presença é discreta, mas indispensável, como no texto bíblico. A Virgem é o ponto de chegada do Antigo

⁷³⁷ RATZINGER, J., *O Sal da Terra*, p. 75; *Lembranças da Minha Vida*, p. 41.

⁷³⁸ SCHMAUS, M., *Teologia Dogmática*, p. 36-37.

Testamento e primícias da Igreja. Ela concretiza a vocação da antiga Jerusalém e de todo o povo eleito. Continua no céu a sua tarefa, participa das dores e redenção da humanidade. A “apreensão de Maria no mais íntimo da própria vida espiritual e eclesial”⁷³⁹ é o caminho para o nascimento de Cristo. Essa tarefa mariana ilumina a figura da mulher, a dimensão do feminino na Igreja. O sinal da mulher é o da esperança na luta contra os poderes do não a Deus.

Outra contribuição que pode ser enumerada é a sua atitude crítica, ao mesmo tempo construtiva, para conter os excessos devocionais e aparar os desacertos capazes de provocar estranheza nas outras tradições cristãs ou não - preocupação ecumênica, de forma que a veneração mariana se constitua como doxologia, para dar glória a Deus, “assumindo toda a realidade - seja ela humana, histórica ou cósmica - no abraço do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.⁷⁴⁰ Essa preocupação tem como escopo repensar a mariologia a partir da fé trinitária. Maria relaciona-se com a Trindade. O plano salvífico concebido por Deus tem como centro a Palavra eterna gerada no seio da Virgem. “Tornar-se cristão significa ser incluído neste novo começo”.⁷⁴¹

Ratzinger assinala elementos que permitem propor respostas ou pistas às questões pastorais. Mostra que a Igreja ainda precisa assumir o verdadeiro espírito do Vaticano II para responder à missão que lhe cabe no mundo. Critica certas maneiras de renovação que lhe parecem não respeitar a natureza da Igreja e, por conseguinte, desviam o cristianismo da sua missão: anunciar a verdade. Ele olha para Maria como um modelo de educadora do cristão e fonte de inspiração para a pastoral missionária, extraindo significativos ensinamentos das atitudes e intervenções marianas na história do povo de Deus. Ratzinger afirma que “um espelho que apenas mostra a si mesmo já não é um espelho; uma janela que não permite o olhar para a vastidão, mas se coloca de permeio, perdeu seu sentido”,⁷⁴² por isso Maria é uma bússola segura para o caminho de vida do cristão e da Igreja.

No próximo capítulo apresenta-se uma tentativa de sistematização da mariologia de Joseph Ratzinger. A intenção é estruturar de forma coerente as ideias discutidas nesta tese, para proporcionar uma visão compreensiva global do tema,

⁷³⁹ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 55.

⁷⁴⁰ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 469.

⁷⁴¹ RATZINGER, J., “*Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*”, p. 91.

⁷⁴² SEEWALD, P., *Bento XVI, a vida*, p. 955.

em um esforço de estabelecer conexões e fortalecer a argumentação proporcionada por este trabalho.

6

Ensaio de sistematização da mariologia de Joseph Ratzinger

Da devoção familiar à discussão teológica, o itinerário mariano e mariológico de Joseph Ratzinger traz as marcas do percurso de Maria no Século XX. O lugar da mariologia no complexo da fé e da teologia recebe, da produção teológica desse teólogo, contribuições cujas características gerais se ensaia sistematizar neste capítulo. Trata-se de uma tentativa que, pela natureza da abordagem, torna este capítulo mais conciso. Ele busca uma visão sintética, ou seja, uma forma articulada e resumida de apresentar os principais aspectos da mariologia ratzingeriana.

6.1

As fontes da formulação teológica da mariologia ratzingeriana

A mariologia de Ratzinger é caracterizada por um pensamento brilhante, lúcido, cujos traços estão vivamente ligados à fé da Igreja, em que “Deus é o tema central”,⁷⁴³ sublinhando o primado da verdade, a sabedoria que conduz ao Deus anunciado por Jesus Cristo. É fundamentada na Escritura, reverbera as influências dos Padres da Igreja, defende a doutrina como meio legítimo de transmissão e uma investigação teológica a partir do dado revelado e da Tradição. A sua defesa resoluta da fé católica finca raízes em favor de uma fé racional, em que o discurso, inclusive sobre Maria, busca os valores do alto, nos quais a dignidade humana encontre plenitude, que perceba Deus como a essência do existir humano.

A finalidade desse percurso não está associada somente em torno de obter um *intellectus fidei* elaborado racionalmente, mas, sobretudo, em apresentar uma resposta inteligível às questões atuais que afetam a sociedade, o ser humano. Por isso, dialoga com a ciência e com a filosofia, acredita que o bem-estar será alcançado quando a absorção de um modelo crítico de convergência entre fé e razão for acolhido e prevalecerem os fundamentos éticos, cujo espelho é o Filho de Deus. O núcleo cristológico presente na mariologia é determinante para a compreensão do mistério da Igreja e não se pode pensar em desligar essa profunda conexão. O

⁷⁴³ RATZINGER, J., *Lembranças da minha vida*, p. 94.

mistério de Maria é concêntrico ao de Jesus. Assim, sua mariologia se articula fundamentalmente: cristocentrada e, em consequência, eclesiotípica.

Ratzinger recorre amplamente às passagens bíblicas que se referem a Maria. É visível a sua atenção para conferir uma ancoragem bíblica à mariologia. A sustentação está registrada nas referências bíblicas utilizadas com maestria, sejam as mais comuns ou até mesmo aquelas passagens julgadas, por muitos, à primeira vista, antimarianas, como foi ponderada por esta investigação, pois na teologia é essencial apresentar os dados com seu fundamento bíblico. Demonstrar essa aderência exhibe a concentricidade do mistério mariano com o de Cristo. Esses fios do discurso ratzingeriano são sendas vigorosas que amparam, conectam e abraçam os acontecimentos salvíficos à luz da graça divina.

Ao adotar a interpretação teológica, Ratzinger procura “a única voz do conjunto, a identidade interna que suporta e une a totalidade da Escritura”,⁷⁴⁴ para que, ante as tensões existentes decorrentes do longo período de formação, o texto bíblico seja compreendido naquilo que fala sobre Maria. A interpretação teológica abarca o momento histórico da concepção dos textos como parte de um conjunto, escuta a polifonia e os envolve em sua recíproca ordenação⁷⁴⁵ e nesse contexto, a verdadeira função da mariologia tem o seu rizoma no justo equilíbrio da presença mariana no mistério de Cristo e da Igreja.

Ratzinger vê as declarações do Magistério como uma fonte segura para guiar a reflexão sobre a importância de Maria na história da salvação e o lugar que ela ocupa na Igreja. Nesse contexto, entende que é essencial estimular a fé mariana da Igreja, um terreno fértil para o anúncio da verdade, da caridade. “O fato de amar a Palavra de Deus, trazê-la no coração, meditá-la dia e noite, deixar-se inteiramente penetrar e animar por ela”,⁷⁴⁶ mostra o caminho mariano para alcançar os céus, atesta a inevitabilidade de que a teologia seja interpretada de forma convincente e em estrito vínculo com a revelação bíblica.⁷⁴⁷ Não à toa, desde as querelas cristológicas primeiras, como descritas nos capítulos iniciais desta tese, a Igreja recorre e expõe o amplo arco da criação e da história da Salvação, explicitando a

⁷⁴⁴ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 35.

⁷⁴⁵ RATZINGER, J., *O Sinal da Mulher. Ensaio de Introdução à Encíclica “Redemptoris Mater”*, p. 36.

⁷⁴⁶ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 70.

⁷⁴⁷ Sobre o contexto bíblico da disciplina, ele proferiu uma conferência que depois foi recolhida e publicada como o primeiro capítulo do livro *A Filha de Sião*.

sua verdadeira fonte, que é o próprio Deus.

6.2

Maria na História da Salvação

Maria precedeu a entrada de Cristo no seio da humanidade, “apareceu antes de Cristo no horizonte da história da salvação”⁷⁴⁸ e não tem um papel periférico na história da Aliança. Segundo a Sagrada Escritura, o evento salvífico é a autocomunicação de Deus que se desdobra na história, tem seu centro e seu auge em Jesus Cristo (Dt 26,5-10; Js 35,1-13 e Hb 1,2). Ratzinger adota o enfoque histórico-salvífico evitando o isolamento dogmático da mariologia, assumindo um caráter econômico e soteriológico. Ele observa que ler a Escritura como unidade, buscando aquilo que é verdadeiro, leva a compreender o protagonismo e a essencialidade da presença mariana. A Virgem cumpre o seu papel ajudando a compor a unidade da própria economia salvífica, e a resposta dada ao chamado divino, inclui a Antiga na Nova Aliança. Ela foi posta como ponto de junção entre as duas alianças e se engaja como viga interna do arcabouço da fé cristã. “Em Maria, enquanto resto santo, Antiga e Nova Aliança são uma coisa só”.⁷⁴⁹

Ratzinger compreende a participação mariana no plano de salvação como desígnio (dom, graça) e iniciativa do Pai e, de igual modo, procura demonstrar que Maria está associada à missão do seu Filho pela ação do Espírito Santo. Afirma que a vida inteira de Maria possui característica salvífica, enquanto pleno acolhimento e disponibilidade total à colaboração. Para o teólogo bávaro, a resposta positiva de Maria colaborou efetivamente na realização do plano salvífico de Deus. Ao acreditar, com a firmeza de uma fé plena e correta, ela triunfou ante todos os erros e, “desatou os nós da desobediência”. “Acreditar quer dizer ‘abandonar-se’ à própria verdade da Palavra do Deus vivo, sabendo e reconhecendo humildemente ‘como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos’”.⁷⁵⁰

Nessa conjuntura, a mãe de Jesus, pela proximidade, por graça e eleição, exerce missão e papel fundamentais. A lógica encarnatória é “transformadora a partir de dentro do ser humano e da história - é a partir daí que Deus suscita uma vida nova e um futuro insuspeitado”.⁷⁵¹ De fato, Maria é fundamental para a

⁷⁴⁸ RM 3.

⁷⁴⁹ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 51.

⁷⁵⁰ RM 14.

⁷⁵¹ PEDROSA-PÁDUA, L., *Teologia Mariana: Contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus*, p. 478.

história da salvação, é força unitiva e a sua presença testemunha a existência do grande amor: Deus quer a colaboração humana, ama a humanidade e não hesita em enviar o seu próprio Filho para salvá-la. Ratzinger afirma que “sem Maria a entrada de Deus na história não teria atingido o alvo, e, portanto, não teria alcançado aquilo que importa no Credo, o fato de Deus ser um Deus conosco e não um Deus em si e para si próprio”.⁷⁵² A mulher humilde, anônima, é colocada no centro da confissão do Deus vivo, que não pode ser pensado sem ela.

Abarcando essa trajetória, conforme expôs Masciarelli, Ratzinger vê entre duas graças a existência de Maria, envolta na caridade do Deus trinitário. A primeira é a redenção da perfeita origem, a concepção imaculada que aponta para o decurso final, a assunção. Esta, a graça da gloriosa conclusão, símbolo da escatologia cristã. É a antecipação da perfeita meta. Como afirma o teólogo italiano “a humanidade estava destinada a ser imaculada, e sempre é chamada a ser glorificada”.⁷⁵³

Dessa forma, Ratzinger estrutura uma mariologia histórico-teológica onde a Mãe de Jesus aparece como o mais perfeito cumprimento do desígnio de Deus, cujo valor não está cingido à importância de sua figura histórica, mas se amplia à totalidade de sua vida, que assim está sempre em estreita ligação com o seu Filho, Redentor da humanidade. A trajetória histórico-teológica é o meio mais adequado para conhecer a Mãe do Salvador em sua dimensão humana e captar o alcance da sua colaboração na obra redentora.

6.3

Maria na hierarquia das verdades de fé

A presença de Maria é essencial à fé, pertence ao tálamo da arquitetura orgânica do cristianismo. Só é possível falar corretamente da Mãe de Jesus quando se está posicionado no interior da fé. As verdades sobre Maria, o depósito mariano da Igreja é muito mais amplo e ramificado do que as verdades que foram dogmatizadas. Ratzinger constrói a sua teologia, que não tem um fim em si mesma, mas existe e abre janelas para Deus. É teológica e traz ínsita na questão mariana sempre a questão sobre Deus, isto é, “o mistério de Maria conserva a verdade sobre o mistério sobre Deus e sobre a economia da salvação”.⁷⁵⁴ Traz para a mariologia um passo especificamente qualitativo quando aprofunda verdades - já conhecidas e

⁷⁵² RATZINGER, J., “*Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*”, p. 81.

⁷⁵³ MASCIARELLI, *Il Segno della Donna*, p. 18, tradução nossa.

⁷⁵⁴ STAGLIANÓ, S., *Madre di Dio*, p. 32.

com formulações dogmáticas -, desdobrando suas raízes bíblicas ao mostrar, por exemplo, o contexto bíblico da mariologia e da fé mariana na obra *A Filha de Sião* e o lugar da piedade e da mariologia em *Maria, Primeira Igreja*; as bases patrísticas e o constante apelo à necessidade para buscar as orientações da Liturgia.

Nos seus escritos percebe-se não só essa centralidade de Cristo, como também a importância dada a Maria. As verdades de fé estão entrelaçadas e umas se explicam por outras. Ratzinger argumenta que a eliminação ou negação de uma verdade de fé é nociva, pois desequilibra o edifício da fé, abrindo a possibilidade de rejeição de outras afirmações e, nesse sentido, na esteira dessa intricada estrutura, aduz que as verdades divinas sobre Cristo como foram reveladas e comunicadas são semelhantemente verificadas nas verdades proclamadas sobre a sua Mãe.

Ratzinger, consciente do esforço dos Padres Conciliares, em consonância com o princípio da hierarquia das verdades, entende que o mistério mariano é posto em um nível diferente; que as verdades são integradas dentro das categorias doutrinárias e classificadas conforme a sua relação direta com o núcleo da fé. O conceito de hierarquia das verdades presente no decreto *Unitatis Redintegratio* refere-se à ideia de que, dentro do conjunto das verdades da fé católica, algumas são mais centrais do que outras devido à sua relação direta com o fundamento trinitário-cristológico da fé cristã. O Decreto adverte os teólogos católicos para que ao compararem as doutrinas “lembrem-se de que existe uma ordem diferente ou ‘hierarquia’ nas verdades da doutrina católica, sendo diferente a conexão que têm com o fundamento da fé cristã”.⁷⁵⁵ Neste sentido, a mariologia ratzingeriana se calibra bem: Maria não é o centro da fé, lugar evidentemente trinitário e cristológico. Mas ocupa lugar central, pois o desígnio trinitário e o evento cristológico se cumpre e se realiza nela e com sua colaboração.

6.4

Maria na articulação orgânica da teologia

A mariologia de Ratzinger está integrada com os diversos tratados teológicos. Ele defende uma estreita conexão com eles. O discurso sobre Maria acentua o *nexus mysteriorum* - a conexão interior dos mistérios no seu face a face e na sua unidade, reconhece a realidade teológica entre Cristo e sua Mãe, assim como a classificação

⁷⁵⁵ UR 11.

tipológica erguida ao longo da história cristã, que aproxima Maria e a Igreja. A estrutura procura uma organicidade desse discurso com o todo da teologia a fim de evitar as dificuldades e desvantagens de uma edificação autônoma e de um desenvolvimento unidimensional da teologia mariana. Propõe uma espiritualidade sólida, que denote o aspecto próprio da espiritualidade cristã.

Portanto, a mariologia não pode ser deixada de lado ou isolada dos outros mistérios. O princípio mariano,⁷⁵⁶ a dimensão mariana da fé católica, não pode ser desconsiderado porque não se pode pensar Cristo sem Maria. Essa indissociabilidade foi querida pelo próprio Deus ao eleger Maria como mãe para o seu Filho. Sua maternidade divina é um ponto central que enfatiza a plena humanidade e divindade de Jesus. Esta é a razão primordial para que não se exima o aspecto mariano da missão e da pastoral. O lugar ocupado por Maria “sempre foi essencial para o equilíbrio da fé, e hoje é urgente encontrar aquele lugar como em poucas outras épocas da história da igreja”.⁷⁵⁷ A Mãe de Jesus “brilha como sinal de esperança segura e de consolação”⁷⁵⁸ para todos. É um farol que guia a Igreja peregrina rumo à sua destinação final: contemplar a face de Deus.

A sentença, em harmonia com a LG, de que não se pode pensar em Cristo sem Maria, é o alicerce da sua teologia mariana, mostrando que ela entrelaça os saberes teológicos. Maria é uma realidade que em si é discreta,⁷⁵⁹ contudo, espalha-se e se faz essencial em toda a teologia católica.⁷⁶⁰ Ratzinger destaca a importância do relacionamento com Maria explicitando a essencialidade dela para o cristianismo, enfatizando o duplo vínculo com os mistérios de Cristo e da Igreja.

Ao tratar do lugar da mariologia na totalidade da teologia em sua obra *Maria, Primeira Igreja*,⁷⁶¹ relembra que G. Söll propugnou que não se deve falar de uma doutrina sobre Maria construída somente a partir da eclesiologia, mas coordenada com a cristologia e a soteriologia. Ratzinger, entretanto, reafirma que a decisão conciliar de incluir o tratado mariano no documento sobre a Igreja foi justa e

⁷⁵⁶ Por princípio mariano adotou-se o conceito formulado por Leahy, a partir da obra de Von Balthasar, como “aquela dimensão da Igreja que continua e ressoa o sim de Maria a Deus”. LEAHY, B., *O princípio mariano na Igreja*, p. 15. Esse perfil mariano da Igreja foi reconhecido por João Paulo II na Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, como fundamental e caracterizante tanto quanto o perfil apostólico e petrino, MD 27, nota 55.

⁷⁵⁷ MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 155.

⁷⁵⁸ LG 68.

⁷⁵⁹ RM 3, 19, 24.

⁷⁶⁰ MESSORI, V., *Hipóteses sobre Maria*, p. 247.

⁷⁶¹ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 22-25.

salienta que as afirmações sobre Maria “foram em primeiro lugar necessárias a partir da cristologia e se desenvolveram no seu quadro”⁷⁶² embora não fossem mariologia, pois permaneceram uma explicação cristológica. Essa confluência não pode ser ignorada e ele não vê possibilidade de ordenar a mariologia exclusivamente à cristologia ou à eclesiologia.

Maria expropriou-se “de seu núcleo mais íntimo, de sua ‘consciência’, para dar lugar à Palavra de Deus”⁷⁶³ e, portanto, dar à Mãe de Jesus o seu lugar no arco da fé e no espaço teológico, impedindo que a aridez e o rigor científico a impeçam de ocupar na fé cristã o papel para o qual foi eleita pelo Divino Criador é uma tarefa também permanente. Esta advertência foi feita pelo Cardeal em 1978, no Equador. É válida, ainda hoje. Ratzinger aponta que o sentido do pensamento patrístico tipológico é reconhecível através da figura pessoal e insubstituível de Maria, que garante à fé a sua esfera afetiva. Ele afirma que “a mariologia não pode nunca ser simplesmente absorvida na objetividade prática da eclesiologia”.⁷⁶⁴ Esse enraizamento afetivo com todo o coração - *ex toto corde* - ao Deus e ao seu Cristo torna impossível a dissociação de Maria e seu Filho e a faz “vencedora de todas as heresias”.⁷⁶⁵

Maria desempenha um papel central e integrador na teologia cristã, conectando e enriquecendo várias áreas teológicas através de sua pessoa e missão. Pode-se afirmar que as teias do mistério mariano estão entretecidas com os outros mistérios em um perfeito e sincrônico movimento que permite perceber em Maria o modo do agir divino e a sua resposta modelar às intervenções de Deus na história da salvação. O foco em Maria torna mais claro o vínculo entre os padrões da cristologia e os da eclesiologia. Por isso, não se pode deixar de acentuar a relação mariana com Cristo e a Igreja. É por esta razão que a mariologia é um ponto de articulação de toda a teologia.

6.5

Maria, Primeira Igreja

⁷⁶² RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 23.

⁷⁶³ BALTHASAR, H.U., *Maria para hoje*, p. 41.

⁷⁶⁴ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 21.

⁷⁶⁵ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 22.

A teologia mariana de Ratzinger é eclesiológica. Para ele, a teologia católica deve expressar a fé da Igreja e defender a fé dos simples contra o poder dos intelectuais, a quem foram ocultadas coisas, reveladas aos pequeninos (Mt 11,25). Ressoando a fala de Jesus, uma fé simples porque crê em Deus, abarca mais. “A Palavra está sempre presente, chamando os homens para si e fazendo que sejam *Ecclesia*”.⁷⁶⁶ Este caráter eclesial da palavra é lembrado por Ratzinger que vê Maria como a “Primeira Igreja”. A Igreja e Maria não são a palavra de Deus, mas a recebem, a acolhem e a anunciam, tornando-a presente. “O ser divino de Jesus é a ação de Deus, o seu ato, que é a base da atualidade”.⁷⁶⁷

Ratzinger vê a grandeza de Maria, a mulher da fé, a serviço do amor, em sua estreita comunhão eclesial. Ela é o símbolo do Reino de Deus. Ela é para a Igreja o modelo para atualizar na história, o amor, a justiça e a misericórdia divina. Maria é aquela que atinge o coração de Deus e com o seu sim, muda o rumo da humanidade. A medida perfeita do seu ser reside no fato de que “ela vive de tal maneira que é permeável a Deus, habitável por ele, [...] se torna um lugar para Deus”.⁷⁶⁸ É aquela que ao dar lugar à presença de Deus em sua vida, assume a alegria real, verdadeira, que não se funda em coisas que se nos podem destruir, mas afiança-se em mãos seguras, porque está incluída no Senhor.

Na perspectiva eclesial, em que a Igreja é considerada como sacramento de comunhão da humanidade com Deus,⁷⁶⁹ Maria se torna imagem dessa função,⁷⁷⁰ modelo da fé e da caridade por sua adesão total à vontade do pai, à obra redentora do seu Filho e às moções do Espírito Santo. O aspecto escatológico-soteriológico da Igreja em Maria foi compreendido quando Ratzinger, revisando as decisões da segunda sessão do Concílio, explanou que “a mariologia torna-se eclesiologia, o que significa que na ideia de Igreja há também a *Ecclesia celestis*, a Igreja dos bem-aventurados, dos salvos, e que por meio desta, a ideia espiritual e escatológica da Igreja pode ser reforçada”.⁷⁷¹ Afirma que Maria, como herança de Israel, encarna a Igreja dos pobres. Guia a sua peregrinação como uma serva, sendo capaz de manifestar a promessa e a proximidade do próprio Deus.

⁷⁶⁶ RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, p. 21.

⁷⁶⁷ RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, p. 46.

⁷⁶⁸ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 65.

⁷⁶⁹ LG 1.

⁷⁷⁰ LG 63-64.

⁷⁷¹ BLANCO, P., *María en los escritos de Joseph Ratzinger*, p. 315.

A convergência dos movimentos retorno às fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas provocou a necessidade da renovação da consciência histórica do cristianismo, passou a exigir uma mariologia mais fiel aos dados escriturísticos, mais atenta à liturgia e proposta em relação com a totalidade do mistério cristão, evitando qualquer isolacionismo. Igualmente, o movimento eclesiológico, que contribuiu para a reconsideração e a real compreensão da relação entre Maria e a Igreja, defende que o mistério mariano seja visto como parte da totalidade do mistério cristão integrado no todo da teologia,⁷⁷² assumindo a localização eclesiológica-cristológica indicada pelo Vaticano II.

Na esteira desse processo, Joseph Ratzinger posicionou-se na linha de frente, defendendo a renovação eclesiológica, em que a mariologia localizasse Maria no contexto eclesial, não acima ou fora dele, mas na Igreja e para a Igreja. Esta atitude foi por ele assumida já no curso de Mariologia de 1957; durante o Concílio Vaticano II na elaboração do capítulo VIII da LG, quando cerrou fileiras com o grupo denominado eclesiotípico; nos seus escritos e nas suas falas como pontífice. Isto, porém, sem ver como contrapostas as duas tendências - eclesiotípica e cristotípica. Assim sendo, aparece a função essencialmente unitiva e de comunhão da Virgem em relação aos mistérios da fé, que sustenta a afirmação de que há um elemento da fé mariana que deve permanecer e ser reassumido.

Ao referir-se à ligação tipológica Maria-Sião, realça que “Maria vive a totalidade do que é significado por Sião”, isto é, vive de tal maneira que se torna um lugar para Deus e a identificação tipológica é teológica, “é realidade espiritual, vida vivida a partir do espírito da Sagrada Escritura”.⁷⁷³ O que é dito na Bíblia a respeito da Igreja serve para Maria e vice-versa. O que a Igreja é e deve ser, aprende na contemplação de Maria. Ela existe para ser habitada por Deus no mundo. No encerramento do XXIII Congresso Mariológico Mariano Internacional, o papa Bento XVI externou, seguindo as pegadas teológicas ratzingerianas, esse mesmo posicionamento, afirmando que a figura de Maria se manifesta em toda a sua beleza e singularidade quando “relida e reproposta a partir da Palavra de Deus, dos textos

⁷⁷² RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 17. Ratzinger afirma: “Do ponto de vista teológico, há sem dúvida alguma que dar razão à maioria liderada pelo cardeal König.” O cardeal defendia a integração dos textos, a preeminência da piedade e da teologia litúrgico-bíblica.

⁷⁷³ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 65.

da tradição patrística e litúrgica, mas também da ampla reflexão teológica e espiritual”, “estritamente inserida nos mistérios fundamentais da fé cristã”.⁷⁷⁴

Desde a sua primeira incursão conhecida no campo mariológico, o teólogo bávaro identificou Maria como o solo da Igreja, anuindo o significado salvífico de sua presença e do seu múnus na história da salvação da humanidade, que imprimiu o sinal feminino e permanente no cristianismo, inaugurando no âmbito cronológico, ao permitir a entrada do Filho de Deus, o *kairós*. Embora um meio frágil, Maria reconhece ao ser eleita a sua humildade (Lc 1,48) e exalta a doação da riqueza da graça divina, que transforma a impotente e fraca criatura humana no coração do cristianismo, cuja existência inteira mostra-se como sinal de segura esperança para a humanidade.⁷⁷⁵ Maria é o solo santo no qual nasceu a Igreja, “a nova família de Jesus, como a Jerusalém viva e sua fé é o meio de proteção contra os poderes ameaçadores do caos que querem destruir o mundo”.⁷⁷⁶

6.6

Aquela que acreditou: exemplaridade de Maria na fé

Como reflexo do processo gradual da consciência de Maria como colaboradora na história salvífica, ganha relevância a concretude histórica do vínculo mariano com a humanidade, permitindo uma justa apreciação do papel da Virgem, mulher livre, consciente e responsável, “a mulher que reverbera os dados da fé”.⁷⁷⁷ Ao acentuar os dados bíblicos e as atitudes concretas presentes no agir de Maria, Ratzinger faz emergir o aspecto antropológico à luz do valor perene que a verdade divina possui. Aproxima-a do crente em uma chave antropológica e ecumênica, evidenciando o impacto da Virgem nas atitudes, valores e experiências culturais das gerações. Maria é a mulher do fim da espera messiânica. Torna-se a Mãe do Redentor e inaugura um novo tempo. É uma inspiração para o crente que nela enxerga a mais perfeita conformidade cristológica, a mais excelsa criatura e, por esta razão, síntese da proposta antropológica cristã.

Na esfera antropológica torna-se visível os binômios Esposa-Esposo, Cabeça-Corpo, porém, Maria é antes de tudo Mãe, Mulher. Converte-se em um ícone para a Igreja e para cada cristão como modelo das virtudes. Assim, Maria se torna a Mãe

⁷⁷⁴ BENTO XVI, PP., *Discurso aos participantes do XXIII Congresso mariológico mariano internacional*, 08 set. 2012.

⁷⁷⁵ LG 68.

⁷⁷⁶ RATZINGER, J., *Miremos al Traspasado*, p. 133.

⁷⁷⁷ LG 65.

dos Crentes. É a própria filha predileta, com uma vida inteiramente fecundada na Palavra, que se coloca à disposição de Deus, revela a imagem da exemplar discípula, Mãe de Cristo e de todos os crentes que se colocam sob os auspícios pascais, dispostos a caminhar juntos rumo à Jerusalém celeste.

Ratzinger destaca a disponibilidade exarada no *fiat*. Maria recebeu o anúncio do Anjo e recebeu-o porque estava aberta à escuta de Deus. Respondeu por ela e em nome de todo o povo. Em sua humildade permitiu que Deus se fizesse pessoa em seu ventre. Além de refletir a obra de Deus ao expressar a sua adesão ao convite divino, esse acolhimento e obediência integral à vontade de Deus a faz *Theotókos*, a perfeita discípula, a colaboradora da obra da salvação, a Mãe da Igreja, e representa a liberdade da criatura.

No evento sublime da encarnação do Filho, Deus se confiou ao ministério, livre e ativo de uma mulher. A resposta de Maria é obra da graça, “é o sim definitivo à própria criação”,⁷⁷⁸ expressão do dom, da gratuidade do amor divino. Maria é “um exemplo correto e exemplar da relação com Deus”.⁷⁷⁹ Com ela ocorre o encontro mais pessoal de Deus com os homens. Ele “inicia os caminhos mais íntimos de presença” no seio da humanidade.⁷⁸⁰ Por esta posição central à qual foi lançada pelo próprio Deus, não se pode afastar o dado mariano da reflexão teológica séria.

Maria é de suma importância para a fé cristã, para inspirar a humanidade a fazer a vontade do seu Filho. Ratzinger reafirma a maternidade divina como o primeiro princípio. Reforça a colaboração de Maria na história da salvação, o protagonismo que a associa à obra do Filho e, ao pé da cruz, por vontade dele, destaca a nova missão mariana, a maternidade espiritual. Todas essas configurações exemplares devem ser expostas na caminhada pastoral da Igreja, possibilitando o caminhar juntos rumo ao novo céu e nova terra.

A exemplaridade de fé de Maria pode ser descrita através de diversos aspectos que ilustram suas virtudes e sua total entrega a Deus: Maria acolhe a palavra do Anjo, acredita no anúncio e decide, total e incondicionalmente, participar do plano salvífico (Lc 1,38); ao visitar Isabel, eleva o seu *Magnificat* pelas maravilhas que nela se realizavam (Lc 1,46-55); medita e procura discernir os fatos na busca de

⁷⁷⁸ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 26.

⁷⁷⁹ MASCIARELLI, M., *Il segno della donna*, p. 33.

⁷⁸⁰ RM 39.

compreender os mistérios divinos (Lc 2,19-51.); com fé e confiança inabaláveis enfrenta os desafios em sua *peregrinatio fidei*; com a mesma fé, segue Jesus na sua pregação e permanece ao seu lado no Gólgota (Jo 19,25-27); com fé experimenta os frutos da Ressurreição e coloca-se em oração e comunhão com a comunidade nascente reunida no Cenáculo para receberem o Espírito Santo (At 1,14; 2,1-4). Resumindo, a fé de Maria é um paradigma para a comunidade cristã. São várias dimensões da vida da Mãe de Jesus que inspiram e guiam os cristãos na caminhada espiritual.

6.7

Maria, Filha de Sião: a exemplaridade da mulher

A nova concepção antropológica, sem dúvida, foi o aspecto que passou a exigir da teologia, após o Concílio Vaticano II, um discurso da fé mais sensível às agruras humanas, nas suas mais variadas dimensões, em que o dado feminino foi abraçado como “sinais do tempo”. Ao encampar essa temática, Ratzinger ressignifica o conceito de salvação e graça. A plenitude da graça não tira Maria da condição de verdadeira mulher. Ela precisou enfrentar dificuldades, esforçou-se para compreender as revelações do seu Filho, peregrinou na fé. A sua abertura e docilidade ao Espírito Santo pavimentaram o caminho.

Em sua gramática narrativa, Ratzinger desborda essa relação em que o pensamento tipológico histórico-salvífico é o viés relevante e as relações com o testemunho veterotestamentário é observado: Maria é a mulher do começo dos tempos (Gn 3,15), do mesmo modo é a mulher da plenitude dos tempos (Gl 4,4). Repercute reflexos da mariologia patrística, obviamente com destaque para a inflexão do pensamento agostiniano. Os traços da mariologia agostiniana podem ser apontados pelo dado mais doutrinal que devocional.

Ratzinger interpreta e lê o texto bíblico por inteiro, como um todo, donde extrai as linhas que tecem a sua visão mariana: a tipologia de Maria como a “Filha de Sião”, que coroa a linha das grandes mulheres do texto sagrado, que tem o marco inicial em Eva, a mãe dos viventes. Assinala, assim, a vertente antropológica do seu pensamento: os aspectos de Maria, mulher; mulher de fé, crente e discípula, presentes no mistério de Cristo, colaborando na história salvífica.

Ao indicar as imagens protomarianas do Antigo Testamento, como as grandes mulheres e as profecias, Ratzinger desvela o tema mariano que percorre uma

trajetória tantas vezes assinalada: a preparação tropológica, tipológica e anagógica. O discurso teológico usa categorias e esquemas teóricos para exprimir o seu conteúdo. Para compreensão da Escritura é preciso apreender, além do literal, o “triplo sentido espiritual da Escritura o sentido alegórico, anagógico e tropológico, tríade que é compreendida por analogia com as três virtudes divinas, a fé, a esperança e a caridade”.⁷⁸¹

Pode-se entender que o sentido literal se refere aos acontecimentos. O alegórico é um método de interpretação que busca encontrar os significados simbólicos ou espirituais, além do sentido literal, ao que se crê. O tipológico é uma forma específica da interpretação alegórica, trata, por exemplo, das prefigurações e correspondências entre o Antigo e o Novo Testamento. O sentido tropológico ou moral indica o que se deve fazer. Refere-se à interpretação que aplica exemplos das Escrituras à vida pessoal e à conduta moral dos fiéis. Por fim, o sentido anagógico está relacionado à doutrina da salvação, aponta para as realidades eternas. Este sentido eleva a compreensão do texto bíblico para a dimensão da esperança última, ao para onde caminhamos, o destino final.⁷⁸²

Joseph Ratzinger aborda esses conceitos na compreensão do papel desempenhado, na história da salvação, pelas grandes mães do Antigo Testamento. Ele entende que elas são um prelúdio e uma preparação espiritual que encontram o seu cumprimento e realização plena na Mãe de Jesus. No plano amoroso divino, Deus escolhe um povo, uma raça, da qual fará nascer o seu Filho.

Na preparação tipológica aparecem as mulheres favorecidas com nascimentos milagrosos, cuja culminância se dá em Maria, que simboliza a Filha de Sião, o resto santo de Israel, a mulher das profecias (Sf 3, 14; Is 7,14; Jer 31,22). Sob o aspecto tropológico, Ratzinger vê nessas mulheres modelos de virtudes, que exemplificam fé, esperança, obediência e perseverança diante das dificuldades. A preparação anagógica refere-se a compreensão de que estas mães não apenas prefiguram Maria em um sentido histórico, como a mãe de Jesus, mas também apontam para uma realidade transcendente e eterna. Ratzinger conecta as experiências e virtudes dessas figuras femininas a uma dimensão mais profunda, onde Maria se torna um ícone da Igreja, mãe da nova humanidade redimida e a intercessora celestial. Tudo isso porque “a figura da mulher na estrutura da fé e da piedade veterotestamentária

⁷⁸¹ RATZINGER, J., *A Teologia da História de São Boaventura*, p. 109.

⁷⁸² LIBÂNIO, J.B.; MURAD, A., *Introdução à Teologia*, p. 77.

ocupa um lugar especial, insubstituível.⁷⁸³

O teólogo alemão destaca e usa a teologia esponsal para identificar, na relação entre Deus e Israel, que este participa com características femininas. Dessa relação matrimonial, concretamente em Maria, Deus manifesta que sua comunhão mediada pela Palavra, é graça, gratuidade. Ratzinger indica que se realizam plenamente no mistério mariano os três aspectos femininos, de Esposa, Mãe e Virgem apontados por profetas, que falavam de uma “Filha de Sião” como representação do mistério do povo de Israel. Diz o Senhor: “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!” (Sl 2,6) e “darei a Israel a minha glória” (Is 46,13). Em suas reflexões, volta-se para a personificação como síntese do princípio da mulher, como elemento constitutivo da Aliança que se dá em Maria, “aquela que, por graça, serve à redenção da humanidade ao engajar-se na humanização de Deus”.⁷⁸⁴

Ratzinger segue as orientações contidas na MC e partilha da intuição de João Paulo II⁷⁸⁵ que afirma Maria como expressão suprema da liberdade humana na cooperação do ser humano com Deus. Logo, é um espelho para que cada mulher veja nela o segredo da feminilidade e da sua correta promoção. Vê e apresenta Maria nessa ótica, onde a feminilidade é considerada como categoria fundamental, desvinculando a leitura do mistério mariano dos mutáveis contextos culturais para ancorá-la na concepção da LG. Ratzinger defende esse posicionamento no ensaio sobre a *Redemptoris Mater*,⁷⁸⁶ quando traça de forma positiva a linha feminina na Escritura. Maria, pela graça, é o início de uma nova história associada à pessoa e obra do seu Filho, tornando claro o significado da linha feminina, a relevância religiosa do elemento feminino-mariano na Igreja.

A visão ratzingeriana do papel mariano realça que não é permitido eliminar o elemento feminino da mensagem cristã, o que seria uma redução antropológica. O feminino é parte do núcleo da religião cristã⁷⁸⁷ e, portanto, “suprimir a mulher do conjunto da teologia” é abolir a Revelação, negar as teologias da criação e da eleição. Enfim, extirpar o elemento mariano conduziria a uma “concepção solitária

⁷⁸³ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 10.

⁷⁸⁴ PEDROSA, L., *Teologia Mariana: Contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus*, p. 497.

⁷⁸⁵ RM 46.

⁷⁸⁶ Ensaio publicado no livro *Maria, Primeira Igreja*, p. 33-58, referido anteriormente.

⁷⁸⁷ SEEWALD, P., *Dios y el Mundo*, p. 283.

da atuação de Deus”, desenraizaria a relacionalidade, isto é, o nosso Deus deixaria de ser o Emmanuel, Deus conosco.

Vê-se, portanto, a preocupação de Ratzinger com o papel da mulher, buscando valorizar, recuperar e redimensionar a presença feminina na Igreja, para uma adequação à sensibilidade e à capacidade de compreensão para a vida da humanidade sob a ótica da mulher de hoje. Ratzinger acolhe a presença ativa, insubstituível e fiel da mulher, a quem Deus confiou o seu Filho, reconhecendo a importância da prontidão e do elemento feminino. Ou seja, que é necessário equilibrar o pêndulo da história na radical equivalência da horizontalidade da dignidade humana, marcada pela excelência da verticalidade da incidência divina na criação. Ambos, homens e mulheres, foram criados à semelhança de Deus e “a luz de Cristo quer iluminar a noite do mundo com a luz que somos nós”.⁷⁸⁸ A dignidade do feminino está no mesmo plano que a do masculino.

6.8

A devoção mariana

É de fácil constatação a variedade de formas existentes, nas diversas culturas, da relação com a Virgem Maria. A gama de maneiras provém da múltipla compreensão da eclesiologia, da soteriologia, da pneumatologia, da escatologia e mesmo do pensamento cristológico presente nessas culturas. Nesta tese descreveu-se o cristocentrismo da espiritualidade e o desenvolvimento da piedade mariana de Joseph Ratzinger. O eixo teológico central é Cristo em toda a sua dimensão: o Deus revelado na Sagrada Escritura, o Deus presente na liturgia, o Deus vivo e atuante na Igreja. Ele indica que a devoção popular mariana deve ser orientada cristologicamente, evitando tanto o extremo sentimentalismo, assim como a estreiteza da assepsia minimalista.

Ratzinger reconhece que a piedade para com a Virgem possui uma grande força pastoral e se constitui um impulso inovador dos costumes cristãos como explicita a MC 31,⁷⁸⁹ mas alerta que a correta devoção mariana precisa assegurar à fé a convivência indispensável da razão, com as igualmente indispensáveis razões que aquecem o coração.⁷⁹⁰ Aponta que não se trata de taxar as manifestações

⁷⁸⁸ RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, p. 320.

⁷⁸⁹ O número recorda a SC que indica harmonizar as práticas de piedade com a Liturgia; recomenda não desprezar os exercícios de piedade; e a evitar o hibridismo dos exercícios piedosos com os atos litúrgicos.

⁷⁹⁰ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 158.

devocionais como certas ou erradas, mas de identificar se elas são capazes de favorecer a adesão a Jesus, se estão sintonizadas e abertas a dialogar com o mundo sem perder a sua identidade católica.⁷⁹¹

Côncio de que é imperativo para o mundo voltar-se àquele momento decisivo, da plenitude dos tempos, no qual Deus se fez homem, Ratzinger propõe volver o olhar para a fé mariana. Maria acolheu a Palavra e no silêncio ativo que grita ao mundo a verdade da luz divina, torna-se um arquétipo incontestável: é preciso mergulhar nesse silêncio do pleroma para que se reviva e se compreenda o significado magnânimo do gratuito amor divino. Este comportamento torna-se um padrão mariano a ser replicado pelos fiéis. Faz-se mister orientá-los para que eduquem a afetividade, cujo excesso pode obscurecer a perspectiva trinitária da oração cristã requerida no ato devocional e, por isso, convém buscar o auxílio da liturgia.

O Cardeal pontua essa essencialidade em 1978, no Equador, quando indica que a busca europeia, marcada pela racionalidade e pelo discernimento da inteligência, impediu Maria de ocupar o seu devido lugar “porque a reflexão intelectual ao raciocinar individualmente, não é capaz de efetuar a continuidade e a coerência da vida”.⁷⁹² A existência de Maria perpassa uma vida inteiramente abraçada pela caridade divina. Urge, hoje, reposicionar o olhar, voltando a colocar a fé na Encarnação do Verbo de Deus no horizonte do mundo atual - o axioma cristológico. Esta foi a luta árdua enfrentada por Joseph Ratzinger durante toda a sua vida: defender os valores, a verdade cristã, a fé na pessoa de Jesus Cristo, agente principal e centro da interpretação da realidade.

Ao afirmar que a América Latina não devia abandonar a cultura do coração, mas manter a sua profissão de fé em Maria e por ela em Cristo Nosso Senhor, reconhece a importância e o peso da expressão devocional do povo sul-americano. Indica a teologia como critério necessário, tanto para a pastoral quanto para o culto mariano, aponta que é preciso “se abrir a toda a amplitude do mistério”, não ficando preso a aspectos parciais. Deve-se tornar um caminho para a vastidão do mistério, sobretudo, “na sobriedade de uma fé que busca compreender, não calar o coração

⁷⁹¹ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 30.

⁷⁹² RATZINGER, J., *Discurso de Abertura do Congresso Mariano*, p. 25, tradução nossa.

que, muitas vezes, vê mais do que o mero entendimento”.⁷⁹³ Ratzinger, ao afiançar que o destino do continente americano e do mundo dependiam de como se estruturasse a devoção à Virgem Maria⁷⁹⁴ e, anos mais tarde, como Pontífice, afirmar que o rico tesouro da América Latina é a devoção mariana⁷⁹⁵, expende um círculo brilhante da fé, particularmente, a sul-americana.

Ratzinger manteve durante a vida laços estreitos e profundos com a Santíssima Virgem. No seu “último testamento” afirma que as devoções e o amor à Mãe de Deus eram parte do sentimento religioso e que a veneração a Maria o marcou, nunca separada de Jesus Cristo.⁷⁹⁶ Ao explicar a dificuldade que tinha em compreender o sentido das expressões “*De Maria nunquam satis*” e “a inimiga de todas as heresias”, expôs que,

justamente agora, nesse momento confuso em que muitos desvios heréticos, antigos e modernos, parecem ameaçar a ortodoxia; justamente agora compreendo que não se tratava de exagero de devotos, mas de verdades que são atuais mais do que nunca. É verdade, eu confirmo que **é preciso devolver a Maria o seu lugar, para que a fé reencontre o seu verdadeiro eixo.**⁷⁹⁷

Ratzinger assevera que “aquelas orações, tão primitivas, tão simples, que surgiram da piedade popular e nunca perderam um pinga de frescor ou atualidade”, mantém os cristãos em sua fé “porque graças à Mãe de Deus eles entendem que a religião não é um fardo, mas confiança e ajuda para enfrentar a vida”.⁷⁹⁸ Dessa forma “a mariologia faz bater o coração do cristianismo”.⁷⁹⁹ Ele afirma que “a piedade mariana é antes de tudo encarnatória [...] volta ao Senhor que vem: procura aprender com Maria a permanecer junto a Ele. [...]. É necessariamente também piedade de participação na Paixão”.⁸⁰⁰

Ratzinger vê, assim, a piedade como um caminho que percebe na cruz o lugar onde a racionalidade é decomposta e o coração é acordado pelo afeto, proporcionando ao crente encontrar a unidade central da sua vida: o amor gratuito divino, que deve ser alardeado com alegria. “Assim é para Maria, a sua fé vive a

⁷⁹³ RATZINGER, J., *Considerações sobre o lugar da Mariologia e da Piedade Mariana no todo da fé e da Teologia*, p. 31.

⁷⁹⁴ RATZINGER, J., *Mensagem ao Povo Equatoriano*, p. 38.

⁷⁹⁵ BENTO XVI, PP., *Discurso da sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, 13 mai. 2007.

⁷⁹⁶ RATZINGER, J., *Bento XVI, o último testamento*, p. 112.

⁷⁹⁷ MESSORI, V., *Hipóteses sobre Maria*, p. 251.

⁷⁹⁸ RATZINGER, J.; SEEWALD, P., *Dios y el mundo*, p. 281.

⁷⁹⁹ RATZINGER, J.; SEEWALD, P., *Dios y el mundo*, p. 281.

⁸⁰⁰ RATZINGER, J., “*A minha palavra não volta a mim sem ter realizado a minha vontade!*”, p. 7.

alegria da anunciação, mas passa também através da escuridão da crucificação do Filho, para poder chegar até a luz da ressurreição”.⁸⁰¹

O lugar da revelação divina é o cotidiano, é o agir de Deus em nossa história. A escatologia redescobriu essa transitoriedade, inserindo a dimensão profética na existência, associando-a à mariologia. O elemento místico da oração mariana foi por Ratzinger abarcado quando, a partir de três textos do Novo Testamento, explicitou o lugar teológico da mariologia ao responder sobre o significado da figura de Maria na estrutura da fé e da piedade: nela “tudo se desloca da periferia para o essencial e íntimo”.⁸⁰² Torna-se visível, então, a verdadeira grandeza e profunda simplicidade da mística cristã, capaz de promover o “intercâmbio permanente da existência criada com o criador”.⁸⁰³ Dessa forma pode-se repetir a fala paulina “Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim”(Gl 2,20).

O espírito da teologia mariana de Ratzinger é iluminado na sua compreensão de Maria como “A Filha de Sião”, a Virgem-Mãe-Esposa, solo da Igreja que guia tal qual um farol os caminantes na fé cristã rumo ao céu trinitário. Ratzinger admite a singularidade da mariologia que garante a autonomia da criação. Essa intuição também aparece nos documentos conclusivos das conferências gerais dos bispos latino-americanos. Por exemplo, afirmam em Puebla que Maria é a mais alta realização histórica do Evangelho,⁸⁰⁴ e a reafirmam como “a máxima realização da existência cristã”, “como mulher livre e forte”, “modelo e paradigma da humanidade”⁸⁰⁵ na Conferência de Aparecida. Portanto, não se pode excluir a Mãe de Jesus da espiritualidade e da vivência cristã, pois onde ela se torna ausente, nesse espaço também Cristo se torna irreal e abstrato. O encontro da fé se dá com um acontecimento, com uma pessoa e não com uma ideia.⁸⁰⁶

6.9

Considerações finais: o risco do esquecimento mariano e mariológico para a fé e para a teologia

A Mãe do Senhor não se configura como uma presença marginal, mas está associada aos conteúdos profundos da fé e qualquer tentativa visando desconsiderar o papel de Maria na Tradição e na doutrina católica implica na desarticulação do

⁸⁰¹ BENTO XVI, PP., *Minha Herança Espiritual*, p. 38.

⁸⁰² RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 71.

⁸⁰³ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 71.

⁸⁰⁴ DP 282.

⁸⁰⁵ DAp 266 e 268.

⁸⁰⁶ RATZINGER, J.; MESSORI, V., *Relatório sobre a fé*, p. 159; DCE 1.

eixo da fé. Esse deslocamento ou esquecimento do papel mariano foi definido por Ratzinger como um perigo à fé católica.

O pensamento mariano de Joseph Ratzinger apresenta-se como uma face racional e equilibrada, afastada de toda concepção limitada da fé cristã, do excesso sentimental. Entretanto, não deixa de expor a voz do coração, pois iluminando de forma transversal a história salvífica, Maria é vista como a chave que abre os aposentos reais, a chave de Davi, e nenhuma formulação teológica cristã e eclesial, realizada com bom senso, pode contornar o tema mariano.

Entretanto, aponta-se que algumas áreas da mariologia contemporânea evoluíram após ou independentemente do trabalho de Ratzinger e, por isso, podem não ter sido referidas ou analisadas por ele. Por exemplo, a mariologia feminista ganhou destaque nos últimos anos e examina Maria sob a lente das questões de gênero e justiça social. Contudo, apesar da atenção dada por Ratzinger ao elemento feminino e ao papel da mulher, a sua abordagem não reflete completamente a igualdade de gênero e aparecem poucos vestígios em sua obra sobre o âmbito da mariologia social, vista por ele como um dado a ser estudado e refletido. Um aspecto mais crítico é, mesmo vendo Maria como a primeira Igreja, não há uma discussão que abranja pormenorizadamente o dado ministerial do sacerdócio feminino. Um outro limite identificável é a pouca incidência de comentários relativos às perspectivas culturais específicas como a mariologia latino-americana, africana e asiática. Trata-se das escolhas teóricas de Ratzinger, que sempre estiveram abertas às opiniões e críticas de outros pensadores e às quais ele pede apenas uma simpatia inicial para a compreensão, pois qualquer um é livre para contradizê-lo.⁸⁰⁷

Registra-se que não são localizadas inflexões referentes diretamente à mariologia ambiental, que ganhou visibilidade com a *Laudato Si'*.⁸⁰⁸ A nova percepção representa de certa monta, um desenvolvimento teológico relativamente novo, como o papel das inovações tecnológicas em que as mídias sociais, na era digital, exercem um papel transformador. Isso reflete tanto a contínua evolução da reflexão teológica, quanto os temas e contextos que surgem e, por uma questão espaciotemporal, não estão presentes na obra mariológica ratzingeriana.

⁸⁰⁷ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 136.

⁸⁰⁸ Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum.

Conduzindo as suas reflexões marianas, priorizando a essencialidade do papel mariano na história da Igreja, traça um singular perfil de Maria. A postura reflexiva expõe como foco do seu olhar a amplitude que se desvela na perspectiva para o amanhã. Pode-se inquirir, então, qual figura de Maria surge nos escritos de Joseph Ratzinger. Emerge uma imagem com clareza, exprimindo aspectos que revelam o seu modo único de contemplar o mistério e que fizeram-no apontar motivos para que não fossem esquecidas⁸⁰⁹ a importância e a luz divina que se refletem na Mãe de Deus.

Para Ratzinger é fundamental que se olhe além dos pés de Maria. É vital encontrar o seu olhar, e, portanto, reconhecer que Maria caminha com o povo e se deixa alcançar. Na horizontalidade da vida cristã, o olhar da Virgem torna-se pleno e consolador. Nessa visão aproxima-se do pensamento do Papa Francisco, que continuamente convoca os cristãos, como Igreja sinodal em missão, a deixarem-se cobrir pelo olhar misericordioso da Mãe, que leva ao seu Filho, para um dia vislumbrar inteiramente a face de Deus.

Ao olhar os escritos de Ratzinger não é possível deixar de reconhecer como cada expressão foi posta com atenção e zelo para garantir o que lhe era mais caro: a verdade e a fidelidade à doutrina da Igreja. A elaboração textual revela a perfeita coadunação dos enunciados mariológicos com os temas centrais da fé. Esta sistematização enfatiza a mariologia de Joseph Ratzinger. Descreve a integração com as orientações do Concílio Vaticano II, valoriza as contribuições e conexões com diversos tratados teológicos. Os traços identitários da mariologia ratzingeriana corroboram características da mariologia pós-conciliar, ou seja, transparece o cristocentrismo trinitário, a visão eclesiotípica, a dimensão pneumatológica, o viés antropológico e a preocupação ecumênica. O tema mariano tem acento pastoral, objetivando abrir novas possibilidades a partir das reflexões a respeito da Mãe do Senhor, a filha eleita de Sião, que se converteu no “solo” da Igreja, onde bate o coração do cristianismo.

⁸⁰⁹ Razões indicadas no item 5.7, deste trabalho: Maria no Relatório sobre a fé.

7

Conclusão

Joseph Ratzinger afirma que após um declínio do culto mariano da Igreja, houve um desejo de constatar o que havia permanecido da fé mariana, e o que deveria continuar a permanecer. Compreender a extensão e o alcance dessa afirmação foram os passos iniciais desta pesquisa, o problema de que parte a tese. O ensaio de sistematização que teria lugar naturalmente em uma conclusão e auxiliaria a verificar a plausibilidade da hipótese formulada, ganhou relativa autonomia e foi apresentado no capítulo anterior, mais conciso que os demais. Esta tese inicia com capítulos que trouxeram um panorama histórico da longa história da mariologia. A finalidade foi auxiliar a compreensão do pensamento de Joseph Ratzinger, na medida em que situa a sua mariologia, desde o período bíblico até os dias atuais, e permite acompanhar a evolução do desdobramento do seu pensamento. A sua trajetória parte da experiência devocional vivida no âmbito familiar e afetivo e se manifesta na sua reflexão teológica. O itinerário vai do experienciado, rezado, para o refletido, exposto em conferências, ensaios, entrevistas, artigos, livros.

Sem dúvida, a vantagem desse processo foi perceber a completa inserção do pensamento ratzingeriano no bojo da fé eclesial, em que é verificável a inflexão e influência das contribuições de diversas fontes: a Sagrada Escritura, dos Santos Padres, da Tradição, das afirmações do Magistério. Apreender que a investigação teológica no campo da mariologia orientou-se por princípios de interpretação adequados à linguagem bíblica, que permitem esclarecer, no que se refere a Maria, o papel e a missão que ela ocupa na história salvífica. Outro benefício foi situar a mariologia na Escritura, partindo da interação recíproca de todo o texto sagrado, para localizá-la na estrutura da fé e da oração. A figura mariana do NT é tecida com fios do AT. Dessa maneira, tornou-se possível identificar os grandes temas que estão presentes na história da mariologia e foram acolhidos por Ratzinger. Igualmente, pontuar a transformação da mariologia ocorrida no Século XX em que a participação dele foi significativa. Portanto, foi importante tê-lo estudado, sobretudo para captar como essas linhas de força alimentaram a sua reflexão e a sua

produção teológica.

A mariologia do Concílio Vaticano II é um tema abundantemente estudado, tem uma ampla bibliografia, como mencionado no capítulo 4. A forma dada a ela neste estudo é a tentativa de colher os elementos essenciais capazes de clarificar de que forma Ratzinger se comprometeu efetivamente, durante e após o Concílio, com as grandes decisões dessa assembleia eclesial do Século XX. Este estudo recolhe conclusões e respostas sobre o elemento mariano que deve permanecer e ser reassumido pela fé da Igreja. Para trabalhos futuros a serem realizados nesta área, continua uma sólida rocha o pensamento bem articulado, consistente e lúcido de Joseph Ratzinger. O que, evidentemente, não impossibilita o contínuo desafio de se buscar entendimento diverso, e outras nuances da sua mariologia. Sabe-se que o espaço acadêmico acolhe, sempre, novas perguntas e a busca por realidades ainda inéditas.

Ao propor a alegria como elemento fundamental do cristianismo, Ratzinger chama a atenção para a essência do culto mariano, como louvor daquele a quem a Filha de Sião é devedora: o deixar-se tomar pelo encanto de que existe, indestrutível, o verdadeiro Israel.⁸¹⁰ A coragem vem da confiança originária: Deus está presente e é bom.⁸¹¹ O anjo de Deus diz a Maria: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28). Respondendo o convite à alegria - futuro escatológico, Maria permite a entrada do eterno no tempo, torna-se morada do Verbo, cumprimento da promessa; e o coro dos anjos na gruta de Belém anuncia: “Hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Materializou-se o fruto da alegria. Esse sentimento genuíno tem raiz sólida, quer e precisa ser comunicado e perpetuado.⁸¹²

Maria é a portadora da alegria que destrona a tristeza trazida por Eva. O cântico do *Magnificat* é o sinal mariano de existência. É o arrebatamento, a exultação, é o inebriar-se que traduz o louvor devido àquele que tudo criou. Ratzinger afirma que Maria “anunciou o Deus que ‘é maior do que o nosso coração’ e cuja graça é mais forte do que toda nossa fraqueza” (1Jo 3,20).⁸¹³ É da Virgem que se diz: “causa da nossa alegria”, porque “como Jesus veio a nós por ela, a Igreja foi

⁸¹⁰ RATZINGER, J., *A Filha de Sião*, p. 66.

⁸¹¹ RATZINGER, J., *O sal da terra*, p. 31.

⁸¹² RATZINGER, J., *O sal da terra*, p. 30-31.

⁸¹³ RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, p. 325.

entendendo, cada vez mais, que a santíssima Virgem, por sua cooperação na encarnação do Verbo, foi a causa ou origem ou fonte de tamanho gozo”.⁸¹⁴ Ratzinger ressalta que esse gozo vem da existência do grande amor, uma afirmação essencial da fé, do cristianismo. É a verdadeira alegria que importa, pois ela pode coexistir com uma vida difícil e torna possível essa existência, permitindo que ela seja real. “A alegria provém da graça”.⁸¹⁵ “Se Deus não está presente, o mundo desertifica-se e tudo se torna aborrecido, tudo é completamente insuficiente”.⁸¹⁶ Portanto, o caminho para a verdadeira alegria é fazer o bem que conduz à verdade.

Refletindo sobre este tema, Bento XVI afirma que o *Magnificat* é um cântico que revela a espiritualidade dos *anawin*, isto é, daqueles fiéis que se reconhecem “pobres”, no sentido bíblico, e na humildade profunda do coração, estão abertos “à irrupção da graça divina que salva.”⁸¹⁷ A estrutura do canto é a alegria reconhecedora; a alma da oração, “a celebração divina que transbordou no coração e na existência de Maria, tornando-a a Mãe do Senhor”.⁸¹⁸

Diante disso, o que é imprescindível ser perenizado da fé mariana? Para falar sobre o que deve permanecer da fé mariana na Igreja é preciso, antes, voltar a uma questão cara a Joseph Ratzinger: a verdade, posto que “o amor à verdade consegue impelir a inteligência humana para horizontes inexplorados”.⁸¹⁹ Para ele a fé é centrada na busca existencial da verdade, “a fé cristã apela à razão [...] vai além das coisas evidentes [...] é uma razão que já fala, ou seja, um relacionar-se, um aproximar-se. [...] A liberdade e a grandeza mais elevada da razão é ser também amor”⁸²⁰ encarnada perfeitamente na pessoa de Jesus Cristo, no seu ensinamento, cuja preservação e anúncio é missão da Igreja. Anúncio de uma verdade ainda e sempre atual e viva.⁸²¹

Ao afirmar que existe algo imperecível na fé mariana da Igreja, Ratzinger retorna para o começo da narrativa: o acolhimento esponsal do Espírito Santo no momento decisivo da história. A teologia do matrimônio perpassa a sua reflexão, como a gratuidade divina, que por consentimento de Deus elege a todos como seus

⁸¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ., *Missas de Nossa Senhora*, p. 179.

⁸¹⁵ RATZINGER, J., “*Tu és a cheia de graça*”. *Elementos bíblicos da piedade mariana*, p. 65.

⁸¹⁶ RATZINGER, J., *O Sal da Terra*, p. 23.

⁸¹⁷ BENTO XVI, PP., *Oração e Santidade*, p. 151.

⁸¹⁸ BENTO XVI, PP., *Oração e Santidade*, p. 152.

⁸¹⁹ BENTO XVI, PP., *Minha Herança Espiritual*, p. 26.

⁸²⁰ D’ARCAIS, P.; RATZINGER, J., *Deus existe?*, p. 33-34.

⁸²¹ RATZINGER, J., *O Relatório sobre a fé*, p. 151.

filhos e, desde o princípio, quis precisar da colaboração do ser humano. Esse auxílio ganha proporções incomparáveis com a inteira correspondência de Maria, a Filha de Sião, que sob a moção da graça, adere fielmente à vontade de Deus e se torna parâmetro mimético para todas as gerações que hão de chamá-la bem-aventurada (Lc 1,48). Ao colocar-se à disposição de Deus, inteiramente, Maria assume em seu ventre a verdade, a liberdade, ou, em outras palavras, a verdadeira liberdade: Jesus Cristo. “Eis aqui a Serva do Senhor” (Lc 1,38) é resposta firme e decidida, cuja radicalidade da sua fidelidade é demonstrada sob o madeiro.

A mariologia ratzingeriana emerge fundamentada nesse pensar. Maria é o ícone da assembleia, porque obediente soube ouvir, entender e anunciar o caminho da salvação. Ela aponta a luz e conduz a todos para a plenitude da vida ancorada em seu Filho, Jesus Cristo. O conhecimento da doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a exata compreensão do mistério de Cristo e da Igreja. Afinal, não se pode pensar Cristo, sem a sua Mãe e “devemos levar um fruto que permaneça”.⁸²² “O cristianismo não é ‘nosso’, é a Revelação de Deus, é uma mensagem que nos foi entregue e que não temos o direito de reconstruir ao nosso talante”.⁸²³ Maria foi inserida no centro nevrálgico da fé pela libérrima vontade divina e, desse centro, não pode ser retirada. Dessa maneira, a concentricidade entre o mistério mariano e o de Cristo ocorre porque Maria tem uma relação íntima e inseparável com o mistério da encarnação e da redenção. A mariologia é uma exigência da cristologia e para a correta eclesiologia porque é exatamente nela, justamente por conta dessa relação que ela tem com o mistério de Cristo, que Maria é o protótipo do que a Igreja é chamada a ser.

O que deve continuar? O exemplo do consentimento de Maria é uma demonstração da liberdade da criatura frente ao seu criador. A fé cristã conta com este fator, a liberdade. Só se pode pensar em uma fé autêntica se ela for construída em pilares livres e “sem o conhecimento da verdade, a liberdade se desnatura, se isola e se reduz a arbítrio estéril”.⁸²⁴ O que constitui o centro da fé cristã é esta indissociável união de Deus com a sua criatura e não pode ser esquecida.⁸²⁵ Eis um aspecto, cujo fulcro reside no sim de Maria, que deve permanecer, posto que a fé é

⁸²² RATZINGER, J., *Homilia da Santa Missa “Pro-eligendo Romano Pontifice”*, 18 abr. 2005.

⁸²³ RATZINGER, J., *O Relatório sobre a fé*, p. 97.

⁸²⁴ BENTO XVI, PP., *Discurso aos participantes da Sessão Plenária da Congregação para a Doutrina da Fé*, Roma, 10 fev. 2006.

⁸²⁵ RATZINGER, J., *“Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...”*, p. 92.

encontro com Deus que fala e age na história, que transforma o cotidiano, liberta interiormente.

No relato da anunciação a Maria, o texto conclui a narração com: “E o anjo a deixou”. Ratzinger afirma: “Maria fica sozinha com a tarefa que verdadeiramente supera toda a capacidade humana”.⁸²⁶ Ele evidencia que anjos não ficaram ao redor de Maria e que ela prossegue a sua jornada passando por “muitas obscuridades” até a noite da cruz. Ao destacar, como um traço característico mariano, a relação íntima com a Palavra, afirma que este comportamento a faz entrar em diálogo com ela mesma, penetrando na profundidade das águas misteriosas da graça. Esse mergulho a faz prosseguir, sem titubear. Dessa forma, ela ama, compreende e age. O mistério trinitário surge espontaneamente do modo de agir de Deus⁸²⁷ e Maria explicita, em suas ações, o que cada um de nós deve assumir e fazer. Um “sim” livre nosso é a via de permanência, que Deus necessita para nos redimir. A proximidade interior de Maria a Deus - o íntimo ver e tocar - a sustenta e indica o itinerário para a Igreja, como foi percebido e recomendado pelo Concílio Vaticano II na LG. O dado precioso da fé mariana que deve permanecer e sustentar o caminhar da Igreja está no abraçar a missão designada por Deus, consciente e livremente.

“Permanecer fiel à palavra de Cristo, também quando ela é exigente e humanamente difícil de compreender”.⁸²⁸ Esse dado da fé mariana da Igreja é imperativo ser conservado para reconhecer e garantir a dignidade humana, possibilitando processos inclusivos capazes de reinseri-la nos espaços em que foi ignorada, principalmente em um mundo tão dividido e polarizado em que urge promover a fraternidade. “A fé é alimentada pela descoberta, e pela memória do Deus sempre fiel, que guia a história e que constitui o fundamento seguro e estável sobre o qual apoiar a própria vida”.⁸²⁹ Maria é um espelho para a Igreja, recorda que “o Deus infinito é ao mesmo tempo um Deus próximo [...] quer [...] habitar no meio de nós, estar totalmente conosco”.⁸³⁰ Ratzinger relembra que “a Sabedoria se encontra ao lado da realidade que está representada pela mulher, pelo elemento feminino por excelência [...]. Remete ao *Logos*, a Palavra que gera a sabedoria, mas

⁸²⁶ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 62.

⁸²⁷ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia*, p. 57.

⁸²⁸ BENTO XVI, PP., *Minha Herança Espiritual*, p. 31.

⁸²⁹ BENTO XVI, PP., *Minha Herança Espiritual*, p. 23.

⁸³⁰ BENTO XVI, PP., *Minha Herança Espiritual*, p. 29.

também a resposta feminina que acolhe a sabedoria e a converte em frutos.⁸³¹

Portanto, a fé mariana da Igreja constitui-se “campo de terra fértil em que a semente pode penetrar, abrigar-se, deitar raízes e amadurecer”.⁸³² É um solo fecundo na garantia da fé verdadeira ao ensinar como se deve crer; como acolher o Verbo; como exaltar a ação misericordiosa de Deus na jornada concreta, reconhecer a fidelidade às promessas feitas a Abraão e à sua descendência e como se deve conservar, anunciar e difundir o Evangelho, “alegria verdadeira”,⁸³³ mantendo viva a presença divina na história do seu povo.

A força da Igreja consiste na capacidade de transformar o mundo ao oferecer uma dimensão interior para o recolhimento e frutificação da Palavra. É imperioso voltar “a aprender o elemento mariano do cristianismo, essa capacidade concentrada de ouvir que se torna um campo fecundo para a Palavra”⁸³⁴ e ao “olhar novamente também para o céu é que a terra voltará a iluminar-se”.⁸³⁵ Não é possível falar de Jesus sem relacioná-lo com a sua Mãe e com a obra da salvação que se manifesta nela e faz compreender que é precisamente esta relação tão exclusiva e íntima que a torna a mulher, a criatura inteiramente realizada por Cristo. Maria, na Igreja, é a primeira crente, é a Mãe de Deus, “tem seu coração no coração” pois sabe “que um Deus que pensou e criou a mulher não pode ter o seu coração em nenhum outro lugar”.⁸³⁶ Sem dúvida, o elemento mariano “permite encontrar abrigo e, com ele, a liberdade”.⁸³⁷

⁸³¹ RATZINGER, J., *A filha de Sião*, p. 26-27.

⁸³² RATZINGER, J., *Homilias sobre os santos*, p. 27.

⁸³³ RATZINGER, J., *Homilias sobre os santos*, p. 11.

⁸³⁴ RATZINGER, J., *Homilias sobre os santos*, p. 12.

⁸³⁵ RATZINGER, J., *Homilias sobre os santos*, p. 21.

⁸³⁶ BALTHASAR, H.U., *Maria para hoje*, p. 45.

⁸³⁷ RATZINGER, J., *Homilias sobre os santos*, p. 14.

8

Referências bibliográficas

8.1

Obras citadas de Joseph Ratzinger-Bento XVI

BENTO XVI, PP. **Audiência Geral**, 08 jul. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090708.html. Acesso em: 12 out. 2023.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica *Caritas in Veritate*** sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est*** sobre o amor cristão. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2021.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica *Spe Salvi*** sobre a esperança cristã. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2021.

BENTO XVI, PP. **Discurso na Sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**, 13 mai. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 18 set. 2020.

BENTO XVI. **Discurso aos participantes do XXIII Congresso Mariológico Mariano Internacional em Roma**, 08 set. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20120908_23congr-mariologico.html. Acesso em: 18 set. 2020.

BENTO XVI, PP. **Discurso aos participantes na Sessão Plenária da Congregação para a Doutrina da Fé**, 10 fev. 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20060210_doctrine-faith.html. Acesso em: 22 out. 2022.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*** sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*** sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

BENTO XVI, PP. **Homilia Solenidade da Assunção**, 15 ago. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050815_assunzione-maria.html. Acesso em: 22 out. 2022.

BENTO XVI, PP. **Homilia na solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus**, 01 jan. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120101_world-day-peace.html. Acesso em: 18 jun. 2018.

BENTO XVI, PP. **Mensagem ao Cardeal Gianfranco Ravasi para a Décima Quinta Sessão Pública das Academias Pontifícias**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20101215_ravasi.html. Acesso em: 01. mai. 2023.

BENTO XVI, PP. **Minha Herança Espiritual**. Trad. Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2018.

BENTO XVI, PP. **O que é o cristianismo?** Quase um testamento espiritual. Trad. Artur Padovan. São Paulo: Molokai, 2023.

BENTO XVI, PP. **Os Padres da Igreja**. De Clemente de Roma a Santo Agostinho. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Pensamento, 2010.

BENTO XVI, PP. **Sobre la Virgen María**. Discursos de Benedicto XVI. Vol. 5. Alicante: Cobel Ediciones, 2010.

BENTO XVI, PP.; RATZINGER, J. **Os Movimentos na Igreja**. Presença do Espírito e Esperança para os homens. Trad. Libreria Editrice Vaticana (parte I); Antônio Maia da Rocha (parte II). Estoril: Lucerna, 2007.

RATZINGER, J., **A Filha de Sião**. A devoção mariana na Igreja. 1. ed. Trad. Ney Vasconcelos. São Paulo: Paulus, 2013.

RATZINGER, J. **A Teologia da História de São Boaventura**. 2. Ed. Trad. Maria Manuela Brito Martins. Braga: Franciscana, 2017.

RATZINGER, J., Começar a acreditar significa sair do isolamento e entrar no “nós dos filhos de Deus (1996), fragmentos. **Avvenire.it**, Roma, 07 jul. 2022. Disponível em: <https://www.avvenire.it/agora/pagine/joseph-ratzinger-testo-inedito-henri-de-lubac-la-chiesa-del-noi>. Acesso em: 08 ago. 2022.

RATZINGER, J., **Being Christian in the Neo-Pagan**. Michigan: Eermans Publishing Co., 1994.

RATZINGER, J., **Conferência sobre a Eclesiologia da “Lumen Gentium”**. Congresso Internacional sobre a implementação do Concílio Vaticano II. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfait_h_doc_20000227_ratzinger-lumen-gentium_sp.html. Acesso em: 18 jul. 2022.

RATZINGER, J.; SEEWALD, P. **Dios y el mundo**. Creer y vivir en nuestra época. Trad. Rosa Pilar Blanco. Barcelona: Debolsillo, 2005.

RATZINGER, J. **Discurso de apresentação à Pontifícia Academia de Ciências**, 13 nov. 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/oct-dec/documents/hf_jp-ii_spe_20001113_plenary-acad-science.html. Acesso em: 08 ago. 2021.

RATZINGER, J. **Discurso de abertura del Congreso Mariano**. In: IGREJA CATÓLICA. ARQUIDIÓCESIS DE GUAYAQUIL. Memorias del Congreso Mariano Nacional. Guayaquil: Arquidiocesana Justicia y Paz, tomo 2, 1978.

RATZINGER, J. **Discurso dirigido a las almas consagradas, especialmente religiosas**. In: IGREJA CATÓLICA. ARQUIDIÓCESIS DE GUAYAQUIL. Memorias del Congreso Mariano Nacional. Guayaquil: Arquidiocesana Justicia y Paz, tomo 2, 1978.

RATZINGER, J. **Discurso dirigido a los Sacerdotes em el Ecuador**. In: IGREJA CATÓLICA. ARQUIDIÓCESIS DE GUAYAQUIL. Memorias del Congreso Mariano Nacional. Guayaquil: Arquidiocesana Justicia y Paz, tomo 2, 1978.

RATZINGER, J. **Dogma e Anúncio**. Trad. Pe. Antônio Steffen, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2008. RATZINGER, J. **É a fé que torna possível pedir**. Matéria publicada no jornal digital 30Giorni, 01 fev. 2006. Disponível em: http://www.30giorni.it/articoli_id_10200_16.htm. Acesso em: 02 mai. 2022.

RATZINGER, J. **El Dios de Jesucristo**. Meditaciones sobre Dios uno y trino. Trad. Luis Huerga. Salamanca: Sígueme, 1979.

RATZINGER, J. **El Dios de la fe y el Dios de los filósofos**. Trad. Jesús Aguirre. Madri: Encuentro, 2006.

RATZINGER, J. **Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine**. In: DE FIORES, S.; GAMBERO, L. (Orgs.). Testi Mariani del Secondo Millenio. Roma: Città Nuova, 2012.

RATZINGER, J. **Fé, Verdade, Tolerância**.: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. Trad. Silvar Hoepfner Ferreira. São Paulo: Ramon Llull, 2007.

RATZINGER, J.; BENTO XVI. **Fé e futuro**. Trad. Conceição Barreira de Sousa. Estoril: Principia, 2008.

RATZINGER, J. **Henri de Lubac e a Igreja do “nós”**. Avvenire.it, jul. 2022. Disponível em: <https://www.avvenire.it/agora/pagine/joseph-ratzinger-testo-inedito-henri-de-lubac-la-chiesa-del-noi>. Acesso em: 08 ago. 2022.

RATZINGER, J. **Homilia de la benediction del templo votivo de Ntra. Sra. de La Alborada**. In: IGREJA CATÓLICA. ARQUIDIÓCESIS DE GUAYAQUIL. Memorias del Congreso Mariano Nacional. Guayaquil: Arquidiocesana Justicia y Paz, tomo 2, 1978.

RATZINGER, J. **Homilia de la misa pontifical de terminacion del Congreso Mariano**. In: IGREJA CATÓLICA. ARQUIDIÓCESIS DE GUAYAQUIL. Memorias del

Congreso Mariano Nacional. Guayaquil: Arquidiocesana Justicia y Paz, tomo 2, 1978.

RATZINGER, J. **Homilia da Santa Missa “Pro-eligendo Romano Pontifice”**, 18 abr. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 20 ago. 2020.

RATZINGER, J. **Homilias sobre os Santos**. Trad. Roberto Vidal da Silva Martins. São Paulo: Quadrante, 2007.

RATZINGER, J. **Insegnare e imparare l'amore di Dio**. Trad. Pierluca Azzaro. Roma: Cantagalli, 2016.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. Trad. Alfred J. Keller, 4. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

RATZINGER, J. **Introdução ao espírito da liturgia**. Trad. Silva Debetto C. Reis, 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré: contribuições para a cristologia**. Obras Completas, v.6, t. I. 1ª ed. Brasília: CNBB, 2021.

RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. Trad. Frederico Stein. São Paulo: Paulinas, 2006.

RATZINGER, J.; BALTHASAR, H. **Maria, primeira igreja**. Trad. Maria Armanda de Saint-Maurice. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2004.

RATZINGER, J. **Mensaje al pueblo ecuatoriano**. In: IGREJA CATÓLICA. ARQUIDIÓCESIS DE GUAYAQUIL. Memorias del Congreso Mariano Nacional. Guayaquil: Arquidiocesana Justicia y Paz, tomo 2, 1978.

RATZINGER, J. **Miremos al traspasado**. Trad. Juan M. Sara. Santa Fé-Argentina: FSJ, 2007.

RATZINGER, J. **Mon Concile Vatican II**. Enjeux et perspective. Trad. Éric Iborra. Paris: Artège Spiritualité, 2012.

RATZINGER, J. **O Sal da Terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio: um diálogo com Peter Seewald**. Trad. Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

RATZINGER, J. **Problemi e risultati del Concilio Vaticano II**. Trad. Giovanni Viola. Brescia: Querdiana, 1967.

RATZINGER, J. **Ser cristão na Era Neopagã**, vol. III. Entrevistas (1986-2003). Campinas: Ecclesiae, 2016.

RATZINGER, J. **Ser Cristiano**. Salamanca: Sígueme, 1967.

8.2

Obras citadas de outros autores

AGOSTINHO, Santo. **A Graça (I)**. Trad. J. E. de Almeida Prado. São Paulo: Paulus, 2009.

AGOSTINHO, Santo. **A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários**. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996.

AGOSTINO, G. Piedade Popular. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1066-075.

ALBERIGO, G. **Breve História do Concílio Vaticano II**. Trad. Clóvis Bovo. Aparecida: Santuário, 2006.

ALBERIGO, G. (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.

ALMEIDA, C. A. **O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na época moderna**. Revista de História, v.2, p. 159-173, 1979. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6333.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2016.

AMON, K. A relação entre a Igreja oriental e a ocidental. In: LENZENWEGER, J. et al (Orgs.), **História da Igreja Católica**. Trad. Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2006, p. 175-180.

ASSUNÇÃO, R. **Bento XVI, a Igreja Católica e o “Espírito da Modernidade”**. Uma análise da visão do papa teólogo sobre o “mundo de hoje”. Campinas: Ecclesiae; São Paulo: Paulus, 2018.

BALBOA, B. R. **La mariología en el diálogo ecuménico**. RIBET (Revista Iberoamericana de Teologia), v. XII, n.22, p. 117-144, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1252/125250035003>. Acesso em: 17 out. 2022.

BALTHASAR, H. U. **Glória. Una estética teológica**. La percepción de la forma. Trad. Emilio Saura. Madrid: Encuentro, 1985.

BALTHASAR, H. U. **Maria para hoje**. Trad. Ney Vasconcelos de Carvalho. São Paulo: Paulus, 2016.

BALTHASAR, H. U. **Sólo el amor es digno de fe**. Salamanca: Sígueme, 2006.

BARAÚNA, G. A mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja. In: BARAÚNA, G. (Org.). **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1965.

BEINERT, W. **Devoção Mariana: uma chance pastoral**. Communio (Revista Internacional Católica de Cultura), 7, 1978, p. 167-183.

BELLITTO, C. M. **História dos 21 Concílios da Igreja: de Nicéia ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2010.

BERTOLA, M. X. Antropologia. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 89-99.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém** (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, M. C. **O lugar da mulher**. Interpretação feminina da “*Mulieris dignitatem*”. São Paulo: Loyola, 1990.

BINGEMER, M. C. ... [et al.]. **O rosto feminino da Teologia**. Trad. João P. Gomes. Aparecida: Santuário, 1990.

BLANCO SARTO, P. **Bento XVI. O Papa Alemão I**. 2 vols. Trad. Rudy Albino de Assunção (capítulos I-VIII; X-XIII) e César Colera Bernal (capítulo IX). São Paulo: Molokai, 2019.

BLANCO SARTO, P. **El concilio de Joseph Ratzinger**. Notas sobre su actividad durante el Vaticano. Anuario de Historia de la Iglesia, v.21, p. 245-281, 2012. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/anuario-de-historia-iglesia/article/view/2310>. Acesso em: 23 out. 2023.

BLANCO SARTO, P. **El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger**. Scripta Theologica, v.44, p. 273-303, 2012. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/38983>. Acesso em: 23 out. 2023.

BLANCO SARTO, P. **Joseph Ratzinger, uma biografia**. Trad. Emérito da Gama. São Paulo: Quadrante, 2005.

BLANCO SARTO, P. **Joseph Ratzinger - Bento XVI: um mapa de suas ideias**. São Paulo: Molokai, 2016.

BLANCO SARTO, P. **La teología de Joseph Ratzinger**. Una introducción, 2ª ed. Madrid: Palabra, 2011.

BLANCO SARTO, P. **María en los escritos de Joseph Ratzinger**. Scripta de Maria-ScrdeM, v.5, p. 309-334, 2008.

BOFF, C. M. **Introdução à Mariologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, C. M. **Mariologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOFF, C. M. **Mariologia social**. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, L. **O rosto materno de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOFF, Lina. **Mariologia**. Interpelações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOIANO, L., **Maria nella teologia e nel magistero di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI**. Capua: Artetetra Edizioni, 2019.

CANO, S. M. **Teología feminista para principiantes**. Voces de mujeres en la teología actual. Madrid: San Pablo, 2021.

CANTALAMESSA, R. **La theotókos, segno della retta fede cristologica alla luce dei Concili di Efeso e di Calcedonia**. Theotokos, t. 3, n. 2, p. 385-403, set/dez 1995.

CARDENAL, Teodoro. **Pautas abiertas por la Encíclica ‘Redemptoris Mater’ para la celebración del Año Mariano**. Scripta Theologica, v. 20 (1), p. 105-127, 1988. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/12122>. Acesso em: 05 out. 2022.

CARMONA, A.; MONASTERIO, R. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Trad. Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CATELAN, A., **O legado teológico de Joseph Ratzinger/Bento XVI**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-12/o-legado-teologico-ratzinger-bento-xvi.html>. Acesso em: 01 jan. 2023.

CECCHIN, S. **Maria, un dato fondamentale per il “pensare” cristiano e francescano**. Antonianum, LXXIV, p. 501-526, 1999. Disponível em: https://www.academia.edu/11410207/Maria_un_dato_fondamentale_per_il_pensare_cristiano_e_francescano. Acesso em: 10 set. 2020.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O Sensus Fidei na vida da Igreja**. Trad. Geraldo Hackmann. Brasília: CNBB, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Coletânea de Missas de Nossa Senhora**. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Lecionário para Missas de Nossa Senhora**. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CREMONA, C. **Paulo VI**. Lisboa: Edições Paulistas, 1992.

DANIEL, L. I. A mediação materna de Maria em Cristo na Encíclica Redemptoris Mater de João Paulo II segundo apreciação de Joseph Ratzinger. **Revista Encontros Teológicos**, [S. l.], v. 35, n. 1, 2020. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1602>. Acesso em: 13 mai. 2024.

D'ARCAIS, P.; RATZINGER, J. **Deus existe?** Trad. Sandra Martha Dolinky. São Paulo: Planeta, 2009.

DE FIORES, S. Il culto mariano nella situazione attuale della Chiesa. In **Maria, presenza viva del popolo di Dio**. Roma: Ed. Monfortane, 1980, p. 178-183.

DE FIORES, S. Imaculada. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 598-605; 610-618.

DE FIORES, S. **María en la teología contemporánea**. Salamanca: Sígueme, 1991.

DE FIORES, S. **Maria nella teologia contemporanea**. Roma: Mater Ecclesiae, 1978.

DE FIORES, S. **Maria sintesi di valori**. Storia culturale della mariologia. Torino: San Paolo, 2005.

DE FIORES, S. Mariologia. In: CANNOBIO, G.; CODA, P. **La Teologia del XX secolo: prospettive sistematiche**. Roma: Città Nuova, 2003, p. 561-620.

DE FIORES, S. Mariologia-Marialogia. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 842-861.

DE FIORES, S. **Perché Dio ci parla mediante Maria**. Significato delle apparizioni mariane nel nostro tempo. Milão: San Paolo, 2011.

DE FIORES, S.; GAMBERO, L. (Orgs.). **Testi Mariani del Secondo Millennio**. Autori contemporanei dell'Occidente. Roma: Città Nuova, 2012.

DENZIGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DEL GAUDIO, D. **Maria de Nazaré**. Breve tratado de mariologia. Trad. José Dias Goulart. São Paulo: Paulus, 2016.

DEL PIE, E. T. Redemptoris Mater. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 822-842.

DER EMERITIERTE PAPST BENEDICKT XVI. UND DAS ERZBISTUM. Erzbistum München und Freising, Munique e Freising, jan. 2023. Disponível em: <https://www.erzbistum-muenchen.de/ueber-uns/dioezesangeschichte/papst-benedikt-xvi/und-das-erzbistum>. Acesso em: 06 mar. 2022.

DOMINGUEZ, P. L. **Congresos y Semanas de Estudios Marianos**. Salamticensis-2018, v.65, n.3, p. 443-473, 2018. Disponível em: <https://summa.upsa.es/pdf.vm?id=92744>. Acesso em: 10 set. 2020.

DUSCHL, W., **Benedikt XVI in Altötting**. Disponível em: <https://www.gnadenort-altoetting.de/geschichte-institutionen/geschichte-von-altoetting/benedikt-in-altoetting>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FORTE, B. **Maria, a mulher ícone do mistério**. Ensaio de mariologia simbólico-narrativa. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral**, 04 jan. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20230104-udienza-generale.html>. Acesso em: 06 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. Introdução. In: CNBB., **O Vaticano II. História e significado para a Igreja**. Caderno 1. Brasília: CNBB, 2023.

FRANCISCO, PP. Prefácio. In: RATZINGER, J., **Insegnare e imparare l'amore di Dio**. Trad. Pierluca Azzaro. Roma: Cantagalli, 2016.

GAAL, E.; LEVERING, M., **Joseph Ratzinger and the Healing of Reformation-Era Divisions**. Ohio: Emmaus Academic, 2019. E-book Kindle.

GALLIAN, D. M. A cultura contemporânea na clínica de Bento XVI. In: ABREU, E.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Teologia da Criação e marcos do magistério de Bento XVI**. Por uma autêntica maturidade eclesial. São Paulo: Paulinas; Unisal, 2011.

GAMBERO, L. Culto. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 356-369.

GARCIA PELEGRÍN, J.M., **Unsete Liebe Frau von Altötting**, Omnesmag.com, mai. 2023, seção Kultur. Disponível em: <https://omnesmag.com/pt/noticias/altotting-en-bavaria/> Consulta em 20 jul. 2023.

GIBELLINI, R. **A Teologia do século XX**. Trad. João Paixão Neto. São Paulo: Loyola, 2012.

GIBELLINI, R. **Breve história da Teologia do século XX**. Trad. Antonio Bicarato. Aparecida: Santuário, 2010.

GIBELLINI, R. **Perspectivas Teológicas para o século XXI**. Trad. Carlos Felício e Roque Frangiotti. Aparecida: Santuário, 2005.

GONZÁLEZ, C. I. **Maria evangelizada e evangelizadora**. Trad. José A. Ceschin. Bogotá: CELAM; São Paulo: Loyola, 1990.

GUARDINI, R. **Carta “La madre del Señor”**, sem paginação. Disponível em: <http://curas.com.ar/Textos/Guardini/Guardini.htm> Acesso em: 17 out. 2023.

GUARDINI, R. **Obras Selectas**. Tomo III. Jesucristo. La realidad humana del Señor. La imagen de Jesús en el N.T. La madre del Señor. Madrid: Cristiandad, 1981.

GUERRIERO, E. **Servitore di Dio e dell'umanità**. Milão: Mondadori, 2016.

HANGLER, R. **Juble, Tochter Zion Zur Mariologie von Joseph Ratzinger/Benedikt XVI**. Ratisbona: Verlag Friedrich Pustet, 2016.

HAUNKE, M. **Introdução à Mariologia**. Trad. José Teixeira Neto. Campinas: Ecclesiae, 2021.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, Finitude, Solidão**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HOHEMBERGER, G.; ASSUNÇÃO, R. (Orgs.). **O primado do Amor e da Verdade**. O patrimônio de Joseph Ratzinger - Bento XVI. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**, vol. 4. São Paulo: Paulus, 1995.

IWAHITA, P. K. Maria no Vaticano II: renovação na mariologia. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v.48, p. 554-571, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24501/24501>. Acesso em: 20 mai. 2019.

JOÃO PAULO I, PP. **Carta ao Cardeal Ratzinger** enviado como legado pontifício ao Congresso Mariano do Equador, 01 set. 1978. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/letters/documents/hf_jp-i_let_19780901_rattinger.html. Acesso em: 20 ago. 2020.

JOÃO PAULO II, PP. **Audiência Geral**, 02 mai. 1979, Confio a Maria as vocações sacerdotais. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790502.html. Acesso em: 02.03.2020.

JOÃO PAULO II, PP. **Audiência Geral**, 14 mar. 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010314.html. Acesso em: 01 ago. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica Mulieris Dignitatem** sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do Ano Mariano. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia** sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica Redemptoris Mater**, sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na Vida da Igreja que está a caminho. 15 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso durante a visita a Pontifícia Faculdade Teológica Marianum**, 10 dez. 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1988/december/documents/hf_jp-ii_spe_19881210_marianum.html. Acesso em: 01 ago. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso às participantes na Assembleia do Centro Italiano Feminino**, 6 dez. 1982. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/december/documents/hf_jp-ii_spe_19821206_congresso-cif.html. Acesso em: 20 mai. 2020.

JOÃO PAULO II, PP. **Mensagem no XXVIII Dia Mundial da Paz**, 1 jan.1995. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121994_xxviii-world-day-for-peace.html. Acesso em: 20 mai. 2020.

JOHNSON, E. A. **Nossa verdadeira irmã**. Teologia de Maria na comunhão dos santos. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2006.

KESENHEIMER, W. **Erinnerungen na einem groben Lehrer und Professor**. Konradsblatt, Bonn, jan. 2023. Seção Aktueli. Disponível em:

<https://www.konradsblatt.de/aktuell-2/erzbistum/detail/nachricht-seite/id/174309-erinnerungen-an-einen-grossen-lehrer-und-professor/?default=true>. Acesso em: 20 jan. 2023.

KOEHLER, Th. História da Mariologia. In: DE FIORES, S.; MEO, S., **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 561-575.

KÖSTER, H. La mariología em el siglo XX. In: VORGRIMLER, H.; GUCHT, R. (Orgs.), **La teología en el siglo XX**. Vol. III. Madrid: BAC, 1974.

KÖSTER, H. Mariologie. In: GUCHT, R.; VORGRIMLER, H.; (Orgs.), **Bilan de la theologie du XX Siècle**. t. II. Paris: Casterman, 1970, p. 351-370.

KRITZENBERGER, S. Dom Georg: Bento XVI viveu amando o Senhor até o fim. **Vatican News**, Roma, jan. 2023. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-01/dom-georg-ganswein-intervista-vatican-news.html>. Acesso em: 01 jan. 2023.

LANGELLA, A. **Le mariologie postconciliari**. Status quaestionis. Disponível em:

<https://mariaenoi.wordpress.com/2018/09/16/le-mariologie-postconciliari-status-quaestionis/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

LANGELLA, A., Prefacio. In: BOIANO, L., **Maria nella teologia e nel magistero di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI**. Capua: Artetetra Edizioni, 2019.

LAURENTIN, R. **Bilancio del Concilio**. Trad. Cesare Brigatti. Milão: Edizioni IPL, 1967.

LAURENTIN, R. **Breve Tratado de Teologia Mariana**. Trad. Rose Marie Muraro. Petrópolis: Vozes, 1965.

LAURENTIN, René. **La Madonna del Vaticano II: storia, esegesi e texto del Capitolo ottavo Costituzione “de Ecclesia”**. Priorado de Sant’Egidio, 1965.

LAURENTIN, R. **The Question of Mary**. Trad. I. G. Pidoux. Great Britain: HRW., 1965.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2017.

LEAHY, B. **O princípio mariano na Igreja**. Trad. José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2005.

LEZENWEGER, J., STOCKMEIER, P., BAUER, J. B.; AMON, K., ZINHOBLE, R.; (Orgs.). **História da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2006.

LIBÂNIO, J.B.; MURAD, A., **Introdução à Teologia**. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.

LLAMAS, E. **Algunas corrientes actuales en la mariologia**. Revista de Espiritualidad, n. 55, p. 9-44, 1996. Disponível em: <http://www.revistadeespiritualidad.com/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

LOCUS MARIOLOGICUS. **A conversão ao mistério mariano de Ratzinger e Bento XVI**. Disponível em: <https://locusmariologicus.org/a-conversao-ao-misterio-mariano-de-ratzinger-e-bento-xvi/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Biografia de Bento XVI**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html. Acesso em: 14 mai. 2022.

MADRIGAL, S. (ed.). **El pensamiento de Joseph Ratzinger**. Teólogo y Papa. Madrid: Encuentro, 2009.

MADRIGAL, S. **Karl Rahner e Joseph Ratzinger no seguimento do Concílio**. Trad. Germano Mamede Cleto. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2006.

MARDONES, J. M. **A vida do símbolo**. A dimensão simbólica da religião. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARTÍNEZ, H., Assunção. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 178-186.

MASCIARELLI, M. **Il segno della donna**. Maria nella teologia di Joseph Ratzinger. Milão: San Paolo, 2007.

MEO, S. Assunção. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 173-178.

MEO, S. Mãe de Deus. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 780-790.

MESSORI, V. **Hipóteses sobre Maria:** fatos, indícios, enigmas. Trad. Ubenai Fleuri. Aparecida: Santuário, 2008.

MESSORI, V.; RATZINGER, J. **Relatório sobre a fé.** Trad. Dom José Monteiro Guimarães. Tubarão: Escola Ratzinger, 2021.

MONASTERIO, R. A., CARMONA, A. R. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos.** Trad. Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

MONDA, A. **Bendita Humildade:** o estilo simples de Joseph Ratzinger. São Paulo: Paulinas, 2013.

MONDIN, B. **As teologias do nosso tempo.** Trad. Manuel Alves da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte.** Trad. José Fernandes. São Paulo: Teológica, 2003.

MÜLLER, A. **Problemas y perspectivas de la Mariologia actual.** In: FEINER, J., et al. Panorama de la Teología actual. Madrid: Guadarrama, 1961.

MÜLLER, A. **Reflexiones teológicas sobre Maria, Madre de Jesus. La Mariologia em perspectiva actual.** Madri: Cristiandad, 1985.

MÜLLER, A.; SATTLER, D. Mariologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.), **Manual de Dogmática.** 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 143-170. v. II.

MÜLLER, G. L. **Dogmática Católica.** Teoria e prática da Teologia. Trad. Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério, Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

MÜLLER, G. L. **Qué significa María para nosotros, los cristianos? Reflexiones sobre el capítulo mariológico de la Lumen gentium.** Madri: Palabra, 2001.

MÜLLER, G. L. **Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger.** Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/muller/rc_con_cfaith_doc_20121128_riflessioni-muller_po.html. Acesso em: 23 mar. 2023.

MURAD, A. Vida de Maria, de Epifânio o Monge: contribuição de uma obra da patrística oriental para a mariologia. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.23, n.62, p. 375-402, mai./ago. 2019.

NEWMAN, J. H. **Sermões para o Advento e o Natal.** Trad. Fabio A. Vitta. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

NOGARA, J., O Terço de 28 de maio no Santuário de Altötting coração mariano da Alemanha. **Vatican News**, Roma, 28 mai. 2021. s/p. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-05/terco-alemanha-pandemia-altotting.html>. Acesso em: 28 mai. 2021.

PAMI. **La Madre del Signore**. Memoria presenza speranza. Vaticano, 2000. Disponível em: <https://www.foromariano.es/images/Libros/>. Acesso: 13 nov. 2020.

PAREDES, J. **Maria, a mulher do Reino de Deus**. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Ave-Maria, 1997.

PAREDES, J. **Mariologia**. Síntese bíblica, histórica e sistemática. Trad. José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

PAREDES, J. **Propuesta de una mariologia hoy**. *Ephemerides Mariologicae*, v.71, n.1, p. 39-52, 2021.

PAULO VI, PP. **Discorso di Paolo VI ai Congressi Mariologico e Mariano**, 16 mai. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1975/documents/hf_p-vi_spe_19750516_congresso-mariologico.html. Acesso em: 12 out. 2022.

PAULO VI, PP. **Discurso do Papa Paulo VI no encerramento da terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II**, 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html. Acesso em: 05 out. 2020.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*** sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. 22ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus*** para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria. São Paulo: Paulus, 2012.

PAULO VI, PP. **Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Bonária na Ilha da Sardenha. Homilia em 24 abr. 1970**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700424.html. Acesso em: 17 ago. 2021.

PEARCE, J. **Bento XVI: Defensor da fé**. Trad. Sérgio de Souza. Campinas: Ecclesiae - CEDET, 2023.

PEDROSA, L. P. Teologia Mariana: Contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.21, n.57, p. 476-494, set./dez. 2017.

PELIKAN, J. **Maria através dos séculos**. Seu papel na história da cultura. Trad. Vera Camargo Guarnieri. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRELLA, S. **L'insegnamento della mariologia ieri e oggi**. Padova: Edizione Messaggero di Sant'Antonio, 2012.

PINTO, R. A. **Compêndio de Mariologia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

PONTIFICIA ACADEMIA THEOLOGICA- PATH. **Aspetti del pensiero teológico di Joseph Ratzinger**. 2007/1 Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

POZO, C. **Maria en la obra de la salvación**, Madrid: BAC, 1974.

POZO, C. **María, nueva Eva**. Madrid: BAC, 2005.

QUEIRUGA, A. **A teologia depois do Vaticano II**. Diagnóstico e propostas. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2015.

RADLBECK-OSSMANN, R., Mariologia. In: BEINERT, W.; STUBENRAUCH, B. **Novo léxico da Teologia Dogmática**. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 317-318.

RAHNER, K. **El concilio, nuevo comienzo**. Barcelona: Herder, 2012.

RAHNER, K. **María, madre del Señor**. Trad. Juan Carlos R. Herranz. Barcelona: Herder, 2012.

RATZINGER, G. **Meu irmão, o Papa**. Depoimentos a Michael Hesemann. Trad. Paola Schmid e Fernanda Romero. São Paulo: Europa, 2012.

ROSCHINI, G. **Instruções Marianas**. Trad. José Vicente. São Paulo: Edições Paulinas, 1960.

ROSSO, S., Sábado. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1144-1153.

ROTA, G. **Mariologia**. Disponível em: <https://www.ftismilano.it/wp-content/uploads/sites/2/2010/06/Rota-G.-Mariologia>. Acesso em: 27 fev. 2022.

ROWLAND, T. **A fé de Ratzinger**. A teologia do Papa Bento XVI. Trad. Carlos P. Alonso. Campinas, SP: Ecclesiae, 2013.

RUSCONI, R. **A grande renúncia**. Por que um Papa se demite? Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2013.

SARTOR, D. Assunção. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 186-190.

SCHMAUS, M. **Teologia Dogmática**. VIII. La Virgen María. Trad. Joaquim Maria Alonso. Madri: Rialp, 1963.

SCHILLEBEECKX, E., HALKES, C. **Maria, Ayer, hoy, mañana**. Salamanca: Sígueme, 2000.

SCHNEIDER, Th. (Org.). **Manual de Dogmática**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. II.

SCHULZ, H.J., Formulários das missas do comum de Nossa Senhora. In: BEINERT, W. et al (Orgs.), **O Culto a Maria hoje**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1979.

SEEWALD, P. **Bento XVI: a vida**. 2 vols. Trad. de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2021.

SEEWALD, P. **Bento XVI visto de perto**. Trad. Inês Madeira de Andrade. São João do Estoril: Lucerna, 2007.

SEEWALD, P. **Bento XVI: o último testamento**. Trad. de Petê Rissatti. São Paulo: Planeta, 2017.

SERRA, A. Assunção. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 170-173.

SERRA, A. Imaculada. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 605-610.

SERRA, A. Mãe de Deus. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 776-780.

SESBOÛE, B. **Os sinais da salvação** (séculos XII-XX). Sacramentos e Igreja, Virgem Maria. Trad. Margarida Oliva. Tomo 3. São Paulo: Loyola, 2005.

SESBOÛE, B. **Tre sguardi su Maria**. Bologna: EDB, 2018.

SILVEIRA, M. P. María en la teología: reflexiones elaboradas en despacho o en fronteras? **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.21, n.57, p. 495-516, set./dez. 2017.

SÖLL, G. **Storia dei dogmi mariani**. Roma: LAS, 1981.

STAGLIANÒ, A. **Madre di Dio**. La mariologia personalistica di Joseph Ratzinger. Milão: San Paolo, 2010.

TERRA, J. E. **Itinerário Teológico de Bento XVI**. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

TESTA, E., Maria de Nazaré. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 822-842.

TESSORE, D. **Bento XVI: questões de fé, ética e pensamento na obra de Joseph Ratzinger**. São Paulo: Claridade, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. V.1, Questões de 1-43. Trad. Gabriel C. Galache e Fidel Garcia Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2003.

TORNIELLI, A. **Bento XVI: o guardião da fé**. Trad. Maria Judith Sucupira da Costa Lins. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

UNISINOS., Ratzinger pós-Vaticano II. Resenha sobre a nova biografia de Bento XVI. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/615161-ratzinger-pos-vaticano-ii-resenha-sobre-a-nova-biografia-de-bento-xvi>. Acesso em: 06 mar. 2022.

UNISINOS., **Henri de Lubac e a Igreja do “nós”**. Artigo de Joseph Ratzinger. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620211-henri-de-lubac-e-a-igreja-do-nos-artigo-de-joseph-ratzinger>. Acesso em: 08 ago. 2022.

VALENTE, G. **Ratzinger al Vaticano II**. Milão: San Paolo, 2013.

VALENTE, G. **Ratzinger professore**. Milão: San Paolo, 2008.

VALENTINI, D. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VELASCO, J. Devoção Mariana. In: DE FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 391-410.

VIGIL, J. M. **O Concílio Vaticano II e a sua recepção na América Latina**. REB, 66 (262), abr. 2006, p. 370-395. Disponível em: <https://revistaeclesiacabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1588>. Acesso em: 05 jan. 2023.

VIGINI, G. (coord.). **Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger - Bento XVI**. Trad. António Maia da Rocha. Cascais: Lucerna, 2012.

VILLAR, J. R. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: HACKMANN, G.; AMARAL, M. **As Constituições do Vaticano II ontem e hoje**. Brasília: Edições CNBB, p. 141-200, 2015.

WOHLMUTH, J., **Mein Lehrer Joseph Ratzinger**. Katholisch.de, Bonn, jan. 2023. Seção Aktuelles. Disponível em: <https://www.katholisch.de/artikel/42849-mein-lehrer-joseph-ratzinger>. Acesso em: 05 jan. 2023.